



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JULIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara – SP



ISAACK SAYMON ALVES FEITOZA SILVA

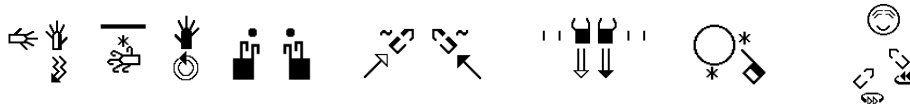


A PRAGMÁTICA DA LIBRAS: **UM ESTUDO SOBRE O USO DA** **LINGUAGEM EM INTERAÇÕES** **NATURAIS ENTRE SURDOS**

ARARAQUARA – S.P.
2025



ISAACK SAYMON ALVES FEITOZA SILVA



A PRAGMÁTICA DA LIBRAS: UM ESTUDO SOBRE O USO DA LINGUAGEM EM INTERAÇÕES NATURAIS ENTRE SURDOS

Tese de doutoramento pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP – ARARAQUARA – SP, como requisito para obtenção do título de doutorado em Linguística.

Linha de pesquisa: Teoria, Descrição e Análise de línguas Naturais

Orientadora: Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues.

ARARAQUARA – S.P.
2025

S586p Silva, Isaack Saymon Alves Feitoza
A pragmática da Libras : Um estudo sobre o uso da linguagem em interações naturais entre surdos / Isaack Saymon Alves Feitoza Silva.
-- Araraquara, 2025
283 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Angélica Terezinha Carmo Rodrigues

1. Pragmática. 2. Libras. 3. Vissinalização. 4. Prosódia visual. 5.
Implicatura visual. I. Título.

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

O potencial impacto desta investigação reside em demonstrar, no ecossistema digital dos tecno-surdos, os modos pelos quais se constitui a visossinalização, com ênfase na intravissinalização, como mecanismo central no processamento inferencial das implicaturas visuais. Tal abordagem possibilita compreender com maior profundidade como sujeitos surdos mobilizam sua fluência natural em Libras para produzir e interpretar sentidos em contextos pragmáticos situados. Ao iluminar essas práticas visossinalizadas, a pesquisa contribui para que a sociedade, e, particularmente, os campos acadêmicos da Linguística e dos Estudos Surdos, reconheçam a especificidade da ótica surda na interpretação discursiva. A análise evidencia que a construção de sentido realizada por sujeitos surdos emerge de uma experiência perceptiva e cognitiva própria, ancorada em uma modalidade visuoespacial, e expressa formas singulares de organização pragmática pertencentes à nação surda brasileira. O corpus investigado, constituído por registros comunicativos em ambientes digitais, permite examinar fenômenos da pragmática e da prosódia visual que não encontram correspondência direta na modalidade vocal-auditiva. Desse modo, esta tese contribui para o adensamento teórico sobre o funcionamento das línguas de sinais, ampliando o alcance analítico da linguística contemporânea e fortalecendo perspectivas que valorizam a centralidade da experiência visual na produção de conhecimento. A metodologia adotada, sustentada nos princípios da epistemologia surda, reconhece o “olhar surdo” como fundamento epistêmico e analítico. O estudo articulou três tipos de registros digitais: Palestras disponibilizadas on-line; Relatos de experiência/vida produzidos em vídeo; Lives e interações sincrônicas em plataformas como Instagram e YouTube. Esses materiais possibilitaram observar, em situações comunicativas reais, como os processos de visossinalização organizam e modulam a produção de sentidos, revelando um conjunto de práticas discursivas visossinalizadas que enriquecem substancialmente o campo dos Estudos Surdos e da Linguística das Línguas de Sinais.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The potential impact of this research lies in demonstrating, within the digital ecosystem of techno-deaf individuals, the ways in which visosignaling is constituted, with an emphasis on intravissualization, as a central mechanism in the inferential processing of visual implicatures. This approach allows for a deeper understanding of how deaf subjects mobilize their natural fluency in Libras to produce and interpret meaning in situated pragmatic contexts. By shedding light on these visosignalized practices, the research contributes to society, and particularly to the academic fields of Linguistics and Deaf Studies, recognizing the specificity of the deaf perspective in discursive interpretation. The analysis shows that the construction of meaning by deaf subjects emerges from their own perceptual and cognitive experience, anchored in a visual-spatial modality, and expresses unique forms of pragmatic organization belonging to the Brazilian deaf nation. The corpus investigated, consisting of communicative records in digital environments, allows us to examine phenomena of pragmatics and visual prosody that have no direct correspondence in the vocal-auditory modality. Thus, this thesis contributes to the

theoretical deepening of the functioning of sign languages, expanding the analytical scope of contemporary linguistics and strengthening perspectives that value the centrality of visual experience in the production of knowledge. The methodology adopted, based on the principles of deaf epistemology, recognizes the “deaf gaze” as an epistemic and analytical foundation. The study articulated three types of digital records: Lectures made available online; Experience/life reports produced on video; Live streams and synchronous interactions on platforms such as Instagram and YouTube. These materials made it possible to observe, in real communicative situations, how the processes of visual signaling organize and modulate the production of meaning, revealing a set of visual-signaling discursive practices that substantially enrich the field of Deaf Studies and Sign Language Linguistics.



ISAACK SAYMON ALVES FEITOZA SILVA

A PRAGMÁTICA DA LIBRAS:
UM ESTUDO SOBRE O USO DA LINGUAGEM EM INTERAÇÕES NATURAIS
ENTRE SURDOS

Tese de doutoramento pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP – ARARAQUARA – SP, como requisito para obtenção do título de doutorado em Linguística.

Linha de pesquisa: Teoria, Descrição e Análise de línguas Naturais

Orientadora: Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues.

Data da defesa: 14/08/2025

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues
Universidade Estadual Paulista - UNESP



Membro Titular: Dra. Carolina Ferreira Pêgo
Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC



Membro Titular: Dr. Rodrigo Nogueira Machado
Universidade Federal de Ceará-UFC



Membro Titular: Dr. Andre Ribeiro Reichert
Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC



Membro Titular: Dra. Ronice Müller Quadros
Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC



Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara



Poder Surdo

O surdo consegue enxergar com os olhos as expressões faciais e corporais.

O surdo consegue expressar conforto linguístico ao sinalizar de forma visuoespacial a vissinalização na Língua de Sinais.

O surdo consegue destacar o sinal principal no uso e contexto da informação.

O surdo consegue sinalizar o poder "sobreposto" da Língua de Sinais, em que dois ou mais sinais podem ser feitos ao mesmo tempo, formando, de maneira linear, uma frase com diversos significados.

O surdo consegue sinalizar de forma divergente dois ou mais sinais, mesmo dentro de um único contexto, transmitindo várias informações.

O surdo tem poder: ele ouve a substância dos olhos, um sentido duplo.

Isaack Saymon

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço **a Deus, à Deusa e ao universo** por me proporcionarem alcançar a iluminação, ampliar a sabedoria e atingir meus objetivos de estudos, além de enfrentar novos desafios, culminando na descrição da minha qualificação.

Agradeço **à minha mãe, Vera Lúcia Alves Feitoza**, pelo apoio incondicional quando precisei. Ela é a luz da minha vida, com cada detalhe de vivência e empenho. O amor que compartilhamos é infinito, imensurável e inexplicável; ela é a razão do meu viver.

À minha orientadora, **Dra. Angélica Rodrigues**, não poderia deixar de mencionar essa pessoa que sempre acreditou em mim, me escutou e confiou no meu trabalho. Admiro o reconhecimento por sua dedicação profissional, aceitando e apoiando discentes surdos na pós-graduação.

Ao **meu pai, Francisco Inácio da Silva**, pelo apoio constante e orgulho da minha formação.

Aos **meus irmãos, Samuel Frank, Luiz Felipe, Sami Yoda e Miguel Yoda**, que me aproximam ainda mais, fortalecendo nosso vínculo fraterno e contribuindo para o meu crescimento futuro.

Minha família, especialmente **Tia Aldênia e minha prima Mara Janayna (Janinha)**, são fundamentais em minha vida, acompanhando e celebrando minhas vitórias.

Aos meus amigos potiguaros (**Nayana Lariny, Rafaela Korossy, Louize Ludymilla e Marcela Costa**), que são essenciais desde a infância até hoje. Quando precisei, elas estiveram ao meu lado, e sou grato a Deus por existir a videoconferência, que nos permite manter o contato visual e a comunicação em Língua de Sinais.

Não poderia deixar de mencionar **meu amigo Michel Marques (in memoriam)**, que compartilhou comigo todas as fases da vida, desde a infância até a vida adulta. Foram muitos momentos bons e ruins, confidências e risadas. Ele era um ótimo humorista, capaz de me fazer rir nos momentos mais difíceis. Sinto saudades, mas as lembranças felizes permanecerão eternas em minha memória e em meu coração.

Aos meus amigos em São Paulo - **Alicia Queiroz, Andreia Lima, Betina Körbes, Cristiane Oliveira, Edinho Santos, Fernanda da Silva, Fernanda Oliveira, Gabriel Isaac, Gleycielle Rodrigues, Henrique Miranda, Jaqueline Rosa, João Freire, Karolina Santos, Luana Marquezi, Marcos Vinicius, Nayara Rodrigues, Roberto Castejon, Thais Martins e Victoria Pedroni**, que conquistaram um lugar especial em meu coração. Eles me acolheram e estiveram ao meu lado nos melhores e nos piores momentos, compartilhando alegrias e tristezas. Eles compreenderam e respeitaram minha essência, meu jeito de ser potiguar e nordestino. Amo meus amigos e sei que posso contar com eles sempre que precisar.

Aos meus colegas de trabalho da UFRN, meus dois grandes aliados que sempre me escutaram no meu lugar de sinalizante e que não poderiam deixar de ser citados: **Joatan David**, amigo e parceiro na área de Estudos Literários em Libras, pelo apoio durante meu afastamento para o doutorado e pela disponibilidade sempre que precisei; **Laralis Souza**, por me acompanhar, incentivar, ajudar, ouvir e colaborar como leitora atenta da minha tese; e aos colegas Simone Patrícia, Gilmara Jales, Jéssica do Carmo e Ezequiel Paixão,

pelo acompanhamento nos bastidores, pelo reconhecimento do meu progresso e pelas contribuições para o aprimoramento do curso de Licenciatura em Letras-Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Ao meu ex-companheiro, que se transformou em um semeador e amigo fraterno, **Renato de Medeiros**, agradeço pelo incentivo e apoio em diversas tentativas de ingresso em programas de doutorado. Hoje, ele continua ao meu lado, apoiando-me com engajamento na jornada de escrita da minha tese até a conquista final.

Agradeço à equipe de tradutoras e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa **Lis, Sarah, Jucemara, Bianca e Ityara**, pela dedicação e qualidade interpretativa ao longo do doutorado. Registro também meu agradecimento aos intérpretes potiguares **Daniel Guedes, Sarah Lee e Gilmara Costa**, que, na defesa, possibilitaram à comunidade surda e à minha família acompanharem, em suas línguas, a essência da minha tese.

Agradeço à banca examinadora da qualificação, especialmente aos professores Doutores Surdos **Carolina Pêgo e Rodrigo Machado**, que, com suas contribuições, mergulharam comigo nas profundezas desse oceano de saber. Eles me revelaram que, no fundo do mar, há diversas espécies uma metáfora que ampliou minha imaginação no contexto da epistemologia surda, permitindo-me enxergar, sob um novo ângulo, a essência de ser surdo e a instância da conversação em Língua de Sinais. Essa experiência também possibilitou uma nova compreensão sobre a “pragmática surda”. Após a defesa de doutorado, não poderia deixar de mencionar também outras duas professoras da banca: **Ronice Quadros**, que, a partir de sua arguição, trouxe novas perspectivas e uma visão de “retaguarda” capaz de enriquecer minha reflexão sobre a relação com a **pragmática visual**; e **André Reichert**, que me mostrou como o empoderamento do sujeito surdo sinalizante constitui uma forma de resistência, destacando nuances aguçadas do olhar pesquisador surdo.

Não podia deixar agradecer pesquisadora surda **Debora Wanderley**, por feedback e corrigir escrita de sinais, me contribuiu minha pesquisa.

Por fim, Agradeço novamente à Deusa e a Deus, pois não poderia deixar de honrar minha religião de bruxaria natural. Expresso minha gratidão pelo incentivo da minha amiga **Alicyary Queiroz** e por ter seguido minha intuição e fé na natureza, no universo e nos elementos. Reconheço, com carinho e respeito, os ensinamentos e a sabedoria transmitidos pelas minhas professoras **Kátia Fiorante, Isabela Barbieri e Karla Fiorante**, bem como pelas minhas irmãs e irmãos que trilharam comigo o caminho do aprendizado e da conexão com a natureza.

Este trabalho é fruto de intenso esforço, leitura e pesquisa, abordando a pragmática da Libras. Muitas pessoas contribuíram nesse percurso, e destaco, em especial, a presença de pessoas surdas em minha vida, que se tornaram modelos inspiradores. Suas trajetórias como pesquisadores surdos ampliaram minha compreensão sobre a conversação sinalizada, partilhando subjetividades, nuances e olhares próprios da experiência surda.

Que a força da energia nos ilumine sempre.

“Que assim seja, que assim se faça”.

Gratidão!

RESUMO



Esta tese tem como objetivo analisar os pressupostos da Pragmática e do Funcionalismo, com base em Levinson (2020), com foco nas categorias de prosódia visual (Sandler, 2012; Emmorey, 2001, 2002) e no uso da Libras em contextos digitais por sujeitos tecno-surdos, conforme os aportes de Marcuschi (2007) e Paveau (2022). A pesquisa investiga os aspectos pragmáticos contextual da Libras em ambientes digitais, com ênfase na vissinalização e na proeminência prosódica, observadas em três gêneros textuais: palestras (em modalidade digital), relatos de experiência/vida e transmissões ao vivo no *Instagram* e no *YouTube*. A análise fundamenta-se na teoria da implicatura conversacional de Grice (1975), aplicada à expressão visual denominada implicatura visual e às inferências comunicativas construídas por sujeitos tecno-surdos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo-explicativo, centrada na análise comparativa de situações comunicativas. A investigação contempla três eixos de classificação: (i) Língua de Sinais Pragmática Contextual (reduzida, sobreposta, pressuposição e anáfora); (ii) Língua de Sinais Prosódia Visual Funcional (espaço visual, performática e palm-up); e (iii) a comparação entre sujeitos tecno-surdos nos gêneros textuais e na datilologia. Ademais, busca-se descrever os usos linguísticos em contextos reais, considerando os gêneros e as estratégias comunicativas utilizadas por sujeitos tecno-surdos. A seleção do corpus evidencia o valor do patrimônio linguístico do povo surdo brasileiro e sua manifestação em práticas cotidianas e acadêmicas.

Palavras-chave: Pragmática; Libras; Vissinalização; Prosódia visual; Implicatura visual.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the assumptions of Pragmatics and Functionalism, based on Levinson (2020), focusing on the categories of visual prosody (Sandler, 2012; Emmorey, 2001, 2002) and the use of Libras in digital contexts by techno-deaf subjects, according to the contributions of Marcuschi (2007) and Paveau (2022). The research investigates the contextual pragmatic aspects of Libras in digital environments, with an emphasis on intonation and prosodic prominence, observed in three discursive genres: lectures (in digital mode), experience/life reports, and live broadcasts on *Instagram* and *YouTube*. The analysis is based on Grice's (1975) theory of conversational implicature, applied to the visual expression called visual implicature and to the communicative inferences constructed by techno-deaf subjects. This is a qualitative, descriptive-explanatory research, focused on the comparative analysis of communicative situations. The investigation includes three classification axes: (i) Contextual Pragmatic Sign Language (reduced, superimposed, presupposition, and anaphora); (ii) Functional Visual Prosody Sign Language (visual space, performativity, and palm-up); and (iii) the comparison between techno-deaf subjects in discursive genres and finger spelling. In addition, it seeks to describe linguistic uses in real contexts, considering the discursive genres and communicative strategies used by techno-deaf subjects. The selection of the corpus highlights the value of the linguistic heritage of the Brazilian deaf community and its manifestation in everyday and academic practices.

Keywords: Pragmatics; Libras; visuo-signaling; visual prosody; visual implicature.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: Fluxograma de Zimmer (1989)	29
Figura 2: Lugar da posição surda sinalizante.....	39
Figura 3: Área de estudos linguística da Língua de Sinais.....	41
Figura 4 : “Radar” surdo – Citação vídeo.....	52
Figura 5: Adaptados de tipologia as pesquisas do autor Levinson (2020).....	69
Figura 6: Modelo de implicatura conversacional – máximas do Grice.....	70
Figura 7: Língua de Sinais reduzidas Santos (2024, p.15)	74
Figura 8: Língua de Sinais sobreposta – AJUDAR.....	77
Figura 9: Língua de Sinais AJUDAR-ME.....	78
Figura 10: Língua de Sinais Espaço Visual.....	84
Figura 11: Prosódia <i>versus</i> prosódia visual – Citação vídeo – Castro (2019)	92
Figura 12: sinal manual e não manual mesmo sinal e contexto diferente.....	95
Figura 13: Fluxograma da metodologia.....	96
Figura 14: Transcrição do Elan – Pragmática.....	104
Figura 15: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência introspectiva 1 - Vanessa (2024).....	109
Figura 16: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência Live 1 - Vanessa (2024).....	111
Figura 17: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência Live 2 - Vanessa (2024).....	112
Figura 18: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência Palestra (modalidade digital) 1 - Vanessa (2024).....	114
Figura 19: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência Palestra (modalidade digital) 2 - Vanessa (2024).....	116
Figura 20: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência relatos de experiência/vida 1 - Rodrigo (2024).....	117
Figura 21: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência relatos de experiência/vida 2- Rodrigo (2024).....	119
Figura 22: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência Live 1 - Carol (2024).....	120
Figura 23: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência relatos de experiência/vida 1 -Gabriel (2024).....	121
Figura 24: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência Live 1- Gabriel (2024).....	122
Figura 25: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência Live 1 – Tainá (2024).....	124
Figura 26: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência Live 1- Andreia (2024).....	125
Figura 27: Língua de Sinais sobreposta – ocorrência relatos de experiência/vida 1- Rodrigo (2024).....	130
Figura 28: Língua de Sinais sobreposta – ocorrência Palestra (modalidade digital) 1 - Vanessa (2024).....	132
Figura 29: Língua de Sinais Sobreposta – ocorrência relatos de experiência/vida 1- Vanessa (2024).....	135
Figura 30: Língua de Sinais Sobreposta – ocorrência Live 1- Vanessa (2024).....	136
Figura 31: Língua de Sinais Sobreposta – ocorrência relatos de experiência/vida 1- Carol (2024).....	138
Figura 32: Língua de Sinais Sobreposta – ocorrência Live 1- Carol (2024).....	139
Figura 33: Língua de Sinais Sobreposta – ocorrência Live 1 - Rimar (2024).....	140

Figura 34: Língua de Sinais Sobreposta – ocorrência relatos de experiência/vida 1 - Gabriel (2024)	142
Figura 35: Língua de Sinais Sobreposta – ocorrência Live 1 - Gabriel (2024).....	143
Figura 36: Língua de Sinais Sobreposta – ocorrência Live 1 – Roberto (2024).....	144
Figura 37: Língua de Sinais Sobreposta – ocorrência Live 1 - Tainá (2024).....	146
Figura 38: Língua de Sinais Sobreposta – ocorrência Live 1 – Andreia (2024).....	147
Figura 39: Língua de Sinais Pressuposição – ocorrência relatos de experiência/vida 1 - Rodrigo (2024)	150
Figura 40: Língua de Sinais Pressuposição – ocorrência Palestra (modalidade digital) 1 – Vanessa (2024)	152
Figura 41: Língua de Sinais Pressuposição – ocorrência relatos de experiência/vida 1- Vanessa (2024)	153
Figura 42: Língua de Sinais Pressuposição – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Carol (2024)	155
Figura 43: Língua de Sinais Pressuposição – ocorrência Live 1 – Carol (2024).....	156
Figura 44: Língua de Sinais Pressuposição – ocorrência Live 1 – Rimar (2024).....	157
Figura 45: Língua de Sinais Pressuposição – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Gabriel (2024)	158
Figura 46: Língua de Sinais Pressuposição – ocorrência Live 1 – Roberto (2024).....	159
Figura 47: Língua de Sinais Pressuposição – ocorrência Live 1 – Tainá (2024).....	160
Figura 48: Língua de Sinais Pressuposição – ocorrência Live 1 – Andreia (2024).....	162
Figura 49: Língua de Sinais Anáfora – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Rodrigo (2024)	165
Figura 50: Língua de Sinais Anáfora – ocorrência Palestra (modalidade digital) 1 – Vanessa (2024)	167
Figura 51: Língua de Sinais Anáfora – ocorrência relatos de experiência/vida 1- Vanessa (2024)	171
Figura 52: Língua de Sinais Anáfora – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Carol (2024)	172
Figura 53: Língua de Sinais Anáfora – ocorrência Live 1 – Carol (2024).....	173
Figura 54: Língua de Sinais Anáfora – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Gabriel (2024)	174
Figura 55: Língua de Sinais Anáfora – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Tainá (2024)	177
Figura 56: Língua de Sinais Anáfora – ocorrência Live 1 – Andreia (2024).....	181
Figura 57: Vissinalização e Proeminência Espaço Visual – ocorrência Palestra (modalidade digital) 1 – Vanessa (2024)	182
Figura 58: Vissinalização e Proeminência Espaço Visual – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Vanessa (2024)	182
Figura 59: Vissinalização e Proeminência Espaço Visual – ocorrência relatos de experiência/vida 1 -Rodrigo (2024)	184
Figura 60: Vissinalização e Proeminência Espaço Visual – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Carol (2024)	187

Figura 61: Vissinalização e Proeminência Espaço Visual – ocorrência Live 1 – Gabriel (2024)	187
Figura 62: Vissinalização e Proeminência Espaço Visual – ocorrência Live 1 – Tainá (2024)	189
Figura 63: Vissinalização e Proeminência Espaço Visual – ocorrência Live 1 – Andreia (2024)	191
Figura 64: Vissinalização e Proeminência Performática ou Incorporação– ocorrência Palestra (modalidade digital) 1 - Vanessa (2024)	195
Figura 65: Vissinalização e Proeminência Performática ou Incorporação– ocorrência relatos de experiência/vida 1 - Rodrigo (2024)	198
Figura 66: Vissinalização e Proeminência Performática ou Incorporação– ocorrência relatos de experiência/vida 2 – Rodrigo (2024)	198
Figura 67: Vissinalização e Proeminência Performática ou Incorporação – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Carol (2024)	200
Figura 68: Vissinalização e Proeminência Performática ou Incorporação – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Gabriel (2024)	201
Figura 69: Vissinalização e Proeminência Performática ou Incorporação – ocorrência Live 1 – Gabriel (2024)	202
Figura 70: Vissinalização e Proeminência Performática ou Incorporação – ocorrência Live 1 – Tainá (2024)	203
Figura 71: Vissinalização e Proeminência PLAM-UP – ocorrência Palestra (modalidade digital) 1 – Vanessa (2024)	207
Figura 72: Vissinalização e Proeminência PLAM-UP – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Vanessa (2024)	208
Figura 73: Vissinalização e Proeminência PLAM-UP – ocorrência Live 1 - Vanessa (2024)	209
Figura 74: Vissinalização e Proeminência <i>PALM-UP</i> – ocorrência relatos de experiência/vida 1 - Rodrigo (2024)	210
Figura 75: Vissinalização e Proeminência <i>PALM-UP</i> – ocorrência relatos de experiência/vida 2 - Rodrigo (2024)	212
Figura 76: Vissinalização e Proeminência <i>PALM-UP</i> – ocorrência relatos de experiência/vida 1- Carol (2024)	213
Figura 77: Vissinalização e Proeminência <i>PALM-UP</i> – ocorrência Live 1 - Tainá (2024)	214
Figura 78: Vissinalização e Proeminência <i>PALM-UP</i> – ocorrência Live 1 – Andreia (2024)	215
Figura 79: Relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso – Vanessa (2024)	221
Figura 80: Relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso – Carol (2024)	226
Figura 81: Relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso – Rodrigo (2024)	232
Figura 82: relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso – Rimar (2024)	237
Figura 83: Relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso – Gabriel (2024)	241

Figura 84: Relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso - Roberto (2024)	244
Figura 85: Relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso - Tainá (2024)	248
Figura 86: Relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso – Andreia (2024)	252
Figura 87: Relação dos tecno-surdos comparação datilologia– Vanessa (2024).....	254
Figura 88: Relação dos tecno-surdos comparação datilologia – Carol (2024).....	256
Figura 89: Relação dos tecno-surdos comparação datilologia – Rodrigo (2024).....	258
Figura 90: Relação dos tecno-surdos comparação datilologia – Rimar (2024).....	260
Figura 91: Relação dos tecno-surdos comparação datilologia – Gabriel (2024).....	263
Figura 92: Relação dos tecno-surdos comparação datilologia - Roberto (2024).....	264
Figura 93: Ocorrência relação dos tecno-surdos datilologia - Tainá (2024).....	266
Figura 94: Relação dos tecno-surdos comparação datilologia – Andreia (2024).....	267

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Características de Sinalização, Signomanulogia, Morfologia, Sintaxe e Semântica da Língua de Sinais modelo por Simon e Gallimore (1997)	56
Quadro 2: Dissertações e teses relacionadas à pragmática da Libras.....	62
Quadro 3: Exemplo de distinção temporal na Libras – Finau (2004)	62
Quadro 4: Levantamento de áreas de estudo sobre surdos na pragmática, incluindo publicações em artigos, livros e redes sociais. (2024)	64
Quadro 5: Levantamento de estudos realizados na área da pragmática, com ênfase em publicações em livros (2024)	64
Quadro 6: Pressuposição em Libras.....	80
Quadro 7: Adaptado de Zimmer (1989)	99
Quadro 8: Elaborado pelo autor – categoria tipo de vídeos da pesquisa (2024).....	100
Quadro 9: Elaborado pelo autor: pesquisas entre 18 a 29 anos – (2024)	101
Quadro 10: Elaborado pelo autor - pesquisa entre 30 a 50 anos (2024)	102
Quadro 11: Esquema das categorias de pragmática da Língua de Sinais.....	106
Quadro 12: Critério e categoria e exemplos da análise dos dados.....	108
Quadro 13: Discussões sobre a Língua de Sinais Reduzida.....	127
Quadro 14: Discussões sobre a Língua de Sinais Sobreposta.....	148
Quadro 15: Discussões sobre a Língua de Sinais Pressuposição.....	163
Quadro 16: Discussões sobre a Língua de Sinais Anáfora.....	179
Quadro 17: Discussões sobre a Língua de Sinais Espaço Visual.....	192
Quadro 18: Discussões sobre a Língua de Sinais Performática.....	205
Quadro 19: Discussões sobre a Língua de Sinais PALM-UP.....	217
Quadro 20: Comparativo dos três vídeos – Vanessa Vidal.....	220
Quadro 21: Comparativo dos três vídeos – Carol.....	225
Quadro 22: Comparativo dos três vídeos – Rodrigo.....	230
Quadro 23: Comparativo dos três vídeos – Rimar.....	236
Quadro 24: Comparativo dos dois vídeos – Gabriel	240
Quadro 25: Comparativo dos dois vídeos – Roberto Castejon.....	243
Quadro 26: Comparativo dos dois vídeos – Taina.....	247
Quadro 27: Comparativo dos dois vídeos – Andreia.....	250

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	<i>American Sign Language</i>
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CODA	<i>Children of Deaf Adults</i>
DGS	Língua de Sinais Alemã
DODA	<i>Deaf of Deaf Adults</i>
ELAN	<i>Eudico Annotator</i>
ELiS	<i>Escrita de Sinais</i>
INDL-Libras	Inventário Nacional da Diversidade Linguística da Língua Brasileira de Sinais
IntSL	<i>International Sign Language</i>
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPOLE	Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LSF	Linguística Sistêmica-Funcional
NGT	Língua de Sinais dos Países Baixos
RCLE	Registro de Consentimento Livre e Esclarecido
RNP	Rede Nacional de Ensino e Pesquisa
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TOC	Transtorno Obsessivo-compulsivo
SUVAG	Sistema Universal Verbotonal de Audição de Guberina
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFV	Universidade Federal de Viçosa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	18
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	26
2.1 A PRAGMÁTICA SOB A PERSPECTIVA FUNCIONALISTA: EPISTEMOLOGIA SURDA, GÊNEROS DIGITAIS E O LUGAR DO SUJEITO TECNO-SURDO NA LINGUAGEM.....	35
2.2 A PRAGMÁTICA E AS LÍNGUA DE SINAIS.....	51
2.3 CLASSIFICAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS PRAGMÁTICA CONTEXTO CONTEXTUAL	72
2.3.2 Língua de Sinais Sobreposta	75
2.3.3 Língua de Sinais Pressuposição.....	78
2.3.4 Língua de Sinais Anáfora.....	81
2.4 CLASSIFICAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS PROSÓDIA VISUAL FUNCIONAL	83
2.4.1 Língua de Sinais: espaço visual como vissinalização e proeminência	83
2.4.2 Língua de Sinais: vissinalização e proeminência performática visual	86
2.4.3 Língua de Sinais: PALM-UP como vissinalização e proeminência visual	87
2.5 PROSÓDIA VISUAL NA LIBRAS.....	89
3 METODOLOGIA DE PESQUISA	96
3.1 COMITÊ DE ÉTICA E PARTICIPAÇÃO DE SUJEITOS SURDOS: DIMENSÕES ÉTICAS E EPISTEMOLÓGICAS	97
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	106
5.1 CATEGORIA DA PRAGMÁTICA NA LIBRAS.....	106
5.1.1 Língua de Sinais Reduzida	108
5.1.2 Discussão e considerações finais sobre a língua de sinais reduzida.....	126
5.1.3 Língua de Sinais Sobreposta.....	128
5.1.4 Discussão e considerações finais sobre a Língua de Sinais Sobreposta.....	148
5.1.5 Língua de Sinais: Pressuposição.....	150
5.1.6 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A LINGUA DE SINAIS PRESSUPOSIÇÃO	163
5.1.7 Língua de Sinais Anáfora	165
5.1.8 Discussão e considerações finais sobre a Língua De Sinais Anáfora.....	179
5.1.9 LINGUA DE SINAIS: ESPAÇO VISUAL COMO VISSINALIZAÇÃO E PROEMINÊNCIA	181
5.1.10 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A VISSINALIZAÇÃO E PROEMINÊNCIA ESPAÇO VISUAL	192
5.1.11 LÍNGUA DE SINAIS: VISSINALIZAÇÃO PERFORMÁTICA E PROEMINÊNCIA VISUAL	194

5.1.12 Discussão e considerações finais Sobre a Língua de Sinais: vissinalização performática e proeminência visual.....	205
5.1.13 Língua de sinais: PALM-UP como vissinalização e proeminência visual.....	206
5.1.14 Discussão e considerações finais sobre a língua de sinais: PALM-UP, vissinalização performática e proeminência visual	216
5.1.15 A relação dos tecno-surdos: comparação dos gêneros do discurso	218
5.3.16 A relação dos tecno-surdos comparação datilologia	253
5.1.17 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A COMPARAÇÃO DATILOLOGIA	269
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	272
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	276
GLOSSÁRIO EM LIBRAS.....	282

1 INTRODUÇÃO

Poder da Língua de Sinais na subjetividade Surda

A Língua de Sinais é como um rio, que flui livre, sem obstáculos, uma estratégia linear para continuar seu curso.

A Língua Portuguesa também é como um rio, que sempre encontra pedras pelo caminho, como se fossem os pensamentos da língua portuguesa.

A Língua de Sinais é como um rio que sabe fluir sem bater nas pedras, com conforto, continua seu curso.

Isso significa que a Língua de Sinais dos surdos é sua própria subjetividade; os ouvintes nunca alcançarão a subjetividade surda.

Isaack Saymon

Com base em uma abordagem funcional, propomos uma análise fundamentada na Pragmática Linguística sobre a prosódia visual da Libras, tal como se manifesta em vídeos produzidos por tecno-surdos¹. Formulo e proponho terminologias inéditas no campo dos estudos surdos e da linguística das línguas de sinais: tecno-surdos, tecno-sinalização, visualizante, vissinalização, visinuação, intravissinalização e intervissinalização, como contribuições teórico-conceituais produzidas a partir do meu lugar de pesquisador surdo e sinalizante. Esses termos emergem da observação empírica e da análise pragmático-prosódica de interações em Libras, constituindo-se como *categorias* que ampliam a compreensão dos fenômenos linguísticos visuais e das dinâmicas contemporâneas de uso da língua em contextos digitais.

Entendo que a criação dessas *categorias* reforça a epistemologia surda e valoriza a produção científica em primeira pessoa, reconhecendo o olhar interno do povo surdo como fundamento legítimo e necessário para o avanço teórico da linguística das línguas de sinais.

Duas questões foram fundamentais para minha reflexão, especialmente a partir das provocações feitas por docentes surdos nas bancas pelas quais passei, cujas vozes ecoaram como pares e referências. A primeira é: **Qual o impacto do meu lugar de fala na construção do objeto?**

¹ O texto aborda as diferenças entre os termos *tecno-surdo* e *tecno-sinalização*. O termo *tecno-surdo* é comumente utilizado para se referir a pessoas surdas que fazem uso da Língua de Sinais, valorizando os aspectos visuais da comunicação dentro de uma mesma nação, mas também mantendo contato com outras línguas de sinais em nível internacional. Já o conceito de *tecno-sinalização* refere-se a um uso mais amplo e inclusivo da Língua de Sinais, podendo ser adotado por qualquer pessoa surda ou ouvinte em interação com a tecnologia, considerando diferentes contextos e situações diversas de comunicação. Para uma análise mais detalhada, ver capítulo 2.1, páginas 47 a 49.

Assumo o meu **lugar de surdo sinalizante** como uma equivalência ao conceito de *lugar de fala*, reconhecendo minha condição de pessoa surda, usuária nativa da Libras, pertencente à nação surda no Brasil. Esse posicionamento influencia diretamente a construção do meu objeto de pesquisa, pois atravessa minha experiência visual e sinestésica “uma fusão de audição e visão” vivida de forma interacional na minha própria língua. A partir da minha subjetividade, cultura e percepção linguística em Libras, sou capaz de identificar nuances específicas da pragmática na sinalização, como o papel do olhar, expressões manuais e não manuais, corporeidade e articulação-boca, elementos que, com frequência, são invisibilizados por pesquisadores ouvintes ou por abordagens teóricas baseadas exclusivamente em línguas vocais-auditivas.

Esse posicionamento, longe de ser uma limitação, constitui-se como potência e evidência epistemológica. Ele me permite analisar os fenômenos da **pragmática visual** a partir da perspectiva do povo surdo, valorizando seus modos próprios de expressar e significar, seu visual-vibracional tem a sua fluência visual, e as dimensões tridimensionais da Língua de Sinais, com ênfase na prosódia visual, na interação e na construção compartilhada de sentidos no espaço surdo.

A segunda pergunta que me orienta é: **Como minha posição pode transformar a forma como os fenômenos pragmáticos são descritos, analisados e interpretados?**

Minha posição como sujeito surdo transforma a descrição e interpretação dos fenômenos pragmáticos visuais, pois parte de uma compreensão situada do uso da Língua de Sinais. Reconheço elementos que, muitas vezes, são ignorados, mal interpretados ou enquadrados de maneira inadequada por olhares externos. Minha análise não se limita a estruturas gramaticais ou descrições formais; ela emerge da experiência visual e interacional concreta de pessoas surdas, inseridas em seus cotidianos e contextos culturais. Isso permite uma leitura mais sensível às estratégias de relevância, às inferências baseadas em aspectos visuais e à presença de dêixis (como apontamentos e anáforas), bem como à prosódia visual expressa por meio da multimodalidade e tridimensionalidade características da Libras.

Para além dessas duas questões, considero o meu **lugar de sinalizante** não apenas como ponto de partida experiencial, mas como uma categoria analítica relevante. Minha vivência como sujeito surdo e usuário nativo da Libras minha primeira língua, somada à imersão nos contextos interacionais visuais do povo surdo, influencia diretamente a formulação do objeto, a escolha teórica e a interpretação dos dados. Dessa forma, esta metodologia está ancorada em

uma **epistemologia surda situada**, que reconhece a legitimidade e a potência do “olhar surdo” na análise dos fenômenos linguísticos no nível da pragmática.

A pesquisa abrange oito participantes surdos e considera três tipos principais de registros: palestras (modalidade digital), relatos de experiência/vida registrados em vídeo, e lives de conversas veiculadas no *Instagram* e no *Youtube*. Mais especificamente, investigamos a prosódia visual da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em contextos de uso situados, o que insere este estudo no campo da Pragmática Linguística. Parte-se do princípio de que a língua e a sociedade são instâncias vivas e dinâmicas, que se influenciam mutuamente e se transformam de modo contínuo, relação essa que se evidencia nos dados analisados.

Apesar dos avanços recentes no ensino da Libras e de seu reconhecimento como língua do povo surdo brasileiro (Lei nº 10.436/2002), ainda persistem problemas significativos relacionados à forma como os surdos são percebidos socialmente. Muitas vezes, por desconhecimento, ainda não são reconhecidos como sujeitos pensantes e autônomos, sendo discriminados em diferentes contextos, inclusive no ambiente acadêmico.

Sou surdo desde o nascimento, natural de Mossoró/RN, conhecida como a “cidade do sol”, localizada no interior do estado Rio Grande do Norte. Mudei-me para Natal aos 5 anos e, em 1996, com 6 anos de idade, fui inserido no Sistema Universal Verbotonal de Audição de Guberina (SUVAG). Esse momento marcou profundamente minha trajetória: foi quando encontrei meu lugar no mundo surdo e mergulhei na minha língua nativa, a Libras.

Antes disso, um médico disse à minha mãe: “Seu filho nunca será normal”. Ela ficou angustiada, sem saber como lidar com uma criança surda. No entanto, com esforço e dedicação, criou estratégias para me ensinar a língua portuguesa como segunda língua. Elaborava pequenos dicionários com três colunas: a primeira com imagens representando conceitos, a segunda com os termos correspondentes e a terceira com a caligrafia. Esse método ajudou no meu desenvolvimento cognitivo e pragmático.

O aprendizado no SUVAG foi uma das experiências mais significativas da minha vida. Estudei lá de 1996 a 2004. A cada dia, mês e ano, fortalecia minha identidade surda, ampliava meu domínio da Libras, minha cultura e convivia com professores surdos, que foram modelos para minha formação. Esse ambiente me proporcionou uma base sólida de pragmática visual.

Durante a educação básica, fui aluno de diversas escolas públicas e privadas. Posteriormente, cursei duas graduações: a primeira em Serviço Social e a segunda em Licenciatura em Letras Libras. Foi essa segunda formação que despertou meu interesse pelas áreas da Sociolinguística, da Semântica e, especialmente, da **Pragmática**.

No mestrado, desenvolvi a dissertação intitulada “Gírias em LSB (Língua de Sinais Brasileira): processo e interpretação”, na qual analisei o uso da linguagem em contextos pragmáticos, com foco nas gírias internas e externas à estrutura dos sinais. A pesquisa abordou o uso contextual das gírias, classificando-as em categorias de ocorrência lexical e investigando como os significados se transformam no contexto informal da Língua de Sinais, especialmente entre surdos da cidade de Natal, no Rio Grande do Norte.

Durante esse percurso, percebi a necessidade de aprofundar ainda mais os estudos em pragmática, uma vez que a maioria das pesquisas em Libras se concentra em outros níveis linguísticos, como fonologia, fonética, morfologia, sintaxe e semântica. A pragmática, por sua vez, ainda carece de investigações mais aprofundadas. Nesse sentido, explicarei brevemente, no Capítulo 2, dedicado à fundamentação teórica, a definição de pragmática, a fim de contextualizar sua relevância para esta pesquisa².

Minha pesquisa de doutorado, portanto, tomou esse rumo. Inicialmente, o projeto tinha o título “Grau de formalidade nas línguas de sinais: um estudo a partir da prosódia visual em Libras”. No entanto, percebi que a noção de “grau de formalidade” é muito vinculada à linguagem escrita, enquanto a Libras, por ser uma língua visuoespacial, se manifesta de forma mais fluida, natural e sem uma separação rígida entre o formal e o informal. Por isso, reformulei o projeto para o título “Pragmática na Língua de Sinais: um estudo a partir da prosódia visual em Libras”.

Na qualificação, com contribuições valiosas da banca, composta por professores surdos, compreendi que a “Pragmática visual” vai além da prosódia. Trata-se de um campo mais amplo, que abrange diversas dimensões da linguagem em Libras. Assim, cheguei ao título atual da tese: “A Pragmática da Libras: um estudo sobre o uso da linguagem em interações naturais entre surdos”.

Esse novo enfoque faz mais sentido, pois se alinha à realidade dos tecno-surdos, que interagem de forma espontânea nas redes sociais, como *Youtube* e *Instagram*. Nesses contextos, há sempre uma dinâmica natural entre locutores e interlocutores surdos. Foi a partir dessa vivência e observação que me motivei a contribuir com a pesquisa na área da Pragmática visual e enriquecer o campo dos Estudos linguísticos em Língua de Sinais.

Nas últimas décadas, observa-se uma ampliação da presença das línguas de sinais em cursos de extensão, formação docente, graduação e capacitação de tradutores e intérpretes. No

² A seção abordará os principais autores e correntes teóricas que tratam da pragmática, com ênfase na sua aplicação aos estudos em Língua de Sinais.

entanto, esses espaços priorizam aspectos estruturais das línguas, como fonética, fonologia, morfologia e sintaxe, enquanto a abordagem pragmática, sobretudo sob a ótica funcionalista, permanece marginalizada. Essa lacuna não decorre apenas da ausência de sua inclusão nos currículos, mas também da escassez de pesquisas voltadas especificamente à pragmática.

Embora existam iniciativas relevantes, como os projetos desenvolvidos na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) desde 2014, inclusive com parcerias institucionais no mapeamento da Libras em contextos diversos, ainda há uma carência de estudos voltados às práticas discursivas naturais em Língua de Sinais e às suas nuances pragmáticas em ambientes digitais.

A persistente disparidade entre o tratamento teórico das línguas orais e das línguas de sinais reflete um viés histórico: a surdez ainda é frequentemente abordada sob uma perspectiva clínica, associada à deficiência auditiva. Em contraposição, a abordagem antropológica, assumida nesta tese, compreende os surdos como sujeitos que vivenciam uma cultura rica e plural, dotados de uma identidade coletiva própria. A partir da epistemologia surda, reconhece-se a comunidade surda como produtora de saberes, práticas discursivas, e experiências visuais que desafiam os paradigmas tradicionais da linguagem.

Sob a perspectiva epistemologia surda, compreende-se que os surdos, enquanto comunidade, desenvolvem suas interações sociais de forma plena por meio das línguas de sinais, nos mais diversos registros. Vídeos publicados nas redes sociais *Instagram* e *Youtube*, contém nuances do cotidiano do povo surdo, devido a veiculação de informações que acontecem de forma espontânea, e também de situações palestra digital, como lives com temática acadêmica. Mediante a isso, foram eles selecionados como corpus desta pesquisa.

Levando em conta esse cenário, justifica-se a realização desta pesquisa, uma vez que contribuirá para a ampliação do, ainda parco, campo de estudo da pragmática das línguas de sinais e, em última instância, para a promoção da compreensão, pela sociedade como um todo, da Libras como língua cujo estatuto se equipara ao das línguas vocais.

Mediante o exposto, este trabalho está contextualizado na prosódia visual da pragmática da Libras sinalizada³, em que o objeto da investigação envolve um estudo da linguagem em interações naturais entre surdo por surdos em três situações diferentes: i) palestra (modalidade digital) virtual; ii) relatos de experiência/vida, registrada em vídeo; e iii) live de

³ Na presente tese foi formulado o conceito de “vissinalização” para se referir, de forma aproximada ao conceito de “entonação”, utilizado na Linguística de línguas vocais-auditivas. No caso da vissinalização, este conceito se aplica na prosódia visual da pragmática da Libras sinalizada e que será definida no capítulo teórico.

conversas, no *Instagram* e *Youtube*. Tais sinalizações foram capturadas em vídeos, que compõem nosso *corpus* de análise.

Diante das inquietações geradas pelo cenário anteriormente apresentado, formulou-se a seguinte **questão de pesquisa**:

“Como se concretizam o discurso e os fenômenos pragmáticos na Libras em diferentes situações comunicativas?”

A partir dessa pergunta, definiu-se o **objetivo geral** da investigação:

Analisar a pragmática da Libras em contextos digitais espontâneos, com foco nos recursos visuais e prosódicos utilizados por sujeitos surdos em vídeos sinalizados, a fim de compreender como os sentidos são construídos por meio da linguagem corporal, da expressão facial, da vissinalização e das implicaturas no discurso em Libras.

Consideram-se, nesse escopo, as especificidades da Língua de Sinais, com destaque para os elementos que compõem a implicatura visual, como expressões não manuais, articulação da boca, direcionamento do olhar e uso do espaço visual, os quais reforçam a carga pragmática da Libras.

Com base na questão central e no objetivo geral da pesquisa, foram elaboradas as seguintes **questões específicas**, acompanhadas de seus respectivos **objetivos específicos**:

Questão específica 1:

Quais sutilezas relacionadas à prosódia visual se destacam nas apresentações sinalizadas por surdos em ambientes digitais?

Objetivo específico 1:

Identificar e descrever as categorias de implicatura visual presentes nas sinalizações espontâneas de sujeitos surdos em redes sociais digitais.

Questão específica 2:

Quais fatores pragmáticos influenciam o uso da prosódia visual nas sinalizações realizadas em três diferentes gêneros discursivos (palestras, relatos de experiência/vida e lives)?

Objetivo específico 2:

Analisar o uso da prosódia visual (vissinalização, proeminência, pausas e ritmo) na construção de sentidos nos gêneros discursivos sinalizados (palestras, relatos de vida e lives).

Questão específica 3:

Como é possível aprimorar a categorização das funções prosódico-vissinalizadas no uso da Libras em contextos diversos?

Objetivo específico 3:

Propor um modelo de categorização das funções prosódico-vissinalizadas na Libras, com base nos efeitos pragmáticos observados em diferentes contextos de enunciação.

Esta pesquisa parte de uma hipótese central:

1. **Primeira hipótese:** A linearidade na enunciação e na prosódia visual manifesta-se de forma variável conforme o gênero textual (narrativo, argumentativo ou híbrido), influenciando diretamente a estrutura e a interpretação da mensagem.

Inicialmente as pesquisas em Língua de Sinais tinham esse viés, mas atualmente observamos um aumento de pesquisas de base funcionalista e cognitiva. Na área de Estudos linguísticos em Língua de Sinais tem se concentrado em abordagens de base estruturalista, com foco em níveis linguísticos descritivos. No entanto, esta pesquisa adota uma perspectiva distinta. Fundamentada na pragmática e alinhada à vertente funcionalista, propõe-se a investigar o uso da língua em contexto, com ênfase na explicação dos processos discursivos que ocorrem durante a sinalização por pessoas surdas.

A análise considera a gramática como fenômeno emergente no uso, articulado de forma integrada no espaço visual por meio da articulação-boca, do olhar, da corporalidade e das implicaturas. O foco recai sobre os aspectos pragmáticos do discurso, destacando como esses elementos se manifestam de maneira interdependente no momento da enunciação.

Esta tese está organizada da seguinte maneira: ainda nesta introdução, apresentam-se o objeto de estudo, as questões de pesquisa e os objetivos a elas correspondentes, além de nossa hipótese. Em seguida, dá-se lugar à fundamentação teórica que respalda a investigação. O Capítulo 2 está estruturado em seis seções. A seção 2.1 apresenta a teoria das implicaturas conversacionais de Grice (1975) e sua articulação com a abordagem funcionalista da linguagem, com base em autores como Travaglia (2008), Koch (2011), Pfau (2012), Nóbrega (2016, 2019), Levinson (2020) e Pêgo (2021), relacionando tais fundamentos ao uso da Língua de Sinais. Também se destaca, nessa seção, a ética do pesquisador surdo, a resistência epistêmica e a centralidade da experiência visual na análise pragmática de sujeitos tecno-surdos, a partir das contribuições de Lane (1992), Skliar (1998), Ladd (1998, 2002, 2003), Perlin (2003), Wilcox & Wilcox (2005), Bauman (2008), Strobel (2008), Zeshan (2006), Reichert (2015) e Cláudio (2016). Ainda nesta seção, são apresentados os conceitos de gêneros digitais com base em Marcuschi (2007) e Paveau (2022), discutindo como os tecno-surdos constroem sentidos nas redes sociais por meio da Libras.

A seção 2.2 discute a pragmática nas línguas de sinais, com ênfase na dimensão visuoespacial e no papel do corpo e do espaço na prosódia visual, com fundamentos em Emmorey (2001, 2002), Lucas (2002), Castro (2019) e Sandler (2021).

As seções 2.3, 2.4 e 2.5 analisam categorias da pragmática no contexto da Língua de Sinais, enfocando a função da prosódia visual na Libras. São abordados fenômenos como línguas de sinais reduzidas, sobreposição, pressuposição, anáfora, uso do espaço visual, performatividade e PLAM-UP, bem como elementos prosódicos como ritmo, visinuação⁴, proeminência, expressões não manuais e articulação-boca, com base em Brentari (1998), Quadros & Lillo-Martin (2007), Sandler (2012), Quadros (2019) e Pêgo (2021). Posteriormente, é apresentada a Metodologia da Pesquisa. Em seguida, realiza-se a Análise e Discussão dos Dados, organizada em três categorias analíticas. Por fim, são expostas as Considerações Finais, seguidas das Referências Bibliográficas.

⁴ Na presente tese foi cunhado o termo “visinuação” para referir-se à “entoação”, que é um utilizado atrelado às línguas vocais-auditivas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa se fundamenta teoricamente na pragmática, com foco no uso da linguagem em contexto por tecno-surdos, no âmbito da chamada *pragmática visual*, especialmente, nos aspectos inferenciais envolvidos na sinalização e nas implicaturas visuais. Metodologicamente, se apoia em estratégias oriundas também da pragmática.

Nesta seção, são apresentadas diferentes abordagens sobre aspectos pragmáticos, com ênfase em categorias relevantes para esta pesquisa: tecno-surdos, implicatura visual e os fundamentos da pragmática aplicados ao campo da sinalização.

Esta pesquisa dialoga com diferentes teorias relacionadas à pragmática em Língua de Sinais, as quais serão brevemente abordadas nos próximos subcapítulos (2.2 a 2.5). Nesses trechos, serão aprofundadas as bases teóricas de cada categoria de análise, com foco nas relações pragmáticas, nas categorias analíticas adotadas e nos aspectos da prosódia visual.

A Pragmática, conforme os autores Souza e Pagani (2022, p. 9), é definida como “a área da linguística que passa a incluir os interlocutores na reflexão sobre a produção e a estrutura das expressões linguísticas”. Por isso, endossamos uma visão da pragmática que permita o estudo da interação na sinalização de surdos, a partir da investigação da sinalização espontânea e natural dos próprios sujeitos.

Em se tratando de uma maior explicação, Levinson (2020) define: “[...] a pragmática é o estudo do uso linguístico [...]” (Levinson, 2020, p. 6). Trata-se, portanto, de um campo que investiga os princípios linguísticos a partir da relevância do uso da linguagem em contextos interacionais e no processo enunciativo das sinalizações. É importante explicitar outra definição apresentada por Levinson (2020, p. 8-9), segundo a qual pragmática é definida como:

[...] o estudo da linguagem a partir de uma perspectiva funcional, isto é, que tenta explicar facetas da estrutura linguística por referência a pressões e causas não linguísticas. [...] Um âmbito bastante restrito proposto para a pragmática é que ela deve preocupar-se unicamente com os princípios do uso da linguagem e não ter nada que ver com a descrição da estrutura linguística.

Com base nessa concepção, observa-se que muitos pesquisadores acabam confundindo a pragmática com a descrição da estrutura linguística em uma abordagem formalista ou estruturalista. No entanto, o foco da pragmática está no uso da linguagem em contexto, considerando os interlocutores e os modos de expressão. No caso desta pesquisa, a atenção recai sobre os tecno-surdos e suas formas de expressão em ambientes digitais, o que abre novas perspectivas para a investigação na área da pragmática visual.

A **epistemologia surda** evidencia a centralidade do pesquisador surdo como sujeito situado, cuja vivência e sinalização em sua língua nativa, a Língua de Sinais na própria nação do Brasil, ampliam o campo de conhecimento nos Estudos Surdos. Essa perspectiva valoriza o uso da letra maiúscula em termos como *Surdo*, *Libras* e *Língua de Sinais*, como forma de marcar identitariamente o pertencimento ao povo Surdo. A reflexão sobre as distinções entre “*deaf*” e “*Deaf*”, no contexto da língua inglesa, é incorporada à língua portuguesa como “surdo” e “Surdo”, apontando para implicações epistemológicas e políticas da linguagem. A esse respeito, Brueggemann (2008, p. 180-181) provoca uma reflexão crítica sobre os limites dessas categorias identitárias:

E o que significa, afinal, localizar a posição de escolha dentro do ‘S’ maiúsculo? Isso também não constitui um tipo de agressão e opressão — uma forma de dominação de um modo de pensar (epistemologia) e de ser (ontologia) sobre outro? Esse espaço intermediário entre ‘surdo’ e ‘Surdo’ é como estar entre a cruz e a espada para os Estudos Surdos. (...) Se uma árvore (surda) cai numa floresta (ouvinte), alguém de fato a ‘ouve’? (...) O que proponho com essas perguntas é que possamos começar, nos Estudos Surdos, a ir além da mera repetição do ‘juramento s/Surdo’ em nossas notas de rodapé — e, em vez disso, explorar todas as situações retóricas que surgem das distinções entre ‘s’ e ‘S’, que dão sentido a essas distinções e que, o mais importante, continuam a deslocá-las como um caleidoscópio identitário em nossas próprias mãos⁵.

Essa citação reforça a importância de criar espaços epistêmicos nos quais os sujeitos surdos possam existir em sua plenitude, sem a necessidade constante de se justificarem perante olhares ouvintes. Assim, valorizar o lugar de fala do pesquisador surdo, enquanto sinalizante nativo, é reconhecer uma perspectiva singular que permite apreender nuances da linguagem em sinais sob um novo ângulo. No caso desta pesquisa, isso se traduz na análise da pragmática e, em especial, da prosódia visual em Língua de Sinais, a partir de uma lente situada e enraizada na experiência surda.

A valorização do lugar de sinalização do pesquisador surdo em sua língua nativa — a Língua de Sinais na própria nação do Brasil — permite a apreensão de nuances na pesquisa,

⁵ Optou-se por manter a palavra “Surdo” com inicial maiúscula, em analogia à grafia “*Deaf*” com letra maiúscula no original em inglês. A adaptação segue o entendimento sociocultural e político do termo, conforme o contexto da citação do texto original: *And what does it mean, anyway, to locate the choice position within the capital D? Is this not also an assault and an oppression—a dominance of one way of thinking (epistemology) and being (ontology) over another? This think-between space between “deaf” and “Deaf” is a rock and a hard place for Deaf Studies. (...) If a (deaf) tree falls in the (hearing) forest, does anyone then really “hear” it? (...)What I am suggesting with these questions is that we might begin in Deaf Studies to push beyond the mere recitation of the “d/Deaf” pledge in our footnotes and to explore, instead, all the rhetorical situations that arise from the d/D distinctions, that bring the distinctions to bear, and that, most importantly, keep shifting them like an identity kaleidoscope in our own hands* (Brueggemann, 2008, p. 180-181).

oferecendo um novo ângulo para a análise pragmática e sua relação com a prosódia visual em Língua de Sinais.

É incontestável a importância da realização de estudos linguísticos em situação contextual, isto é, de contextos pragmáticos e discursivos, uso vernacular, exigindo a reflexão sobre a importância de investigar os usos da língua, seja em línguas de modalidade vocal, seja em modalidade sinalizada.

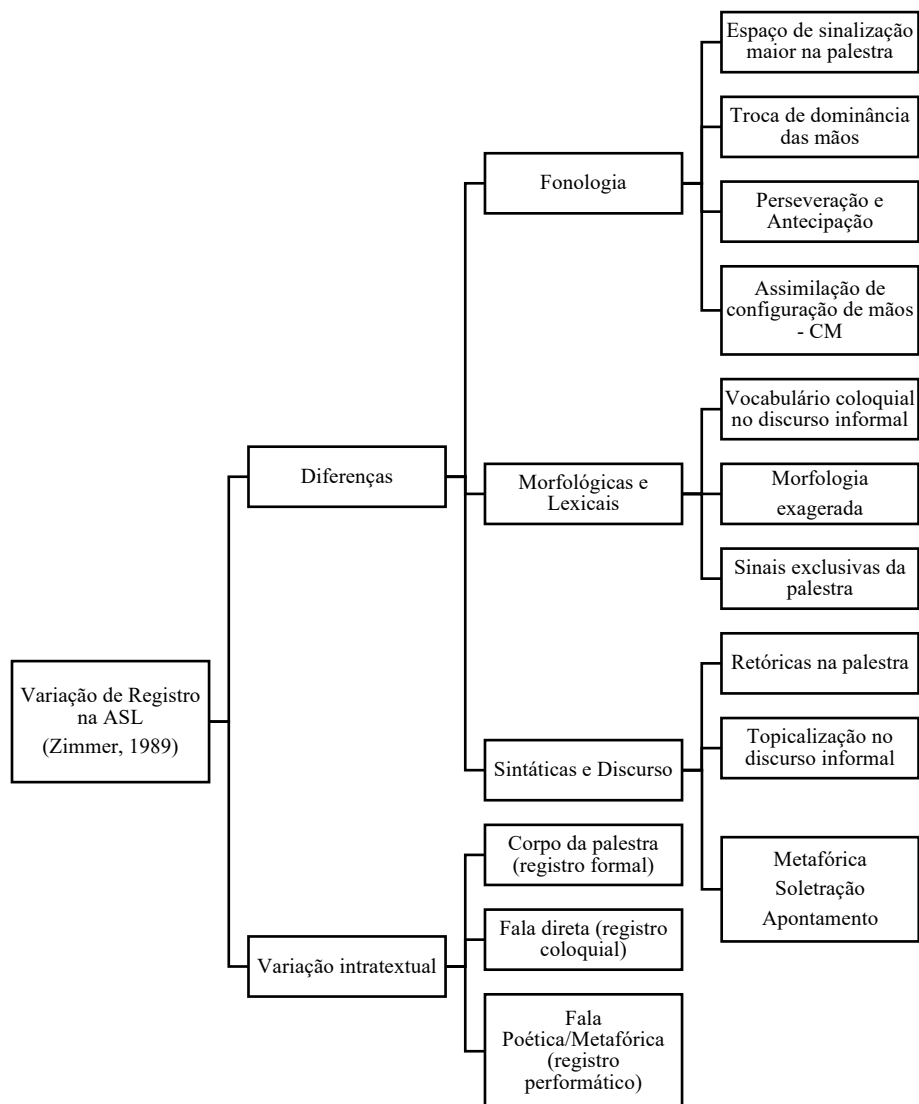
A pesquisa de Zimmer (1989) sobre variação de registro na Língua de Sinais Americana (*American Sign Language* - ASL) evidencia a relação entre estilo linguístico e fatores situacionais, conforme a citação abaixo:

A variação de registro, às vezes referida como variação de estilo, envolve o uso de diferentes formas de linguagem que são sensíveis a fatores situacionais. É amplamente aceito que os falantes usam a linguagem de maneira diferente em diferentes situações, e diversos modelos têm sido propostos para descrever as dinâmicas situacionais que controlam essa variação. [...] Grande parte da discussão sobre variação de registro entre americanos surdos gira em torno da noção de diglossia. Nesses modelos, o inglês sinalizado é visto como a variedade “alta” (usada em situações formais, como uma conferência acadêmica) e a ASL é vista como a variedade “baixa” (usada em situações mais informais, como conversas casuais entre amigos). Alguns estudiosos têm observado características especiais na ASL que são sensíveis a mudanças situacionais, mas até agora nenhum estudo empírico verdadeiramente aprofundado dessas diferenças foi realizado (Zimmer, 1989, p. 253).

A partir dessa citação, o autor destaca que a variação de registro está diretamente relacionada ao contexto de uso da língua, sendo influenciada por aspectos formais e informais da situação comunicativa. A discussão em torno da diglossia sugere uma diferenciação funcional entre o inglês sinalizado, considerado como um registro mais formal (“alta variedade”), e a ASL, identificada como a variedade informal ou cotidiana (“baixa variedade”).

Zimmer ressalta ainda que, embora haja indícios de que a ASL apresenta características específicas que se modificam de acordo com o contexto, ainda não havia, até então, um estudo empírico sistemático sobre essas variações. A análise proposta por ele considera, portanto, três contextos distintos de uso, os quais serão representados a seguir por meio de uma figura explicativa, a fim de ilustrar os diferentes registros observados em situações específicas de comunicação entre pessoas surdas.

Figura 1: Fluxograma de Zimmer (1989)



Fonte: Adaptado texto no Zimmer (1989).

Zimmer analisou três gravações (palestra, entrevista e palestra informal) que foram transcritas e examinadas com base em diferentes níveis da gramática linguística: fonologia, morfologia, léxico, sintaxe e discurso. A pesquisa identificou diversas variações relacionadas ao registro, observando como os sinais são produzidos de forma distinta em cada situação comunicativa.

No nível fonológico, foi possível observar que, durante a palestra, a sinalização tende a se expandir espacialmente, com maior duração e pausas mais evidentes, revelando uma formalidade característica do contexto. Também foi identificado o uso de dominância manual que afeta a produção contextual dos sinais. Além disso, foram percebidos fenômenos como a

perseveração em que a configuração da mão não dominante se mantém do sinal anterior, e a antecipação, que revela um planejamento cognitivo visual prévio na sinalização, influenciando a assimilação fonológica do sinal subsequente (Zimmer, 1989).

No nível morfológico e lexical, a autora destacou a intensidade e clareza dos sinais conforme o contexto, bem como a escolha de termos técnicos específicos em situações formais, como palestras. Em contextos informais, a variação lexical revelou maior espontaneidade e uso de expressões mais coloquiais. Também foi observada a ocorrência de metáforas visuais e imagéticas, comuns à linguagem poética surda.

No nível sintático e discursivo, o estudo identificou, durante as palestras, o uso de estratégias retóricas com expressões não manuais que intensificam a enunciação, especialmente em momentos de pergunta e resposta, favorecendo a coesão e a fluidez do discurso. Em contextos informais, houve maior ocorrência de topicalização e ênfase em elementos visuais e espaciais, bem como o uso de soletração como recurso de destaque. Além disso, o encerramento performático e reflexivo em uma das palestras revelou um uso poético e impactante da linguagem em Libras.

Essas observações evidenciam como a variação de registro afeta diretamente a sinalização em diferentes contextos situacionais, com implicações na construção da prosódia visual. A relação com minha pesquisa se estabelece na abordagem funcionalista fundamentada na pragmática, ao investigar a sinalização de oito sujeitos tecno-surdos em três contextos distintos, palestra (modalidade digital), relato de experiência/vida e live, analisando as categorias pragmáticas e a prosódia visual presentes nas interações.

A noção de implicatura, proposta por Grice (1975), refere-se à extração de significados que não estão explicitamente expressos na conversação, mas que podem ser inferidos com base no contexto e na estrutura interacional do discurso. A investigação sobre implicaturas conversacionais surgiu a partir da observação de que, ao produzir um enunciado, o falante pode violar deliberadamente algumas das máximas conversacionais do “princípio de cooperação”. Essa violação gera inferências que permitem ao interlocutor interpretar sentidos implícitos na interação verbal.

Nas línguas vocais, essas implicaturas podem ser produzidas por meio de pausas, entonações específicas ou omissões estratégicas. No entanto, na Libras tais implicaturas se realizam por meio de recursos visuais e corporais, exigindo, portanto, uma adaptação teórica atenta às especificidades dessa modalidade.

A teoria de Grice (1975) estabelece que a comunicação é regida por quatro máximas conversacionais: quantidade, qualidade, relação e modo. Quando uma dessas máximas é violada intencionalmente, geram-se implicaturas. No contexto da Língua de Sinais, essa violação pode ocorrer visualmente, por exemplo, por meio da interrupção ou redução de um sinal, bem como por expressões não manuais e articulação-boca que alteram o sentido da enunciação. Tais estratégias permitem ao sujeito surdo manipular, de forma inferencial, os recursos visuais da língua, constituindo o foco desta pesquisa.

A presente investigação tem como base teórica a proposta de Grice (1975), mas adota, para fins conceituais, a definição de implicatura apresentada por Oliveira e Basso (2014, p. 20):

O segundo tipo de informação é a informação pragmática, que é chamada de significado do falante ou implicatura. Essa informação é *implicada* ou inferida pelo ouvinte a partir da interpretação semântica de um certo proferimento em uma determinada situação de fala.

Com base nessa definição, os autores contribuem para a reflexão sobre a relação entre implicatura e Língua de Sinais, permitindo a formulação do conceito de *implicatura visual* no contexto do discurso sinalizado. Nesse caso, a informação é inferida visualmente pelo visualizante – aquele que observa e interpreta a sinalização, com base em pistas linguísticas, expressivas e contextuais presentes na situação de enunciação. A construção de sentido, portanto, ocorre por meio da percepção visual na interação entre sujeitos surdos, considerando as especificidades pragmáticas da modalidade visuoespacial da língua.

A implicatura visual pode ser compreendida como um processo inferencial que envolve o uso de expressões não manuais, articulações corporais, pausas, ritmo dos sinais, movimento dos braços, expressões faciais e articulação-boca. Esses elementos, combinados com o uso do espaço visual, funcionam como marcadores pragmáticos na Língua de Sinais. Conforme apontam Emmorey (2002) e Sandler (2012), o corpo do sujeito surdo atua como base articulatória para expressar sentidos implícitos no discurso, ampliando o que não está explicitamente sinalizado, mas que emerge do contexto interacional e da organização visual do discurso.

As inferências visuais tornam-se especialmente marcantes em situações de familiaridade entre os interlocutores, pois envolvem conhecimento compartilhado sobre o tema e o contexto comunicativo. Em ambientes digitais especialmente nos vídeos produzidos por tecno-surdos, observa-se uma variedade de recursos visuais: relatos sinalizados, videoaulas, conversações e narrativas que apresentam olhares prolongados, organização cognitiva do

espaço, omissões visuais, pausas alongadas e alternância entre sinais sobrepostos e sinais reduzidos. Tais estratégias produzem efeitos de humor, ironia, crítica ou emoção, conforme o conhecimento prévio do interlocutor e o contexto discursivo, mesmo sem uma intenção explicitamente declarada.

A investigação das implicaturas visuais busca compreender como a Língua de Sinais pode transmitir sentidos contextuais de maneira estratégica, revelando críticas sociais sutis ou expressões marcadas pelo uso do espaço visual. O pesquisador surdo, partindo de sua subjetividade e de sua experiência com a Libras, observa interações espontâneas entre sujeitos surdos nas redes sociais e em ambientes digitais. Esta pesquisa propõe-se a analisar não apenas “o que é dito”, mas, sobretudo, “como é visualmente articulado”, evidenciando a relação entre discurso, contexto e visualidade na sinalização de sujeitos tecno-surdos, à luz da pragmática visual e do funcionamento discursivo da Libras.

A abordagem dos discurso-pragmático e uso seus contextos, também parece seguir nessa direção, pois considera as línguas:

como conjuntos de recursos de significados, formas e expressões dentre os quais fazemos escolhas, o que implica que as línguas são potenciais de recursos organizados em sistemas, implicando, por fim, que cada uma, seja oral-auditiva ou visio-espacial, é um sistema de sistemas formalizado via redes de sistemas de significados, lexicogramaticais, fonológico-fonéticos, grafológico-graféticos (línguas não-ágrafas). Antes de serem ‘encadeamento’ (estrutura=dimensão organizacional sintagmática), as línguas são ‘escolha’ (potencial sistêmico no polissistema ou rede de sistemas=dimensão organizacional paradigmática), sendo a dimensão de ‘encadeamento’ mera realização da dimensão de ‘escolha’ (Praxedes Filho, 2014, p. 16).

Assim, deve-se considerar o uso da língua em decorrência dos contextos comunicativos, partindo para a descrição e análise da gramática. Nesse sentido, foca na elaboração lexical, os quais vão entrando em uso, produzidos em diversas situações. Segundo dos autores Butt, Fahey, Feez, Spinks e Yallop (2001, p. 3):

O contexto externo em torno de um texto é conhecido como CONTEXTO DE CULTURA. Quando se pensa nas diferenças nas formas de tratamento, nas cerimônias, na polidez e nas atividades significativas entre uma cultura e outra, tem-se uma ideia da importância do contexto da cultura na formação dos significados. O contexto da cultura às vezes é descrito como a soma de todos os significados que é possível significar em uma determinada cultura. Dentro do contexto da cultura, falantes e escritores usam a linguagem em muitos contextos ou situações mais específicas. Cada um deles é um contexto interno, que os linguistas funcionais chamam de CONTEXTO DE SITUAÇÃO. A combinação do contexto da cultura e

do contexto da situação resulta nas diferenças e semelhanças entre um trecho de linguagem e outro⁶.

A importância de destacar a epistemologia surda no contexto da cultura surda reside em seu papel fundamental no processo de interpretação e na formação identitária dos surdos enquanto sujeitos sinalizantes. Os surdos apresentam uma capacidade única de absorção de aspectos visuais, combinada à sua subjetividade e modo particular de pensar, agir, sinalizar e interpretar. Esses elementos refletem a interação entre a cultura, o contexto e os significados próprios de suas experiências e particularidades. Assim, os sinalizantes revelam os significados que emergem do contexto e das relações estabelecidas na Língua de Sinais, conforme citação abaixo:

O *contexto cultura* é a soma de todos os significados possíveis de fazerem sentidos em uma cultura particular. No *contexto de cultura*, falantes e ouvintes usam a linguagem em contextos específicos, imediatos, conhecidos na LSF⁷ como contexto situação. A combinação dos dois tipos de contexto resulta em semelhanças e diferenças entre um texto e outro, entre um gênero e outro: uma interação mediada pelo gênero *Palestra (modalidade digital)* é diferente daquela em que acontece o gênero *sermão*. No *contexto de situação*, estão as características extralinguísticas dos textos, que dão substância às palavras e aos padrões gramaticais que falantes e escritores usam, consciente ou inconscientemente, para construir os diferentes gêneros, e que os ouvintes e leitores usam para identificar e classificar esses gêneros. Essas diferenças entre os gêneros podem ser atribuídas a três aspectos constitutivos do contexto de situação que a LSF denomina *campos, relação e modo* (Cunha; Souza, 2011, p. 25-26).

Os sinalizantes surdos possuem uma gramática própria e características específicas relacionadas ao contexto situacional. Ao investigar três diferentes contextos comunicativos (palestra, relato de experiência/vida e lives no *Instagram* e *Youtube*), esta pesquisa analisa como os surdos sinalizam de forma espontânea em sua cultura surda e explorando os aspectos situacionais desses contextos.

Os surdos sinalizantes que participam da palestra (modalidade digital) em um contexto formal sentem acolhimento devido ao conforto linguístico proporcionado, bem como à presença do povo surdo e de sua comunidade. A sinalização utilizada pelos surdos é compreendida no

⁶ Texto original: “The outer context around a text is known as the *CONTEXT OF CULTURE*. When you think of the differences in forms of address, in ceremonies, in politeness and in significant activities between one culture and another, you get some idea of the importance of context of culture in shaping meanings. The context of culture is sometimes described as the sum of all the meanings it is possible to mean in that particular culture. Within the context of culture, speakers and writers use language in many more specific contexts or situations. Each of these is an inner context, which functional linguists call the *CONTEXT OF SITUATION*. The combination of context of culture and context of situation results in the differences and similarities between one piece of language and another”.

⁷ Linguística Sistêmica Funcional (LSF).

momento da comunicação como uma forma de familiaridade e intimidade, estabelecendo uma conexão com o tema abordado, ou seja, uma afinidade entre a pessoa e o público.

Além disso, o povo surdo possui sua própria existência como referência para os demais surdos, o que fortalece sua identidade coletiva. Quando em contato com diferentes contextos sociais e ambientes externos, a sinalização é absorvida por meio da prosódia visual, que engloba a vissinalização, a proeminência na Língua de Sinais e o uso articulado de expressões faciais, manuais, corporais e da articulação-boca. Esses elementos são empregados de forma distinta na prosódia visual, especialmente na percepção e no uso durante interações do tipo *surdo-surdo*, ou seja, o contato direto entre pessoas surdas, que são essenciais para o conforto e a fluência na Língua de Sinais. O modo como esses elementos são utilizados pode variar de acordo com os grupos sociais em que a Língua de Sinais é expressa de forma mais natural e adequada. A fluência na Língua de Sinais, marcada pelo contato visual direto o “olhos nos olhos”, carrega sua própria perspicácia, nuances e sutilezas. Esse tipo de interação reflete a familiaridade e a intimidade construídas no contato entre pessoas surdas, em que os pequenos gestos, expressões e silêncios também comunicam, conforme destaca Ferreira (2020, p. 176).

Definiremos intimidade como a familiaridade, a camaradagem, a proximidade da relação entre os participantes de uma interação. Por exemplo, na comunidade surda brasileira, dois ou mais surdos podem ser intimamente relacionados independente da distância social que haja entre eles. Por causa dos grandes problemas comunicativos que eles vivenciam, as diferenças de classe social parecem ser neutralizadas quando estão em um clube de surdos, e se tornam amigos e íntimos apesar delas. Além disso, como os surdos de classes média e alta são geralmente oralizados e só vêm a adquirir contato com a Língua de Sinais tardiamente, muitas vezes eles demonstram interesse em se relacionar com os surdos de classe baixa ou média pela proficiência destes no idioma (Ferreira, 2010, p. 176).

A autora esclarece a afinidade nas línguas de sinais em diferentes grupos sociais, e destaca como a comunicação se ajusta à intimidade dos surdos e de sua comunidade, bem como ao contexto regional, incluindo outras cidades. Essa adaptação ocorre naturalmente devido à percepção visual dos surdos, que reflete sua cultura e identidade. A experiência visual, essencial no contato com a sinalização, permite que o surdo atue simultaneamente como sinalizante e visualizante⁸, favorecendo a aquisição das línguas de sinais.

A pesquisa destaca, conforme Cunha e Souza (2011, p. 25), que “uma gramática funcional não é um conjunto de regras, mas uma série de recursos para descrever, interpretar e atribuir significado”. Esta investigação aborda a relação entre a pragmática da Língua de Sinais

⁸ O conceito apresentado na seção 2.1, na página 31, aborda as diferenças entre os termos *sinalização* e *visualizante*.

e suas três categorias, considerando como os surdos expressam sua sinalização e como os visualizantes percebem e interpretam esses sinais.

2.1 A PRAGMÁTICA SOB A PERSPECTIVA FUNCIONALISTA: EPISTEMOLOGIA SURDA, GÊNEROS DIGITAIS E O LUGAR DO SUJEITO TECNO-SURDO NA LINGUAGEM

A Linguística abrange diversos eixos e vertentes. Conforme discutido no capítulo anterior, com base em Levinson, a Pragmática constitui-se como o estudo do uso linguístico em situações reais de comunicação, considerando a produção natural da linguagem em contexto. Essa vertente analisa as interações concretas, o papel dos interlocutores, a construção de sentidos e os fatores sociais e contextuais que influenciam o processo enunciativo.

A perspectiva teórica adotada baseia-se na tradição pragmática inaugurada por Grice (1975), cuja proposta da teoria das implicaturas conversacionais fundamenta-se no princípio da cooperação e em suas máximas conversacionais. Essa abordagem permite compreender como certos significados são inferidos de maneira implícita na comunicação, ou seja, vão além do que é dito literalmente. No caso de pessoas surdas, isso se manifesta na sinalização que envolve expressões visuais, corporais e espaciais, compondo uma forma específica de construção do sentido por meio de sinais, em vez de palavras.

A pesquisa insere-se, portanto, no campo da Pragmática com um olhar voltado à dimensão interacional e contextual da linguagem, tendo como base também o funcionalismo linguístico. Essa vertente compreende a linguagem não como um sistema autônomo e isolado, mas como um fenômeno integrado à prática social. Levinson (2000), por exemplo, afirma que a pragmática trata de processos cognitivos e sociais mais amplos, que emergem naturalmente nas interações cotidianas, seja entre falantes ou sinalizantes, conforme os usos específicos da linguagem em situações comunicativas diversas.

Tavaglia (2008) e Koch (2011) também adotam uma abordagem funcional, considerando a linguagem como forma de organização discursiva em contextos situacionais. Essa perspectiva permite compreender como os sentidos são construídos a partir de ações interacionais, por meio de mecanismos como inferência, dêixis, implícitos e atos de fala.

No campo da Libras, a pragmática visual assume um papel central. A comunicação não se limita à forma lexical dos sinais, mas envolve uma complexa articulação de elementos visuais, corporais e espaciais. A sinalização ocorre de maneira tridimensional e multimodal, incorporando o uso do olhar, expressões não manuais, articulação-boca, ritmo e organização do

espaço visual. Esses elementos são fundamentais na construção dos sentidos e na transmissão das intenções comunicativas.

A análise funcionalista da Libras revela como os sujeitos surdos constroem sentidos em interações surdo-surdo, utilizando estratégias inferenciais e recursos visuais contextuais. A prosódia visual, nesse contexto, constitui uma dimensão essencial da comunicação, marcada por nuances expressivas que emergem no momento da sinalização.

Este trabalho propõe, portanto, uma abordagem pragmático-funcional da Libras, centrada na análise do uso da linguagem em contextos digitais espontâneos por sujeitos tecno-surdos. A pesquisa busca compreender como esses sujeitos constroem sentidos a partir da sinalização em diferentes gêneros discursivos digitais, destacando estratégias comunicativas, uso do espaço visual e prosódia. A ênfase recai sobre os elementos informacionais e relacionais presentes na sinalização situacional, evidenciando a complexidade da pragmática visual no cotidiano dos surdos.

Nesse sentido, a importância da epistemologia surda emerge como uma forma natural de resistência à lógica audista⁹ e ao epistemicídio histórico das experiências e saberes surdos. Tal perspectiva reconhece que o sujeito surdo não é apenas objeto de estudo, mas agente produtor de conhecimento, atuando como voz científica legítima. Essa produção ocorre a partir de uma forma própria de ver, sentir, narrar e atribuir significado ao mundo, com base na experiência visual, tridimensional, na amplificação do uso da gramática própria da Língua de Sinais e nos saberes comunitários do povo surdo.

Autores como Lane (1992), Skliar (1998), Ladd (1998, 2002, 2003), Perlin (2003), Bauman (2008) e Strobel (2008) destacam diferentes abordagens da epistemologia surda em relação à resistência identitária e à experiência visual, reafirmando a subjetividade surda como central no processo de construção do saber.

A epistemologia surda propõe uma ruptura com os paradigmas hegemônicos da pesquisa tradicional, centrados na normatividade da língua vocal. Valoriza-se, assim, uma ética do conhecer parte da cultura surda, da coletividade e da sinalização como formas legítimas de expressão do sujeito surdo. Nesse contexto, a Língua de Sinais é um eixo central na produção

⁹ Ao explicar sobre a lógica audista, Francielle Cantarelli Martins e Madalena Klein (2012, p. 4, grifo meu) apresentam uma discussão sobre audismo e ouvintismo, onde as autoras baseiam-se no conceito apresentado por Lane (1992, p. 52), em que afirma que “**audismo** é a forma de dominação dos ouvintes, reestruturando e exercendo a autoridade sobre a comunidade surda”. Texto disponível em: <https://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2951/676>. Acesso em: 10 jul. 2024. Ressalta-se que na presente tese, opta-se por usar o termo “povo surdo” em substituição ao termo “comunidade surda”, por entender que trata-se da opressão vivida pelas pessoas surdas.

do conhecimento surdo, que reafirma sua existência e resistência, como indicam Quadros (2004) e Skliar (2010). A gramática da Língua de Sinais é, portanto, símbolo da identidade e movimento social do povo surdo.

A manifestação epistemológica se articula também com um modo de pensar a corporeidade, como afirmam Perlin e Strobel (2014), que destacam a centralidade do corpo enunciador na cultura, na memória e na política surda. Em ambientes digitais, constrói-se uma nova história: os sujeitos tecno-surdos mobilizam-se para narrar suas experiências, produzir sentidos e ocupar espaços simbólicos da cultura surda, protagonizando novas formas discursivas e visuais que reafirmam sua identidade e resistência.

O discurso em Língua de Sinais, portanto, não se limita à modalidade visuoespacial; carrega marcadores identitários e culturais que expressam estratégias visuais de enunciação e resistência. Essas estratégias dialogam com perspectivas de linguagem engajada e com a usabilidade multimodal em plataformas digitais contemporâneas.

Nesse sentido, Cláudio (2016) evidencia como sujeitos surdos produzem e compartilham vídeos de forma espontânea em ambientes como o *Facebook*, mobilizando recursos visuais para construir interação e diálogo no espaço digital. A autora demonstra que essas práticas comunicativas reforçam o papel ativo do surdo na produção de sentidos, ampliando a circulação de experiências, narrativas e identidades no ambiente virtual.

Concluindo, a proposta desta pesquisa está alinhada com essa epistemologia ao tratar a Língua de Sinais como forma legítima de enunciação e expressão de sentidos, posicionando os sujeitos surdos como protagonistas na construção do conhecimento. Ao valorizar a dimensão visual e corporal da linguagem, esta investigação busca não apenas analisar o uso da língua, mas também fortalecer a presença epistêmica da Libras no campo da pragmática visual.

Dito isso, passa-se agora à ampliação da análise proposta nesta pesquisa, com foco no fluxograma da área Linguística da Língua de Sinais e na centralidade do sujeito surdo como agente enunciador. Tal abordagem busca reafirmar o status linguístico da sinalização, evidenciando o lugar do sujeito surdo na linguagem. Nesse contexto, destacam-se os gêneros digitais e a performance dos sujeitos tecno-surdos, cujas práticas comunicativas revelam novas formas de circulação de sentidos, engajamento identitário e produção discursiva no ambiente digital.

Entre as décadas de 1960 a 1970 começaram as pesquisas das línguas de sinais, envolvendo a familiarização das línguas dos surdos. Conforme Pfau (2012):

[...] a pesquisa linguística em línguas de sinais começou com descrições de uma série de línguas de sinais ocidentais, como Língua de Sinais Americana (ASL), a Língua de Sinais Países Baixos (NGT) e a Língua de Sinais Suécia (SSL). Salvo algumas exceções, foi somente a partir da década de 1990 que essas descrições foram complementadas por estudos com foco em línguas de sinais não ocidentais, por exemplo, Língua de Sinais Brasileira (LSB), Língua de Sinais Indopaquistã (IPSL) e Língua de Sinais Japonesa (NS) (Pfau, 2012, p. 518, tradução minha)¹⁰.

No momento atual, a Língua de Sinais está cada dia mais sendo enriquecida através das pesquisas, que são fundamentadas em várias correntes na área de Linguística. Através desse vislumbre, pretendo pesquisar na área Pragmática com relação à Libras, focando a prosódia visual do contexto, uso em situação da conversação entre surdos.

A figura linguística de prosódia visual aflui no enquadramento, conforme a perspectiva de língua e de linguagem e faz parte dos estudos sociointeracionistas, segundo Bortoni-Ricardo (2004), que aborda obrigações e direitos, ambos direcionados a formação sociocultural, visualizando o desempenho que as pessoas prezam ao agir, conversar, interagir com sua relação do trato na conversação, focalizando o processo de contribuição para os estudos da língua sinalizada, com base na comunicação em tempo real de interação entre surdos.

Qualquer abordagem de pesquisa em pragmática linguística parte do ponto de vista de cada indivíduo, que traz sua própria explicação e perspectiva sobre o tema. Esta pesquisa visa compreender o funcionamento da sinalização em conversas, interações e sua relação com o tema tratado. Para isso, é necessário analisar o uso dos fragmentos léxicos em contexto, diversas situações comunicativas, de modo a participar do momento da enunciação (Oliveira; Basso, 2014, p. 25).

Para participar de uma conversa devemos, no mínimo, saber quem é o falante, quem é ouvinte, o que eles estão fazendo ao conversar, sobre o que eles falam, o que eles sabem em comum... Fazemos isso muito naturalmente porque quando conversamos estamos inseridos na conversa e levamos em consideração, na interpretação de uma conversa, essas várias fontes de conhecimento. (Oliveira e Barros, 2014, p.25).

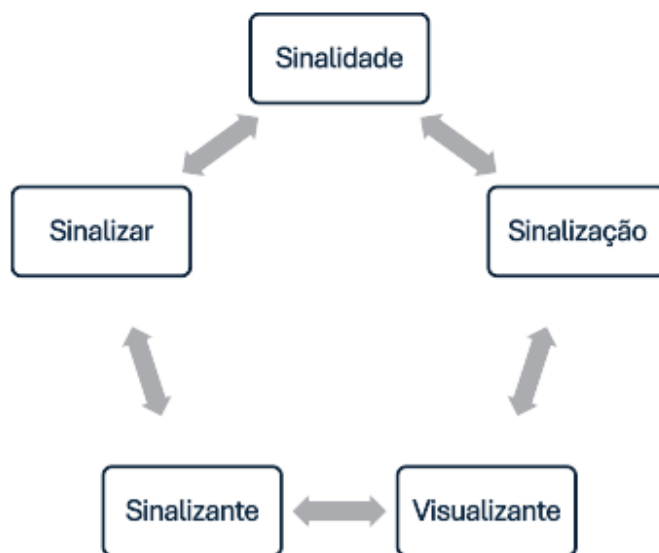
O conceito de **rizoma e ramificação**¹¹, criado por Zeshan (2006), reflete o posicionamento dos surdos na pesquisa científica, destacando o status linguístico do sujeito

¹⁰ *In the 1960s and 1970s, linguistic research on sign languages started with descriptions of a number of western sign languages, such as American Sign Language (ASL), Sign Language of the Netherlands (NGT), and Swedish Sign Language (SSL). Apart from a few exceptions, it was only from the 1990s onwards that these descriptions were complemented by studies focusing on non-western sign languages, e.g. Brazilian Sign Language (LSB), Indopakistani Sign Language (IPSL), and Japanese Sign Language (NS) (Pfau, 2012, p. 518).*

¹¹ Dois termos que expressam os conceitos são- rizoma e ramificação: Entre outros, analisaremos as fontes cuja confluência cria o campo da tipologia da Língua de Sinais (as “raízes” em termos da metáfora do título), as

surdo nos estudos da Língua de Sinais. Ela aborda a resistência em torno dos termos de equivalência e do status linguístico, visando à valorização científica tanto dos estudos surdos quanto da própria Língua de Sinais, com foco no uso e na produção dessa língua de forma adequada.

Figura 2: Lugar da posição surda sinalizante



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

O esquema apresentado na Figura 2 representa uma quebra de paradigma em oposição à normalização científica voltada para os ouvintes, destacando a resistência na área acadêmica e a valorização adequada dos estudos surdos sob uma perspectiva epistemológica surda. O termo *sinalidade*, criado por Reichert (2015), equivale à oralidade no contexto dos estudos surdos. Segundo Silva (2019), o ato de *sinalizar*, a *sinalização* e o *sinalizante* são detalhados nos aspectos Libras videossinalizada.

Sinalizar é o verbo que descreve o processo de expressar-se em Língua de Sinais, equivalente a falar, vocalizar ou oralizar, porém com uma modalidade visuoespacial, distinta da vocal-auditiva. **Sinalização** refere-se à ação contínua de expressar-se em sinais, contextualizando no momento de uma apresentação, de modo equivalente à oratória vocal, mas

diferentes formas de fazer tipologia da Língua de Sinais e as metodologias associadas (os “galhos”) e alguns dos dados fascinantes e seu significado tipológico e teórico (as “folhas”) (Zeshan, 2006, p. 671). Texto original: *Among others, we will look at the sources whose confluence creates the field of sign language typology (the “roots” in terms of the metaphor in the title), at the different ways of doing sign language typology and the associated methodologies (the “branches”) and at some of the fascinating data and their typological and theoretical significance (the “leaves”).*

envolvendo aspectos da gramática complexa da Língua de Sinais, como sinais não manuais e corporais. O *sinalizante* é o sujeito que sinaliza, sendo este termo também utilizado na área científica.

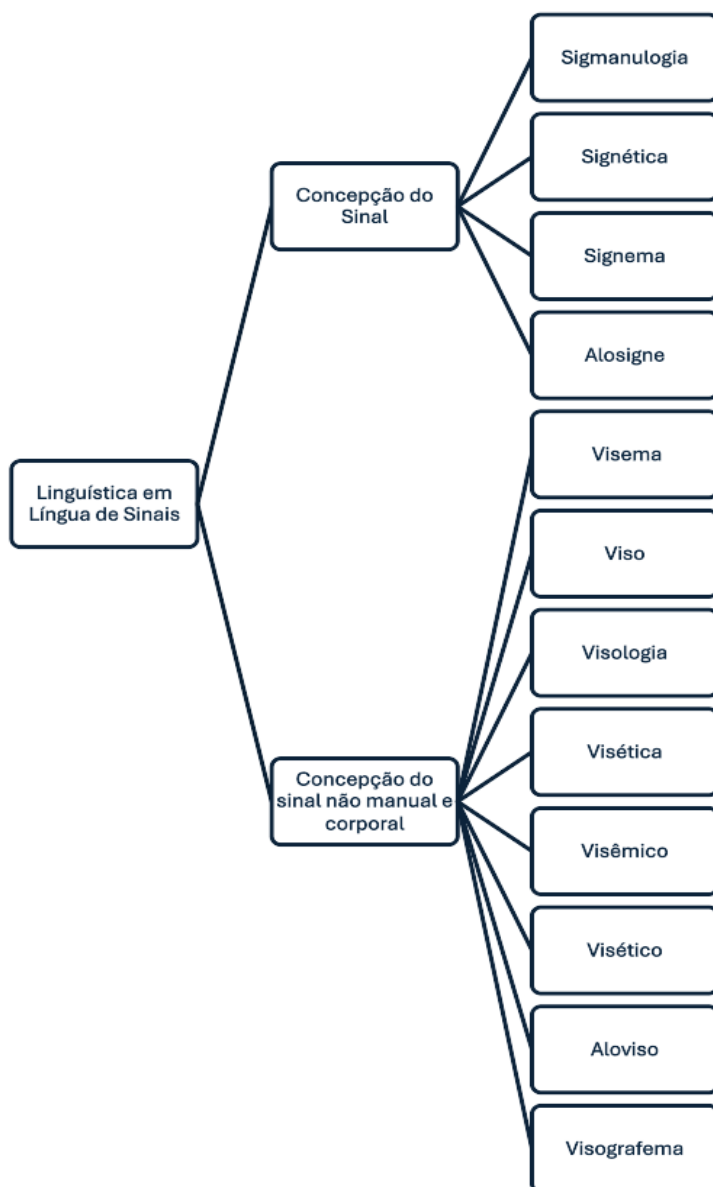
O termo *língua sinalizada*, criado por Wilcox & Wilcox (2005), esclarece a distinção entre a língua falada e a visuoespacial. O termo *visualizante* foi cunhado pelo próprio autor como uma equivalência ao termo *ouvinte*, no contexto de palestras ou interações comunicativas. Enquanto o ouvinte apreende informações por meio da audição, o visualizante é aquele que as percebe por meio da visão, característica central na enunciação em Língua de Sinais. Trata-se, portanto, de uma forma de sinestesia visual, ou seja, de “*ouvir com os olhos*”, integrando os sentidos da visão e da audição em uma experiência perceptiva própria do sujeito surdo.

A noção de visualizante está relacionada à capacidade de interpretar informações visualmente, envolvendo elementos de **corporalidade** e **visualidade**. Essa perspectiva aplica-se a contextos como palestras, salas de aula ou conversas, nos quais o público surdo acompanha a sinalização da pessoa palestrante, frequentemente apoiada por recursos visuais, como apresentações em PowerPoint ou materiais elaborados por sujeitos **tecno-surdos**. Assim, amplia-se a dimensão visual da comunicação, promovendo uma experiência mais completa e acessível.

Segundo Pêgo (2021, p. 114), “representa um dos frutos da interpretação do contato entre surdos e a língua portuguesa, não na sua forma oral, mas na sua forma visual-vibracional”, e a compreensão do contexto no momento em que se observa os sinalizantes e se adquire a relação com o tema abordado.

A área de Estudos Linguísticos da Língua de Sinais rompe com paradigmas tradicionais da Linguística ao reafirmar o status linguístico das línguas de sinais. Propõe-se uma equivalência entre os níveis de análise, com ramificações que contemplam tanto os sinais manuais quanto os sinais não-manuais. Essa estrutura é representada no fluxograma a seguir, com base em duas concepções fundamentais: o sinal manual e o sinal não-manual (Figura 3).

Figura 3: Área de Estudos linguística da Língua de Sinais



Fonte: Elaborado adaptado pelos autores Barros (2008) e Nobrega (2016, 2019).

Os ramificadores nos estudos linguísticos da Língua de Sinais incluem o estudo de Barros (2008, p.140) sobre a Escrita de Sinais (ELiS), destacando a importância da área visual e dos aspectos visuo-espaciais. Barros afirma: “criei o ‘visema’ para designar a unidade mínima das LS [...] no mundo visual científico das LS, pois o novo termo revela a natureza das unidades que as compõem”. Essa pesquisa é fundamental para enriquecer a compreensão dos aspectos da sinalização, abrangendo tanto parâmetros manuais quanto não-manuais e corporais.

Diversas pesquisas e estudos linguísticos sobre línguas de sinais, em especial a Libras, frequentemente utilizam a própria normalização linguística como “**substância**” de sentido para

comparações com a língua vocal. No entanto, Nóbrega (2019) foi o primeiro pesquisador surdo a criar novos termos de equivalência científica na área, específicos à Língua de Sinais, com o objetivo de valorizar seu status linguístico sem a necessidade de suporte da língua vocal, descartando a ideia de “**muleta**” ou substância dessa última. O novo termo demonstra que os sinais possuem uma relação direta entre o signo e o aspecto manual, contribuindo para o desenvolvimento acadêmico e incentivando futuras pesquisas. A valorização desses termos fortalece o status linguístico dos estudos surdos e sua relevância na linguística das línguas de sinais.

Esses estudos, ao se relacionarem com a fonologia, a fonética e com conceitos como fonema, fone, fonético, alofone e alfabeto, promovem uma nova perspectiva para os pesquisadores surdos e a ciência da Língua de Sinais, ajudando a quebrar paradigmas e ampliar o olhar sobre a produção científica dos surdos.

Stumpf (2005), Strask (2008) e Campacho (2011) discutem em seus estudos sobre status linguístico, variedade padrão e não padrão, tratando do contexto entre fala e escrita assim como formas de linguagens formais, percebendo assim, tais variedades em usos e sua formalidade implícita ao contexto a depender de seu local sendo de grandes centros urbanos, interior ou ainda um ambiente comunitário, estilo (variação entre classes sociais) e interação situacional. Sobre esse assunto, Silva (2013) afirma que:

Sobre os registros da fala é válido considerar que na área dos estudos linguísticos relacionados às possibilidades de aplicação da língua e seu uso na sociedade, percebem-se dois principais registros de fala: registros formais e registros informais. É sabido que toda a língua possui recursos que possibilita seus usuários a utilizarem a linguagem de maneira formal e/ou informal. O vocabulário, as estruturas gramaticais, a morfologia, a pronúncia, a entonação, o volume da fala ou da sinalização (no caso das línguas de sinais) são alguns elementos que fazem parte desse conjunto de recursos. Os registros podem variar entre pessoas, entre contextos e características de uso, independentemente da língua usada (português, inglês, francês), da modalidade dessa língua (língua falada ou sinalizada), do gênero do usuário (homem ou mulher), da faixa etária desses usuários, de seu status social e até mesmo, independentemente, do dialeto empregado. O usuário da língua tem a possibilidade de variar sua produção de acordo com a formalidade ou a informalidade do contexto que está inserido (Silva, 2013, p. 31).

Conforme Silva (2013), é possível registrar a produção linguística em situações de formalidade e informalidade, considerando o estilo com que as pessoas se expressam vocalmente ou por meio da Língua de Sinais, de acordo com o local, o gênero textual e a modalidade da língua utilizada. O uso da língua varia conforme o contexto e a forma como o texto é produzido.

A partir da explicação do autor, compreende-se a relevância dos estudos sobre os níveis de formalidade na Língua de Sinais, especialmente quando a análise adota uma perspectiva estruturalista, com foco no léxico, na sigmanulogia, na morfologia e na sintaxe. Essa abordagem permite observar como o grau de formalidade se manifesta em diferentes espaços sociais. No entanto, torna-se imprescindível considerar o modo como o sujeito surdo sinalizante se expressa individualmente, o que extrapola os limites da estrutura linguística e se insere no campo da pragmática.

Na presente pesquisa, a análise pragmática contempla simultaneamente elementos formais e informais da sinalização. Não é possível estabelecer uma divisão rígida entre esses dois polos, uma vez que a sinalização se constrói por meio de múltiplas camadas, como ritmo, pausas, uso da datilologia e, sobretudo, a ênfase no sinal central que organiza e direciona o encadeamento discursivo. Esses elementos estão intrinsecamente relacionados ao contexto comunicativo, seja ele íntimo, informal, institucional ou solene.

Além disso, a pronúncia do sujeito surdo aqui entendida como um processo visualizante de realização tridimensional dos sinais, por meio de recursos corporais, expressões faciais, manuais, articulação-boca e componentes visuais-espaciais, revela nuances que atravessam as fronteiras convencionais entre formalidade e informalidade. A construção de sentido na Língua de Sinais depende da relação intersubjetiva entre o sinalizador e seu visualizante, exigindo uma leitura atenta ao contexto interacional, à intencionalidade discursiva e ao grau de familiaridade entre os interlocutores.

Dessa forma, argumenta-se que a compreensão dos usos formais e informais da Língua de Sinais deve articular tanto os níveis linguísticos estruturais quanto os recursos pragmáticos e expressivos, considerando a sinalização como uma prática social situada, marcada por intencionalidades, relações de poder e vínculos afetivos. Ao integrar a sigmanulogia e a pragmática, amplia-se a análise da Língua de Sinais para além de uma perspectiva normativa, valorizando sua complexidade multimodal e a agência comunicativa do sujeito surdo.

Em relação ao desenvolvimento dos estudos na área de Sociolinguística relacionado à criação de sinais específicos ao contexto do curso de Letras Libras, o autor Silva (2013) percebe o neologismo para o mencionado curso como ponto positivo para propagação de tais sinais e a padronização dos mesmos.

Entende-se que a padronização da Libras, especialmente nas áreas em que questões profissionais estão envolvidas, torna-se relevante, sobretudo para aqueles sinalizantes que atuam nesses contextos. É possível que conhecimentos científicos sejam compartilhados com outros profissionais, inclusive profissionais sinalizantes de

outras regiões do país. Com esse compartilhamento de sinais, a área da profissão consequentemente torna-se mais ‘comunicável’, a Libras é automaticamente enriquecida e o diálogo entre diferentes áreas e contextos facilitado (Silva, 2013, p. 34-35).

Segundo o autor, as nuances desta língua em tornar a comunicação clara a depender do contexto de uso, como uma área profissional específica, como um curso de professores e a facilidade em contextualizar os conteúdos, ou uma outra área com seus termos específicos e sua interação em tal contexto. O estudo de sociolinguística vê a valorização da variação do uso da língua em contextos de interação como o profissional (jargões e terminologia da área de atuação). Há evidências científicas que comprovam a valorização da percepção do uso da língua em diversos ambientes, contexto e momento situacional.

Sendo assim, há importância de identificar esses fenômenos decorrentes de línguas naturais, neste caso a Língua de Sinais, e a compreensão de seu uso, a disseminação do sinal em diversas circunstâncias, conforme a citação a seguir:

No entanto, algumas relações complexas de mútua compreensão (ou incompreensão) são presentes e parecem constantes entre sinalizantes. Outro exemplo que pode ser compartilhado nesse texto de introdução – no intuito de o leitor poder compreender a complexidade na qual essa investigação transita – pode ser refletido em uma segunda situação enfrentada pelo pesquisador. Ao ser convidado para ministrar um minicurso de Libras em uma cidade do interior, na oportunidade ministrante do minicurso, o pesquisador empregou diferentes sinais, porém dessa vez os sinais empregados eram menos específicos, ou seja, mais corriqueiros em seu contexto de atuação. Os participantes do minicurso, no momento, questionaram o significado de alguns sinais usados. Ao explicar-lhes o significado com o uso de algumas soletrações manuais com base na língua portuguesa, alguns participantes compreenderam a definição da explicação, ao passo que outros, ao não compreenderem, argumentaram contra a sinalização, simplesmente pelo fato de eles terem aprendido outros sinais para tais conceitos (Silva, 2013, p. 35).

O autor mostra a importância do uso dos sinais dentro dos contextos e dos lugares diversos no qual a pessoa está sinalizando, por exemplo se ela vai à uma cidade e dependendo do ambiente tem uma variação de sinais que ela conhece ou não, e junto com o uso da datilologia, e dos sinais que ambos conhecem, vai se criando uma comunicação a depender do contexto. Importante citar também, que no Brasil tem uma grande variação linguística, sendo assim, há muitas variedades e em algumas regiões a língua é mais valorizada a depender do seu uso. Por exemplo, se um professor vai à uma cidade do interior ou à uma capital, ou se o mesmo vai para o norte, ou para sul, são contextos diferentes, com variações de sinais. Também há o uso da datilologia, que, juntamente com ela, é importante mostrar o significado e o contexto do que está sendo sinalizado. Essas interações e combinações mostram a valorização e o status da

língua. Equiparando as línguas vocais às línguas sinalizadas, mostrando que ambas possuem estrutura e sintaxe em seu uso.

As tecnologias digitais e a expansão das redes sociais representam avanços significativos para os sujeitos surdos, pois criam novos espaços de interações discursivas. A partir do século XXI, observa-se a produção de vídeos protagonizados por sujeitos surdos, denominados tecno-surdos, caracterizados por práticas comunicativas multimodais, ampla circulação e participação ativa baseada na modalidade visual.

Esses ambientes possibilitaram o surgimento de novos gêneros digitais, cujas práticas comunicativas se relacionam com teorias clássicas sobre linguagem e gêneros textuais, agora em diálogo com o universo digital. No campo dos Estudos Surdos, é preciso mencionar a autora Cláudio (2016) sem destacar sua abordagem sobre o uso de vídeos sinalizados por sujeitos surdos em contextos digitais. A autora analisa como esses participantes interagem no ambiente do *Facebook*, utilizando a Libras para construir sentido, estabelecer vínculos comunicativos e fortalecer práticas culturais no espaço virtual. Autores como Marcuschi (2005, 2007) e Paveau (2022) discutem a ampliação dos horizontes discursivos por meio dos gêneros digitais, ressaltando a emergência de formas híbridas, interativas e multimodais, que se distanciam do modelo tradicional dos gêneros textuais escritos.

Marcuschi (2007) aponta que os ambientes digitais dão origem a novos gêneros por meio de processos comunicacionais que emergem naturalmente do contexto digital. Esses gêneros não se limitam às formas convencionais da linguagem escrita, mas incorporam elementos próprios da comunicação digital, como a interatividade, a multimodalidade e a performatividade. No caso dos sujeitos surdos, tais ambientes como *Youtube*, *Instagram*, *TikTok*, entre outros, permitem a construção de narrativas visuais marcantes, com intensidades e níveis variados, conforme o contexto, a afinidade e os conhecimentos compartilhados. Esses vídeos exploram também os recursos da prosódia visual como marca expressiva e identitária.

Paveau (2022) acrescenta que os gêneros digitais não devem ser analisados apenas em termos de sua estrutura formal, mas também a partir de suas condições de produção: quem comunica, com quem, onde, para quem, com que finalidade e por meio de quais tecnologias. Essa perspectiva é fundamental para analisar a produção discursiva sinalizada por sujeitos surdos nos ambientes digitais, compreendendo-a como pertencente a um gênero próprio, no qual a corporeidade, o uso do espaço visual e a presença da cultura surda tornam-se elementos centrais na construção de sentido e na experiência visual.

Os tecno-surdos, em espaços digitais, protagonizam a ampliação do uso da Língua de Sinais em práticas discursivas espontâneas e naturais. Nesses contextos, a sinalização assume caráter criativo, argumentativo, narrativo e identitário, permitindo ao sujeito surdo organizar o espaço visual de forma confortável, mobilizando estratégias expressivas como descrições imagéticas, normas culturais surdas e o uso da prosódia visual como recurso tridimensional. A construção da interpretação da mensagem ocorre de forma compartilhada entre o sinalizador e seu visualizante, com base em marcadores visuais reconhecidos mutuamente.

Em contextos presenciais, a sinalização pode variar conforme o perfil do público. Quando destinada exclusivamente ao povo surdo, tende a ocorrer de maneira mais espontânea, em razão do compartilhamento da primeira língua e do conforto linguístico. Contudo, quando envolve diferentes comunidades surdas, a norma surda pode ser adequada a esse contexto, levando em conta a presença de ouvintes, o que gera maior preocupação com a contextualização e a explicação dos conteúdos.

Se o público for composto por ouvintes leigos, que não têm familiaridade com a Língua de Sinais, outra norma surda é mobilizada: a sinalização torna-se mais explicativa e detalhada, com uso frequente da datilologia, planejamento discursivo cuidadoso e, por vezes, atenção à atuação do intérprete de Libras para a Língua Portuguesa. Nesse caso, a intermodalidade entre as modalidades visuoespacial e vocal-auditiva é um fator central, pois a sinalização é ajustada ao contexto e à situação comunicativa.

A variação da sinalização também se manifesta conforme o tipo de evento: palestras voltadas a pesquisadores surdos, formações para tradutores e intérpretes, eventos abertos ao público geral com temática acessível, aulas, minicursos ou oficinas exigem diferentes formas de construção discursiva, considerando a relação entre o sujeito surdo e o seu visualizante.

Nos espaços digitais, os tecno-surdos sinalizam com maior liberdade, sem a preocupação imediata com o perfil do visualizante, focando sobretudo na temática a ser abordada. As práticas discursivas assumem gêneros variados de acadêmico, narrativo, argumentativo ou híbrido – de forma mais confortável e menos tensa. A disposição física diante da câmera, sentando-se em uma poltrona, por exemplo, pode ser planejada de acordo com a situação. Em certos casos, o uso de fundo preto é escolhido estrategicamente, especialmente quando o público inclui pessoas surdocegas, de modo a proporcionar conforto visual e facilitar a interpretação em Língua de Sinais.

Dessa forma, evidencia-se a importância do reconhecimento do status da política linguística voltada aos sujeitos surdos, tanto em contextos presenciais quanto digitais,

considerando o papel do tecno-surdo e a apropriação da norma surda em suas práticas discursivas. A relação entre sinalizador e visualizante é central para compreender as estratégias comunicativas, os ajustes linguísticos e a dinâmica intersubjetiva que constituem a experiência surda contemporânea.

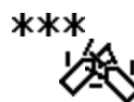
Além disso, a escolha do tema a ser sinalizado varia conforme o contexto e pode assumir forma argumentativa, narrativa ou híbrida. O posicionamento do corpo frente à câmera, a organização do espaço e a estética da narrativa são elementos fundamentais na construção do vídeo. Inicialmente, pode haver nervosismo, mas com o tempo, o sinalizador passa a se expressar com naturalidade.

Ao investigar os gêneros digitais produzidos por jovens e adultos surdos, esta pesquisa busca compreender como os sujeitos tecno-surdos constroem sentidos discursivos por meio da Libras como meio legítimo de transmissão de conhecimento. Reconhecer os gêneros digitais não se limita a acolher a Libras nesses espaços, mas implica também compreendê-los como instâncias de ressignificação, a partir da experiência visual, da instrução linguística e do modo de ser surdo.

Como explicado anteriormente, com base na leitura da análise do discurso digital de Paveau (2022), que aborda diversos aspectos do contexto digital nas redes sociais, surge uma nova perspectiva e o conceito de **tecno-surdo** e **tecno-sinalização** no contexto dos vídeos produzidos em ambiente digital na modalidade de Língua de Sinais. Abaixo, apresento novos conceitos criados pelo próprio autor:

O termo “**tecno-surdo**” refere-se aos sujeitos surdos que mantêm contato com outros surdos, tanto de seu próprio país quanto de outras nações utilizando a Língua de Sinais em interações cotidianas mediadas por tecnologias. Esses contatos ocorrem por meio de webcams integradas a notebooks, computadores ou tablets, especialmente em contextos acadêmicos, como aulas online e videoconferências realizadas em plataformas como Zoom, Webconferência (Plataforma criada pela Rede Nacional de Ensino e Pesquisa), Google Meet, Skype, entre outras já existentes ou que venham a ser desenvolvidas futuramente, com foco em comunicação por vídeo.

Em contextos informais, a comunicação ocorre via dispositivos móveis, com o uso de



aplicativos de bate-papo que viabilizam o 'bate-mãos' , permitindo conversas visuais com amigos, familiares ou colegas de trabalho que também sinalizam. Surdos residentes

em outros países também podem interagir por meio da Língua de Sinais Internacional, tanto em contextos informais quanto formais, como reuniões e conferências nas quais atuam intérpretes surdos. Esses profissionais possibilitam a mediação entre diferentes línguas de sinais, o que pode ocorrer de duas formas: pela *intermodalidade*, que se refere à mediação entre distintas línguas de sinais — como a IntSL (Língua de Sinais Internacional), a ASL e outras línguas sinalizadas; e pela *intramodalidade*, que diz respeito às adaptações dentro da própria modalidade visuoespacial, realizadas conforme a norma-surda e adequadas aos diferentes níveis linguísticos das línguas de sinais.

Há ainda a participação de surdos em videoconferências voltadas ao meio acadêmico, nas quais apresentam pesquisas sobre a Língua de Sinais. Nesses eventos, a tecnologia possibilita a disseminação de ideias em IntSL, promovendo intercâmbio entre surdos de diferentes nacionalidades. Outro exemplo são reuniões de professores e profissionais diversos, nas quais a Língua de Sinais é utilizada como meio simultâneo de comunicação, com forte presença visual e de contato virtual, cenário no qual também se destaca a atuação de intérpretes surdos, especialmente em contextos multilíngues, reforçando a acessibilidade e o protagonismo do povo surdo. As tecnologias digitais, nesse sentido, incluem ainda o uso de novos softwares e plataformas de videoconferência baseadas em webcam, que venham a ser incorporados no futuro.

Importa destacar que o **tecno-surdo** não está limitado ao ambiente virtual. Também se constitui na articulação entre presencial e digital, como quando um sujeito surdo sinaliza em uma situação presencial que é gravada e posteriormente circula em redes sociais, bancos de dados acadêmicos ou plataformas de compartilhamento de vídeos. Nesses casos, o que define a condição tecno-surda é a circulação visual da língua, e não o local físico da enunciação. Além disso, o ambiente digital inclui práticas de atendimento voltadas ao povo surdo mediadas por plataformas tecnológicas, como o serviço oferecido pela empresa Personalize, que disponibiliza atendimento em Libras acessado por aplicativos e direcionado prioritariamente ao povo surdo. Nesse tipo de interação, identificam-se processos de intravissinalização, uma vez que sujeitos surdos mobilizam recursos expressivos da língua, nuances visuais, expressões faciais e corporais, articulação-boca e estratégias pragmáticas, para construir sentido em um contexto digital que, embora mediado, preserva parâmetros de sinalização próprios do povo surdo.

Nessa perspectiva, o povo surdo possui elevada capacidade de reconhecimento identitário entre seus membros, baseada em nuances visuais como estilo corporal, ritmo prosódico, articulação-boca, uso do espaço e expressões faciais. Ao assistir vídeos, sejam eles

gravados presencialmente ou produzidos diretamente em ambientes digitais, o povo surdo consegue identificar quem é o sujeito sinalizante, reconhecendo sua origem linguística, sua filiação cultural e seu pertencimento à experiência surda. Assim, o que importa não é se a interação ocorreu presencialmente ou em meio digital, mas a performance visual em língua de sinais que constitui e legitima o sujeito como surdo sinalizante dentro do campo tecno-surdo.

Tecno-sinalização refere-se ao uso da Língua de Sinais mediado por tecnologias digitais em diferentes contextos, como gravações de atividades acadêmicas nos cursos de Letras Libras ou Letras Libras/Língua Portuguesa como segunda língua para surdos. No caso da licenciatura, voltada à formação de professores de Libras, a tecno-sinalização é empregada como estratégia pedagógica em gêneros acadêmicos e atividades didáticas que dinamizam a Língua de Sinais, abrangendo disciplinas como Libras I a VI e Literatura Surda I e II, nas quais se exploram elementos narrativos, contos e poemas em Língua de Sinais.

Já no ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para surdos, a tecno-sinalização contribui para práticas bilíngues e bimodais, servindo de recurso metodológico tanto no ensino de língua quanto nas atividades de estágio supervisionado. Nesse âmbito, as gravações acadêmicas funcionam como instrumentos de análise para observação, intervenção e aplicação de estratégias de ensino em Libras ou em Língua Portuguesa como L2.

No bacharelado, destinado à formação de tradutores e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa, a tecno-sinalização é utilizada como estratégia de tradução e/ou interpretação entre diferentes modalidades: intermodalidade, intramodalidade ou intersemiótica¹², envolvendo também eventos nas áreas artísticas, políticas, acadêmicas e de debate. Nesse contexto, surdos produzem vídeos sinalizados voltados para outros surdos ou ouvintes.

É nesse tipo de interação que se identificam processos de intervissinalização, uma vez que sujeitos ouvintes, ao sinalizarem em ambientes digitais, mobilizam recursos visuais, expressões faciais e corporais, articulação-boca e estratégias pragmáticas que não correspondem às mesmas subjetividades e normatividades expressivas do povo surdo. Assim, ainda que o contexto digital preserve parâmetros essenciais da sinalização, o uso da língua por sujeitos ouvintes revela tensões e ajustes entre modalidades distintas, produzindo uma dinâmica discursiva que se constrói na fronteira entre diferentes regimes de visualidade e uso linguístico.

¹² O conceito de intersemiótica, criado por Segala (2010), refere-se à tradução entre sistemas semióticos diferentes, especialmente no trabalho com imagens, vídeos, filmes, entre outros, que são convertidos estrategicamente para outra modalidade, como a Língua de Sinais ou a língua vocal-auditiva.

O termo **Libras vídeossinalizada** foi criado por Silva (2019, p. 71) que conceitua da seguinte forma: “refere-se ao uso da Libras gravada em vídeo sendo que o sinalizante¹³ estabelece uma relação com a câmera, com ou sem emprego de recursos multimodais”. Além disso, observa-se a crescente produção de artigos científicos, dissertações e teses em Língua de Sinais, consolidando essa prática como expressão acadêmica legítima e visualmente acessível, e também que aborda vários outros gêneros emergentes possam utilizadas formas apresentadas semelhanças dentro tecno-sinalização.

Observa-se a distinção entre os termos **tecno-surdos**, **tecno-sinalização** e **videossinalizada**, sendo estes neologismos e conceitos propostos por diferentes autores. A minha pesquisa se relaciona com o contexto dos ambientes digitais, nos quais se utiliza a sinalização nativa das pessoas surdas. O conceito de tecno-surdos será retomado ao longo desta tese como um eixo articulador entre teoria, análise e categorização, servindo de base para a compreensão das práticas linguísticas e comunicativas em contextos digitais. Essa abordagem está intrinsecamente ligada às noções de pragmática e prosódia visual, fundamentais para a análise dos enunciados sinalizados que compõem o corpus aqui estudado.

O termo **Libras vídeossinalizada** refere-se à circulação de enunciados em Libras por meio de registros audiovisuais, sejam eles produzidos diretamente em ambientes digitais ou gravados presencialmente e posteriormente compartilhados em plataformas online. Aqui, o foco recai no processo de recepção: como o sujeito visualizante assiste, interpreta, reconhece e identifica o sinalizante surdo presente no vídeo. Assim, mesmo quando a gravação se origina em um contexto presencial, o fato de ser registrada, editada e circulada digitalmente a reinsere no campo da Libras vídeossinalizada, pois a experiência comunicativa passa a ocorrer no domínio visual-tecnológico.

Já a **tecno-sinalização** enfatiza a relação entre a língua de sinais e as tecnologias, destacando os recursos multimodais envolvidos no ato de sinalizar em ambientes digitais, enquadramento de câmera, uso do espaço visual, ritmo prosódico, expressões faciais, legendas, recortes de tela, chats simultâneos, entre outros. A tecno-sinalização pode ocorrer em diferentes esferas: acadêmica, artística, educacional, jurídica, profissional e comunitária, e envolver tanto sujeitos surdos quanto ouvintes, incluindo intérpretes, espectadores e produtores de conteúdo, desde que inseridos no processo tecnológico de mediação visual.

Por fim, Libras vídeossinalizada refere-se sobretudo ao modo de recepção e circulação do enunciado em vídeo; tecno-sinalização refere-se às condições tecnológicas e multimodais

¹³ O termo *sinalizante* nesta tese vou explicar o conceito mais diante.

de produção desses enunciados; e tecno-surdo designa o sujeito sinalizante, reconhecido pelo povo surdo por meio de marcas identitárias visuais, tais como ritmo prosódico, estilo corporal, articulação-boca, uso do espaço e expressividade, que permitem identificar quem sinaliza, independentemente de a interação ocorrer presencialmente ou em ambiente digital.

2.2 A PRAGMÁTICA E AS LÍNGUA DE SINAIS

A teoria pragmática, no que se refere às línguas de sinais, exige uma ampliação conceitual, pois trata-se de uma modalidade visuoespacial que incorpora características próprias, como o uso de expressões não manuais, elementos corporais e recursos espaciais visuais, tanto em sua gramática quanto em sua pragmática. A Língua de Sinais possui uma estrutura tridimensional na sinalização, o que a diferencia das línguas orais.

Nessa modalidade, o significado não está atrelado a uma forma única, mas se manifesta por meio de múltiplas combinações entre sinais manuais, expressões faciais e corporais, e pelo uso do espaço visual e do direcionamento do olhar, conforme apontam Emmorey e Lucas (2002). A pragmática nas línguas de sinais está relacionada ao discurso do sujeito surdo, à enunciação e à ênfase visual nos sinais. O corpo atua como instrumento expressivo no processo comunicativo multidimensional.

Segundo Emmorey (2001, 2002), a sinalização se apoia em expressões apontativas, como o mapeamento espacial e o uso anafórico, que variam conforme o contexto do enunciado. A dêixis espacial visual ocorre por meio de expressões não manuais, do espaço visual e da articulação-boca, elementos que colaboram para a construção de sentidos na conversação, nas estratégias de referenciação e na expressividade do discurso visual.

A pessoa surda apresenta características específicas na forma de sinalizar, que envolvem escolhas lexicais, variações entonacionais e adaptação ao conforto linguístico, de acordo com o interlocutor. A interpretação do discurso se constrói a partir da ação visualizante do sujeito surdo, da coesão referencial, da corporeidade, representando assim, fundamentos da pragmática visual. O contato visual “olho a olho” é essencial na sinalização, como aponta Reichert (2015), que ressalta a gramática visual própria dos surdos no uso discursivo da língua.

No contexto brasileiro, a Língua de Sinais utilizada pelos surdos é a Libras, que como já foi citado anteriormente, apresenta uma organização espacial tridimensional. Sua estrutura permite representar relações temporais, espaciais e narrativas com base em recursos visuais, expressos pelo corpo do sinalizante e por sua performance visual, constituindo elementos

essenciais da pragmática sinalizada (Brentari, 1998; Lillo-Martin, 2006; Sandler, 2012; Reichert, 2015).

Uma estratégia pragmática recorrente é o uso do espaço visual como dêixis, aspecto que será aprofundado nesta pesquisa por meio da análise da anáfora em relação à pragmática. Essa análise considera o uso contextual da sinalização, que varia conforme a situação comunicativa e o tema abordado. O sinalizador recorre a referências espaciais ao apontar para elementos do discurso e ampliar o uso do espaço visual, inclusive no espaço neutro, empregando recursos como o destaque do sinal e a topicalização, características próprias da Língua de Sinais durante a interação.

Esses apontamentos são acompanhados por marcadores não manuais, que expressam atitude, modalização e ênfase, compondo a prosódia visual do discurso. Nesse contexto, a articulação-boca contribui para a diversificação dos sentidos, de acordo com a situação comunicativa (Sandler, 2012; Pêgo, 2021), evidenciando sua importância na construção do significado. Essas especificidades da pragmática da Língua de Sinais não podem ser traduzidas a partir dos modelos construídos para as línguas vocais. É necessário analisá-las segundo a lógica própria das línguas sinalizadas, sobretudo no que se refere às implicaturas visuais.

A presente pesquisa assume esse desafio ao propor uma análise pragmática da Libras, centrada nas experiências de sujeitos surdos no Brasil. O foco recai sobre interações reais de sinalização, especialmente nos gêneros digitais produzidos por jovens e adultos tecno-surdos. Assim, busca-se compreender como os sentidos são construídos a partir de interações visuais e do uso espacial da sinalização em ambientes digitais.

A existência pragmática do pesquisador surdo, denominada “radar” surdo, desempenha um papel central no processo análise. Esse mecanismo auxilia na captação visual e na interpretação dos vídeos de surdos durante a sinalização, conforme Castro (2019)¹⁴:

Figura 4: “Radar” surdo

Code Qr	
---------	--

¹⁴ Utilizamos como referência Pimenta Castro (2019), ainda que, no vídeo de sua tese, o autor pareça estar parafraseando Betts (2007), algo inferimos pelo fato de a sua direita, haver a figura de um esquema do autor estrangeiro.



Fonte: Gravura por Castro (2019).

De acordo com o autor que descreve as características de pesquisas na área, será adotada nesta investigação uma abordagem voltada à descrição visual, com ênfase na inferência e na implicatura visual. Essa abordagem destaca o papel do contexto no momento da sinalização, especialmente quando a prosódia visual emerge de forma espontânea entre tecnosurdos, conforme a contextualização e a gramática visual.

A análise considerará o conjunto de aspectos estruturais da Língua de Sinais, como expressões faciais, corporais, articulação-boca e uso performático, que intensificam a descrição imagética e incorporam a corporalidade como elemento essencial da comunicação em Libras. Também serão observados os ritmos da sinalização, o uso da datilologia e/ou de sinais específicos como elementos prosódicos fundamentais para garantir conforto visual ao interlocutor.

¹⁵ Tradução nossa “O autor que analisa a gravação adota uma perspectiva que permite captar aspectos espaciais e perceptivos do registro visual. A câmera, ao capturar a imagem por meio de sua lente, pode ser comparada à percepção do indivíduo surdo, cuja experiência visual funciona como uma lente natural. Essa percepção ampliada possibilita a aquisição de informações visuais de forma mais abrangente, registrando detalhes técnicos do tempo e do espaço. Assim, a memória fotográfica do indivíduo surdo opera como uma lente visual, armazenando cenas com precisão, semelhante ao conceito de uma lente acústica adaptada à visão” (00:01-00:06). [...] A comunicação deve possuir qualidade, o que significa garantir clareza e eficácia em qualquer contexto, especialmente para o povo surdo. Os surdos, como visualizantes, adquirem informações visuais da mesma forma que os ouvintes percebem o som pelo canal auditivo. Assim, o contato contínuo com a Língua de Sinais permite o desenvolvimento da fluência por meio da absorção de aspectos visuais. A sinalização manual é essencial na Língua de Sinais e envolve diversos aspectos:

1. **Estrutura linguística** – A Língua de Sinais possui gramática própria, exigindo conhecimento de sua estrutura e uso adequado por parte do sinalizante.
 2. **Expressão facial e corporal** – O domínio da expressão facial, incluindo movimentos das sobrancelhas e do tronco, é fundamental para a clareza da comunicação entre os sinalizantes.
 3. **Uso de classificadores** – A descrição imagética, o controle do espaço e a movimentação corporal são elementos essenciais para a construção do significado na comunicação visualizante.
 4. **Articulação-boca** – O uso da articulação-boca na sinalização contribui para a variação de significados dentro do contexto comunicativo, ampliando a expressividade do sinalizante.
 5. **Ritmo da sinalização** – A fluência na Língua de Sinais envolve variações rítmicas, como sinalização ágil, moderada ou lenta, afetando a vissinalização e a prosódia visual dos sinalizantes.
- O domínio desses elementos assegura a clareza e a eficácia da comunicação entre os visualizantes e sinalizantes, promovendo uma interação fluida e compreensível dentro do povo surdo (00:06-01:39).

Além disso, será dada atenção às inferências sutis, marcadas por expressões não-manuais, articulação-boca, direcionamento do olhar e variações rítmicas. Esses recursos ampliam a gramática visual e contribuem para a construção de sentidos no uso cotidiano da Língua de Sinais por tecno-surdos, articulando cognição, contexto e naturalidade na comunicação sinalizada. Essa abordagem estabelece uma relação direcionada entre os aspectos culturais e a instrução na sinalização, de forma espontânea, conforme o uso em contexto, como afirmam Cezário e Votre (2008, p. 141):

[...] as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social, e portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto social, da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação (Cezário; Votre, 2008, p. 141).

A importância está em evidenciar a produção linguística por meio de aspectos visuais, que funcionam como equivalentes às propriedades acústicas da língua falada. Trata-se de uma forma de expressão que envolve a convivência, o uso da sinalização e os elementos culturais do povo surdo, permitindo a construção de uma forma visual de interpretação. Essa sinalização é utilizada de maneira autônoma, de acordo com o contexto comunicativo e que evidencia o contexto dentro da pragmática geral, conforme aponta Segundo Morris (1985, p. 66, tradução minha) “por pragmática designa-se a ciência da relação dos signos aos seus intérpretes”¹⁶.

Ferreira Brito (1995) iniciou os estudos sobre pragmática na Língua de Sinais Brasileira, abordando a polidez presente nessa língua com base nos estudos norte-americanos de Ervin-Tripp (1981), cujo modelo de análise tem influência da cultura estadunidense. Esta última autora citada, por sua vez, publicou suas pesquisas entre as décadas de 1980 e 1990, em um contexto distinto do atual, ainda influenciada por uma abordagem formalista da linguagem, período em que o protagonismo de pesquisadores surdos no Brasil era praticamente inexistente. Dessa forma, considera-se relevante uma análise crítica de seu trabalho, à luz das perspectivas linguísticas contemporâneas, a fim de promover avanços científicos na área. Com isso, conforme afirmado na justificativa, identifica-se a escassez de pesquisas brasileiras que abordem as línguas sinalizadas com enfoque na Pragmática, e as suas equivalências ao dialeto falado como forma do linguajar humano e seu contato quanto às nuances entre surdos.

Nesta tese, a pesquisa sobre a pragmática na Libras é de suma importância, pois constitui um componente essencial da sinalidade. Essencial à comunicação dos surdos, segundo

¹⁶ “Por ‘Pragmática’ se entiende la ciencia de la relación de los signos con sus intérpretes” (Morris, 1985, p. 66).

Mindess (2006, p. 151, tradução minha) a sinalidade¹⁷ é “um dos princípios mais básicos da cultura surda: a primazia das interações face a face”¹⁸. Essa afirmação em relação a comunidade surda demonstra que a absorção de conhecimentos é bastante intensa em acessos nas redes sociais, por exemplo, *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram*, videoconferências com chamadas de vídeos, isto é, conexões com contato visual, dentre outros. Logo, esses acessos são tidos como as principais experiências visuais utilizadas pelo povo surdo.

Desse modo, as relações entre língua, cultura, classes sociais e outras línguas que estão sendo usadas pelos povos surdos, são importantes demais para serem desconsideradas no estudo de qualquer língua. A língua, como compreendida pela Teoria Funcionalista é, sem dúvida, o eixo da cognição humana. Considerando-se isso, busca-se nesta pesquisa enxergar a linguagem humana com esse olhar mais abrangente e mais próximo da realidade. Segundo Benveniste (1989, p. 63), “[...] somente a língua torna possível a sociedade. A língua constitui o que mantém juntos os homens o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade”. Ou seja, a língua faz aflorar a significativa gama de trejeitos explorados na comunicação do povo surdo; e assim a fluidez da comunicação torna-se, portanto, complementar numa perfeita iconicidade, com a função de pormenorizar o que está implícito na comunicação.

Especificamente sobre o tema aqui desenvolvido, algumas pesquisas no âmbito nacional, que têm como foco a gramática da Libras, são relevantes para serem citadas. A primeira é a tese de Leite (2008), que registrou conversações espontâneas entre surdos, apresentando critérios de análise de unidades gramaticais, baseada no uso e suas relações com a língua, cognição e interação, onde discute a prosódia na Libras em sua produção manual e não manual.

A segunda pesquisa é a dissertação de Silva (2013), que focou em investigar o grau de formalidade em Língua de Sinais no Brasil. Como principal foco, analisou uma gravação em formato monológico, observando o uso formal da Língua de Sinais. Pretendeu-se, naquela pesquisa, ater-se ao uso tecno-surdo como expressão natural nas redes sociais *Youtube* e *Instagram*, tanto na forma de expressão monológica quanto no contexto dialógico, com o objetivo de analisar as categorias pragmáticas no contexto da Língua de Sinais, a função da

¹⁷ Utilizo o termo “sinalidade” como equivalente da cultura surda ao termo “oralidade” da cultura ouvinte (Reichert, 2015).

¹⁸ “[...] *one of the most basic tenets of Deaf culture: the primacy of face-to-face interactions*” (Mindess, 2006, p. 151).

prosódia visual em Libras e a comparação do discurso na Língua de Sinais com foco no tecnosurdo sinalizando em Libras.

O modelo de sinalização possui um registro próprio, que pode ser classificado como formal ou informal. Na ASL, esse modelo foi proposto por Simon e Gallimore (1997), com foco nos processos linguísticos da Língua de Sinais. Contudo, no caso específico da minha pesquisa, que se concentra na prosódia visual, não é adotado esse modelo, pois refere-se a uma abordagem que parte de uma perspectiva estruturalista voltada exclusivamente para aspectos como fonologia, morfologia, sintaxe ou semântica na formação do sinal. A prosódia visual envolve um conjunto articulado de elementos de diferentes níveis linguísticos em expressões faciais, corporais, manuais e a articulação-boca em múltiplas camadas simultâneas.

A metodologia que sustenta esta pesquisa está ancorada em autores como Zimmer (1989), Leite (2008), Sandler (2012) e Castro (2019), que abordam a prosódia na Língua de Sinais considerando seus aspectos multimodais e funcionais. Esses referenciais teóricos permitem compreender a sinalização não apenas como estrutura, mas como prática discursiva situada, incorporando ritmo, entoação, marcadores discursivos e nuances comunicativas. Por isso, é aqui apresentado o Quadro 1, traduzido de Simon e Gallimore (1997), apenas como uma referência para pesquisadores que optem por investigar a Língua de Sinais a partir de uma perspectiva estrutural, em que os registros formais e informais possam ser mais facilmente identificados. No contexto dessa pesquisa, essa categorização não se aplica diretamente à abordagem adotada.

Conforme apresentado no Quadro abaixo, esta investigação analisa categorias relacionadas à produção, fonologia e morfologia em línguas de sinais, discutidas por diferentes autores. No entanto, optei por adaptar alguns termos para melhor alinhá-los ao enfoque desta pesquisa. A categoria tradicionalmente denominada produção é aqui tratada como sinalização, pois esse termo evidencia o processo discursivo e enunciativo envolvido no uso da Língua de Sinais em contextos comunicativos. Já a categoria fonologia é adaptada para sigmanulogia, de modo a aprofundar a análise da configuração dos parâmetros manuais do sinal, ressaltando a especificidade visuoespacial da Língua de Sinais, conforme indicado no Quadro a seguir.

Quadro 1: Características de Sinalização, Sigmanulogia, Morfologia, Sintaxe e Semântica da Língua de Sinais modelo por Simon e Gallimore (1997)

NÍVEL DE ANÁLISE	CRITÉRIO	FORMAL	INFORMAL
	1. Ritmo/Velocidade	Sinalização mais devagar	Sinalização menos devagar
	2. Tamanho do Sinal	Exposta do sinal maior	Exposta do sinal menor
	3. Prosódia do sinal	Prosódia mais articulação	Prosódia menos articulação

Sinalização ¹⁹	4. Movimento Corporal	Reduzido menos movimento	Não reduzido mais movimento
Sigmanulogia ²⁰	5. Parâmetros do Sinal	Parâmetros convencional	Parâmetros flexível
	6. Número de mãos em sinalização	Uso com duas mãos com maior quantidade de sinalização.	Uso com uma mão somente para maior quantidade de sinalização
Morfologia	7. Descrição imagética	Sinalização com uso menor frequência	Sinalização uso maior frequência
	8. Aspecto temporal	Sinalização com uso menor frequência/duração	Sinalização com uso maior frequência/duração
	9. Sinais não manuais	Precisa juntamente os sinais manuais	Podem ser usados ausência/ omissão dos sinais manuais usado somente não manuais.
	10. Articulação-boca	Precisa juntamente com uso em sinalização com sinais manuais	Pode ser ausência dos sinais manuais/ utilizado somente articulação-boca com significados diversos
Sintaxe	11. Topicalização	Sinalização com uso menor tópico	Sinalização com uso maior tópico
	12. Tipos de Frase	Sinalização com sequência de SVO	Sinalização com flexibilidade de SVO
Semântica	13. Estrutura do sanduíche	Sinalização com uso menor complexo.	Sinalização uso maior complexo
	14. Lexical	Sinalização com uso mais frequência	Sinalização com uso menos frequência

Fonte: Adaptado dos modelos dos registros formais e informais criados por Simon e Gallimore (1997).

As características da formalidade e da informalidade são apresentadas no ponto de vista da ASL por Simon; Gallimore (1997) e da Libras por Silva (2013) que desenvolve uma análise de vídeo de tradução de edital. O modelo de Simon e Gallimore (1997), citado por Silva (2013), apresenta uma nova temática de investigação denominada *articulação-boca*, na qual Pêgo (2021) identificou a importância da adequação comunicativa, enfocando o uso pragmático da Língua de Sinais e suas categorias dentro dos contextos discursivos, sobretudo no que diz respeito à prosódia visual.

O Quadro acima não aborda a área da Pragmática. Quanto à presente pesquisa, a principal motivação para a sua realização é a necessidade de expandir as categorias de pesquisa num estudo sobre Libras, impulsionada pelo crescente interesse no desvendar as nuances desta interessante Língua de Sinais. Além disso, as investigações nesse campo são escassas, como apontado por Quadros (2019):

¹⁹ Adaptação da teoria de produção de Simon e Gallimore (1997) ao campo dos Estudos Surdos, sob a denominação *Sinalização*.

²⁰ Adaptação da teoria fonológica proposta por Simon e Gallimore (1997) para o quadro teórico dos Estudos Surdos, denominada *Sigmanulogia*.

Não há muitos estudos no campo da semântica e da pragmática de Língua de Sinais, talvez porque os estudos dessas línguas sejam muito recentes. No caso do Brasil, a Libras começou a ser estudada na década de 1980. Mesmo assim, já há alguns trabalhos voltados para a semântica e a **pragmática** ao longo desses quase quarenta anos (Quadros, 2019, p. 109-110, grifo meu).

O destaque dado ao termo pragmática, em negrito, evidencia a carência de pesquisas no Brasil voltadas à sua relação com os níveis linguísticos, demonstrando sua relevância para os estudos em Língua de Sinais. Reconhece-se, portanto, a importância de o pesquisador aprofundar-se em três categorias principais: o contexto pragmático, a função da prosódia visual e a relação entre o discurso sinalizado e os recursos prosódicos visuais, com ênfase na vissinalização e na proeminência em Libras.

Ressalta-se, nesse sentido, que é o contexto que atribui significado aos sinais. No âmbito da pragmática, a vissinalização e a proeminência estão diretamente associadas às motivações enunciativas do sinalizante, de modo que as sequências discursivas e suas funções linguísticas, no campo da prosódia visual, compreendem a seleção e a realização dos sinais conforme a intenção comunicativa em Libras.

As informações apresentadas no Quadro 1, de base estruturalista, distingue aspectos formais e informais. No entanto, para os fins desta pesquisa, adota-se uma abordagem funcionalista com base na descrição visual de Castro (2019), considerando o léxico no discurso pragmático dentro da prosódia visual. As categorias apresentadas nesta tese serão analisadas a partir dos fenômenos pragmáticos, relacionando-se às áreas de pesquisa conforme o contexto de uso dos sinais, traçando conexões entre esses contextos e as categorias propostas.

A entonação nas línguas vocais é um aspecto percebido pelos diferentes graus de modulação da voz que se relaciona como prosódia, fonologia, e em como ela é modulada e percebida em suas diferentes nuances melódicas. Da mesma forma, a vissinalização na Língua de Sinais está atrelada a produção da expressão facial e algumas marcas relacionadas a semântica e a pragmática, por isso, compreendendo que há especificidades que são inerentes às Línguas de Sinais, foi cunhado o termo *vissinalização*. A seguir, a descrição etimológica dos conceitos principais da tese:

A) Entonação

1. **Ento** – verbo entoar (do latim intonare)

- In – em, dentro
- Tonare – soar, fazer som, trovejar

Significa “dar som”, “produzir um som”, “soar”

2. Ção

- É usado para forma substantivo de ação ou efeito.
- Significa: ato, ação, processo.

B) Visossinalização (visuo+sinalização)

Sinalização visual. Conceito que define a camada responsável pela modulação visual que organiza significado, intenção e emoção na sinalização.

Propõe-se esse conceito para designar a modulação visual da sinalização em Libras, equivalente funcional da entonação nas línguas orais, abrangendo ajustes de intensidade, velocidade, ritmo, expressões não-manuais, articulação-boca, direcionamento e dinâmica corporal, os quais estruturam o sentido, a intenção comunicativa e os efeitos pragmáticos da sinalização.

C) Entoação

Ento- origem em *entuar*, referente a produzir ou modular sons, elevar a voz.

Ação- indica processo, resultado ou efeito.

Refere-se à modulação sonora responsável por expressar intenção comunicativa, sentimento, tipo de enunciado e grau de engajamento na interação.

D) Visinuação

Vi- elemento formativo relacionado ao visual.

Sin- raiz referente à sinalização.

U- redução de *situação*, indicando circunstância comunicativa.

-ação indica processo, resultado ou efeito.

Corresponde à intenção comunicativa expressa visualmente por meio de sobrancelha, cabeça, olhar, expressões não manuais e corporais, velocidade e intensidade do sinal, pausas rítmicas, articulação-boca, sentimento, tipo de enunciado e engajamento interacional.

Intravissinalização

Intra- = dentro

Vissi- = visual

Sinalização = prática linguística em línguas de sinais

Refere-se ao processo interno de subjetividade surda na modulação visual, manifestado dentro do campo sociocultural surdo, isto é, na mesma modalidade e sob a mesma normatividade visual-surda.

Características principais:

- Sujeitos tecno-surdos
- Produção visual nativa
- Subjetividade surda
- Camadas profundas de modulação visual, vissinalização e proeminência
- Normas de sinalização de surdos para surdos

E) Intervissinalização

Inter- = entre / diferente

Vissi- = visual

Sinalização = prática linguística em línguas de sinais

Corresponde ao processo externo de subjetividade surda em modulações visuais que emergem na interação entre modalidades distintas e subjetividades diferentes, sobretudo em contextos híbridos, mistos e externos ao núcleo da comunidade surda.

Características principais:

- Tecno-sinalização
- Sujeitos ouvintes sinalizantes
- Contextos digitais híbridos
- Influências de outras modalidades comunicacionais

Lidell (1980) iniciou seus estudos no campo da sintaxe focando nos marcadores e nos elementos explícitos da sintaxe e como se desenvolvem semanticamente e pragmaticamente trazendo exemplos da ASL nas perguntas do tipo -WH para o sinal de “WHY” .

Comparando com exemplos da Libras no Brasil com o sinal de “por quê” , no sinal em ASL o sinal de WHY é realizado com o dedo médio com o movimento rápido para baixo e para cima, com a palma da mão na altura da têmpora, sobrancelhas arqueadas e boca com *mouthing* de WHY caracterizando a marcação de pergunta. Já na Libras o sinal de “por que” é realizado também com as sobrancelhas arqueadas a depender do contexto, como um primeiro exemplo

“por que você não foi para a festa?”  com o sentido de confirmar o que aconteceu que te impedir de ir à festa, é um pedido de explicação. Um segundo exemplo é quando o sinal é feito com um movimento mais amplo com a velocidade reduzida na frase “por que você não foi a

festa? a gente havia combinado e você faltou. Por que você não foi a festa?”  . Neste exemplo o arqueamento das sobrancelhas proporciona o sentido de surpresa dada a importância do evento, o interlocutor está pedindo explicação, cobrando satisfação. Um terceiro exemplo é o “por que” que é sinalizado junto com a sobrancelha franzida e a boca fechada e curvada para baixo, cabeça inclinada para trás e movimento curtos e leves para frente e olhos semicerrados no sentido de resposta a pergunta anterior, com o sentido de “por que eu iria?” e “para que ir?”

 . Esses são exemplos de como a expressão facial atrelada a articulação-boca compõe a prosódia visual na Língua de Sinais, podendo alterar o significado. Isso ocorre não apenas com o sinal de “*POR QUE*”, mas em outros sinais como por exemplo “*SE*” (condicional) em diferentes contextos em que as sobrancelhas são realizadas de diferentes formas afetando no significado de acordo com o contexto. Portanto, não apenas a movimentação das sobrancelhas influencia a mudança de significado, mas também a articulação-boca.

Percebemos que, de acordo com o autor Liddel (1980), as expressões faciais nos diferentes pontos de vista da sintaxe e na propagação da informação são abordadas pelo autor, pensando na relação WOU e SE dentro do Brasil, por exemplo a depender de cada localidade a contextualização pode ser diferente.

Através do destaque é possível perceber com clareza as informações do enunciado, e a forma como cada um tem jeito único de sinalizar, e essa característica é própria da proeminência, porque dependendo do contexto algumas marcas se destacam no início, no meio e no final da fala, é possível perceber como essas marcas se dão pela interação, e também através dos estudos pragmáticos, que por sua vez tem o interlocutor que vai contextualizar através da prosódia, que por sua vez traz a marca das informações principais, sendo que não é toda o discurso que está em destaque, somente alguns pontos, a depender do contexto de uso da sinalização.

Para que a conversação entre interlocutores tenha coerência, faz-se necessário a fluidez do tema abordado, e assim, sua principal característica apresentada na proeminência da Libras é a não-convencional. Vale aqui ressaltar a importância de que ambas as pessoas, ao

conversarem, estejam a par do assunto em questão, visto que simulam sinais na intenção das outras pessoas que estão ao redor não entendam a mensagem.

As pesquisas sobre a Língua de Sinais abrangem diferentes aspectos, abordagens críticas e possibilidades investigativas, com categorias formuladas pelo próprio autor, especialmente, no que se refere à pragmática das línguas de sinais em sua relação com a cultura surda. Esses estudos se articulam a múltiplos eixos vinculados às epistemologias surdas, aos contextos vivenciados pelo povo surdo e às suas correlações com a comunidade surda em geral.

Dando continuidade, buscou-se identificar a existência de pesquisas acadêmicas que abordem a pragmática da Língua de Sinais no contexto brasileiro. Para isso, foi realizado um levantamento no acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), por meio do qual foram localizadas dissertações e teses que tratam da temática em diferentes abordagens e instituições. Esse mapeamento permitiu visibilizar a consolidação e o crescimento do interesse científico pela pragmática em Língua de Sinais no Brasil.

Quadro 2: Dissertações e teses relacionadas à pragmática da Libras

Autor	Título	Ano de publicação	Link
Finau, Rossana Aparecida (Tese)	Os sinais de tempo e aspecto na Libras	2004	https://hdl.handle.net/1884/27868
Silva, Isaack Saymon Alves Feitoza Silva (Dissertação)	Gíria em Língua de Sinais brasileira (LSB): processo e interpretação	2015	https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/158399
Jeremias, Daiana do Amaral (Tese)	Iconicidade nas sentenças topicalizadas da Libras: uma motivação semântica e pragmática	2020	https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216338
Reis, Elizabeth Martins dos (Dissertação)	Tradutor e intérprete de Língua de Sinais (TILS): compreensão semântico-pragmática de terminologias jurídicas	2022	http://repositorio.ufes.br/handle/10/16481

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A primeira autora, Finau (2004), aborda a distinção temporal na Libras, focando no uso de advérbios temporais e na descrição da Língua de Sinais. A seguir, exemplos provenientes da pesquisa dela:

Quadro 3: Exemplo de distinção temporal na Libras – Finau (2004):

DEPOIS IDADE MAIS TRABALHAR PRONTO, MUDAR CURITIBA, ENCONTRAR MARCOS... (RO, E.avi) ²¹
"Quando cheguei à idade para trabalhar, mudei para Curitiba e encontrei o Marcos..."
3SNAM0RAR, 3SC0NVERSAR, FUTURO 3SCASAR (LE, B.avi)

²¹ Esse exemplo foi retirado de Finau (2004).

"Namoraram, conversaram e no futuro se casaram..."
--

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

A autora analisou a restrição do uso dos verbos temporais nos eventos é evidente no contexto, considerando as características e valores desses aspectos. O verbo “mudar” expressa a sinalização de uma mudança recém-ocorrida para outro destino. Já o verbo “encontrar” indica uma sinalização previamente marcada para um encontro, com sentido inserido no contexto. Na segunda frase, a sinalização temporal é implícita, tornando o uso do discurso mais direto e claro em relação ao tema da conversação no contexto do sinalizante, diferentes situações discursivas e explorou as implicaturas conversacionais, com base nos autores Roberts (1995) e Levinson (2000). Sua pesquisa também relaciona a semântica à estrutura linguística específica da Libras no contexto temporal e de sua ocorrência pragmática.

O segundo autor, Silva (2015), trata do uso de gírias na Libras, abordando a gramática e o léxico em diferentes contextos, tanto internos quanto externos, com foco na pragmática das gírias usadas pelo grupo de surdos em Natal, Rio Grande do Norte. Já Amaral (2020) explora a topicalização na Libras, relacionando semântica e pragmática, dependendo do sinal e do contexto e sua pesquisa segue a teoria funcional cognitiva da comunicação dos surdos, concentrando-se mais na semântica do que na pragmática, com foco na construção do tópico e na proeminência dos objetos na sinalização, especialmente, em contextos temporais da Libras.

Reis (2022) aborda a tradução e interpretação da Língua de Sinais com foco na relação semântica-pragmática, especialmente em terminologias jurídicas. Ela utiliza uma metodologia fundamentada na Linguística Cognitiva para explicar a interpretação simultânea no contexto jurídico, buscando esclarecer as terminologias dessa área.

Em resumo, os autores mencionados focam mais na semântica, com poucos estudos aprofundando-se exclusivamente na pragmática da Libras. Isso destaca a necessidade de mais pesquisas sobre a pragmática da Língua de Sinais, especialmente conduzidas por autores e pesquisadores surdos, para trazer uma perspectiva mais detalhada e subjetiva, e compreender melhor o uso pragmático e gramatical da Libras no contexto natural da Língua de Sinais.

Foi pesquisada a existência de produções, como artigos, livros e materiais redes sociais tecno-surdo e tecno-sinalizado, que abordam a “pragmática da Língua de Sinais” em diferentes contextos, publicadas na área de Linguística. Inicialmente, os dados foram coletados por meio da exploração de artigos em diferentes bases de dados de periódicos, livros e redes sociais relacionados à pragmática da Libras. As produções encontradas estão listadas no Quadro abaixo:

Quadro 4: Levantamento de áreas de estudo sobre surdos na pragmática, incluindo publicações em artigos, livros e redes sociais. (2024)

Autor	Título	Tipo de publicação	Ano de publicação	Link
Lucinda Ferreira	Por uma gramática de Língua de Sinais	Livro	1995	-
Ronice Quadros e Lodenir Karnopp	Língua de Sinais Brasileira Estudos Linguísticos	Livro	2004	-
Ronice Quadros	Libras	Livro	2019	-
Ronice Quadros, Jair Barbosa da Silva, Miriam Royer e Vinícius Rodrigues da Silva	Gramática da Libras	E-Book	2023	https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/publicacoes-1/todas-as-publicacoes/gramatica-da-Libras-volume-1
Charley Soares	Semântica e Pragmática da Libras	Youtube	2020	https://www.Youtube.com/watch?v=tJanmUSnRG0
Sandra Patrícia	Regularidades e irregularidades no âmbito da realização e da significação: um olhar pragmático sobre a Libras	Youtube	2020	https://www.Youtube.com/watch?v=ndcgMw-zIzQ
Ronice Quadros	4 Níveis da Linguística: Semântica, Pragmática e Discurso	Youtube	2021	https://www.Youtube.com/watch?v=00Opx6xwGV8&t=917s

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Foi pesquisada a existência de produções, como artigos, livros e materiais redes sociais tecno-surdo e tecno-sinalizado, que abordam a “pragmática da Língua de Sinais” em diferentes contextos internacionais. Inicialmente, os dados foram coletados por meio da exploração de artigos, livros e redes sociais relacionados à pragmática da Língua de Sinais Internacional. Os dados foram coletados manualmente por meio de buscas diretas em sites, livros e redes sociais relacionados à pragmática da Libras. As produções encontradas relação a perspectiva apresentando que aborda pragmática internacional relaciona na Língua de Sinais estão listadas na tabela abaixo:

Quadro 5: Levantamento de estudos realizados na área da pragmática, com ênfase em publicações em livros (2024)

Citação	Autor/Ano
Argumentos têm sido apresentados de que a ASL é tipologicamente uma língua SVO, que diferentes ordens de palavras refletem funções sintáticas e pragmáticas e que tais mudanças na ordem das palavras são marcadas prosodicamente (Aarons	Ronnie Wilbur (1995, p.89-100)

et al 1992; Fischer 1975, 1990; Liddell 1978; Petronio 1991, 1992; Romano 1991; Wilbur 1991, 1994a). O papel da marcação morfológica também foi reconhecido (Kegl 1976) [...] A presença da preposição é principalmente uma questão pragmática , ocorrendo em situações em que os contextos apropriados para a inversão são atendidos (Ball 1991, Birner 1992, 1994, Birner e Ward 1993, Coopmans 1989, Ward 1988, Ward e Birner 1994) Na ASL, a pré-posição faz parte de uma conspiração sintático-prosódica-pragmática para colocar as informações focadas na posição final com ênfase e, portanto, é necessária como consequência da ausência de mudança de ênfase (Wilbur 1994a, c, 1995a). Em outras palavras, a ausência de mudança de ênfase no componente prosódico requer a ajuda do componente sintático para atingir os objetivos pragmático-informativos desejados. ²²	
A inferência pragmática motiva claramente a extensão da partida ou movimento em direção a um local para o futuro: se alguém sai de um lugar em direção a um segundo lugar, ele ou ela naturalmente chegará ao segundo local no futuro. ²³	Sherman Wilcox, Paolo Rossini and Elena Antinoro Pizzuto (2010, p. 335)
Além dessa função fonológica, outra função importante das inclinações corporais reside em marcar distinções pragmáticas. Nesse uso, as inclinações interagem com a noção discursiva de foco. ²⁴	Roland Pfau & Josep Quer (2010, 394-395)
Por fim, características pragmáticas como a ênfase podem ajudar a explicar a variação observada. ²⁵	Ceil Lucas e Bayley (2010, p. 459)

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Concluído o levantamento na BDTD, passa-se agora à busca por pesquisas internacionais relacionadas à pragmática da Língua de Sinais. Observa-se que, embora muitos estudos abordem o uso da língua em diferentes contextos comunicativos, poucos se concentram especificamente nos níveis da pragmática enquanto campo teórico e analítico. A maioria dos trabalhos encontrados prioriza abordagens mais tradicionais da linguística, com foco nos níveis fonológico, morfológico e sintático. A área da semântica já apresenta uma produção reduzida, e, no caso da pragmática, a escassez é ainda mais evidente.

Essa constatação reforça a relevância de ampliar os estudos voltados à pragmática da Língua de Sinais, especialmente em dimensões que considerem o sujeito surdo, os marcadores

²² Texto original: Arguments have been offered that ASL is typologically an SVO language, that different word orders reflect both syntactic and pragmatic functions, and that such word order changes are marked prosodically (Aarons *et al* 1992; Fischer 1975, 1990; Liddell 1978; Petronio 1991, 1992; Romano 1991; Wilbur 1991, 1994a) The role of morphological marking has also been recognized (Kegl 1976). [...] the presence of preposing is primarily a pragmatic issue, occurring in situations in which the appropriate contexts for inversion are met (Ball 1991, Birner 1992, 1994, Birner and Ward 1993, Coopmans 1989, Ward 1988, Ward and Birner 1994) in ASL, preposing is part of syntactic-prosodic-pragmatic conspiracy to put focused information in final position with stress and is therefore required as a consequence of the absence of stress shift (Wilbur 1994a, c, 1995a). Put another way, the absence of stress shift in the prosodic component requires assistance from the syntactic component to achieve desired pragmatic-informational goals.

²³ Texto original: Pragmatic inferencing clearly motivates the extension from departure or movement toward a location to future: if one leaves a place toward a second place, he or she will naturally arrive at the second location in the future.

²⁴ Texto original: Besides this phonological function, another important function of body leans lies in marking pragmatic distinctions. In this use, leans interact with the discourse notion of focus.

²⁵ Texto original: Finally, pragmatic features such as emphasis may help explain the variation observed.

visuais da enunciação e os aspectos contextuais e culturais próprios da experiência linguística surda. A seguir, é apresentado alguns conceitos importantes para o presente estudo:

1 - Pragmática Sociolinguística Surda: Refere-se ao estudo do uso da linguagem em diferentes contextos sociais dentro do povo surdo e sua comunidade surda. Essa abordagem está inserida no campo da **Sociolinguística Surda**, conforme discutido por autores como Ceil Lucas (1989,2003,2007), Ceil Lucas e Bayley (2007), Ceil Lucas, Robert Bayley e Clayton Valli (2003). Os estudos abrangem variáveis como gênero (homem e mulher), faixa etária (crianças, jovens, adultos e idosos surdos), situação socioeconômica (pessoas de classes sociais distintas) e raça (brancos, negros, pardos, indígenas, entre outros). Também considera a convivência e experiência cotidiana, influências escolares e contextos familiares, como famílias DODA (*Deaf of Deaf Adults*), CODA (*Children of Deaf Adults*) e pais ouvintes com filhos surdos. O status linguístico envolve a relação entre o uso da Libras como primeira língua e o português como segunda língua (escrita), além de outras variações como surdos oralizados, implantados, híbridos e bilíngues.

2 - Pragmática intercultural Língua de Sinais: Refere-se ao estudo das interações entre diferentes comunidades e culturas surdas, considerando tanto a comunicação em Língua de Sinais quanto os aspectos visuais não verbais presentes no encontro linguístico. Essa área está relacionada ao campo da Interculturalidade e também à Interpretação da Língua de Sinais, conforme discutem Quinto-Pozos (2007) e Nicodemus (2009). Um exemplo ocorre quando um surdo americano e um surdo brasileiro interagem, podendo recorrer à ASL, à Libras ou à Língua IntSL, especialmente em eventos formais, como conferências. Já em situações informais, podem surgir variações regionais, diferenças expressivas e ambiguidades, exigindo negociação de sentidos, ajuste prosódico e estratégias de adaptação. Dentro dessa perspectiva, a performática também aparece como elemento importante. Tanto surdos quanto ouvintes, ao interagir em contextos interculturais, fazem uso de gestos, incorporação corporal, expressões faciais, direcionamento do olhar e uso do espaço como forma de construir sentido e garantir compreensão. No caso dos ouvintes, tais recursos funcionam como ponte comunicativa, permitindo que a interação visual aconteça mesmo quando não há domínio completo da língua de sinais.

Assim, a performática é entendida como gestualidade + corporeidade + ritmo + visualidade, que faz parte do processo intercultural, pois é por meio dela que os sujeitos negociam sentidos, ajustam o discurso ao interlocutor e constroem uma comunicação visual

compartilhada. Isso se torna uma temática possível de pesquisa para compreender como o corpo, a incorporação e o gesto se articulam na prática intercultural em língua de sinais.

3 - Pragmática de conversação na Língua de Sinais: Observa-se que o uso do léxico na Língua de Sinais varia de acordo com o contexto da conversação, apresentando formas diferenciadas de sinalização. Isso demonstra a adequação dos significantes na expressão dos significados, evidenciando a riqueza e a flexibilidade da língua. A seguir, apresenta-se um exemplo elaborado por Twilhar e Bogaerde (2016, p. 46):

Língua de Sinais dos Países Baixos (NGT)

(1) verbo	substantivo
Carregar	Bolsa
Empurrar	Empurrar
Sentar	Cadeira

O uso do verbo em relação ao substantivo pode variar conforme o tema abordado. Em Língua de Sinais, muitas vezes o mesmo sinal é utilizado, mas seu significado depende do contexto da enunciação. Por exemplo, na sentença sinalizada “você vai sentar aí na cadeira”, os sinais para “sentar” e “cadeira” compartilham um escopo comum de expressão mental. Dependendo do contexto conversacional, a sinalização pode apresentar ambiguidade, sendo influenciada pelo tema e pelo assunto tratado. Assim, mesmo utilizando o mesmo sinal, a interpretação pode variar conforme a construção contextual da Língua de Sinais.

Outro aspecto importante é que, na enunciação, a pessoa pode expressar diferentes sentidos, como o ato de pedir, exigir, entre outros. Isso evidencia uma comparação com exemplos da NGT, em que tais ocorrências fazem parte dos atos sinalizados, como podemos visualizar abaixo, com base em Twilhar e Bogaerde (2016, p. 155).

NGT	Língua de Sinais alemã (DGS)
(1) _____	dúvida + y/n
1 - Exemplo Língua de Sinais: INDEX2 NOVO ESTILO DE CABELO LIKE	
Tradução: “Você gosta do seu novo estilo de cabelo?”	
(2) _____	irritado
2 - Exemplo Língua de Sinais: LATA DE LIXO PAVIMENTO ESTAR PRESENTE	
Tradução: “A lata de lixo ainda está na calçada”	
(3) _____	irônico
3 - Exemplo Língua de Sinais: ESTA MANHÃ RODOVIA AGRADÁVEL E FÁCIL	
Tradução: “Foi fácil andar na rodovia esta manhã”	

1 – O primeiro exemplo mostra que, na enunciação, pode ocorrer uma locução que sugere uma suposição: a pessoa possivelmente não gostou do novo cabelo ou penteado. Esse ato sinalizado configura-se como uma ilocução, em que a interferência afeta a situação por meio de expressões não manuais que transmitem o sentido de “dúvida”, indicando incerteza sobre ter ficado bom ou não. Isso se manifesta com movimentos da cabeça, articulação negativa da boca e expressões faciais específicas;

2 – No segundo exemplo, o ato de sinalização pode representar um pedido ou ordem no momento da enunciação, como quando alguém solicita que outro pegue um objeto. Essa construção, no entanto, não possui o mesmo sentido de suposição observado na primeira frase;

3 – Já o terceiro exemplo pode ser interpretado de forma irônica, dependendo da leitura visual de quem observa. A sutileza da expressão pode revelar uma tentativa de transmitir um elogio forçado ou um comentário com tom ambíguo, seja positivo ou não. Nesse caso, a ambiguidade está presente e pode sugerir ironia ou sinceridade, dependendo do contexto.

A seguir, serão apresentados os exemplos 4 e 5 em NGT, segundo Twilhar e Bogaerde, (2016, p. 156):

Língua de Sinais dos Países Baixos (NGT)

Exemplo Língua de Sinais: (4) INDEX1 NÃO PODE PORQUE ESTÁ DOENTE

Tradução: “A cannot because I am ill” (Não posso porque estou doente)

Ele também poderia responder indiretamente:

Exemplo Língua de Sinais: (5) ÍNDEX DOENTE

Tradução: “Eu estou doente”

Os exemplos 4 e 5 citados anteriormente refletem diretamente a intenção do sinalizante. No quarto exemplo, uma pessoa procura outra e confirma que ela realmente está doente. Em seguida, questiona se essa pessoa irá ou não jogar futebol. A resposta é clara, curta e direta: ela não irá jogar porque está doente. A outra pessoa, ao visualizar a sinalização, compreende imediatamente o motivo da ausência, a doença, e entende o contexto da conversa com base na relação entre os sinais e o tema abordado.

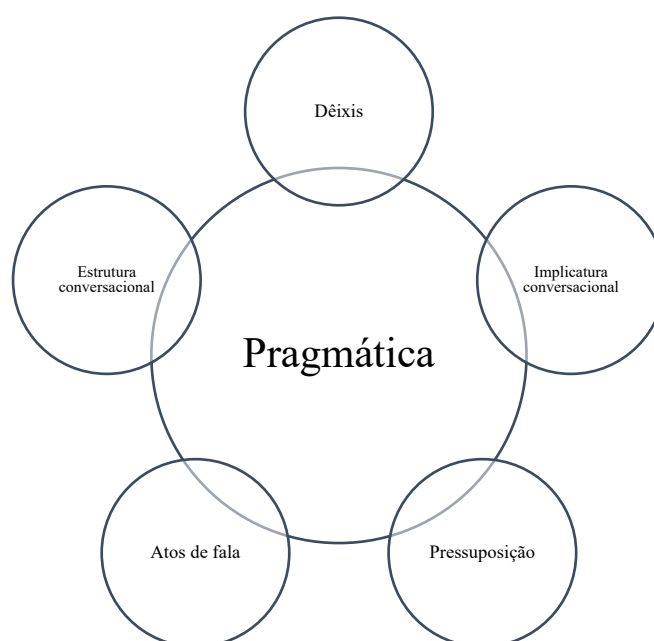
4 - Pragmática da cortesia cultural dos surdos: Estuda a expressão de cortesia e respeito nas interações sociais, particularmente na cultura surda. Conforme Ferreira-Britto (1995), que aborda as regras de polidez do povo surdo e Baker-Bogarde (2012), que abordam adequação pragmática e influencia status cultural do surdo, a cultura surda possui suas próprias características de cortesia, como a apresentação do nome-sinal, um elemento cultural importante nas interações formais e informais. Por exemplo, em palestra (modalidade digital)

ou apresentações, é comum iniciar com o nome-sinal e uma saudação respeitosa, facilitando a identificação rápida e atenciosa entre os participantes.

Nesse sentido, essas quatro linhas de pesquisa partem de pressupostos críticos relacionados a diferentes eixos da pragmática visual. Na área em que esta pesquisa se insere, com foco em correlações pragmáticas, o estudo concentrar-se-á na pragmática sociolinguística e na pragmática da conversação, considerando variáveis como os gêneros discursivos, as faixas etárias e o status linguístico no contexto da prosódia visual em interações de pessoas tecno-surdas.

A depender do local e da forma de sinalização, serão identificados os diferentes usos da prosódia visual em contextos diversos, com ênfase na vissinalização e na proeminência, analisando como os sinais no léxico influenciam o uso discursivo-pragmático. Os dados serão extraídos de três gêneros de situações conversacionais entre pessoas surdas, com recortes em duas faixas etárias distintas para fins de análise. A seguir, são apresentados estudos da área da Pragmática que, de acordo com Levinson (2020), apresenta cinco temas:

Figura 5: Adaptados de tipologia as pesquisas do autor Levinson (2020)



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Cada um desses tem uma teoria com diversos autores que apresentam perspectivas diferentes dentro do campo pragmático. A **dêixis** é o principal campo de estudo sobre o uso do apontamento. Em diversos contextos, são apresentados estudos gramaticais sobre pronomes,

pronomes demonstrativos e também sobre o uso da primeira e segunda pessoa nos enunciados, ou até mesmo em eventos de fala, como a percepção do lugar ou o uso do apontamento. Existem vários tipos de dêixis: pessoal, temporal, espacial, discursiva e social.

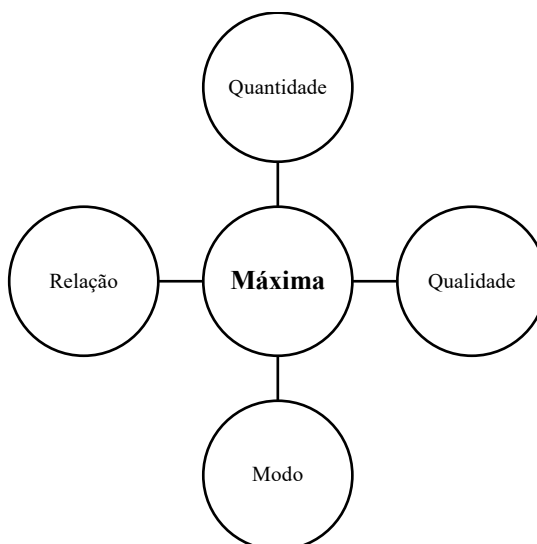
O estudo também mostra especificamente sobre o contexto de uso de gestos e também vários outros autores complementam essa abordagem. Tem categorias focadas no estudo das dêixis e também nas experiências de vida que complementam as relações dos usuários de Línguas de Sinais específicos de cada localidade, das interações espaciais face a face.

A **implicatura conversacional**, idealizada no âmbito da pesquisa em pragmática, fundamenta-se no conceito de ‘implicatura’. Esse conceito apresenta duas formas de explicação: a primeira, de natureza funcional, refere-se aos fatos linguísticos em contextos reais; a segunda, sob outra perspectiva, trata do ‘dito’, que expressa o sentido convencional, o que se quer dizer de forma literal. Essa abordagem trabalha a natureza da inferência pragmática, que organiza o uso da língua no contexto.

Segundo Grice (1967), a **Teoria da Implicatura** mostra como o contexto é interpretado e expressa de que forma o receptor assimila a informação por meio dos enunciados. O autor destaca o conceito de princípio da cooperação, que se refere ao modo como locutores e interlocutores conduzem a conversação. Grice, ao explorar as regras lógicas da conversação, introduziu o conceito de Máximas, que são quatro, e vou exemplificar os detalhes a seguir.

Dessa maneira, a proposta da Implicatura ressalta o que é essencial, com foco na teoria de como as pessoas se expressam linguisticamente, seja em português ou em Libras, dependendo do objetivo do interlocutor. Este, por sua vez, apresenta as quatro máximas básicas da conversação, sendo elas:

Figura 6: Modelo de implicatura conversacional – máximas do Grice



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

- **Quantidade:** A contribuição deve ser informativa e pertinente à conversação, evitando informações desnecessárias ou excessivas. Refere-se ao fornecimento de informações de forma resumida e precisa, pois, por vezes, alguns aspectos podem ser omitidos ou não suficientemente detalhados;
- **Qualidade:** Não faça afirmações que você acredita serem falsas ou inadequadas à conversa. Está relacionada à veracidade das informações apresentadas, ou seja, é essencial expor os fatos de maneira clara e objetiva, sem omitir ou distorcer a verdade;
- **Relação:** A conversa deve ser relevante para o contexto. Implica que os interlocutores mantenham uma coerência no diálogo, especialmente em casos de opiniões divergentes. Quando um interlocutor expressa uma ideia, espera-se que a resposta esteja relacionada ao tema discutido, garantindo uma comunicação fluida.
- **Modo:** A conversa deve ser clara. Diz respeito à forma como o assunto é abordado. Por exemplo, ao falar sobre uma pessoa, é importante conhecer sua história e características para evitar ambiguidades. As informações devem ser claras, garantindo que o interlocutor compreenda quem é a pessoa em questão e, se necessário, repita-se o discurso para assegurar que a mensagem seja transmitida corretamente, sem distorções.

É significativo ressaltar que a teoria das máximas de Grice (1975) trata da diligência intencional na conversação, no diálogo por meio de implicaturas conversacionais. Essa abordagem pode envolver uma ou várias máximas, compartilhadas no uso do contexto, seja em formas lógicas ou não lógicas na conversação.

A **pressuposição** tem seu conceito principal com foco na terminologia junto com o uso da língua natural comum de acordo com a abordagem de Frege (1892), que apresenta a forma lógica nós temos modernos e como é a compreensão e o entendimento dentro dos contextos teóricos como foco no recorte de pressuposição.

Existem vários autores específicos que estudam o tema “**Atos de fala**” os quais a depender dos pré-requisitos do contexto abordado e dos fenômenos linguísticos próprios da pragmática. Estudos esses que precisam explicar sobre as interações.

A **estrutura conversacional** apresenta estudos nos quais é possível perceber os contextos de expressões linguísticas, os quais se dividem em duas características principais de uso: Análise do discurso o qual tem como principal objetivo a origem primitiva das regras do

uso da gramática e análise conversacional a qual tem como foco os estudos empíricos, ou seja, experiências de vida, apresentando de forma indutiva as conversas, estruturas, apontamentos e interações.

A seguir, são apresentados os próximos tópicos do Capítulo 2, em que a seção 2.3 aborda as categorias da pragmática em relação à Língua de Sinais; a seção 2.4 trata das funções da prosódia visual; e a seção 2.5 discute a fundamentação teórica sobre a prosódia visual na Libras.

As reflexões sobre prosódia visual e implicatura/inferência na Libras contribuem para compreender os conceitos fundamentais e estabelecer relações diretas com os dados analisados nesta pesquisa, especialmente no que se refere às produções discursivas dos tecno-surdos.

2.3 CLASSIFICAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS PRAGMÁTICA CONTEXTO CONTEXTUAL

Nesta subseção, serão apresentados o conceito, os exemplos e os critérios utilizados para classificar as ocorrências pragmáticas, considerando a relação entre o sinal manual, o conjunto articulação-boca e o uso contextual da Língua de Sinais. As ocorrências são organizadas em seis categorias, conforme o grau de correspondência pragmática, na seguinte ordem: reduzida, sobreposta, pressuposição e anáfora. A pesquisa analisará os dados coletados junto aos sujeitos tecno-surdos com base nessa classificação.

2.3.1 Língua de Sinais Reduzida

Diversas pesquisas sobre redução na língua de sinais entre elas Stokoe (1965), Klima e Bellugi (1979), Xavier (2014), Quadros (2019) e Santos (2024) discutem fenômenos como redução de parâmetros em relação aos pares mínimos, apagamento na sinalização e redução decorrente de mão ocupada ao segurar celular/objetos.

Minha pesquisa, por sua vez, investiga a relação entre redução e o uso contextual da sinalização, observando, com maior incidência, ocorrências de apagamento na língua de sinais. Identificaram-se sete manifestações, apresentadas a seguir:

- Sinal duplicado reduzido à articulação-boca com único significado;
- Sinal originalmente bimanuado realizado com apenas uma mão;
- Redução de duas mãos para uma mão dominante;
- Redução de dois fonemas para apenas um fonema;
- Redução de duas localizações para uma localização;
- Redução de dois movimentos para um movimento;

- Redução simultânea de parâmetros resultando em uma única localização.

Com base nessas características, esta pesquisa apresenta análise de dados que evidenciam o uso contextual da redução como forma de apagamento linguístico em ambientes digitais, sobretudo entre sujeitos tecno-surdos, observando consequências pragmáticas na sinalização em Libras.

A análise pragmática visual revela que, em diversos contextos, a produção em Libras apresenta estratégias de redução linguística, redução sigmanulogia ou assimilação, caracterizadas pela omissão parcial de parâmetros do sinal, como movimento, locação ou articulação, sem comprometer a compreensão. Esse fenômeno de experiência visual, denominado “Língua de Sinais reduzida”, está relacionado à economia linguística e ao conforto visual dos sinalizadores.

De acordo com Silva (2015), tais estratégias são comuns em contextos informais do povo surdo, sobretudo no uso de gírias ou expressões sinalizadas de forma mais rápida ou condensada. Nos três vídeos analisados (palestra, relato e live), foram identificadas ocorrências dessa redução estratégica, que revela a sensibilidade dos sujeitos à situação comunicativa e ao ritmo do discurso.

Em uma abordagem pragmática, a produção em Língua de Sinais apresenta a relação do sinal-termo ao contexto em que o mesmo é usado. E, e esse avanço tem mostrado a omissão de fonemas, mas tem o movimento, a articulação da palma da mão, que significa uma redução ou economia linguística, o que seria presumido ao corpo visual. Conforme a pesquisa de Silva (2015), sobre as gírias em LS e a aplicação de reduções estratégicas, focando no uso em contexto informal da comunidade surda, que usa gírias.

A Língua de Sinais pode apresentar formas reduzidas durante a sinalização entre pessoas surdas, caracterizando-se por particularidades linguísticas que emergem de modo natural na expressão introspectiva dos surdos. Essas reduções podem envolver a omissão total ou parcial de sinais, dependendo do contexto comunicativo e da situação enunciativa. A omissão pode ocorrer no início, no meio ou no final do sinal, variando conforme o uso linguístico do sinalizante. Outra pesquisa relevante é a de Santos (2024), que analisa a redução na Língua de Sinais produzida por sujeitos surdos sinalizantes, abordando aspectos relacionados à fonologia, à expressão facial e à articulação-boca. Esses elementos são fundamentais para a compreensão do sinal, mesmo quando ocorrem omissões ou modificações em sua forma. O autor ressalta que tais reduções não comprometem necessariamente o

significado, pois o contexto e os elementos visuais continuam sustentando a intenção comunicativa. A seguir, apresenta-se um exemplo dessa análise:

Figura 7: Língua de Sinais reduzidas



Fonte: Santos (2024, p. 15).

Na pesquisa de Santos (2024), observa-se a comparação entre duas formas do sinal “brincar”. Na primeira imagem, o sinal é realizado de forma convencional, com as duas mãos. Já na segunda, o sinal é executado com apenas uma mão, enquanto a outra segura um notebook, mantendo, contudo, o mesmo significado. Essa redução fonológica não compromete a compreensão, pois a combinação entre configuração de mão, movimento e contexto garante a manutenção do sentido original do sinal.

Tais reduções se manifestam, por exemplo, na diminuição do movimento ou na omissão de algum parâmetro do sinal, como o ponto de articulação, o movimento do punho ou a configuração dos dedos, afetando sua visibilidade no espaço visual. Além disso, pode haver mudança na localização do sinal por razões de conforto linguístico durante a sinalização, o que caracteriza um processo de economia linguística na Língua de Sinais.

Esse fenômeno integra o modo como os surdos interagem em seus contextos comunicativos, revelando o que Pêgo (2021) denomina de “**visual-vibracional**”, entendido como um recurso pragmático característico da experiência visual na Língua de Sinais.

Nesse sentido, observa-se que, em situações de uso espontâneo da língua, pode ocorrer a redução linguística, isto é, a omissão, apagamento ou suavização de determinados parâmetros do sinal, como configurações manuais, movimentos, localização, expressão não manual ou até

mesmo a articulação-boca, sem comprometer a compreensão do enunciado. Essa redução não representa perda ou empobrecimento linguístico; ao contrário, evidencia a perspicácia e a fluência visual do sujeito surdo, que mobiliza sua subjetividade sinalizante de forma estratégica.

O contato visual direto entre os interlocutores, aliado à capacidade de inferir sentido a partir do contexto discursivo, da prosódia corporal e do uso do espaço, sustenta a continuidade do enunciado, mantendo a fluidez comunicativa mesmo diante de sinais reduzidos. Assim, o visual-vibracional manifesta-se como um princípio de economia expressiva, no qual o corpo e o olhar garantem a inteligibilidade da língua, reforçando sua natureza visuoespacial, dinâmica e situada.

2.3.2 Língua de Sinais Sobreposta²⁶

As pesquisas que tratam da simultaneidade na língua de sinais evidenciam a sinalização de dois ou mais sinais realizados ao mesmo tempo. Minha pesquisa investiga a relação entre sobreposição e uso contextual da sinalização, observando, com maior incidência, ocorrências de sobreposição sinalizada. Identificaram-se cinco manifestações, apresentadas a seguir:

- Vissinalização simultânea articulada com expressões não manuais e articulação-boca essenciais ao sentido;
- Vissinalização em que um morfema-base é produzido na mão dominante enquanto a mão passiva realiza simultaneamente outros sinais;
- Vissinalização simultânea em que expressão não manual e articulação-boca gesticulam significados múltiplos;
- Vissinalização em que a datilologia ocorre simultaneamente à produção de um morfema-base com movimento;
- Vissinalização que apresenta múltiplas camadas na mão dominante enquanto a mão passiva sinaliza de forma simultânea.

Com base nessas características, esta pesquisa apresenta análise de dados que evidenciam o uso contextual da sobreposição como forma de sinalização simultânea em múltiplas camadas de significado, especialmente em ambientes digitais, com destaque para

²⁶ Adota-se aqui a nomenclatura “Língua de Sinais Sobreposta” para afirmar a centralidade da Libras como sistema linguístico autônomo e reforçar seu status enquanto língua plena. Essa escolha reflete uma perspectiva de pesquisador surdo, comprometida com uma abordagem que reconhece a organização visual-pragmática da Libras como distinta e desafiadora às estruturas lineares tradicionais. Assim, a opção não é meramente terminológica, mas fundamentada em uma epistemologia surda e em um posicionamento político-linguístico.

sujeitos tecno-surdos, considerando os efeitos pragmáticos desse fenômeno na sinalização em Libras.

A Língua de Sinais sobreposta é uma estratégia comunicativa em que diferentes sinais e expressões ocorrem de forma simultânea ou intercalada em camadas visuais, envolvendo o uso tridimensional e combinado da Língua de Sinais, por meio de: Sinais manuais (em sua forma principal ou por meio de descrição imagética); Expressões não manuais; Movimentos do tronco e do corpo; Direcionamento do olhar; Movimentos da sobrancelha e da cabeça. A articulação-boca também integra esse conjunto, contribuindo para a criação de efeitos de intensidade alto, médio ou baixo, e para o foco ou ênfase semântica. Essa sobreposição atua como um recurso pragmático sofisticado na enunciação do sujeito sinalizante. Em vez de recorrer à linearidade sequencial, o surdo organiza os elementos linguísticos em múltiplas camadas, estruturando-os no espaço visual de significação.

Nos dados analisados, essa estratégia visual aparece com frequência em gêneros discursivos mais espontâneos, como lives e relatos, mas também pode ocorrer em contextos mais formais, como palestras digitais. Isso se deve ao estilo comunicativo do tecno-surdo, que intensifica a expressividade e condensa a informação ao utilizar, simultaneamente, recursos imagéticos, expressões manuais, não manuais e articulação-boca para enriquecer a enunciação.

Essa estrutura sinalizada sobreposta exige do locutor uma elaboração visual complexa, e do interlocutor, mais do que o reconhecimento do léxico: demanda uma leitura visual contextualizada e inferencial do corpo em movimento. Trata-se, portanto, de uma construção pragmática visual que vai além da gramática tradicional da Língua de Sinais, articulando ritmo, foco e intenção comunicativa como elementos centrais.

Segundo Quadros (2017), o termo *Língua de Sinais sobreposta* aparece no contexto de pesquisas voltadas especificamente ao bimodalismo entre a língua vocal e a língua de sinais. Nesse escopo, o conceito reconhece a simultaneidade na aquisição dessas duas línguas, com ênfase em crianças CODA, abordando como esses sujeitos interiorizam e utilizam ambas as línguas de forma integrada.

Entretanto, é importante destacar que o uso da sinalização sobreposta não se limita apenas aos CODAs. Pessoas surdas, por sua própria vivência visual e tridimensional na Língua de Sinais, também utilizam recursos de sobreposição por meio de múltiplas camadas visuais. Essa prática envolve a expressão simultânea do pensamento, da experiência visual e da articulação manual dos sinais, integrando ainda a articulação-boca como elemento essencial.

Como aponta Pêgo (2021), quando a sinalização é acompanhada da articulação-boca, tornam-se perceptíveis as distinções entre o conteúdo sinalizado e o conteúdo articulado, o que amplia a riqueza expressiva e inferencial do enunciado. Sinalização que realiza a sobreposição na forma pragmática do contexto da sinalização pelo uso concomitante de um ou mais sinais manuais.

É essencial compreender as principais características da Língua de Sinais utilizada pelo povo surdo, especialmente no que diz respeito à sobreposição de sinais, à simultaneidade lexical e à expressão de múltiplas informações de forma visual. Diferentemente da linearidade da língua falada, que se desenvolve sequencialmente por meio da vocalização de frases, a Língua de Sinais é construída por meio de um conjunto articulado de expressões corporais.

Embora a língua falada também recorra à entonação para expressar intenções e significados, na Língua de Sinais a vissinalização se destaca pela riqueza de recursos visuais e espaciais na construção do sentido. A marcação das informações ocorre por meio de expressões não manuais, como o movimento dos olhos, sobrancelhas e cabeça sendo igualmente fundamental a articulação-boca, que complementa e confere precisão aos sinais.

Esses elementos são expressos de maneira simultânea e visual, conforme ilustrado nas duas figuras a seguir, extraídas da tese de Pêgo (2021), que exemplificam o fenômeno da sobreposição na Língua de Sinais. As imagens demonstram como diferentes camadas de informação, manuais e articulação-boca, atuam na construção do significado, dentro da perspectiva da pragmática visual

Figura 8: Língua de Sinais sobreposta - AJUDAR



Fonte: Pêgo (2021, p. 134).

Na primeira imagem, observa-se o sinal manual *ajudar* sobreposto à articulação-boca “omo”. Essa combinação sugere uma inferência interpretativa: “Como posso ajudar essa pessoa?” A implicatura visual é reforçada pelo movimento do olhar que alterna entre a lateralidade e a frontalidade, indicando referenciação espacial. O apontamento ocular,

sincronizado com o sinal manual e a articulação-boca, evidencia a complexidade semiótica da sobreposição na sinalização.

Figura 9: Língua de Sinais AJUDAR-ME



Fonte: Pêgo (2024, p. 135).

Na segunda figura, é apresentado o sinal manual *ajudar-me*, sobreposto à articulação-boca “fasee-o-ee”, que pode ser interpretada como “fazer o quê?”. A inferência visual indica resignação diante de uma situação que exige paciência, sugerindo algo como: “Devo suportar isso, o que mais posso fazer?”. A articulação-boca carrega uma leve carga de ironia, reforçada pelo sinal direcionado a si mesmo, a inclinação da cabeça para o lado e o olhar à esquerda, indicando lembrança ou reflexão. Trata-se de uma implicatura visual que revela, de forma expressiva, o estado emocional do sinalizante diante da situação vivenciada.

2.3.3 Língua de Sinais Pressuposição

As pesquisas que abordam inferência na língua de sinais evidenciam processos de construção contextual que permitem ao interlocutor presumir e pressupor significados por agrupamento. Minha pesquisa analisa a relação entre pressuposição e uso contextual da sinalização, observando, com maior incidência. Identificaram-se três manifestações, apresentadas a seguir:

- Vissinalização em que um elemento é destacado antes da informação principal;
- Vissinalização que reúne, em um único segmento, diferentes conteúdos inferidos, produzindo um “agrupamento” informacional;
- Sinalização em que o significado final é apresentado somente ao término do vissinalização, enquanto a inferência se constrói a partir do contexto prévio.

Com base nessas características, esta pesquisa apresenta análise de dados que demonstram o uso contextual da pressuposição como mecanismo inferencial que pode:

1. anteceder a informação principal;
2. emergir no decorrer do desenvolvimento, ou;
3. manifestar-se ao final, retomando e reorganizando significados previamente sinalizados.

Esse fenômeno revela efeitos pragmáticos relevantes na construção de sentido em Libras, especialmente em ambientes digitais, com destaque para sujeitos tecno-surdos, nos quais a sinalização pressuposta opera como recurso de economia linguística, informacional e marcadores de relevância discursiva.

A pressuposição, na língua falada, refere-se a um processo que antecede a enunciação, sendo adquirida como uma forma de expressão pré-cognitiva relacionada ao tema da conversação e à construção oral-auditiva do discurso. Segundo Ferreira (2023, p. 133):

Pressupor... uma disposição ou atitude mental referente a conteúdo proposicional vinculada à noção de agir como se assumisse ou acreditasse que uma proposição é verdadeira e que essa assunção ou crença fosse de conhecimento mútuo entre os participantes de uma conversa [...] A intuição básica que queremos analisar é que algumas sentenças contendo certos itens lexicais ou formadas a partir de certas locuções ou construções sintáticas soam inadequadas discursivamente quando usadas em contextos em que certa informação não é compartilhada pelo falante e sua audiência.

Dessa forma, a reflexão sobre a possibilidade da pressuposição na Língua de Sinais revela-se um fenômeno pragmático relevante. Esse processo ocorre quando o enunciador surdo sinaliza uma informação assumida como já conhecida ou inferida pelo interlocutor. Na Língua de Sinais, a pressuposição pode ser observada por meio de construções visuais que ativam conhecimentos compartilhados, implícitos e contextuais, sem que toda a informação precise ser explicitamente sinalizada para que o sentido seja compreendido pelo interlocutor.

Diferentemente das línguas vocais-auditivas, em que as pressuposições costumam se manifestar por meio de palavras como “também”, “ainda”, “de novo”, entre outras expressões recorrentes, na Língua de Sinais essa função pode ser realizada por estratégias visuais e corporais, tais como: i) expressões faciais específicas (como o levantamento de sobrancelhas), que destacam informações com foco contextual; ii) olhares direcionados a pontos previamente sinalizados no espaço visual, ativando relações cognitivas antes da produção do sinal; iii) descrição imagética detalhada, que amplia o entendimento temático por meio de aspectos visuais explícitos; iv) Pausas breves entre enunciados, que funcionam como marcadores de coesão e continuidade textual. Um exemplo desse contexto, é uma situação em que amigos estão conversando em casa.

Quadro 6: Pressuposição em Libras

Pressuposição em Libras	
<u>POR FAVOR</u> pegar água para mim	
<i>POR FAVOR</i> ÁGUA POSS	<i>AMIGO</i> ÁGUA POSS.
Explícito	Explícito
você pode pegar água para mim.	<i>Amigo</i> pegar água para mim.
Implícito	Implícito
Ele está com sede.	Preguiça pegar o copo d'água.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A frase por favor água para mim pressupõe que a pessoa está com sede e também está com preguiça de pegar o copo d'água. Na descrição quanto ao uso da formalidade em Libras, a relação em uso do sinal conforme contexto formal, utiliza POR FAVOR no sentido educado; e no sentido de uso de sinal em contexto informal, utiliza o sinal de AMIGO incorporado à expressão facial, onde o significado está implícito no sentido que tem preguiça de pegar o copo d'água e assim, seu emprego quanto ao grau de formalidade “POR FAVOR e AMIGO” tem 2 sinais distintos com um mesmo significado de uso em contexto.

Nos dados analisados, observou-se a presença de pressuposições construídas de forma tanto explícita quanto implícita, especialmente no uso da Libras por tecno-surdos em gêneros como relatos de vida e lives. Nesses contextos, o interlocutor geralmente compartilha parte do conhecimento narrativo, o que favorece a emergência de pressuposições, principalmente em contextos acadêmicos, onde o locutor utiliza estratégias explicativas que evidenciam a interferência pragmática da pressuposição na construção do discurso em Língua de Sinais.

A proposta que trata da pressuposição, conforme Karttunen (1973, 1974), aborda o comportamento das pressuposições durante a enunciação, relacionando-as ao fenômeno espontâneo e natural das situações pragmáticas conversacionais. Karttunen direcionou suas pesquisas sobre pressuposições para uma perspectiva mais pragmática, destacando sua relação com a abordagem semântica e a importância desse conceito.

A análise baseada na teoria de Karttunen aborda o problema da ‘projeção’, um mecanismo que envolve convenções e práticas conversacionais situacionais. Essa teoria demonstra como as pressuposições são formadas e interpretadas no contexto da produção linguística. Assim, minha pesquisa investiga o comportamento presumido da informação na

sinalização, evidenciando como as pressuposições diversificam seu uso em diferentes contextos comunicativos, destacando a ideologia e o significado implícito no uso de sinais e na enunciação. Sinalização que omite informações pois se ancora em pressupostos compartilhados pelo interlocutor.

2.3.4 Língua de Sinais Anáfora

As pesquisas que abordam a anáfora na Língua de Sinais evidenciam processos de construção referencial que envolvem apontamento, retomada e organização rítmica do discurso. Minha pesquisa analisa a relação entre anáfora e uso contextual da sinalização, observando, com maior incidência. Identificaram-se ocorrências anafóricas de cinco manifestações, apresentadas a seguir:

- Sinalização Anafórica que estabelece referência por meio de datilologia associada ao tema principal;
- Sinalização Anafórica verbo-direcionada, marcada por apontamento, ritmo corporal (especialmente do ombro) e direcionamento do olhar;
- Sinalização Anafórica em que o ritmo do ombro e o direcionamento espacial substituem ou reduzem o sinal explícito, produzindo retomada referencial por apagamento;
- Sinalização Sintática Referencial na qual pronomes pessoais ou demonstrativos, combinados ao verbo, assumem função de destaque na retomada;
- Sinalização Verbal Referencial em que o olhar, o direcionamento e o ritmo delimitam o referente e organizam a progressão anafórica.

Com base nessas características, esta pesquisa apresenta análise de dados que evidenciam o uso contextual da anáfora como mecanismo de sinalização referencial e discursiva, manifestado por destaque, retomada e organização sequencial do que é sinalizado. Tal fenômeno mostra-se especialmente relevante em ambientes digitais, com maior incidência entre sujeitos tecno-surdos, revelando efeitos pragmáticos significativos para a construção do sentido em Libras.

Diversas pesquisas têm abordado a anáfora na Língua de Sinais, especialmente no que se refere à relação entre dêixis e anáfora, conforme os estudos de Pizzuto; Rossini; Sallandre; Wilkinson (2009), Reis (2019) e Davidson (2022), que analisam especificamente o uso de elementos dêiticos e anafóricos em línguas sinalizadas. Em perspectiva complementar, Soares (2020) contribui ao discutir os mecanismos de coesão gramatical e lexical em Libras,

evidenciando como os recursos dêiticos e anafóricos são fundamentais na organização do discurso sinalizado.

Essas análises demonstram a relevância do uso anafórico no contexto pragmático, destacando a função do sinal IX como marcador dêítico e seu papel na articulação com a retomada anafórica. No âmbito da pragmática, a anáfora contribui para evitar repetições desnecessárias, estabelecendo pontos de referência no espaço discursivo. O uso do dêítico como elemento lexical favorece a coesão textual e facilita a interpretação anafórica em contextos ampliados, como demonstram as pesquisas mencionadas.

Na Língua de Sinais, a anáfora constitui um recurso essencial de coesão, permitindo a retomada de informações previamente introduzidas por meio da espacialização. Essa retomada se manifesta tanto na omissão quanto na repetição controlada de sinais, mantendo a fluidez discursiva sem comprometer a clareza referencial.

Enquanto nas línguas vocais-auditivas a retomada se realiza principalmente com pronomes ou expressões como “ele” e “aquele”, na Língua de Sinais, que ocorre predominantemente por meio da atribuição de pontos no espaço, que passam a representar pessoas, entidades, experiências ou conceitos retomados visualmente ao longo da sinalização. Tal estratégia não apenas garante a coesão, mas também evidencia a natureza visual e tridimensional da Língua de Sinais, revelando especificidades de sua organização linguística.

Esse fenômeno assume papel central na construção da coesão discursiva em Libras, articulando-se aos seguintes elementos visuais-espaciais: i) olhar dirigido ao ponto de referência anafórico; ii) direcionalidade dos sinais, indicando retomada; iii) descrição visual que reconstrói ou retoma entidades; iv) expressões não manuais e articulação-boca relacionadas ao referente inicial.

Nos dados analisados com tecno-surdos, a anáfora aparece de forma recorrente, especialmente em gêneros narrativos como palestras digitais, relatos de vida e lives, nos quais o sujeito surdo retoma personagens, experiências ou conceitos anteriormente estabelecidos no discurso.

Assim, o uso da anáfora em Libras é multimodal e tridimensional, exigindo do interlocutor atenção à memória visual, à espacialização e à continuidade referencial. Trata-se de um fenômeno pragmático implícito, que combina gramática visual e inferência contextual, sendo fundamental para a coesão textual em Língua de Sinais, especialmente entre os tecno-surdos, que constroem o discurso em ambientes de circulação digital contínua.

2.4 CLASSIFICAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS PROSÓDIA VISUAL FUNCIONAL

Nesta subseção, serão apresentados o conceito, os exemplos e os critérios utilizados para classificar a função da prosódia visual em Língua de Sinais, a partir da vissinalização e da proeminência dos referentes visuo-espaciais em contextos pragmáticos. As ocorrências são organizadas em três categorias, conforme o grau de correspondência pragmática, na seguinte ordem: espaço visual, performática e PALM. A análise dos dados dos sujeitos tecno-surdos será conduzida com base nessa classificação.

2.4.1 Língua de Sinais: espaço visual como vissinalização e proeminência

As pesquisas que abordam inferência na língua de sinais evidenciam processos de construção contextual que permitem ao interlocutor interpretar o uso do espaço visual como recurso de vissinalização, atribuindo destaque, ênfase e proeminência ao sinal principal dentro do enunciado. Minha pesquisa analisa a relação entre espaço visual e uso contextual da sinalização, observando, com maior frequência, ocorrências desse fenômeno. Identificaram-se seis manifestações, apresentadas a seguir:

- Vissinalização que utiliza o espaço visual para enfatizar o sinal central relacionado ao tema;
- Vissinalização em que o espaço visual destaca o sinal simultaneamente à marcação rítmica e às expressões não manuais;
- Vissinalização que apresenta o espaço visual como suporte de ênfase, combinada com datilologia;
- Vissinalização que organiza o espaço visual para contrastes semânticos, evidenciando antônimos e expressões não manuais simultâneos;
- Vissinalização em que a repetição espacial intensifica o grau de ênfase do sinal;
- Vissinalização que situa o sinal no espaço visual em articulação simultânea com boias discursivas na língua de sinais.

Com base nessas características, esta pesquisa apresenta análise de dados que evidenciam o uso contextual do espaço visual como estratégia de sinalização, dinamizando a ênfase e destacando informações relevantes dentro do enunciado. Tal fenômeno revela-se especialmente significativo em ambientes digitais, com maior ocorrência entre sujeitos tecno-surdos, produzindo efeitos pragmáticos importantes na construção do sentido em Libras.

A pragmática na prosódia, em termos de vissinalização e proeminência espaço visual, há um papel importante quando associada ao uso na sinalização e ao discurso, expressando-se de forma espacial em um contexto que integra sinais manuais juntamente com a articulação da boca referencial (Pêgo, 2021, p. 216). Podemos verificar que o uso em contexto contribui para densificar diversos significados na expressão, seguindo uma perspectiva pragmática que se manifesta conforme o espaço, o contexto e a articulação-boca.

Vissinalização e proeminência que se referem ao destaque de um referente no contexto principal, seja pela ênfase na referência ao espaço a ele correspondente, na datilologia correspondente ao referente mesmo quando esse já foi explicitado/é conhecido do interlocutor ou na realização repetida acompanhada de ENM reforçadora do sinal do referente no discurso sinalizado.

O espaço visual na sua forma interpretação visual enunciação da Língua de Sinais é articulado de forma especial mapeado semanticamente para uso em contexto forma que expressar pragmaticamente, sendo uma das bases da expressão sinalizada. Trata-se de um recurso fundamental na construção do significado. Por exemplo, durante uma palestra, a sinalização pode ser realizada de maneira ampla e expansiva, utilizando um grande espaço visual no palco. Isso favorece a clareza da comunicação e permite que o público compreenda melhor os sinais, especialmente quando há maior distância entre o sinalizante e os observadores.

A amplitude do espaço visual na sinalização cumpre função semelhante à da entonação na língua falada, como quando se eleva a voz para alcançar maior projeção sonora. Em contrapartida, há também o uso de sinalizações mais discretas e compactas, marcadas por menor amplitude, geralmente empregadas quando os interlocutores estão próximos.

Figura 10: Língua de Sinais e o espaço visual



Fonte: Twilhaar; Bogaerde (2016, p. 184).

A Figura 10 acima ilustra o uso do espaço neutro, articulado de maneira multidimensional com os braços. O movimento pode ocorrer acima, reduzido ou abaixo do eixo central, de acordo com a enunciação do sujeito surdo sinalizante. Esse uso do espaço é abordado por Twilhaar e Bogaerde (2016), conforme a citação a seguir:

O espaço de sinalização é o espaço no qual a Língua de Sinais é articulada. Ele se estende até onde os braços esticados podem alcançar à frente, ao lado e acima do corpo do sinalizante [...]. Dentro desse espaço, os sinais podem ser realizados próximos ao corpo do sinalizante, em contato com ele, ou no espaço neutro à frente do corpo. O espaço de sinalização pode ser ampliado ou reduzido, dependendo de fatores pragmáticos (Twilhaar; Bogaerde, 2016, p. 184, grifo meu)²⁷.

A Língua de Sinais se baseia no espaço visual à frente do corpo para sua articulação. Esse espaço pode ser expandido ou contraído conforme os fatores pragmáticos e o contexto da interação. A variação no uso desse espaço é essencial para a expressividade e clareza da comunicação sinalizada. No caso dos sujeitos surdos em contextos presenciais ou em registros digitais (como no caso dos tecno-surdos), o uso do espaço visual está diretamente associado à norma surda e ao conforto linguístico do sinalizante. A apropriação desse espaço permite que seja produzida uma sinalização visual-vibracional que torna a comunicação contextualizada.

O corpo também pode ser virado para longe de possíveis espectadores durante o sussurro, e o sinalizador pode dificultar ainda mais de escutar, tomando cuidado para que as mãos não ultrapassem o lado de proteção do corpo. O termo “espaço de sussurro” tem sido usado em pesquisas sobre a NGT, mas não é encontrado frequentemente na literatura sobre outras línguas de sinais ((Twilhaar; Bogaerde, 2016, p. 216).

O uso do espaço sinalizado na língua de sinais pode indicar intencionalidade de sigilo ou confidencialidade, manifestando-se por meio do “apagamento da mão” ou da “redução sutil”. O primeiro corresponde a uma forma de sinalização espontânea, que varia de acordo com a camada visual empregada antes ou depois do sinal e com o conforto linguístico do momento, podendo incluir nuances de rapidez ou vibração visual.

O segundo, a “redução sutil”, é característico de contextos informais de conversação e expressa particularidades individuais na sinalização. Além disso, o sinal pode ocorrer com **destaque ou ênfase no espaço visual** quando a informação transmitida assume maior relevância no enunciado. Trata-se, portanto, de uma estratégia expressiva e refinada de

²⁷ Texto original: *The signing space is the space in which sign language is articulated. It extends as far as the stretched arms can reach in front of, alongside of and above the body of the signer... Within this space, signs can be made close to or in contact with the signer's body or be made in neutral space in front of the body. The signing space can be enlarged or decreased, depending on pragmatic factors.*

comunicação em Língua de Sinais, dependente da relação entre os interlocutores e de fatores pragmáticos compartilhados. Essa modalidade dispensa expansividade e evidencia a sofisticação e a complexidade do uso da língua em contextos distintos e específicos.

2.4.2 Língua de Sinais: vissinalização e proeminência performática visual

As pesquisas que discutem performatividade na língua de sinais evidenciam processos de construção contextual que possibilitam a incorporação visual do sujeito, do evento e de perspectivas narrativas. Minha pesquisa analisa a relação entre performatividade e uso contextual da vissinalização, observando, com maior incidência. Identificaram-se ocorrências anafóricas de quatro manifestações, apresentadas a seguir:

- Vissinalização com incorporação e personificação como forma de expressar o sujeito;
- Vissinalização que apresenta diferentes graus de intensidade do sinal;
- Vissinalização performática que expressa experiências visuais por meio de recursos de visinuação e modulação;
- Vissinalização performática com uso de direcionamento de olhar, ritmo e dinâmica corporal;
- Vissinalização performática que recria experiências externas ao cotidiano visual-surdo, incorporando vivências de outros mundos perceptivos, inclusive não-surdos.

Com base nessas características, esta pesquisa apresenta análise de dados que evidenciam o uso contextual da performatividade em vissinalização como mecanismo de construção experiencial e visual na sinalização cotidiana. Tal fenômeno mostra-se especialmente relevante em ambientes digitais, com maior incidência entre sujeitos tecno-surdos, revelando efeitos pragmáticos significativos para a construção de sentido em Libras.

A vissinalização performática ou incorporação na Língua de Sinais é uma estratégia discursiva que ocorre quando o sinalizador incorpora fisicamente personagens, ações ou estados afetivos durante a enunciação. Nesse processo, o sujeito surdo se torna parte da própria narrativa, utilizando o corpo como meio expressivo para interpretar e intensificar a mensagem.

Esse tipo de vissinalização vai além da proeminência espacial e assume um caráter expressivo, identitário e sinalizador, envolvendo mudanças na postura visuo-corporal, modulações não manuais relacionadas a estados afetivos, uso de descrição imagética com personificação e distorções propositais na sinalização com efeito estilístico.

A incorporação na Língua de Sinais não se limita a elementos teatrais, musicais ou literários, trata-se de um recurso visual pragmático que intensifica a expressividade, marca

contrastes discursivos e cria um vínculo emocional e comunicativo com o interlocutor. É uma forma de tornar os aspectos visuais mais claros e envolventes, contribuindo para a eficácia da interação em Libras.

A performática ou incorporação na prosódia visual abrange aspectos da experiência vivencial, como o sentido visual-vibracional e o contato dentro da sociedade. Os sinais, juntamente com a expressão corporal, demonstram o significado em uso no contexto. De acordo com Pêgo (2021, p. 117):

Exige proficiência, pois as escolhas no discursos são complexas, demandando combinação de diversas habilidades sintático-discursivas oriundas da incorporação e da interpretação visual do português na sinalização [...] Enquanto prosodicamente os ouvintes complementam na sua produção oral articulando blablabla ou fala-fala-fala para se referirem ao ao de tagarelar ou de falar muito, os surdos articulam em forma de ‘pa-pa-pa’ isso pode ser referência a um teatro de fantoche, por exemplo, em que o movimento visual dos fantoches (visualmente os surdos veem como ‘pa-pa-pa’) é imitado e incorporado como recurso prosódico para imitar ouvinte.

A vissinalização na Língua de Sinais deve ser analisada para verificar como é utilizada na incorporação de informações e no contexto dos gêneros dos vídeos. Vissinalização e proeminência que se relacionam com o uso em contexto na marcação do discurso. Materializa-se pela incorporação do referente (pessoa ou não), fazendo uso, por exemplo, de movimentos corporais e faciais (expressões não manuais e articulação-boca com interpretação visual-vibracional) que simulam certa característica do referente.

2.4.3 Língua de Sinais: PALM-UP como vissinalização e proeminência visual

As pesquisas que abordam inferência na língua de sinais evidenciam processos de construção contextual que utilizam o *palm-up* como recurso expressivo, em que as palmas das mãos, ao serem projetadas visualmente, podem carregar múltiplos significados e gerar agrupamentos semânticos na sinalização. Minha pesquisa analisa a relação entre *palm-up* e uso contextual da sinalização, observando, com maior frequência, esse fenômeno no corpus analisado. Identificaram-se cinco manifestações, descritas a seguir:

- Vissinalização com mãos elevadas à altura do peito, palmas voltadas para frente e paralelas ao corpo;
- Vissinalização com mãos à altura do peito, palmas levemente inclinadas para dentro;
- Vissinalização com mãos à altura do peito, palmas inclinadas para fora;

- Vissinalização com mãos à altura do peito, palmas voltadas para cima e paralelas ao chão;
- Vissinalização com mãos à altura do peito, palmas voltadas para o próprio corpo, com dedos inclinados em direção ao chão.

Com base nessas características, esta pesquisa apresenta análise de dados que evidenciam o uso contextual do *palm-up* como mecanismo de construção experiencial e visual na sinalização cotidiana, expressando múltiplos significados dentro de um enquadramento pragmático contextual. Tal fenômeno mostra-se especialmente relevante em ambientes digitais, com maior ocorrência entre sujeitos tecno-surdos, revelando efeitos pragmáticos significativos para a construção do sentido em Libras.

A proposta da PLAM-UP na Língua de Sinais elaborada por Els van der Kooij, Onno Crasborn e Johan Ros (2006) foi desenvolvida no contexto desta pesquisa como uma categoria analítica específica para a análise da prosódia visual linguística em Língua de Sinais, por meio de marcas visuais com uso performático. Essa abordagem reúne elementos de vissinalização, marcas de prosódia e recursos performáticos observados em situações comunicativas reais.

O modelo PALM-UP considera que a sinalização em Língua de Sinais mobiliza, de forma simultânea, os seguintes componentes: a prosódia visual, com o uso de pausas, ritmo, expressões não manuais e articulação-boca com função discursiva; a localização espacial visual, com o uso intencional do espaço para marcar tópicos, turnos e focos; a articulação corporal, com a movimentação do tronco, da cabeça e dos ombros como marcadores de intenção comunicativa; e a expressividade visual, com a utilização de recursos não manuais e articulação-boca para reforçar significados.

O modelo PLAM foi aplicado na análise de trechos com alta expressividade pragmática, nos quais o sujeito surdo não apenas sinaliza, mas atua o discurso, distribuindo a enunciação por diversos canais visuais. A performance do gesto, incluindo o movimento das palmas, revela diferentes camadas de sentido nos variados contextos analisados.

A vissinalização e a proeminência na PALM-UP, como no caso das palmas das mãos, assumem significados que variam conforme os movimentos e o uso no contexto. Em relação ao tema abordado, isso pode envolver advérbios, conjunções ou verbos, dependendo do contexto da produção sinalizada. Esta é uma nova linha de pesquisa que explora a diversificação dos significados na Língua de Sinais.

O sinal de palma para cima ocorre em muitas línguas de sinais diferentes e tem várias funções. A mais comum é a de um sinal de pergunta geral, indicando “não sei” ou

“dúvida” em geral. dúvida em geral, mas também pode ter uma função pragmática como um marcador de avaliação ou um comentário automático. Sua principal função é marcar prosodicamente o final do domínio de uma frase (Van der Kooij, Crasborn e Ros, 2006 p. 140).

Caracteriza-se, do ponto de vista da materialização, pelo uso de uma mão ou duas mãos com palma aberta, voltada para cima e dedos apontados para frente, unidos ou não a depender do contexto. Pode ser antecedido ou não pela mesma mão com palma aberta apontada para baixo que se volta para cima pelo movimento rotacional da articulação do pulso. Vissinalização e proeminência destacam o sinal na marcação específica, conforme a importância da informação, com gestos das mãos que expressam formas como “então”, “e”, “isso”, entre outros, dependendo da produção sinalizada, da situação e do contexto em relação ao tema e ao assunto.

2.5 PROSÓDIA VISUAL NA LIBRAS

A entonação nas línguas vocais-auditivas é marcada por variações melódicas da voz. Já a vissinalização nas línguas de sinais, como a Libras, se manifesta de forma visual e corporal, por meio de expressões não manuais prosódicas, modificações na velocidade e intensidade dos sinais, pausas marcadas ao longo do discurso, variações na amplitude ou força dos movimentos e organização espacial do discurso.

Esses recursos funcionam como marcadores prosódicos visuais, fundamentais para destacar proeminências do enunciado, estruturar tópicos e indicar contrastes pragmáticos. A vissinalização na Libras não está associada à voz, mas sim à direção do olhar, aos ajustes das sobrancelhas, aos movimentos da cabeça e do corpo.

Nos dados analisados com tecno-surdos, a vissinalização foi frequentemente utilizada para indicar o foco de uma informação nova, enfatizar contrastes ou oposições no discurso, sinalizar o encerramento de turnos conversacionais e conduzir a atenção do interlocutor para pontos-chave no espaço de sinalização.

Essas características evidenciam que a vissinalização e as proeminências visuais na Língua de Sinais são construções discursivas multimodais, envolvendo diversas camadas simultâneas. O uso coordenado desses recursos garante maior destaque à prosódia visual, essencial para a organização, fluidez e expressividade no discurso sinalizado.

Os estudos linguísticos tradicionais, voltados para línguas vocais-auditivas, analisam características como melodia e elementos acústicos da fala, organizados sob o conceito de prosódia. Nas línguas de sinais, embora se trate de uma modalidade visuoespacial, também se

observa um conjunto de recursos expressivos que cumprem funções semelhantes à prosódia vocal. Esses recursos incluem parâmetros manuais e não manuais, como expressões corporais, visuais, articulação-boca e uso tridimensional do espaço sinalizado, consolidando o conceito de *prosódia visual*.

A prosódia visual compreende aspectos como ritmo, pausas, intensidade do sinal, duração, uso do espaço, expressões faciais e articulação-boca. Autores como Brentari (1998), Quadros; Lillo-Martin (2007), Sandler (2012), Quadros (2019) e Pêgo (2021) destacam a relevância desses elementos na sinalização de sujeitos surdos, especialmente no que diz respeito à linearidade e simultaneidade típicas das línguas de sinais.

Essa prosódia visual atua como marcador de entoação, foco informacional, delimitação frasal e expressividade do locutor e do interlocutor. É considerada um dos pilares expressivos da Língua de Sinais. Por exemplo, mudanças de polidez podem ser expressas pelo uso corporal, pela movimentação do tronco e pelas variações das sobrancelhas (levantadas ou abaixadas), que sinalizam diferentes funções discursivas. Também ocorrem articulações específicas nos braços e mãos que complementam essa expressividade, compondo um processo comunicativo visual que opera em múltiplos níveis de significado, a depender do contexto.

A prosódia visual não encontra equivalência direta com a prosódia das línguas vocais-auditivas, pois pertencem a modalidades de língua distintas. Segundo Brentari (1998), as línguas de sinais apresentam sistemas próprios de organização, com uma estrutura prosódica hierárquica que envolve parâmetros gramaticais específicos. Essa estrutura se manifesta no uso de sinais em contextos frasais, marcados visualmente para garantir clareza e compreensão por parte dos interlocutores, que recorrem à interpretação visualizante.

A Língua de Sinais, nesse contexto, expressa uma prosódia tridimensional fundamentada em elementos visuais. Para Sandler (2012), os ritmos não manuais constituem princípios fundamentais da prosódia na Língua de Sinais, envolvendo movimentos da cabeça, olhos, tronco e expressões faciais. Esses elementos se articulam de forma funcional no discurso sinalizado, sendo transcritos como fenômenos prosódicos que abrangem desde a estrutura da frase até a expressão de contrastes semânticos, com base em um uso pragmático semelhante ao observado nas línguas vocais.

Nos gêneros digitais, o corpo torna-se um enquadramento visual ativo. A sinalização evidencia o uso de expressões manuais e não manuais, bem como movimentações do tronco e dos braços, que contribuem para o destaque informacional no discurso. No contexto brasileiro, por meio da Libras, observam-se diversos exemplos de ampliação da prosódia visual nas redes

sociais, como *Youtube* e *Instagram*, onde sujeitos tecno-surdos exploram estratégias de ênfase, envolvimento do interlocutor e expressividade discursiva.

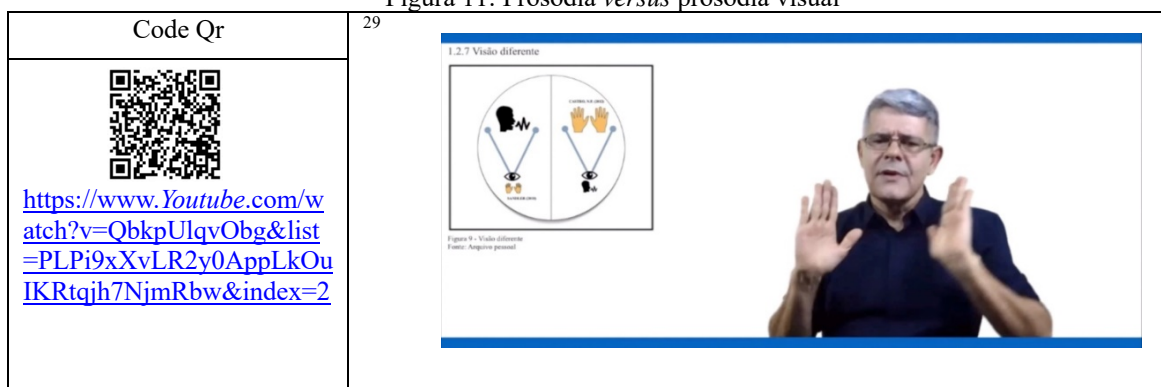
Quadros (2012) afirma que o uso do espaço visual na sinalização é uma forma de organização pragmática que contribui para o engajamento e a estruturação informacional da enunciação. Nesse sentido, a análise da prosódia visual é central nesta pesquisa por permitir observar como sujeitos surdos constroem nuances, implicaturas e inferências por meio de recursos não manuais, expressões faciais, articulação-boca, marcações temporais e até omissões estratégicas. A prosódia visual, portanto, constitui um fenômeno pragmático que se manifesta na relação com o contexto, na intenção comunicativa e na constituição do discurso em Libras, especialmente nos ambientes digitais frequentados por tecno-surdos.

Fazendo um paralelo entre a língua falada e a língua sinalizada, podemos ressaltar o posicionamento do termo “prosódia visual”, que foi criado por Sandler (2012) quando trata das diferenças entre tempo, vissinalização e proeminência, trazendo suas diversificações, apontando que:

ênfatizar certas partes de um enunciado e sinalizar se o enunciado é uma afirmação ou uma pergunta, se ela depende do conhecimento compartilhado e de outras informações pragmáticas [...]. A importância desse componente do sistema linguístico, chamada prosódia, é frequentemente negligenciada, até mesmo pelos lingüistas, devido à nossa confiança na palavra escrita em nossa análise de dados de linguagem (Sandler, 2012, p. 55, tradução minha)²⁸.

Segundo o princípio do sistema de prosódia *versus* a relação de sintaxe, observam a articulação e sinais não-manuais dentro do processo rítmico das línguas de sinais e passam a constituir unidades prosódicas conforme uso de interação. Castro (2019) aborda comparação prosódia *versus* prosódia visual, conforme pode ser visto na Figura 11:

²⁸ Texto original: *emphasize certain parts of an utterance, and to signal whether the utterance is an assertion or a question, whether it relies on shared knowledge, and other pragmatic information [...]. The importance of this component of the linguistic system, called prosody, is often overlooked, even by linguists, because of our reliance on the written word in our analysis of language data* (Sandler, 2012, p. 55).

Figura 11: Prosódia *versus* prosódia visual

Fonte: Castro (2019).

Nesse contexto, pode-se também visualizar que a Língua de Sinais possui linguagem natural que compõe o corpo e os sentidos, numa clara expressão do pensamento indutivo comunicativo, também enquadrando seus sinais em proeminência, as quais se expressam através de seus múltiplos sinais. Há, portanto, a intenção de fazer-se entender de forma clara e acessível ao seu interlocutor compreendidas através do contexto significativo da comunicação. Nesse sentido,

Em uma sentença, um termo é caracterizado como proeminente quando ele ocupa uma posição de primeiro plano em comparação com outros elementos que constituirão o plano de fundo. Ele é destacado e pressupõe que se apresenta como uma forma marcada em uma determinada posição na estrutura de uma expressão linguística, tornando-se saliente em relação aos demais elementos. Este comportamento se caracteriza como uma assimetria regular da língua natural (Jeremias, 2020, p. 96).

Conforme Johnston e Schembri (2007), os surdos na Austrália tendem a utilizar mais conjunções formais do que informais em seus enunciados. Esse uso demonstra uma comunicação bem estruturada e articulada, especialmente no que diz respeito às proeminências discursivas. Os autores destacam que, para que essa comunicação seja eficaz, é necessário que os interlocutores compartilhem um conhecimento prévio e abrangente sobre a situação comunicativa. Isso permite uma construção coerente do discurso e o uso adequado dos marcadores linguísticos no contexto da interação. Segundo McCleary e Viotti:

²⁹ Tradução nossa: “A pesquisa focada na abordagem oral-auditiva da prosódia em ouvintes enfatiza a percepção acústica, incluindo variações de tom alto, médio ou baixo, com maior ênfase na memória auditiva. Essa abordagem prioriza aspectos vocais e reduz o contato com elementos visuais, resultando em menor prática e menor capacidade de retenção na memória visual em comparação à memória acústica. Por outro lado, o pesquisador surdo adota uma perspectiva distinta, na qual a prosódia visual dos surdos possui uma abrangência diferente. Na Língua de Sinais, os princípios visuais são significativamente mais relevantes do que os aspectos acústicos, auditivos e vocais, que apresentam menor frequência de uso. Assim, essas duas abordagens representam perspectivas opostas e refletem diferenças culturais no uso da língua.”

[...] o fluxo s gnico não é linear; é multidimensional: ao mesmo tempo, o falante que emite uma palavra emite signos por meio de seu jeito de pronunciar e entoar a palavra; emite signos pelos movimentos de seus olhos; emite signos pelos movimentos do corpo, da cabeça, das mãos; emite signos pelas dezenas de micromovimentos da face. E cada um desses signos individualmente, ou em inúmeras combinações de uns com os outros, podem estar, a cada movimento, gerando múltiplos interpretantes: respostas em formas de expressões faciais, movimentos do corpo, ações, vocalizações e verbalizações (McCleary; Viotti, 2017, p. 188).

Mesmo com todo o contexto dos sinais que envolvem o corpo e o espaço, o pensamento não é totalmente traduzido. Isso significa que há muito mais conteúdos inferidos no pensamento do que aqueles expressamente apresentados na comunicação. Os estudos linguísticos tradicionais, ao investigar os processos da Língua de Sinais, revelam a delicadeza necessária para construir significados por meio da expressão. Tais estudos explicam a importância dos elementos prosódicos nas línguas de sinais:

os estudos tradicionais sugerem que a prosódia em línguas de sinais esteja relacionada com os sinais não-manuais. Vale pontuar que esse aspecto linguístico começa a receber uma atenção mais cuidadosa por parte dos linguistas por volta da década de 80. Tanto os elementos prosódicos das línguas de sinais quanto as expressões não-manuais são relacionadas com os elementos paralinguísticos. Esses elementos são importantes para construir o sentido da sentença e têm tambm apresentar o início ou o fim de uma expressão (Silva, 2013, p. 43).

Concordando o autor mostra a importância da estrutura da língua nas interações paralingu stica, como por exemplo, as expressões não-manuais e a articulação-boca que envolve na prosódia visual de todos os elementos na sinalização no processo contextualização na sentença no discurso que esta pesquisa envolve na pragmática de Língua de Sinais. Já estamos nos deparando com novos campos de pesquisas que abrem possibilidades para estudos que abordam especificamente as articulação-boca.

Uma vez que o arqueamento das sobrancelhas juntamente com a articulação-boca é usado dentro do contexto das línguas de sinais, do início ao final do diálogo percebem-se as marcações referentes as articulação-boca, que onde se expressa a informação principal que queremos passar, tanto as expressões faciais e articulação-boca podem aparecer juntas, como têm tambm separadas dentro do contexto linguístico para gerar a ênfase nas informações principais do discurso.

Leite (2008) aborda o agrupamento prosódico na sinalização, destacando as diferenças em relação   língua falada, especialmente no que diz respeito   vocalização sequencial. O autor argumenta que a Língua de Sinais apresenta uma maior complexidade na linearidade da enunciação sinalizada.

Uma das formas mais simples e diretas de identificação desses agrupamentos é a pausa, que nas Los corresponde à ausência de vocalização. Nas LSs, uma maneira é óbvia de se identificar pausas é observando o momento em que as mãos retornam do espaço dessa situação mais óbvia, manifestações de pausa é observando o momento em que as mãos retornam do espaço na sinalização para uma posição de repouso (Leite, 2008, p. 30).

Conforme o autor, os fatores extralinguísticos influenciam o processo de agrupamento e a linearidade na produção da Língua de Sinais, que envolve o uso do espaço, das expressões não manuais e da articulação-boca para reforçar a ênfase e a posição dos sinais. Esses elementos contribuem para a construção lexical e para a expressividade corporal que caracteriza a sinalização. Silva (2013), apresenta em sua pesquisa os fatores monológicos juntamente com os contextos formais, conforme citado abaixo:

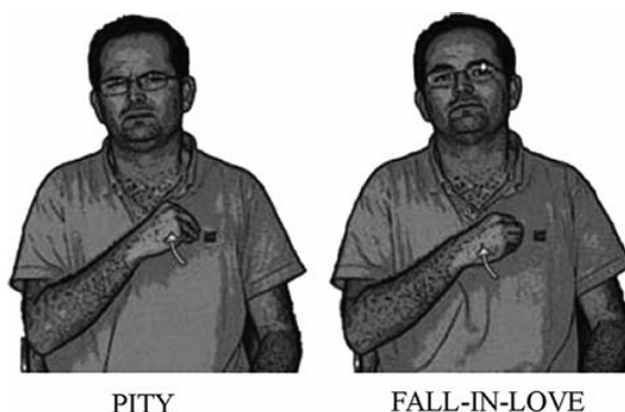
Considera-se que em situações mais formais, como em um evento de Palestra (modalidade digital) monológica, por exemplo, onde há um grande número de pessoas num auditório, o locutor-emissor surdo sabe que é preciso ampliar os tamanhos dos sinais para que sejam percebidos mais facilmente e de forma clara pelo público (Silva, 2013, p. 47)

Como podemos ver, Silva (2013) mostra que dependendo do lugar, por exemplo, se for uma palestra (modalidade digital) em um auditório, essa palestra (modalidade digital), em geral, deverá ser formal; já a presente pesquisa faz a análise de três vídeos, que ocorrem em contexto informal, selecionados de acordo com os aspectos da prosódia e da escolha dos vídeos a serem utilizados.

Os vídeos também devem estar em consonância com os fenômenos sinalizados no uso em contexto discursivo-pragmático, de acordo com o tema a ser desenvolvido. Isso porque a metodologia contextualizará os parâmetros exigidos, os quais podem influenciar ou impactar diretamente o discurso.

Existe forma prosódia visual na expressão não-manual juntamente Língua de Sinais, no mesmo sinal e expressão não-manual diferente, que mostra léxico sinal do mesmo que a expressão não-manual ocorrer contexto diferente, conforme Figura a seguir de Pfau (2010):

Figura 12: Sinal manual e não manual mesmo sinal e contexto diferente



Fonte: Pfau (2010).

Os sinais “pena” (*Pity*) e “apaixonar-se” (*fall-in-love*) têm a mesma configuração, localização e movimento. O que os diferencia é a expressão não manual, além da influência do contexto da conversa (Figura 12). A seguir, apresentamos a metodologia da pesquisa, no qual inclui os métodos utilizados e as questões éticas que orientaram o presente estudo.

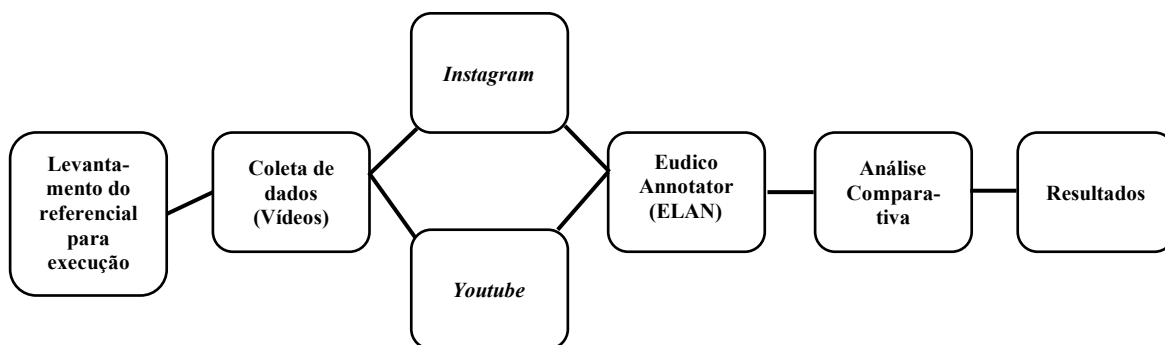
3 METODOLOGIA DE PESQUISA

A principal linha de pesquisa metodológica será a pesquisa qualitativa, também conhecida como pesquisa de métodos mistos. De acordo com Gil (2018, p. 147), “a rigor, a pesquisa de métodos mistos é aquela em que a investigador coleta e analisa dados ou achados e extrai inferências usando abordagens ou métodos [...] qualitativos em um único estudo ou programa de investigação”. Além disso, esta é uma pesquisa de natureza descritivo-explicativa nas prosódias visuais características das categorias conforme as áreas de pesquisa relacionando-as de acordo com o contexto dos sinais. Realizaremos a pesquisa com vídeos adquiridos através das redes sociais *Instagram* e no *Youtube*, apresentando os graus de formalidade da Libras em seu contexto pragmático, com base na Linguística Sistêmico-Funcional.

A respeito dos caminhos investigativos para descrição e análise, realizou-se a transcrição dos dados no programa computacional *Eudico Annotator* (ELAN), num processo de anotação dos vídeos, da conversação de contexto nas situações em processo³⁰. Por meio dessa técnica, efetuou-se a anotação nos vídeos, expondo várias trilhas.

A Figura 13 abaixo mostra o fluxograma da metodologia. Na etapa inicial de levantamento da bibliografia, que foi a base para o andamento das demais fases. Os vídeos que compuseram o corpus da pesquisa foram selecionados do *Youtube* e do *Instagram*, analisados de forma analítica-comparativa. Para escolher os vídeos, baseou-se nos seguintes critérios: i) vídeos produzidos por surdos; ii) vídeos que apresentem o sinal; iii) textos sinalizados do gênero entrevista e/ou conversa livre.

Figura 13: Fluxograma da metodologia



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

³⁰ Conforme Quadros (2016), trata-se de um sistema de transcrição que permite a visualização de vídeos e a correlação dos dados escritos com os dados obtidos nos próprios vídeos. Desse modo, tal sistema se adequa ao tipo de pesquisa que inclui dados com Língua de Sinais.

Como já mencionado, para compor o *corpus* da pesquisa, foram coletados vídeos em duas redes sociais, a saber *Youtube* e *Instagram*. Os vídeos do *Youtube* apresentam caráter mais formal, no contexto de palestra (modalidade digital) ou aula aberta. Já os vídeos do *Instagram* são discussões mais informais sobre temas variados, com caráter mais pessoal. Foram selecionados materiais de oito pessoas tecno-surdas distribuídos em dois sexos e faixa etária. Portanto, tem-se vídeos de dois homens e de duas mulheres, com faixa de 18 a 29 anos e de dois homens e de duas mulheres com faixa de 30 a 50 anos. A escolha do *corpus* denota a importância do patrimônio linguístico da comunidade surda do Brasil e o uso no cotidiano da rede social.

Os participantes da pesquisa foram contatados via e-mail e os contextualizados a respeito da pesquisa. No mesmo correio eletrônico, enviamos, anexos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi preenchido, assinado e enviado ao responsável pela pesquisa.

Após a transcrição no sistema de anotação ELAN, foram analisadas seis trilhas: 1) Sinais Direito; 2) Sinais Esquerdo; 3) Reduzida; 4) Sobreposta; 5) Pressuposição; 6) Anáfora; 7) Espaço visual; 8) Performática; 9) PALM-UP e; 10) Comentário. Elaboraram-se as glosas dos usos da língua em contexto na conversação por meio do vídeo, onde foram discutidos e interpretados esses usos linguísticos e seus respectivos contextos. Na etapa final, foi realizado o tratamento dos resultados por meio da análise dos vídeos, coleta do *corpus* de pesquisa, análise comparativa, interpretação descritiva e qualitativa dos dados.

Vale ressaltar que um exemplo que ilustra o uso da prosódia em Libras é a aplicação do sinal em diferentes contextos. Após a análise comparativa dos vídeos, foram apresentados os discursos sinalizados, juntamente com o respectivo uso da prosódia visual em cada situação. A proposta teve como objetivo desenvolver uma explanação sobre as formas de vissinalização e proeminência na Libras, contribuindo para a conscientização sobre o uso adequado da língua sinalizada.

3.1 COMITÊ DE ÉTICA E PARTICIPAÇÃO DE SUJEITOS SURDOS: DIMENSÕES ÉTICAS E EPISTEMOLÓGICAS

Esta pesquisa está devidamente vinculada ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNESP, sob o número de registro **629788**, originalmente com o título “Formal e informal: grau de formalidade em línguas de sinais com foco na prosódia visual dentro da Libras”. Posteriormente, o projeto passou a adotar o título atual: “A pragmática da Libras: um estudo sobre o uso da linguagem em interações naturais entre surdos”.

O projeto conta com o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE), que assegura aos participantes a clareza sobre a natureza pública dos vídeos analisados. Destaca-se que não há anonimato, uma vez que os materiais utilizados já circulam abertamente entre o povo surdo e a comunidade surda, sendo reconhecidos e compartilhados em ambientes digitais e presenciais, o que torna impossível a ocultação da identidade dos sujeitos. Ainda assim, garante-se o respeito ético, a confidencialidade de informações sensíveis e a segurança no uso e interpretação dos dados, preservando a dignidade e a integridade dos participantes.

Todos os sujeitos envolvidos são surdos nativos da Libras e concordaram com sua participação de forma voluntária e ética, conforme as diretrizes estabelecidas pelo CEP. Além dos vídeos públicos selecionados em redes sociais como *Youtube* e *Instagram*, também foram incluídos trechos de vídeos de sujeitos surdos que autorizaram diretamente o uso de seu material para fins acadêmicos, respeitando todos os princípios da pesquisa com seres humanos, em especial com o povo surdo.

A construção do *corpus* da pesquisa foi inspirada em modelos como o **Inventário Nacional da Diversidade Linguística da Língua Brasileira de Sinais (INDL-Libras)**, que prioriza registros da Libras em contextos espontâneos. Com base nessa perspectiva, foram selecionados vídeos sinalizados de sujeitos surdos em plataformas digitais, como *Youtube* e *Instagram*, que expressam diferentes gêneros discursivos em Libras, como palestras, relatos de vida e lives.

Para fins de análise qualitativa, criou-se um **segundo corpus** a partir de recortes desses vídeos, organizados em uma playlist própria da pesquisa³¹. Essa seleção objetiva facilitar a observação de fenômenos pragmáticos e prosódicos, como as expressões não manuais, pausas, marcadores discursivos e estruturas visuais específicas da Libras.

A escolha dos vídeos considerou oito diferentes sujeitos surdos, com três vídeos cada, totalizando vinte gravações, a fim de comparar variações na sinalização de acordo com o gênero, o contexto e o ambiente comunicacional. O segundo corpus é referenciado ao longo da tese por meio de **QR Codes** e links, permitindo acesso direto aos trechos analisados e contribuindo para a transparência metodológica da investigação. Ao longo da tese, faremos referência a esses vídeos, estabelecendo hiperlink com eles por meio de QR Codes.

O material tecno-surdo foi escolhido devido ao registro da sinalização dos surdos nas redes sociais. O primeiro vídeo corresponde a um contexto de palestra acadêmica (modalidade digital), o segundo a um relato de vida e o terceiro a uma live, com uma abordagem mais

³¹ Disponível em: <https://www.Youtube.com/playlist?list=PLPi9xXvLR2y2KoD-cqaawTyUPYDE2ZstU>.

espontânea. A pesquisa analisou três vídeos de cada sujeito, permitindo identificar diferenças na sinalização relacionadas prosódia visual diferentes situações. Além disso, foi possível observar a influência do contexto e do ambiente nas redes sociais sobre a sinalização. Os vídeos foram selecionados no *Youtube* e *Instagram*, plataformas onde há maior registro de vídeos sinalizados por surdos de três diferentes grupos. Essa análise possibilita identificar categorias pragmáticas recorrentes na sinalização dos sujeitos surdos e contribui para a presente tese. A seguir, serão exemplificados os detalhes sobre a coleta dos dados e os participantes do estudo.

O *corpus* desta pesquisa foi composto por vídeos publicados por sujeitos surdos em redes sociais, com destaque para *Youtube* e *Instagram*. A escolha se deu pela alta concentração de registros sinalizados nesses ambientes digitais, com forte presença da cultura surda, de práticas visuais e de gêneros discursivos próprios. Foram analisados três tipos principais de gêneros digitais em Libras:

- Palestras acadêmicas (modalidade digital);
- Relatos de vida ou de experiência;
- Lives com caráter mais espontâneo e interativo.

Cada sujeito teve três vídeos analisados, representando essas diferentes situações comunicativas. Isso possibilitou a observação de variações na sinalização, especialmente nos aspectos pragmáticos e prosódicos da Libras, de acordo com o contexto e a finalidade discursiva de cada vídeo.

A proposta metodológica foi inspirada no estudo clássico de Zimmer (1989), que analisou a variação situacional na ASL (*American Sign Language*) a partir de três gêneros: entrevista, palestra e narrativa. Com base nesse modelo, foram adaptadas as categorias para o contexto da Libras e do ambiente digital atual.

A pesquisa contou com vídeos de oito pessoas surdas, selecionadas conforme os critérios de idade, gênero e variedade de gêneros discursivos. A distribuição dos participantes foi feita da seguinte maneira:

O projeto do Zimmer (1989) foi um estudo do sistema variação situacional do ASL, conforme Quadro abaixo:

Quadro 7: Adaptado de Zimmer (1989)

Gênero	Assunto
Palestra (modalidade digital)	O Palestra (modalidade digital) aborda a temática “atitudes linguísticas entre alunos surdos do ensino médio”.
Palestra (modalidade digital) informal	É uma roda de conversa, tipo Palestra (modalidade digital) informal, que aborda o tema “marido doméstico”.
Entrevista	É uma gravação para a TV onde o entrevistador, que é surdo, entrevista um convidado.

Fonte: Adaptado de Zimmer (1989).

Minha pesquisa de tese aborda o sistema de variação situacional da Libras, conforme descrito abaixo:

Quadro 8: Categorias de vídeos da pesquisa (2024)

Gênero textual	Assunto
Palestra (modalidade digital)	Aborda temáticas na área de sociolinguística, discutindo diversos assuntos relacionados a esse campo.
Relatos de experiência/vida	Trata-se de uma gravação de uma conversa mais introspectiva, que explora experiências sobre estudos relacionados povo surdo/à comunidade surda, incluindo movimentos surdos, cultura surda, identidade surda e a língua dos surdos.
Live	É uma conversa realizada em uma live, destinada a abordar temas de curiosidade e a proporcionar um momento de distração.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Conforme a base do estudo de Zimmer sobre três gêneros, a presente pesquisa é um pouco diferente, pois se concentra apenas na variação situacional em uma live, enquanto o estudo de Zimmer foi baseado em entrevista.

a) Critério de seleção dos sujeitos tecno-surdos

Para a composição do *corpus*, adotou-se como critério a seleção de sujeitos tecno-surdos distribuídos por gênero (duas mulheres e dois homens) em duas faixas etárias distintas: de 18 a 29 anos e de 30 a 50 anos. Todos os participantes são surdos nativos. Além disso, foram selecionados materiais de oito pessoas surdas, distribuídas entre os dois sexos e diferentes faixas etárias, com o objetivo de garantir diversidade de experiências e situações comunicativas.

Na primeira faixa etária (18 a 29 anos), foram selecionadas pessoas que apresentassem dois gêneros discursivos: um vídeo de relato de experiência/vida e outro de live com temática livre, em formato de conversação. Ambos os vídeos devem ser da mesma pessoa, totalizando dois vídeos por sujeito.

Apenas esses dois gêneros – relato de experiência/vida e live – serão analisados para os sujeitos dessa faixa etária (homens e mulheres). O gênero palestra (modalidade digital) não foi incluído como objeto de análise, pois os sujeitos dessa faixa etária, no presente estudo, não estão inseridos em contextos acadêmicos com abordagem específica na área de sociolinguística.

Na segunda faixa etária (30 a 50 anos), os sujeitos deveriam apresentar três gêneros discursivos em Libras: um vídeo de palestra em modalidade digital, com temática relacionada à Sociolinguística (abordando aspectos da linguagem e sua relação com a sociedade surda), um

vídeo de relato de experiência/vida e outro de live com temática livre, em formato de conversação. Todos os vídeos devem ser da mesma pessoa, totalizando três vídeos por sujeito.

18 anos a 29 anos

- 2 Mulheres

 - Taina Borges
 - Andreia de Oliveira
- 2 Homens

 - Gabriel Isaac
 - Roberto Castejon

Tipos de vídeos:

1 Relatos de experiência/vida (setembro azul)

1 Live

Quadro 9: Pesquisas entre 18 a 29 anos (2024)

Nome	Gênero	Tipo de gênero	Temática	Categoria discurso
Taina Borges	Feminino	Live	Feminismo Surdo	Natural
Andreia de Oliveira	Feminino	Live	Feminismo Surdo	Natural
Gabriel Isaac	Masculino	Live	Gabriel e Karolina - Grita Mais Alto #01	Natural
Roberto Castejon	Masculino	Live	#OsVideosNaMinhaVida - ROBERTO CASTEJON	Natural
Gabriel Isaac	Masculino	Relatos de experiência/vida	Sejam referências!	Argumentação
Roberto Castejon	Masculino	Relatos de experiência/vida	HandVoices convida Cristiane Oliveira - #02	Argumentação
Taina Borges	Feminino	Relatos de experiência/vida	Temas: Gerais da comunidade surda	Natural
Andreia de Oliveira	Feminino	Relatos de experiência/vida	A INDEPENDÊNCIA ESTÁ FRENTE: MULHERES SURDAS EM LUTA	Natural

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

30 anos a 50 anos

- 2 Mulheres

 - Vanessa Vidal
 - Carolina Pêgo
- 2 Homens

 - Rodrigo Machado
 - Rimar Segala

Tipos de vídeos:

1 Palestra (modalidade digital) (sociolinguística)

1 Relatos de experiência/vida(setembro azul)

1 Live

Quadro 10: Pesquisa com surdos entre 30 a 50 anos (2024)

Nome	Gênero	Tipo de gênero	Temática	Tipo de gênero
Carolina Pêgo	Feminina	Palestra (modalidade digital)	Língua Brasileira de Sinais: Aspectos Linguísticos	Acadêmica/ argumentação
Vanessa Vidal	Feminina	Palestra (modalidade digital)	Variação linguística da Libras idioleto e socioleto, mudanças na sinalização	Acadêmica Argumentação
Carolina Pêgo	Feminina	Relatos de experiência/vida	Protagonismo Surdo: uma história de lutas	Natural
Vanessa Vidal	Feminina	Relatos de experiência/vida	Dialog(ando) SEM TRADUÇÃO DIRETA - (somente Língua de Sinais)! #53 (Vanessa Vidal) #biografia #deaf	Natural
Vanessa Vidal	Feminina	Live	Chimarrão- história/ cultura/ benefício	Natural
Carolina Pêgo	Feminina	Live	Estudos Surdos na Live - Dra. Carol Pêgo	Natural
Rimar Segala	Masculino	Palestra (modalidade digital)	Fórum 2019 – 8ª edição I Seminário Nacional 02 Reflexões Sociolinguísticas sobre a Libras	Acadêmica
Rodrigo Machado	Masculino	Palestra (modalidade digital)	LINGUAS EM CONTATO	Acadêmica
Rodrigo Machado	Masculino	Relatos de experiência/vida	Ontem, hoje e amanhã: os jovens surdos de cada geração	Natural Argumentação
Rimar Segala	Masculino	Relatos de experiência/vida	O que o surdo pode fazer? Rimar Ramalho Segala TEDxTatuíED	Natural
Rimar Segala	Masculino	Live	Live- pensamento e sucesso 8 de dez de 2021	Natural
Rodrigo Machado	Masculino	Live	Live 2: Senta que lá vem a história! (Surdos)	Natural

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A escala inclui os quatro sujeitos distribuídos em duas faixas etárias (jovens e adultos). Todos os temas estão acompanhados da identificação nominal e contam com hiperlinks inseridos, permitindo o acesso direto aos vídeos correspondentes de cada temática, disponíveis no *Youtube* ou *Instagram*.

Para a observação e análise detalhada dos fenômenos pragmáticos na Libras, utilizou-se o software ELAN, ferramenta amplamente empregada em pesquisas linguísticas com línguas de sinais. Com ele, foi possível segmentar os vídeos, categorizar expressões não manuais, marcadores discursivos e estruturas visuais relevantes à prosódia e à inferência.

O uso do ELAN permitiu identificar padrões recorrentes na produção dos sinais, possibilitando também a organização do *corpus* em níveis de análise, como o eixo temporal, os turnos de fala e a sobreposição de recursos gestuais. A codificação foi realizada com base em categorias pragmáticas e prosódicas propostas por autores como Brentari (1998), Quadros e Karnopp (2004) e Sandler e Lillo-Martin (2006).

É importante destacar que, durante muitos anos, as línguas de sinais foram desvalorizadas no campo científico, consideradas como gestos rudimentares e sem estrutura

linguística própria. Tal visão foi refutada com os estudos pioneiros de Stokoe (1960), que desenvolveu um sistema de notação para a ASL, reconhecendo sua estrutura fonológica (quirológica) e legitimando o estatuto linguístico das línguas de sinais.

A adoção do ELAN alinha-se com os avanços metodológicos da linguística de línguas de sinais, oferecendo uma base sólida para a análise da prosódia visual, da inferência e dos recursos pragmáticos da Libras em contextos reais de uso, especialmente na sinalização de sujeitos surdos em ambientes digitais., possibilitando a interpretação, pesquisa, análise, observação, categorização e análise das pragmáticas da Libras.

Conforme Pizzio *et al.* (2006), durante muitos anos as línguas de sinais foram consideradas gestos, e acreditava-se que os surdos eram incapazes de produzir prosódia e conceitos abstratos de forma eficaz, comprometendo o status linguístico dessas línguas. A importância do estudo de Stokoe (1960) está na criação de um sistema de notação chamado La Mont West, desenvolvido para a ASL, que aborda o status e o uso da língua, sendo o primeiro estudo na área de Fonologia (ou Quirologia) da Língua de Sinais. Esse estudo foi pioneiro ao expor e consolidar o caráter linguístico da fonologia dos parâmetros da Língua de Sinais. Um capítulo da dissertação de Silva (2015) apresenta exemplos que ilustram os parâmetros da Língua de Sinais.

A Língua de Sinais, sendo espontaneamente transcrita, facilita a captura da natureza claramente definida do sinal durante a produção sinalizante, verificando e diagnosticando seu uso em contexto. No entanto, há poucas pesquisas relevantes sobre a relação entre a transcrição da pragmática da Língua de Sinais e a produção de subjetividade, nuances e essência do contexto sob a ótica do pesquisador surdo.

Atualmente, há um enriquecimento metodológico em pesquisas acadêmicas em Línguas de Sinais, com o uso do programa ELAN, criado pelo Instituto de Psicolinguística Max Planck, em Nijmegen, nos Países Baixos. Este programa permite a análise facilitada de vídeos, áudios, gestos, Língua de Sinais, transcrições e outros documentos, conforme modelo adotado na área de Língua de Sinais (ANATER, 2019). O ELAN utiliza vários parâmetros para a análise de dados na Linguística e em Estudos de Tradução, conferindo maior visibilidade e eficácia às pesquisas. No entanto, ainda há falta de pesquisas na área da pragmática da Língua de Sinais.

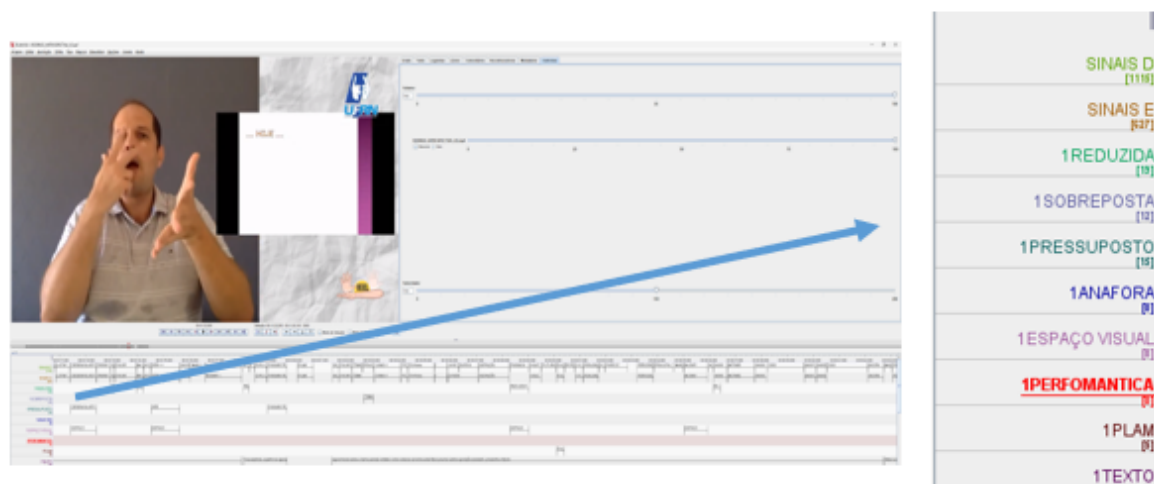
Outras metodologias, conforme descrito por Leite (2008), envolvem a gravação de vídeos e a captura de segmentações de conversas com pessoas surdas. Essas metodologias permitem a progressão das transcrições e facilitam a busca e aquisição de gravações, utilizando

quatro câmeras simultaneamente para captar o uso tridimensional do espaço na Língua de Sinais.

Utilizo o software ELAN na análise dos dados para observar nuances nos vídeos, como a clareza temporal e a ocorrência da sinalização no contexto anterior e posterior ao sinal analisado. Também é possível verificar como o destaque dado a determinados sinais varia conforme o contexto discursivo. Cada categoria de análise é cuidadosamente observada, com a captura do sinal, sua glosa e a organização em trilhas específicas.

O uso do ELAN contribuiu significativamente para esta pesquisa, proporcionando conforto linguístico e facilitando a sistematização da análise da Língua de Sinais. Foram organizadas as seguintes trilhas: 1) Sinais Direito; 2) Sinais Esquerdo; 3) Reduzida; 4) Sobreposta; 5) Pressuposição; 6) Anáfora; 7) Espaço visual; 8) Performática; 9) PALM e 10) Comentário. Essas trilhas permitem identificar a ocorrência lexical do sinal no momento da sinalização (Figura 14).

Figura 14: Transcrição do Elan – Pragmática



Fonte: Elaborado próprio autor (2024).

Utilizo o software ELAN por proporcionar uma melhor visualização e controle da velocidade, o que facilita a identificação do ritmo da sinalização, a análise dos frames e a observação do uso em contexto nos momentos inicial, medial e final da sinalização. Além disso, o ELAN permite identificar categorias linguísticas e selecionar os itens lexicais conforme sua variação e adequação ao contexto de uso do sinalizante.

A análise inclui a marcação do tempo e o recorte dos trechos de vídeo, que serão vinculados a **códigos QR** inseridos no corpo da pesquisa. Esses códigos direcionam para os

exemplos visuais que ilustram as implicaturas visuais, oferecendo maior clareza e aprofundamento na investigação da pragmática em Língua de Sinais no contexto dos sujeitos tecno-surdos.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Com a análise dos três vídeos, é possível examinar cada categoria sinalização, descrição no contexto e implicatura visual conjunto forma expressão facial, articulação-boca, direcionamento do olhar, tronco e tem contexto a sua inferência, assim como observar como as características de cada um se relacionam entre si, visto que os vídeos estão inseridos em contextos distintos:

- O primeiro vídeo, é um auditório, no qual está acontecendo uma palestra (modalidade digital), e tem um contexto específico de sinalização da área acadêmica. No *Youtube* ou *Instagram*, é possível encontrar várias palestras (modalidade digital) e analisar a sinalização usada;
- O segundo vídeo *Youtube* ou *instagram* é mais relatos de experiência/vida, está falando sobre cultura surda, como é a vida do surdo sua identidade, experiência;
- O terceiro vídeo é uma live no *Instagram*, ou seja, é uma interação, no formato de bate papo.

5.1 CATEGORIA DA PRAGMÁTICA NA LIBRAS

Observando os registros em quadros pragmáticos da Libras, existem 3 categorias principais. São eles: contexto pragmático, a prosódia visual e relação semântico-pragmática da Libras, vinculada à área de pesquisa e análise da circunstância da enunciação em Língua de Sinais.

Quadro 11: Esquema das categorias de pragmática da Língua de Sinais

CATEGORIA DE PRAGMÁTICA DA LIBRAS		
Critério	Categoria	Conceito
LÍNGUA DE SINAIS PRAGMÁTICA CONTEXTUAL	Língua de Sinais Reduzida	Sinalização própria da língua em contexto, que omite segmentos, seja no meio ou no fim, conforme a sinalização do sinal. Se materializa, por exemplo, pela realização não completa do movimento do sinal, ou pela realização do sinal em ponto de articulação diferente do prototípico, que é substituído por locação mais confortável (economia e redução da Língua de Sinais ³²).
	Língua de Sinais Sobreposta	Sinalização que realiza a sobreposição na forma pragmática do contexto da sinalização pelo uso concomitante de um ou mais sinais manuais.
	Língua de Sinais Pressuposição	Sinalização que omite informações pois se ancora em pressupostos compartilhados pelo interlocutor.

³² Compreendo os conceitos de economia e redução da Língua de Sinais conforme Santos (2024).

	Língua de Sinais Anáfora	Sinalização que demonstra o uso em contexto, resultando na omissão e/ou repetição anterior do sinal e redundância do uso do espaço no contexto da sinalização.
LÍNGUA DE SINAIS PROSODIA VISUAL FUNCIONAL	Língua de Sinais: Espaço Visual como Vissinalização e Proeminência	Vissinalização e proeminência que se referem ao destaque de um referente no contexto principal, seja pela ênfase na referência ao espaço a ele correspondente, na datilologia correspondente ao referente mesmo quando esse já foi explicitado/é conhecido do interlocutor ou na realização repetida acompanhada de ENM reforçadora do sinal do referente no discurso sinalizado.
	Língua de Sinais: Vissinalização Performática e Proeminência Visual	Vissinalização e proeminência que se relacionam com o uso em contexto na marcação do discurso. Materializa-se pela incorporação do referente (pessoa ou não), fazendo uso, por exemplo, de movimentos corporais e faciais (expressões não manuais e articulação-boca com interpretação visual-vibracional) que simulam certa característica do referente.
	Língua De Sinais: Palm-Up, Vissinalização e Proeminência Visual	Caracteriza-se, do ponto de vista da materialização, pelo uso de uma mão ou duas mãos com palma aberta, voltada para cima e dedos apontados para frente, unidos ou não a depender do contexto. Pode ser antecedido ou não pela mesma mão com palma aberta apontada para baixo que se volta para cima pelo movimento rotacional da articulação do pulso. Vissinalização e proeminência que destacam o sinal na marcação específica, conforme a importância da informação, com gestos das mãos que expressam formas como "então", "e", "isso", entre outros, dependendo da produção sinalizada, da situação e do contexto em relação ao tema e ao assunto.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

As categorias já foram explicadas quanto aos seus conceitos, definições e alguns exemplos. Essas mesmas categorias serão analisadas neste capítulo, por meio da análise e coleta dos dados com base nos critérios estabelecidos. A coleta de dados foi organizada a partir de três critérios principais.

1) **Língua de Sinais – Pragmática:** Foram consideradas quatro categorias, a saber: Língua de Sinais Reduzida, Língua de Sinais Sobreposta, Pressuposição e Anáfora. Essas categorias estão relacionadas ao uso pragmático da língua em contexto, observando como o sujeito sinalizante constrói sentidos a partir do uso situado da Libras, considerando a economia linguística, a retomada referencial e a implicatura visual;

2) **Língua de Sinais – Prosódia Visual Funcional:** Foram analisadas três categorias, a saber: Espaço Visual, Performática e PALM-UP. Essas categorias dizem respeito às marcas prosódicas visuais empregadas no discurso, enfatizando como o sinalizante destaca, organiza e

expressa informações por meio da corporalidade, do olhar, do ritmo gestual e de sinais com função discursiva;

3) Comparação entre gêneros discursivos dos tecno-surdos: O terceiro critério envolve a comparação dos vídeos produzidos por tecno-surdos, observando características gerais do gênero textual digital, tais como escolhas de enquadramento, ritmo da sinalização, uso da datilologia e estratégias de explicação visual. Nesse ponto, a datilologia é analisada como recurso estratégico dentro do ritmo prosódico e da organização informacional em contexto digital.

Ao todo, foram analisados **104 sinais**, distribuídos entre os critérios e categorias, conforme apresentado no Quadro abaixo.

Quadro 12: Critério e categoria e exemplos da análise dos dados

Critério	Categoria	Quantidade de Exemplos
Língua de Sinais Pragmática Contextual	LS Reduzida	12
	LS Sobreposta	12
	LS Pressuposição	10
	LS Anáfora	8
Língua de Sinais Prosódia Visual Funcional	LS Espaço Visual	7
	LS Performativa	7
	LS <i>Palm-up</i>	8
Língua de Sinais comparação dos gênero dos tecno-surdos	A relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso	20
	A relação dos tecno-surdos comparação datilologia	20
Total – 3 critérios	9 categorias	104 exemplos

Fonte: Elaborado por autor (2025).

O Quadro apresenta a quantidade total de sinais coletados, distribuídos entre os três critérios adotados para esta pesquisa: (1) Pragmática em Língua de Sinais; (2) Prosódia Visual Funcional e; (3) Comparação dos gêneros discursivos dos tecno-surdos.

5.1.1 Língua de Sinais Reduzida

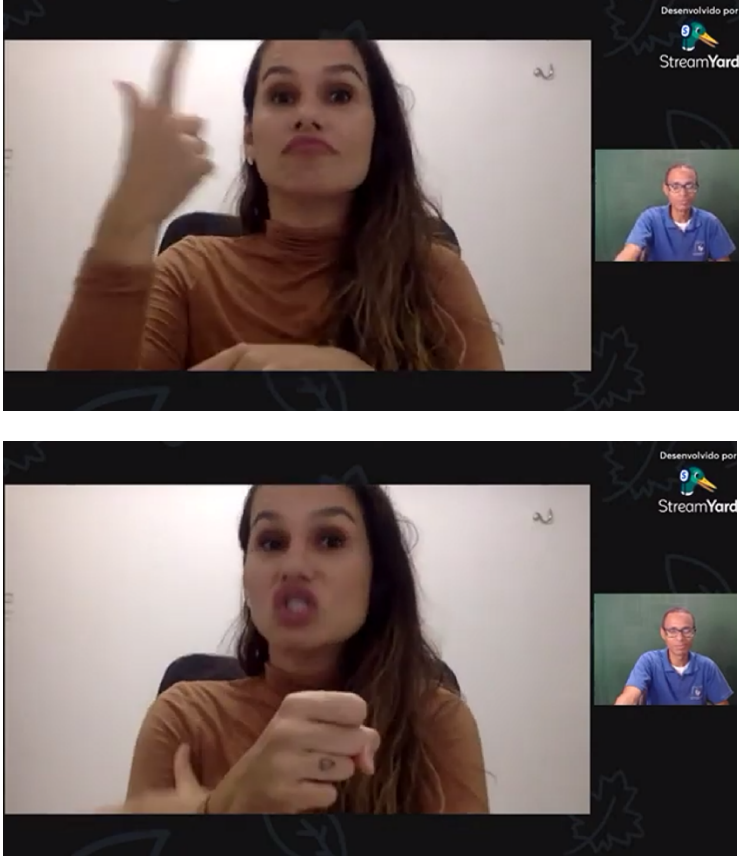
Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Vanessa):

Na Figura 15 apresentada abaixo, é perceptível que há uma relação de conexão entre: a redução linguística da sinalização e a percepção do contexto da situação da pesquisa analisada: A frase da sinalização “VER IX CONSEGUIR RESPONSÁVEL CONSEGUIR
JÁ VER AVALIAR “

evidencia uma redução linguística no uso repetido do sinal “” e a omissão do sinal correspondente à articulação-boca “já”, que foi incorporada de forma sobreposta à sinalização. Esse tipo de construção revela um uso pragmático marcado pela sobreposição entre sinal manual e articulação-boca, típica da fluência em Libras.

O contexto indica a intenção de avaliar se o intérprete de Libras possui fluência, com base na observação direta durante o evento. Ou seja, a estrutura linguística empregada pelo sinalizador reforça a ênfase no momento decisivo em que a instituição confirmará a presença do intérprete.

Figura 15: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência experiência/vida 1 - Vanessa (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	VER IX CONSEGUIR RESPONSÁVEL CONSEGUIR JÁ VER AVALIAR

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização apresenta o dedo indicador com o olhar fixo para frente, seguido de IX (apontação) para o lado direito, indicando que o movimento do tronco para frente

se refere tanto à pessoa quanto à instituição. Essa construção visual implica, ou seja, permite ao interlocutor deduzir, que a pessoa responsável pela organização do evento precisa encontrar alguém para atuar como intérprete de Libras. O sinal “conseguir” é produzido em espaço neutro, com omissão de parâmetros como a locação na bochecha, sendo repetido para reforçar o esforço até que, de fato, se encontre o intérprete. O movimento do olhar para cima sinaliza êxito no processo: a instituição conseguiu designar a pessoa para a função de intérprete.

A articulação-boca “já”, realizada como “tcha”, funciona como um marcador visual que expressa a conclusão da ação, ou seja, implica que a contratação do intérprete foi efetivada por obrigação. Esse conjunto de sinais e expressões visuais permite ao interlocutor inferir que o objetivo da sinalização é questionar se o intérprete realmente possui qualificação, fluência e competência para ser avaliado em sua atuação.

Ocorrência Live 1 (Vanessa):

Sobre a questão da economia linguística na Língua de Sinais, o sinal de “*livro*” e “*explicação*” podem ser feitos em um único sinal, mantendo uma mão fixa com o sinal de livro e a outra em movimento mostrando o sinal de explicação. Pode-se argumentar que tal sinalização viola a máxima do modo, pois os sinais de LIVRO e de EXPLICAÇÃO não são realizados em sua forma canônica, padrão. Porém, no caso de LIVRO, a forma como é realizado pode ser compreendido como descritor imagético, uma forma das Línguas de Sinais reconhecidamente comum e indispensável. EXPLICAR, por sua vez, finda por ter sua forma sigmanulógica e morfológica afetada, sendo realizado apenas com uma das mãos (quando o esperado é que se realize com as duas) e apresentando concordância com LIVRO por meio da realização simultânea dele com a do descritor LIVRO. Esse sinal reduzido se adequa ao contexto da sentença, que se trata de contação de histórias em Libras para crianças, fazendo assim com que se torne mais claro. As crianças amam esse tipo de interação, que se torna perceptível pelas expressões faciais que elas fazem durante a sinalização do contador da história.

Na Figura 16, apresenta no exemplo da seguinte e uma frase retirada de uma live:

IX-ver **IX-livro**
EXPLICAR IX-Livro AMAR LIVRO”

Figura 16: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência Live 1 - Vanessa (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	IX-ver <u>IX-livro</u> <u>EXPLICAR IX-Livro</u> AMAR LIVRO

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização apresenta o uso de IX (apontação) combinado com expressão não manual e olhar direcionado para cima, indicando referência a um livro visualizado no espaço mental. O sinalizador utiliza uma única mão para segurar e explicar, mantendo a referência espacial do livro por meio da apontação contínua. Essa construção implica uma sensação de conforto no momento da contação. Além disso, a inclinação do tronco para o lado sugere uma reação corporal associada à interação com uma criança durante a narrativa, criando, assim, um ambiente visual-narrativo envolvente.

Ocorrência Live 2 (Vanessa):

Na Figura 17 abaixo, apresenta é possível verificar o uso dos sinais de “chimarrão” e “café”, que são sinalizados com as duas mãos em contextos gerais, porém, numa situação informal é usado uma única mão para sinalizar estes termos. Um outro vídeo da coleta de dados e que foi analisado, pode ser observado a seguir:

Figura 17: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência Live 2 - Vanessa (2024)

VIDEO - QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	<u>CHIMARRÃO CAFÉ CHIMARRÃO</u> &digitar-computador

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização do ato de tomar chimarrão é acompanhada pela elevação das sobrancelhas, indicando afirmação da ação; a articulação-boca simula o ato de sugar, enquanto o olhar demonstra concentração, como se estivesse focado na digitalização do texto ao mesmo tempo em que toma a bebida. Esses elementos visuais implicam que a pessoa está

simultaneamente descrevendo sua tese e tomando chimarrão, mantendo o foco e o ritmo de trabalho.

Em determinados momentos, também toma café, dando continuidade ao processo de escrita. O sinal combina chimarrão e café por meio de uma unificação simbólica: uma mão realiza a sinalização da bebida, enquanto a mão dominante simula a digitação no computador (ou notebook). O movimento do ombro para frente reforça a ideia de concentração durante a produção textual.

Durante a conversação em live, a interlocutora acena com a cabeça em alguns momentos, utilizando movimentos sutis que **implicam** esclarecimento e confirmação das ideias compartilhadas no diálogo. Essa interação visual reforça o caráter colaborativo da troca comunicativa e contribui para a construção conjunta de sentidos.

Ocorrência Palestra (modalidade digital) 1 (Vanessa):

Na Figura 18, é possível identificar o uso da economia linguística neste trecho, por meio da fixação de um local e da utilização de apenas uma das mãos para especificar o conteúdo. Essa é uma estratégia frequentemente utilizada em contextos informais, sinalizando em um espaço sobreposto a continuidade do assunto, com uma mão sinalizando e a outra produzindo outro significado para contextualizar. No entanto, a Palestra (modalidade digital) a utiliza neste ambiente formal de conferência. Essa interferência da informalidade em seu discurso ocorre devido ao conforto da produção em Língua de Sinais da oradora, causado pela espontaneidade de sua apresentação. No tocante às máximas conversacionais, a máxima do modo está sendo violada, uma vez que a forma linguística de PORQUE não se realiza de forma completa.

A sinalizador presente no trecho analisado estava em um contexto de conferência.

Figura 18: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência Palestra (modalidade digital) 1 – Vanessa (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	ORAL VISUAL <u>ORAL PORQUE</u> ORAL MAIS VISUAL

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização realizada com ambas as mãos, em forma de duplicação, acompanhada pelo foco do olhar no sinal e pelo movimento lateral do ombro de um dos lados, evidencia a importância dos aspectos visuais na construção do enunciado. Essa sinalização é reforçada pela expressão facial e pelo ritmo do ombro, que implicam estranhamento ou dúvida quanto à veracidade do sinal “ORAL”.

A expressão facial combinada ao olhar fixo no sinal implica também uma não conformidade com os aspectos representados pelo uso do termo “ORAL”, indicando uma posição discordante, já que a pesquisa valoriza e se fundamenta nos aspectos visuais da Língua de Sinais. A articulação-boca, nesse contexto, enfatiza a pergunta: “*ORAL? É isso mesmo?*”, revelando ceticismo ou crítica.

Em seguida, a continuidade da sinalização revela uma assimilação e unificação com a mão que expressa o sinal “PORQUE”, diretamente influenciado pelo sinal anterior “ORAL”. Por esse motivo, o sinal “PORQUE” é executado com rapidez, com o objetivo de introduzir uma explicação contextual. O olhar aponta para a relevância da “oralização”, sugerindo uma reflexão crítica sobre o tema.

Essa articulação ocorre simultaneamente ao sinal “PORQUE”, utilizando o espaço visual: o ombro se desloca para o lado direito durante a sinalização de “ORAL”, enquanto no lado esquerdo ocorre uma sinalização comparativa, evidenciando os contrastes entre os dois elementos.

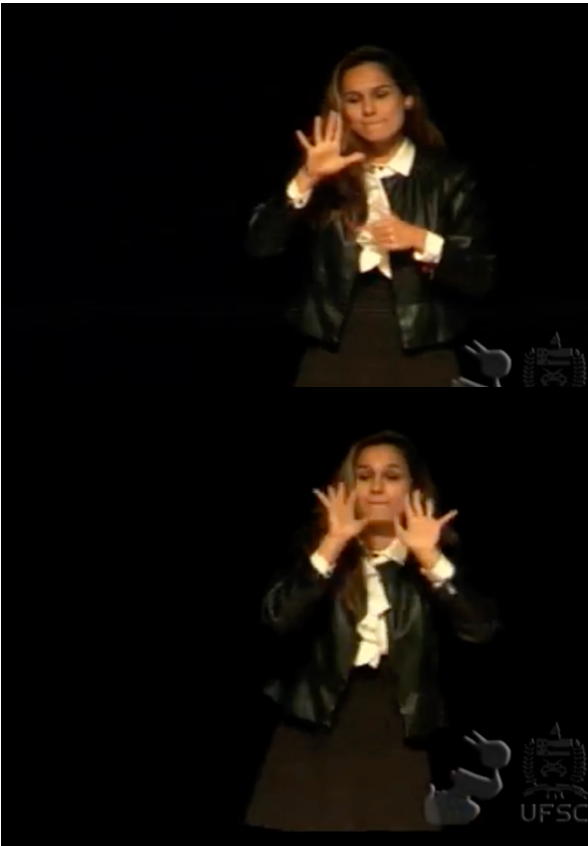
Ocorrência Palestra (modalidade digital) 2 (Vanessa):

Na Figura 19, apresenta neste exemplo percebe-se a diferença da influência da produção do sinal *mas* feito com uma mão ou com as duas mãos. É possível presumirmos que a redução ocorreu por causa do sinal *mas* estar próximo do sinal *ter* que é feito com uma mão, por conforto na sinalização ela utilizou o *mas* com uma mão só. Já no momento em que ela sinaliza o *mas* com as duas mãos devido a estar próximo ao sinal *influência* que é feito com duas mãos.

O sinal anterior ou posterior vai influenciar na sinalização do *mas* e no uso de uma ou duas mãos, às vezes há economia na sinalização, por isso a prosódia usada em contexto de conferência parece destacar da informação principal, tendo a escolha do léxico que se diferencia da prosódia. A oradora utiliza um sinal de destaque na proeminência da prosódia visual como estratégia de enunciação, evitando redundâncias em relação ao tema abordado no momento da sinalização do aspecto visual. Além disso, ela emprega uma estratégia de uso do espaço, utilizando sinais que chamam a atenção para o contexto. Além disso, ao sinalizar *mas* com uma mão, a intenção é oferecer uma explicação de forma mais contextual. Já na segunda sinalização, utilizando *mas* com as duas mãos, o sentido transmitido é de maior certeza, reforçando a explicação em relação ao tema.

Nesse caso, percebemos que a máxima do modo é violada por alguns motivos: a ordenação do discurso da sinalizadora revela que a ordenação, com frases intercaladas apresentando exceções ao que estava sendo explicado, poderia ser mais harmoniosa. Em segundo lugar, porque o sinal de MAS-1, realizado com apenas uma mão, é esperado para contextos informais de interação, mas não para formais, caso da conferência em análise.

Figura 19: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência Palestra (modalidade digital) 2 - Vanessa (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	<u>MAS-1</u> TEM FS-CL SINTAXE TEM INFLUÊNCIA <u>MAS-2</u> TEM

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização se inicia com diferentes formas do sinal “TRABALHAR”, acompanhadas por expressões faciais marcadas, articulação-boca e movimentação dos ombros, que intensificam os sentidos de esforço, sobrecarga e cansaço extremo no ambiente de trabalho.

Na sequência, ocorre a introdução do sinal “MAS”, que **implica** uma transição discursiva e, juntamente com o olhar direcionado, sugere um processo de pensamento que antecede a enunciação. Esse uso tem função de unificação argumentativa, indicando que uma explicação adicional está por vir.

A expressão facial associada ao sinal “TEM” revela uma confirmação existencial, reforçada pelo olhar voltado para cima, sinalizando um momento de reflexão no discurso, e pela articulação labial que transmite certeza. Esse conjunto expressivo promove uma densificação semântica em torno do sinal “TRABALHAR”, revelando sua diversidade de usos e significados contextuais.

Observa-se também o uso da datilologia C-L (representando “claro”), que reforça a afirmação e indica que a sinalização pode variar conforme o contexto, influenciando inclusive aspectos sintáticos da Libras.

Por fim, o uso repetido do sinal “MAS”, associado à simetria corporal, à elevação das sobrancelhas e a uma pausa estratégica, funciona como marcador discursivo de ênfase e atenção, sinalizando que a explicação a seguir é central e assertiva no enunciado. Esse trecho evidencia, portanto, como a implicatura visual na Libras se manifesta por meio da interação dinâmica entre expressões faciais, gestualidade corporal, direcionamento do olhar e ritmo da sinalização.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Rodrigo):

Na Figura 20, apresenta a frase ‘Explicando de alguma forma do movimento, parece que terá mais oportunidade e promoverá mais’ utiliza o termo ‘parece’ de forma reduzida, ágil e autêntica, eliminando informações redundantes, como as expressões ‘veja bem’ e ‘como se fosse’. Percebe-se que o sinal ‘*parece*’, que antes era sinalizado separadamente, passou a ser incorporado ao sinal de ‘*ter*’, configurando uma forma reduzida de sinalização. A articulação labial contribui para a informação, formando a letra ‘T’ e mesclando com ‘parece’. Essa articulação labial, no entanto, gera certa ambiguidade, sobrepondo informações e resultando em dupla interpretação na Língua de Sinais.

Figura 20: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência relatos de experiência/vida 1 - Rodrigo (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	EXPLICAR YYY HOJE PARECE MAIS-4 TEM OPORTUNIDADE MAIS-4

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura visual: A sinalização apresenta uma explicação sobre um acontecimento atual, com indícios de omissão da configuração de mão (como o uso do dedo indicador) e expressões não manuais que destacam a continuidade e a assimilação do sinal, como se estivesse sendo levado ao extremo para reforçar a mensagem. O movimento do tronco e dos ombros inclinando-se para frente serve para enfatizar a importância da informação naquele momento.

Esse uso corporal e visual indica que a intenção do sinalizador é destacar a relevância do tema em função de aspectos legais, sugerindo que, de acordo com a legislação, os surdos devem ter maior acesso a direitos e deveres, buscando melhores oportunidades e reconhecimento social.

Ocorrência relatos de experiência/vida 2 (Rodrigo):

Na Figura 21, apresenta a frase *“Passado o momento, tinha muitos surdos na associação; era uma pressão do movimento dentro do grupo da instituição. A associação de surdos tinha muita gente se movimentando e promovendo mais”* utiliza o termo *“surdo”* de forma reduzida, ágil e espontânea, eliminando informações redundantes no fluxo do discurso.

O destaque recai sobre o sinal anterior *“associação de surdos”*, que foi repetido para reforçar a ideia. O sinal *“surdo”* foi iniciado com a localização no ouvido, mas não foi finalizado com a articulação-boca. Essa forma de realização implica que a informação já havia sido estabelecida anteriormente no discurso, permitindo a omissão da conclusão plena do sinal. Além disso, a ocorrência do sinal *GRUPO*, articulado em espaço neutro logo após o sinal *SURDO*, influenciou a forma de finalização deste último, que não atingiu seu ponto de articulação final (a boca) e foi seguido pela abertura das mãos, dando continuidade ao enunciado.

Do ponto de vista articulatorio, a realização completa do sinal *SURDO* seguida imediatamente pelo sinal *GRUPO* seria mais dispendiosa. Deduz-se, portanto, que essa redução representa um caso de economia linguística, motivada tanto por fatores pragmáticos quanto articulatorios, visando favorecer a fluidez e o conforto na sinalização.

Figura 21: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência relatos de experiência/vida 2- Rodrigo (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	MOMENTO PASSADO MAIS-1 SURDO GRUPO VIDA PRESSÃO É ASSOCIAÇÃO SURDO ASSOCIAÇÃO SURDO GRUPO DV-muitas-gentes

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização expressa uma referência ao passado por meio do movimento do tronco para trás, indicando uma temporalidade anterior. A expressão não manual associada ao sinal “mais” tem a função de enfatizar que, naquele período, o povo surdo enfrentava intensa pressão e apresentava alta frequência de participação na associação de surdos. O sinal “grupo”, articulado com uma expressão facial específica, indica que se tratava de um coletivo surdo marcado por resistência. A articulação-boca que simula o sopro de ar reforça a ideia de frequência contínua, sugerindo que “sempre estavam convivendo na associação”.

Além disso, em determinado momento, o sinal “grupo” é realizado com movimento do tronco para frente, o que imprime ao enunciado um sentido de engajamento e ação coletiva. Esse movimento corporal projeta a ideia de que o grupo não apenas existia, mas atuava de forma ativa e comprometida nas dinâmicas da associação, engajando-se em ações sociais e políticas daquele período.

Nesse contexto, infere-se que o sinal “pressão” representa a presença massiva de pessoas nas associações, sendo reforçado pela direção do olhar voltado lateralmente, em referência ao coletivo surdo. A ausência de tecnologias de comunicação naquele período tornava os encontros presenciais indispensáveis e mais concretos, o que justifica a participação frequente dos surdos nessas instituições. Esse aspecto é reforçado pela reduplicação do sinal, que indica a continuidade discursiva em torno do tema “associação de surdos”.

O sinal “surdo” foi realizado com um único toque na orelha, omitindo a finalização tradicional junto à boca. Essa omissão se justifica pelo fato de a referência à comunidade surda

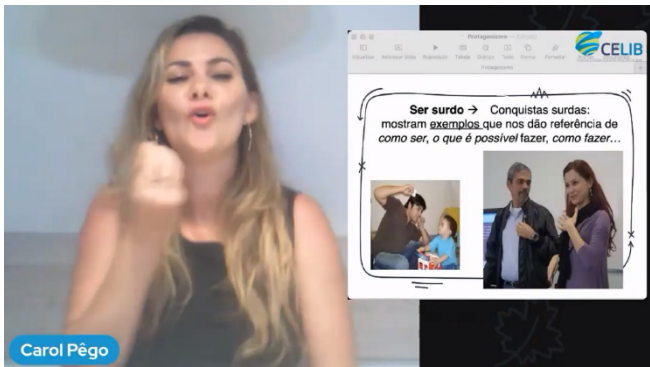
já ter sido estabelecida anteriormente no discurso, tornando desnecessária a realização completa do sinal.

Ao retomar o sinal “associação de surdos”, o sinalizador utiliza estratégias imagéticas para representar visualmente um grande grupo de pessoas como um mutirão, reunido dentro do espaço da associação. Esse recurso reforça a noção de um ambiente coletivo, dinâmico e participativo, característico das práticas comunitárias daquele período histórico.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Carol):

Na Figura 22, apresenta a sinalização da frase “*COMO FS-ser SURDO PORQUE LIGADO PROTAGONISTA FS-ser SURDO SÓ IDENTIDADE*” apresenta o sinal “como” realizado com uma mão, transmitindo uma sensação subjetiva, como se fosse “é impressionante, forma de sentir”. Trata-se de um uso implícito, distinto da forma convencional com duas mãos, que geralmente indica dúvida ou questionamento, como em “como funciona?” ou “como se dá?”. Neste caso, o uso do “como” está vinculado ao contexto específico da palestrante, uma pessoa surda que se refere à sua própria formação identitária como surda. Na sequência, utiliza-se a datilologia para o sinal “ser”, iniciando a partir de trás com ênfase na letra final “r”, movendo-se para frente destacando visualmente a importância do termo “surdo” no discurso. A construção evidencia a relação entre o sujeito surdo e seu protagonismo, sendo retomado novamente o sinal “ser surdo”, reforçando o pertencimento identitário.

Figura 22: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Carol (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	COMO FS-ser SURDO PORQUE LIGADO PROTAGONISTA FS-ser SURDO SÓ IDENTIDADE.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização do termo “como”, de forma espontânea, é acompanhada por expressões faciais (sobrancelhas arqueadas) e a articulação-boca “omo”, marcando

continuidade na enunciação com o sinal “ser”. Essa composição visa enfatizar e atrair a atenção para a construção visual de “ser surdo”, articulando a identidade do sujeito surdo de forma destacada. A implicatura visual sugere que esse “ser” está diretamente associado à centralidade do protagonismo surdo, sendo marcado prosodicamente como elemento de destaque que reforça a identidade surda como essencial à narrativa apresentada.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Gabriel):

Na Figura 23, a frase sinalizada pelo sujeito foi: “REFERÊNCIA PEDIR IX O-QUE IX-vocês SABER QUEM IX SOU REFERÊNCIA PROTAGONISTA PORQUE MAIORIA SURDO JOVEM PRECISA VOCÊ”. A inferência feita pelo palestrante aponta para a importância de se tornar uma referência dentro do movimento surdo. A construção discursiva mostra que o surdo pode, sim, ocupar esse lugar de protagonismo. O sinal “referência” foi realizado com uma mão, articulando a letra “R”, seguido pela sinalização “pedir” com apontação (IX), destacando a necessidade de não esquecer o significado de “ser referência”. A sequência sinalizada sugere que, no momento em que os interlocutores estão assistindo, é crucial que saibam quem é aquela pessoa, o sinalizador, reconhecendo-a como alguém que ocupa esse lugar de referência. Em seguida, o sinal “protagonista” é resgatado e reiterado, com o uso de uma só mão, atribuindo ao sujeito o papel de modelo necessário para os jovens surdos que buscam inspiração no movimento surdo.

Figura 23: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência relatos de experiência/vida 1 - Gabriel (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	REFERÊNCIA PEDIR IX O-QUE IX-vocês SABER QUEM IX SOU REFERÊNCIA PROTAGONISTA PORQUE MAIORIA SURDO JOVEM PRECISA VOCÊ

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: Próximo ao encerramento do vídeo, observa-se a sinalização da letra “R” com uma mão, indicando “referência”. A palestrante utiliza esse sinal junto ao verbo “pedir”, acompanhado por uma expressão facial de súplica, enfatizando o apelo para que as pessoas assistam, se envolvam e compreendam a importância do movimento surdo. A redundância proposital dos sinais “referência” e “protagonista” é marcada linearmente, reforçando que a maioria dos surdos, especialmente os jovens, precisa encontrar modelos surdos com os quais possam se identificar. A implicatura visual evidencia a intenção discursiva de incentivar o reconhecimento e o engajamento no movimento, destacando o papel do sujeito como referência e protagonista surda.

Ocorrência Live 1 (Gabriel):

Na Figura 24, apresenta a frase sinalizada foi: *“G-não VERDADE DENTRO BARCO TEM INTERNET IX-nós COMBINAR NÃO COMPRAR NADA PORQUE IX-nós QUER DIVERTIR CERTO MAS IX-lá HOMEM TEM INTERNET”*. O sinal “G-não” é um gesto que expressa negação no sentido de “não é isso que você está dizendo”. Em seguida, o termo “verdade” aparece como parte de uma narrativa real, reforçando o relato. A sinalizante explica que havia internet no barco, mas que o grupo havia combinado previamente não comprar créditos para utilizar, com o objetivo de aproveitar o momento de lazer. O uso do sinal “certo” funciona como recurso pragmático para retomar o acordo feito, um pedido de lembrança e confirmação: “lembra? concorda?”. Contudo, ao apontar (IX) para um homem que estava presente com ela, revela-se que ele tinha internet, o que justifica o desejo de acessá-la naquele contexto, apesar do combinado.

Figura 23: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência Live 1- Gabriel (2024)



	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	G-não VERDADE DENTRO BARCO TEM INTERNET IX-nós COMBINAR NÃO COMPRAR NADA PORFQUE IX-nós QUER DIVERTIR CERTO MAS IX-lá HOMEM TEM INTERNET

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: O gesto “G-não” é realizado com movimento semelhante ao de um “tchau”, indicando uma negação mais enfática. Em seguida, o sinal “verdade” é articulado com uma mão, enquanto a outra está ocupada, indicando simultaneidade na sinalização. A narrativa continua com a informação de que havia internet no barco, mas reforça-se, por meio da expressão facial (sobrancelhas erguidas), que havia um acordo entre os presentes para não comprar crédito de internet, com o objetivo de aproveitar o momento de lazer. O sinal “certo” é utilizado como estratégia para retomar o acordo e convocar a concordância do interlocutor: “lembra? concorda, não é?”. O marcador discursivo “mas” introduz a justificativa: o índice (IX) aponta para o homem que possuía internet, o que explica o desejo da sinalizante em utilizar a conexão, mesmo contrariando o combinado.

Ocorrência Live 1 (Tainá):

Na Figura 25, apresenta a frase sinalizada foi: “PORQUE NÃO FACIL MUDAR PESSOA FS-si JÁ FOI ANTES FACIL MUDAR IX MESMO ASSIM MUDAR TENTAR CRESCER”. O destaque está na repetição do sinal “”, o que indica a inferência de que, de fato, “não é fácil mudar”. Essa construção revela que o homem em questão possui uma personalidade resistente, do tipo “ninguém manda”, mas que está em processo de aprendizado sobre o universo feminino e as relações com base em princípios feministas. O sinal “mudar” é utilizado três vezes: a primeira enfatiza que não se trata de uma transformação simples ou imediata; a segunda ocorre com o uso de duas mãos em movimento circular, acompanhada da

datilologia “si” (em vez de “se”), sinalizando a hipótese de que, se a mudança tivesse ocorrido anteriormente, teria sido mais fácil; a terceira retomada de “mudar” recapitula que o homem está em um momento de transição, buscando compreender melhor o mundo sob uma perspectiva feminista.

Figura 25: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência Live 1 – Tainá (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	PORQUE NÃO FACIL MUDAR PESSOA FS-si JÁ FOI ANTES FACIL MUDAR IX MESMO ASSIM MUDAR TENTAR CRESCER

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: O sinal “mudar” aparece, inicialmente, reduzido a uma mão, articulado de forma rápida, com um gesto espontâneo e entusiasmado, reforçado por expressões faciais com sobrancelhas levantadas, recurso típico de topicalização na língua de sinais. A sinalização transmite a ideia de que mudar não é algo simples, especialmente, quando envolve transformação pessoal profunda. O uso da datilologia “si” em vez de “se” está relacionado ao conforto visual e à fluidez da sinalização em Libras. Utilizar “se” seria mais próximo de uma estrutura aportuguesada (português sinalizado), enquanto “si” se ajusta melhor à morfologia visual da língua de sinais. O segundo uso do sinal “mudar”, agora com duas mãos em movimento circular, aparece associado ao índice (IX), apontando para o sujeito masculino. A implicatura visual sugere que, se essa pessoa tivesse mudado antes de ter contato com a perspectiva feminista, a transformação teria ocorrido de forma mais natural. No entanto, o

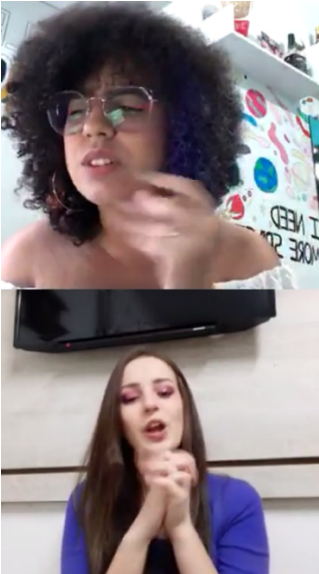
contexto atual revela que ele está apenas agora em processo de mudança e compreensão desse novo universo.

Ocorrência Live 1 (Andreia):

Na Figura 26, a frase composta pelos sinais *esfregar-mão*, *soprar-mão*, *IX-você* e *IX-eu esquecer o que ia falar mesmo* apresenta uma sequência significativa de estratégias discursivas e expressivas. O sinal *esfregar-mão* indica que o sujeito está se preparando para iniciar a sinalização, sugerindo prontidão para discutir o tema. Em seguida, o sinal *soprar-mão* transmite a ideia de que as mãos estão sendo “liberadas” ou “soltas”, simbolizando disposição corporal e mental para sinalizar de forma mais leve, fluida e espontânea.

Posteriormente, o sinal *IX-você* é acompanhado de uma expressão facial que denota esforço de recordação, como se a pessoa estivesse tentando lembrar algo que desejava dizer. A pausa, o olhar direcionado e a expressão de concentração reforçam esse esforço cognitivo. Por fim, o sinal *IX-eu esquecer o que eu queria falar mesmo* conclui a sequência, expressando de forma direta o esquecimento do conteúdo que seria sinalizado. Essa construção revela não apenas o conteúdo proposicional, mas também nuances emocionais e cognitivas envolvidas no processo enunciativo, evidenciando o caráter performativo e expressivo da língua de sinais em situações discursivas espontâneas.

Figura 26: Língua de Sinais Reduzida – ocorrência Live 1- Andreia (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	

GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	ESFREGAR-MÃO SOPRAR-MÃO PLAM IX-você IX-eu ESQUECER O-QUE FS-vai FALAR MESMO
---------------------------------	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização composta pelos gestos *esfregar-mão* e *soprar-mão*, acompanhada de movimento entusiasmado do tronco, indica uma atitude positiva, sugerindo que a sinalizante estava se preparando para discutir o tema em questão. O uso do apontamento *IX-você*, com o tronco projetado para frente, transmite a expectativa de que o interlocutor tomaria a iniciativa de iniciar a sinaliza. No entanto, trata-se de um equívoco: era a própria sinalizante quem pretendia se expressar.

A expressão facial, somada ao olhar voltado para baixo, evidencia um esforço de recordação, como se estivesse tentando resgatar algo que desejava expressar. Nesse momento, observa-se uma espécie de colapso discursivo, marcado por hesitação e seguida da enunciação: “*IX-eu esqueci o que eu queria dizer*”. Durante essa produção, a articulação-boca apresenta-se arqueada para baixo, especialmente nos cantos, sugerindo uma sensação de frustração e desorientação momentânea, como se estivesse perdida no encadeamento do discurso. Esse gesto é acompanhado por uma pausa significativa, indicando interrupção temporária da fluidez expressiva.

Além disso, nota-se uma redução na amplitude dos movimentos corporais: os braços são abaixados, e o sinal *esquecer*, tradicionalmente realizado com contato na testa, é deslocado para o espaço neutro, próximo ao queixo. Essa escolha revela uma adaptação por conforto linguístico, favorecendo a continuidade da enunciação, já que o próximo conteúdo também será articulado nessa mesma região.

Essa organização espacial demonstra linearidade no fluxo comunicativo e evidencia um processo de redução na língua de sinais em situações espontâneas. A economia gestual, somada à prosódia visual, contribui para a construção do sentido e para a interpretação do enunciado pelo visualizante que, nesse caso, também é uma pessoa surda. Assim, a implicatura visual se realiza não apenas por meio dos sinais manuais, mas também pelas expressões faciais, pausas e articulação-boca, compondo um enunciado multimodal que exige leitura atenta das pistas visuais e contextuais.

5.1.2 Discussão e considerações finais sobre a língua de sinais reduzida

A análise da sinalização nos diferentes gêneros discursivos (relatos de experiência/vida, lives e palestra digitais) revelou que a redução linguística em Libras constitui uma estratégia

funcional e visualmente orientada. Tais reduções envolvem simplificações formais, omissões de parâmetros manuais e não manuais, e fusões entre sinais e articulações, mobilizadas de modo coerente ao contexto e às intenções enunciativas sujeitos.

Quadro 13: Discussões sobre a Língua de Sinais Reduzida

Fig.	Gênero Textual	Fenômeno observado	Implicatura Visual
15	Relato de experiência/vida	Redução: Uso do sinal omissão e informa articulação-boca	Expectativa de avaliação e julgamento do intérprete
16	Live	Redução: Uso do sinal (livro+explicar)	Narrativa afetiva para criança com uso espacial contínuo
17	Live	Redução: Economia com uso de uma só mão em contexto informal	Simultaneidade entre tomar chimarrão digitalizando tese
18	Palestra digital	Redução: Uso informal em palestra formal; sinal incompleto de ‘porque’	Crítica implícita ao termo ‘oral’; contraste com ‘visual’
19	Palestra digital	Redução: uso sinal de variação ‘mas ‘de 1 ou 2 mãos por influência sintática	Ênfase discursiva alternada conforme o contexto
20	Relato de experiência/vida	Redução: Sinal ‘parece’ CM ‘2’ e omissão da finalização do sinal CM ‘1’ fusão uso dos sinais e ambiguidade com articulação-boca	Ênfase em políticas públicas em direitos’ uso intencional do corpo
21	Relato de experiência/vida	Redução: Omissão da finalização ‘surdo’ por economia da língua de sinais	Pressão coletiva surda; participação em associações
22	Relato de experiência/vida	Redução: uso do sinal ‘como’ com função subjetiva	Identidade surda como construção sentida e pertencente
23	Relato de experiência/vida	Redução: Uso de ‘referência’ com economia e ênfase visual	Chamada ao protagonismo jovem surdo
24	Live	Redução: sinalização uma mão ativa ‘verdade, dentro barco’	Desejo de acessar internet apesar do combinado
25	Live	Redução: uso uma mão ativa no sinal ‘mudar’, uso datilologia ‘si’ prosódia visual	Mudança pessoal; perspectiva feminista como nova lente
26	Live	Redução: mudança de localização do sinal ‘esquecer que FS-vi falar mesmo’, colapso discurso	Esquecimento espontâneo; visualidade na hesitação

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Nas Figuras 15, 20, 21 e 22, observamos que, nos relatos de experiência/vida, as sinalizações foram marcadas por omissões articulatórias (como a não finalização do sinal “SURDO”) e por fusões, como no caso de “PARECE”. Tais ocorrências evidenciam aspectos visuais relacionados à economia linguística na Libras, que, embora sintética, mantém expressividade e significado. Essas estratégias dependem da ativação de conhecimentos compartilhados e da leitura de pistas contextuais por parte do interlocutor surdo. A implicatura visual, nesses casos, orienta a interpretação e confere densidade semântica ao enunciado, mesmo diante da supressão de formas canônicas. O foco recai sobre a pragmática do uso, em que o sentido é preservado pela leitura contextual e visual.

Nas lives (Figuras 16, 17, 24, 25 e 26), a redução na língua de sinais aparece em construções narrativas marcadas pela espontaneidade e afetividade, como na fusão sobreposta dos sinais “LIVRO” e “EXPLICAR”, articulados simultaneamente em um contexto de contação

de histórias. Outro exemplo ocorre quando o sujeito relata um momento íntimo digitalizando a tese enquanto toma chimarrão combinando ações simultâneas em uma única sequência visual. A visualidade é amplamente explorada por meio de expressões faciais, ritmo corporal e economia linguística. A espontaneidade favorece omissões de partes formais dos sinais, sem prejuízo da compreensão, pois o interlocutor visualizante mobiliza a leitura integrada do corpo sinalizante. Essas reduções, longe de comprometer a clareza, facilitam a fluidez discursiva e o engajamento comunicativo.

Já nas palestras digitais (Figuras 18 e 19), embora se espere maior formalidade, identificam-se estratégias informais, como a realização incompleta do sinal “PORQUE” ou a alternância entre diferentes formas do sinal “MAS”, conforme a posição sintática. Tais usos evidenciam uma adaptação pragmática ao ambiente digital e uma gestão visual do discurso, indicando que a naturalidade em Libras não está necessariamente associada à formalidade, mas sim ao domínio da língua e à adequação situacional.

É importante ressaltar que tais reduções na Libras não devem ser interpretadas como erros ou falhas linguísticas. Do ponto de vista da linguística, constituem estratégias legítimas de variação, simplificação e performatividade visual, sustentadas por princípios de economia expressiva e pela pragmática da língua. As Figuras 23 e 24, por exemplo, demonstram como a redução linguística pode estar a serviço da construção de identidade e protagonismo, convocando o interlocutor à participação ativa e ao reconhecimento no espaço discursivo do movimento surdo.

As análises também evidenciam o papel central da implicatura visual como elemento sustentador e enriquecedor da construção de sentido. O direcionamento do olhar, as expressões faciais, a articulação-boca e o ritmo corporal funcionam como pistas pragmáticas visuais que guiam a interpretação. Assim, a redução formal de sinais torna-se uma escolha funcional, dinâmica e eficiente, e não uma limitação linguística.

Dessa forma, a língua de sinais reduzida se apresenta como uma manifestação legítima e natural da Libras em contextos digitais e multimodais. Ela não compromete a integridade da língua, mas a reafirma como um sistema dinâmico, econômico, altamente visual e sensível à subjetividade do sujeito surdo. Compreender e analisar tais fenômenos contribui para ampliar a reflexão sobre os modos contemporâneos de enunciação em Libras e suas implicações para o ensino, a documentação e a valorização da experiência linguística e cultural do povo surdo.

5.1.3 Língua de Sinais Sobreposta

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Rodrigo):

Na Figura 27, apresenta a glosa da tradução apresentada revela a complexidade da Língua de Sinais: 'Antes, o principal era o movimento relacionado à Lei 10.436, sancionada em 2002, e ao Decreto 5.626 de 2005. Esse recente movimento reflete uma longa luta e muita história. Anteriormente, não havia movimento organizado nem uma história consolidada, mas percebe-se, ao longo do tempo, uma retrospectiva histórica que demonstra diferenças significativas entre os séculos.

O sinal  (mão para frente) representa o significado de histórias e movimentos diversos, acompanhado por sinal com a cabeça e articulação-boca, que indicam o surgimento

de diferentes elementos ligados à legislação. Já o sinal  (mão para trás) simboliza o passado, remetendo às histórias antigas em que o movimento lutava pela conquista de direitos e pela criação de leis, evidenciando a ausência desses direitos no período. Em termos pragmáticos, o sinalizador estabelece, com a mão passiva, um marco no tempo, qual seja, o período compreendido entre os anos de 2002 e 2005, em que foram promulgados a Lei nº 10.436/2002 e o Decreto nº 5.626, considerados importantes dispositivos legais pelo povo surdo. Com a mão ativa, o sinalizador estabelece movimentos no tempo, que se projetam ao passado e ao futuro em relação ao período 2002-2005. Primeiramente, para indicar o tempo que sucede 2002-2005, o sinalizador coloca a mão ativa em paralelo com a mão passiva, movimentando-a, em seguida, para frente, distanciando-a de seu corpo. Essa indicação de futuro é acompanhada por expressão facial neutra, mas com movimento da língua (articulação-boca) em ritmo semelhante ao dos dedos, que indicam a passagem do tempo. Com essa sinalização, o sentido alcançado é: “após 2002-2005, com o passar do tempo, houve dispositivos legais que asseguravam direitos aos surdos”. Posteriormente, quando faz referência ao tempo que precedeu 2002-2005, ele inicia novamente com as duas mãos paralelas uma à outra e, depois, movimenta a mão ativa para trás, em direção a seu corpo. Concomitantemente ao movimento de retrocesso no tempo, ele realiza, com a cabeça, movimento de negação acompanhado das bochechas sugadas, que permitem presumir o caráter de negatividade da informação que se pretende passar: “anteriormente a 2002-2005 não havia muitos dispositivos legais que assegurassem direitos aos surdos”.

Finalizando, observa-se que a diferença entre os dois sinais oferece informações variadas, enriquecidas pela articulação-boca, que acompanha o contexto situacional e destaca a relação com o tema abordado.

Figura 27: Língua de Sinais sobreposta – ocorrência relatos de experiência/vida 1- Rodrigo (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	IX ANTES PRINCIPAL MAIS-I PARECE LIGADO É LEI LIBRAS 2002  CERTO 2005 DECRETO TEMPO SÉCULO. DIFERENTE MAS TEM

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização referente ao tempo utiliza a duplicação como estratégia de marcação semântica. Uma das mãos permanece parada, representando o tempo presente, acompanhada de olhar fixo e direcionado, enquanto a outra, a mão dominante, sinaliza movimentos em direção ao passado (indicando "antigamente") e ao futuro (indicando projeção temporal). O sinalizador realiza uma sobreposição entre os sinais de passado e futuro, estabelecendo uma comparação temporal no discurso.

Além disso, observa-se o uso sutil dos ombros e do olhar: a movimentação para o lado esquerdo remete ao passado, enquanto o lado direito remete ao futuro, configurando um

mapeamento semântico visual espacializado. A mão passiva permanece fixa, chamando atenção para a linha do tempo, enquanto a mão dominante sinaliza números ou marcos temporais, especialmente no que se refere a legislações anteriores, com o ombro recuado reforçando o tempo passado.

O olhar direcionado para cima indica reflexão ou memória, sugerindo que o sinalizador está acessando informações históricas sobre legislações passadas. Ao olhar para frente e manter a mão passiva fixa, a mão dominante segue sinalizando o avanço da linha do tempo, com apoio do corpo inclinado e da articulação-boca, que reforça a ideia de que muitas legislações surgiram posteriormente.

A articulação-boca em forma de “sucção” e ombro para trás indicam que, no passado, não havia legislação ou movimentos organizados. Em seguida, o sinalizador representa o tempo atual com o uso das duas mãos em duplicação, reforçando visualmente que "neste momento atual" a situação é diferente.

A mão dominante sinaliza o grande impacto entre o antes e o depois, enfatizando as mudanças significativas no contexto legislativo e histórico da comunidade surda. O uso do sinal “MAS” com uma só mão funciona como marcador de unificação discursiva, articulando o conhecimento do passado com a realidade atual. Ao mesmo tempo, o ombro recuado reforça a ideia de passado difícil, especialmente no que se refere à infância do povo surdo e suas vivências em contextos de exclusão.

Essa construção sinalizada evidencia como a implicatura visual em Libras não apenas transmite informações, mas organiza o tempo e a memória coletiva por meio do corpo, revelando-se como um instrumento expressivo, histórico e político.

Ocorrência Palestra (modalidade digital) 1 (Vanessa):

Na Figura 28, apresenta a glosa da tradução apresentada destaca a complexidade e a dinâmica da Língua de Sinais. O conceito de socioleto envolve sinais compartilhados dentro de uma comunidade, mas, dentro desse grupo, infere-se que cada indivíduo possui seu próprio idioleto, o qual pode sofrer variações. Essas variações decorrem da expressão pessoal de cada sinalizante, podendo modificar e até difundir determinado sinal, a ponto de ele se tornar mais convencional e, eventualmente, formalizado no léxico da Língua de Sinais.

Observa-se, portanto, que a distinção entre os dois sinais “*socioleto*” e “*idioleto*” fornece informações complementares. Ambos são enriquecidos pela natureza simultânea e dinâmica da

sinalização. A mão dominante exerce papel central na variação dos sinais, enquanto a articulação-boca contribui para a ampliação das informações, tornando o discurso mais detalhado e sequenciado, conforme o contexto situacional.

Figura 28: Língua de Sinais sobreposta – ocorrência Palestra (modalidade digital) 1 - Vanessa (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
	
	
	

Implicatura Visual: A sinalização *SOCIOLETO*



(realizada com a mão passiva aberta e

a mão dominante no formato de uma flor) representa a ideia de que, dentro de um grupo, os sinais são convencionados e compartilhados pela comunidade usuária da Língua de Sinais. No entanto, esses sinais estão sujeitos a transformações a partir da influência individual. Já o sinal

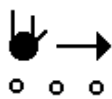


IDIOLETO

(com a mão passiva aberta e a mão dominante no formato do número um)

remete à singularidade de cada pessoa no grupo, com formas próprias de sinalização.

A análise enfatiza a dinamicidade entre *socioleto* e *idioleto*, demonstrando que cada



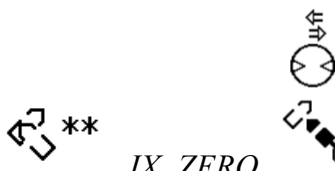
indivíduo (*cada++*) pode influenciar a forma do sinal por meio de sua experiência

e expressão pessoal. Esse processo evidencia o funcionamento da Língua de Sinais como prática dinâmica e interativa, na qual os usos sobrepostos entre *socioleto* e *idioleto* são incorporados ao contexto comunicativo. A mão passiva, ao servir de base para a sinalização, simboliza a estabilidade sobre a qual a mudança ocorre, permitindo que a contextualização e a convivência em grupo favoreçam a adaptação, a difusão e, eventualmente, a consolidação do sinal. Assim, sinais inicialmente marcados por traços individuais podem se integrar ao repertório coletivo, contribuindo para a formação e formalização do léxico da Língua de Sinais.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Vanessa):

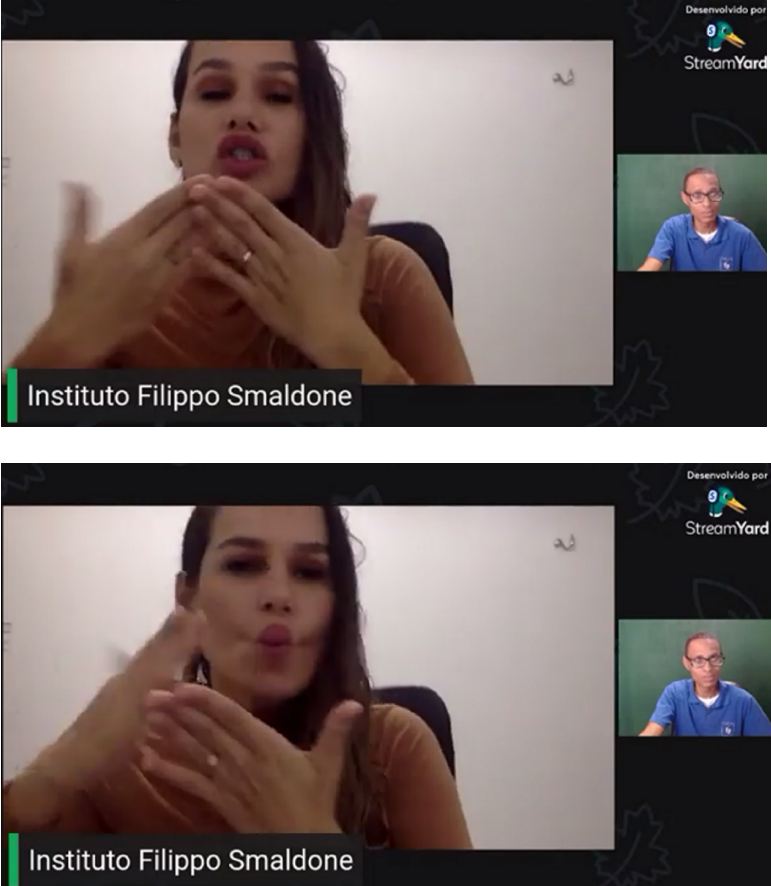
Na Figura 29, apresenta a frase sinalizada foi: “*UM FILLIPO-SMALDONE POSITIVO*

FS-ok ORALIZAR DEPOIS ** *IX ZERO* ”. A referência à Escola Filipo Smaldone indica que se trata de uma instituição voltada para crianças surdas. A expressão “*depois escola*” sugere que, após frequentar essa escola específica, a pessoa não teve mais acesso à educação bilíngue para surdos. Infere-se também que, ao longo de sua trajetória escolar



posterior, não houve a presença de intérprete de Libras, evidenciando uma lacuna na acessibilidade comunicacional.

Figura 29: Língua de Sinais Sobreposta – ocorrência relatos de experiência/vida 1- Vanessa (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	UM FILLIPO-SMALDONE POSITIVO FS-ok ORALIZAR DEPOIS  **  IX ZERO

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização indica que a Escola Instituto Filipo Smaldone foi a única escola para surdos frequentada pela sinalizante, voltada exclusivamente para crianças e com exigência de oralização. Após essa experiência, a pessoa nunca mais estudou em instituições específicas para surdos, passando a frequentar apenas escolas inclusivas. O sinal “*estudar*”, acompanhado da articulação-boca “sola” (forma reduzida de “escola”), reforça a referência ao

ambiente escolar. A sinalização também inclui a forma *IX* (apontação), que marca espacialmente o local da última escola para surdos frequentada, indicando que, a partir dali, todo o percurso escolar seguinte ocorreu fora do contexto bilíngue.

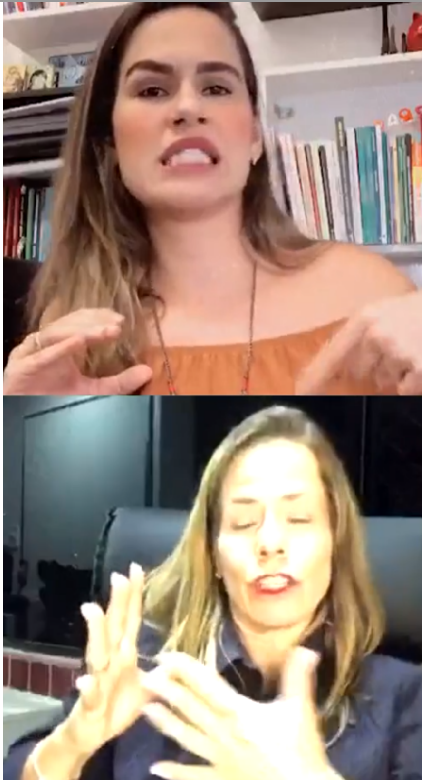
Além disso, a sinalizante destaca que, nas demais escolas frequentadas, nunca teve acesso a intérprete de Libras. Esse fato é reforçado visualmente pela articulação-boca que simula o gesto de sugar o ar para dentro, gesto-boca formato em “U” e pela expressão facial de negação com movimento de cabeça, recursos visuais que, articulados, evidenciam a ausência completa de acessibilidade linguística após a passagem pela escola Filipo Smaldone.

Ocorrência Live 1 (Vanessa):

Na Figura 30, apresenta a frase sinalizada “*CIRCULAR FS-circulação SANGUE IX CHIMARRÃO CIRCULAR SÓ TAMBÉM AJUDAR EVITAR DV-coração CHEIO CRESCER GORDURA CRESCER IX CIRCULAR-CORAÇÃO CIRCULAR AJUDAR TAMBÉM*” utiliza o sinal *circular* em associação com a datilologia “circulação”, indicando o fluxo sanguíneo no corpo. Infere-se que o consumo de chimarrão contribui positivamente para a circulação sanguínea. A sinalização sugere que, ao impedir o acúmulo de gordura ao redor do coração, o chimarrão ajuda a manter o sangue em movimento contínuo, promovendo benefícios à saúde cardiovascular. Dessa forma, o corpo se mantém saudável, com melhor funcionamento do sistema circulatório.

Figura 30: Língua de Sinais Sobreposta – ocorrência Live 1- Vanessa (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	

	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	CIRCULAR FS-circulação SANGUE IX CHIMARRÃO CIRCULAR SÓ TAMBÉM AJUDAR EVITAR DV-coração CHEIO CRESCER GORDURA CRESCER IX CIRCULAR- CORAÇÃO CIRCULAR AJUDAR TAMBÉM

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

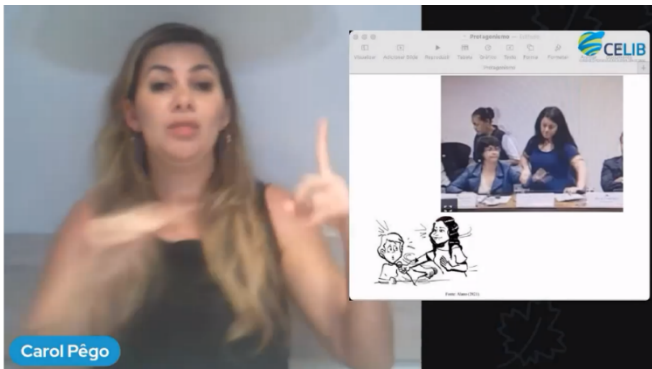
Implicatura Visual: A implicatura visual evidencia o sinal *circular*, reforçado pela datilologia “circulação” e pelo movimento realizado com as duas mãos, traçando o percurso do fluxo sanguíneo no corpo. Esse movimento é articulado com mapeamento corporal e sobreposição ao sinal *coração*, acompanhado pela mão dominante que indica a direção do sangue até essa região. A construção visual expressa a ideia de que o chimarrão auxilia na prevenção do acúmulo de gordura no coração, mantendo a circulação ativa e contínua. O movimento fluido e repetido do sinal *circular*, percorrendo o corpo todo, reforça a noção de saúde e bem-estar proporcionados pela boa circulação sanguínea.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Carol):

Na Figura 31, apresenta a sinalização “*PORQUE MODELO-SUJEITO POR-EXEMPLO CRIANÇA SURDA VER ADULTO SURDO VER IX-eu PODER FUTURO IGUAL*” expressa a ideia de que o sujeito é visto como modelo, com sentido duplo: tanto como alguém

que serve de inspiração quanto como referência a ser seguida. A inferência é de que a criança surda, ao ver um adulto surdo, projeta-se no futuro, imaginando-se igual. O foco está na construção do sujeito como exemplo positivo para outras pessoas surdas, especialmente crianças, reforçando o conceito de *modelo-sujeito* como alguém que representa possibilidades reais de identidade, pertencimento e projeção futura.

Figura 31: Língua de Sinais Sobreposta – ocorrência relatos de experiência/vida 1- Carol (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	PORQUE MODELO-SUJEITO POR-EXEMPLO CRIANÇA SURDA VER ADULTO SURDO VER IX-eu PODER FUTURO IGUAL

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização destaca a forma composta “*modelo-sujeito*”, na qual os sinais são sobrepostos para construir um significado unificado: uma pessoa que serve de

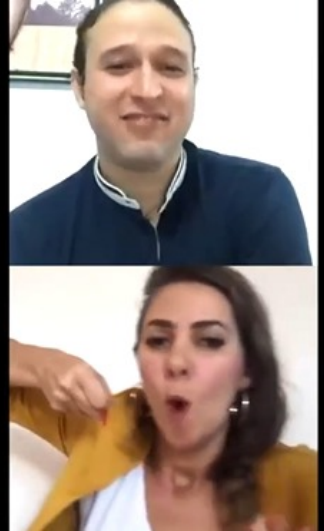
referência. O sinal “ ”, articulado junto ao “” (indicando uma pessoa específica), sugere que crianças surdas podem encontrar em adultos surdos uma figura inspiradora. Essa construção não corresponde apenas à justaposição de dois sinais (*modelo* e *sujeito*), mas sim à incorporação visual desses elementos em uma única forma articulada, que gera um significado pragmático próprio na Língua de Sinais. Essa sobreposição proporciona maior conforto visual e clareza semântica, permitindo contextualizar melhor a mensagem no discurso sinalizado.

Ocorrência Live 1 (Carol):

Na Figura 32, apresenta a frase sinalizada “NATURAL DV-segurar-bolsa NATURAL SINALIZAR NATURAL” evidencia que é comum entre pessoas surdas sinalizar enquanto

seguram a bolsa. A cena expressa um incômodo: infere-se que a pessoa surda está chateada por não haver um espaço adequado para deixar a bolsa. Diante da ausência de alternativas, surge a dúvida: “E agora?”. A sinalização ressalta o modo espontâneo e natural com que o sujeito surdo realiza sua enunciação em Libras, mesmo em situações adversas, sem comprometer a fluidez da comunicação.

Figura 32: Língua de Sinais Sobreposta – ocorrência Live 1- Carol (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	NATURAL DV-segurar-bolsa NATURAL SINALIZAR NATURAL

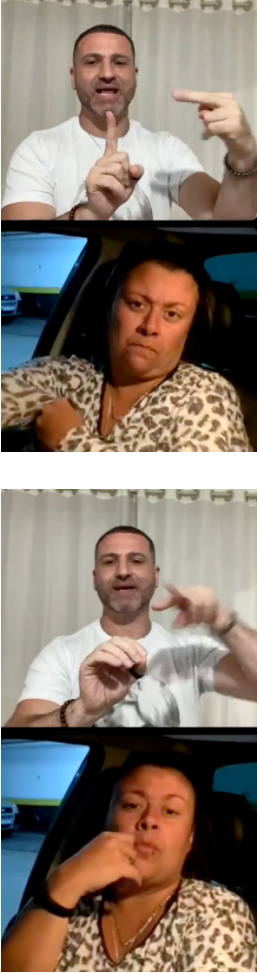
Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A implicatura visual mostra o sujeito surdo expressando-se de maneira natural, utilizando a sinalização sobreposta ao gesto de segurar a bolsa (DV-segurar-bolsa). A expressão facial sobrancelhas contraídas, olhar sério e articulação-boca tensa que transmite estresse, frustração e pensamento introspectivo. O movimento do tronco, da cabeça e dos olhos sugere a busca por um local onde possa deixar a bolsa. Ao final da narrativa, a articulação-boca “omooo” indica incerteza e impasse: “Não sei o que fazer, não tem espaço, e agora?”. A combinação entre sinais, expressões faciais e movimentos corporais revela a dinamização do discurso, típica da Libras, evidenciando a espontaneidade com que pessoas surdas constroem suas narrativas visuais.

Ocorrência Live 1 (Rimar):

Na Figura 33, é apresentada sinalizada a frase “PLAM TEM PERSPECTIVA VÁRIOS FS-vício TEM PERSPECTIVA DIFERENTE (outro) PERSPECTIVA DIFERENTE PLAM IX-eu PERSPECTIVA PLAM FS-vício COMBINAR SIGNIFICAR O-QUE TER-NÃO EQUILÍBRIO” contextualiza, na língua de sinais, que existem diversas perspectivas sobre o termo *vício*. Infere-se que o conceito abrange interpretações distintas, inclusive associadas ao Transtorno Obsessivo-compulsivo (TOC). Isso indica que há pessoas que vivenciam o vício de maneira intensa, enquanto outras o percebem sob diferentes ângulos. Em comum, entende-se que o vício compromete o equilíbrio emocional e comportamental do sujeito, resultando na perda de estabilidade.

Figura 33: Língua de Sinais Sobreposta – ocorrência Live 1 - Rimar (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	PLAM TEM PERSPECTIVA VARIOS FS-vicio TEM PERSPECTIVA DIFERENTE(outro) PESPECTIVA DIFERENTE PLAM IX-eu PERSPECTIVA PLAM FS-vicio COMBINAR SIGNIFCAR O-QUE TER-NÃO EQUILIBRIO

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização do termo “*PLAM*” funciona como marcador discursivo visual, com valor semelhante a “então” ou “veja bem”, enfatizando o ponto de vista do sinalizante. A datilologia “*FS-vício*” é destacada como eixo temático da enunciação, sendo acompanhada por sinais sobrepostos que representam diferentes sujeitos com suas respectivas visões. A construção visual reforça que cada pessoa possui uma maneira própria de compreender o vício, influenciada por vivências, pensamentos e formas de agir. O uso recorrente da expressão “*perspectiva diferente*” reforça a multiplicidade de interpretações possíveis, sendo o vício associado a um estado de desequilíbrio. A articulação sinalizada aponta que, sob essa ótica, o vício implica uma perda de estabilidade interna, impactada por fatores como compulsão, dependência e ausência de controle.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Gabriel):

A Figura 34, apresenta a glosa da sinalização apresentada é a seguinte:

CASA MAE PAI FAMILIA OUVINTE SOZINHO CASA
 SOZINHO
 IMAGINA AGORA MOMENTO QUARETENA QUARETENA(destaque) MAS CASA
 SOZINHO++++
 IX-Eles DESENVOLVER COMO”

Essa enunciação em Língua de Sinais representa a realidade de muitas pessoas surdas que vivem com familiares ouvintes, mas que, em determinados momentos, como durante a quarentena da pandemia, precisaram lidar com o isolamento sozinhas em casa. Infere-se que, enquanto os ouvintes conseguem acessar informações externas por meio de canais auditivos (como rádio, televisão, telefonemas), os surdos, por dependerem de recursos visuais, enfrentaram severas restrições informacionais. O momento de confinamento intensificou o sentimento de exclusão e desgaste emocional, pois não era possível sair de casa, e o acesso à informação era limitado. Esse isolamento sem feedback visual adequado dificultou a concentração, a compreensão da gravidade da situação e o acompanhamento das medidas sociais e sanitárias em curso.

Figura 34: Língua de Sinais Sobreposta – ocorrência relatos de experiência/vida 1 -Gabriel (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	CASA MAE PAI FAMILIA OUVINTE SOZINHO CASA SOZINHO IMAGINA AGORA MOMENTO QUARETENA QUARETENA(destaque) MAS CASA SOZINHO++++ IX-Eles DESENVOLVER COMO

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização reforça que, enquanto os pais ouvintes conseguem lidar com a situação de confinamento com certo conforto, devido ao fácil acesso a informações auditivas, como rádio e televisão, as pessoas surdas, ao ficarem sozinhas em casa durante a quarentena, vivenciaram um isolamento extremo. A expressão facial com sobrancelhas franzidas, lábios voltados para baixo e olhos abertos enfatiza a dificuldade enfrentada nesse contexto, traduzindo visualmente sentimentos de desespero e angústia. A articulação-boca com o gesto de linha reta indica negação, transmitindo a ideia de que “não dá” para suportar aquela situação de solidão e silêncio absoluto.

Além disso, o sinal de “sujeito” circulando sozinho dentro de casa, sobreposto ao sinal de “casa”, reforça a noção de reclusão. Essa construção visual expressa que a pessoa surda permaneceu em tempo integral isolada no espaço doméstico, sem acesso à informação externa e sem comunicação eficiente, o que acentua a experiência de privação durante a quarentena da pandemia. A implicatura visual, portanto, revela não apenas o isolamento físico, mas, sobretudo, o isolamento linguístico e informacional vivido por sujeitos surdos nesse contexto.

Ocorrência Live 1 (Gabriel):

Na Figura 35, apresenta a frase sinalizada “*CERTO PLAM IX-NÓS JÁ GRUPO CONHECER SURDO INTERAGIR AGORA IX-NÓS EXPLORAR-CONHECER OUVINTE TAMBÉM CURIOSA DV-PESSOA DIGITAL-INFLUENCER*” expressa a ideia de que o grupo já interagiu e adquiriu conhecimento sobre a comunidade surda. A inferência é que, a partir dessa base, há agora o interesse em expandir esse olhar para o mundo ouvinte, buscando entender suas curiosidades, formas de pensar e de agir — especialmente no contexto das redes sociais. A referência à “pessoa digital influencer” indica o desejo de compreender como os ouvintes planejam e executam seus projetos digitais, além de suas percepções sobre o trabalho, a interação com o público e o impacto social de suas ações nas plataformas digitais.

Figura 35: Língua de Sinais Sobreposta – ocorrência Live 1 - Gabriel (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	CERTO PLAM IX-NÓS JÁ GRUPO CONHECER SURDO INTERAGIR AGORA IX-NÓS EXPLORAR-CONHECER OUVINTE TAMBÉM CURIOSA DV-PESSOA DIGITAL-INFLUENCER

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização evidencia que o grupo já possui familiaridade com a realidade do povo surdo e, a partir disso, deseja iniciar uma nova fase de interação voltada ao público ouvinte. O uso sobreposto dos sinais “*explorar-conhecer*”, associado à articulação-boca com abertura parcial e ao olhar direcionado para baixo, sugere uma atitude investigativa e reflexiva. Esses elementos visuais transmitem a intenção de compreender como os ouvintes percebem a pessoa surda, quais são suas concepções, atitudes e visões a respeito da diferença linguística e cultural. A implicatura visual revela, portanto, não apenas a vontade de interagir, mas o esforço ativo de compreender as perspectivas ouvintes por meio de uma escuta visual atenta e crítica, fundamentada na experiência do grupo surdo já consolidado.

Ocorrência Live 1 (Roberto):

Na Figura 36, apresenta a frase da sinalizada “MOSTRAR DESENHO PREDIO PREDIO COPIAR IGUAL PREDIO

PREDIO BOMBA VISUAL MAIS CLARO

AVIAO BOMBA OUTRA AVIAO

PORQUE SINALIZAR ATRAPALHAR MELHOR COLOCAR DESENHO IMAGEM ENTENDER MELHOR” contextualiza, em língua de sinais, o uso de recursos visuais durante a explicação de um acontecimento histórico. O sinalizante relata que, ao produzir o vídeo, optou por apresentar simultaneamente a imagem de prédios e aviões como recurso de adequado à narrativa em Libras, especificamente sobre o atentado às Torres Gêmeas, em Nova York. A escolha se deve à necessidade de tornar mais compreensível a simulação dos eventos, pois somente a sinalização, sem suporte imagético, poderia dificultar a compreensão da sequência e da dinâmica dos fatos pelos surdos.

Figura 36: Língua de Sinais Sobreposta – ocorrência Live 1 – Roberto (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	

	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	MOSTRAR DESENHO PREDIO PREDIO COPIAR IGUAL PREDIO PREDIO BOMBA VISUAL MAIS CLARO AVIAO BOMBA OUTRA AVIAO PORQUE SINALIZAR ATRAPALHAR MELHOR COLOCAR DESENHO IMAGEM ENTENDER MELHOR

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização isolada, sem o suporte visual, poderia gerar confusão entre os elementos da narrativa, como o avião e o prédio. Por isso, a integração entre imagem e Libras mostrou-se essencial para a clareza e a contextualização do relato. Ao ser sobreposta aos recursos visuais, a língua de sinais destacou especialmente os sinais de “prédio” e “avião”, enfatizando a colisão e a explosão (bomba), elementos centrais da tragédia. Esse uso ampliado de estratégias visuais e espaciais favoreceu a compreensão do enredo, permitindo que o público surdo visualizasse os acontecimentos e acompanhasse a sequência dos fatos com maior precisão e imersão.

A sinalização foi estruturada de maneira narrativa, combinando a exibição do desenho no vídeo com a representação simultânea da colisão dos aviões com as torres, incorporando expressões visuais que intensificam o impacto do episódio. A articulação-boca “bowww” reforçou o efeito sonoro da explosão. Ao integrar imagem e sinalização, a pessoa sinalizante buscou proporcionar uma compreensão mais completa do ocorrido, evidenciando que não se tratava de um único avião, mas de dois, cada um atingindo uma torre. A imagem funcionou como recurso multimodal complementar, enriquecendo a narrativa e tornando a explicação mais clara e acessível ao público surdo.

Ocorrência Live 1 (Tainá):

Na Figura 37, apresenta a frase sinalizada “*FEMINISTA SUJEITO FS-caráter QUER VONTADE PERDOAR FS-ou NÃO POR-CAUSA FEMINISTA MANDAR (articulação-boca) PODER PERDOAR NÃO*” trata da relação entre o sujeito feminista e o ato de perdoar. A inferência é que a decisão de perdoar ou não depende do caráter e da vontade da pessoa, e não de uma imposição do pensamento feminista. A sinalização sugere que o feminismo não obriga a perdoar, mas defende o respeito às decisões individuais das mulheres, especialmente em situações que envolvem proteção, autocuidado e igualdade nas relações com os homens. O foco está na autonomia feminina: cabe à mulher decidir se quer ou não perdoar, sem que isso seja incompatível com os princípios feministas.

Figura 37: Língua de Sinais Sobreposta – ocorrência Live 1 - Tainá (2024)

VIDEO - QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	FEMINISTA SUJEITO FS-caráter QUER VONTADE PERDOAR FS-ou NÃO POR-CAUSA FEMINISTA MANDAR(articulação-boca) PODER PERDOAR NÃO

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

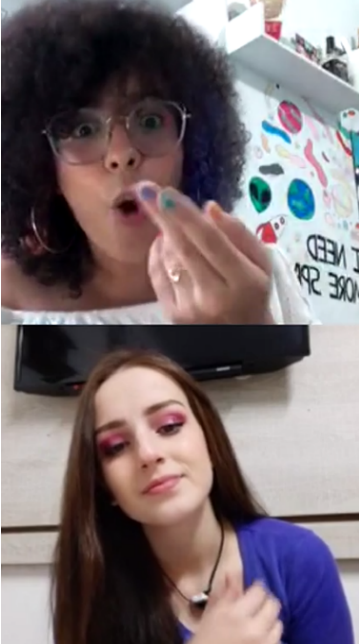
Implicatura Visual: A sinalização evidencia que o sujeito feminista, representado pelas mulheres, é consciente de sua autonomia. A datilologia “caráter” é utilizada para marcar essa autoconsciência, reforçando que a decisão de perdoar é individual. A datilologia “ou” introduz a possibilidade de escolha, dando continuidade à sinalização com “não”, sem imposições. A construção visual inclui a sobreposição do sinal “feminista” com a ideia de “força”, destacada pela articulação-boca com a palavra “poder” e pelo olhar direcionado para cima, o que simboliza autoridade e decisão própria. Essa composição visual indica que a mulher feminista

não se submete a expectativas externas sobre o que deve fazer. Ao contrário, a resistência e a força do feminismo estão na liberdade de escolha, inclusive em situações que envolvem perdão, sempre considerando o contexto, a relação envolvida e o posicionamento pessoal da mulher diante da situação vivida.

Ocorrência Live 1 (Andreia):

Na Figura 38, apresenta a frase da sinalizada “*JÁ SABE JÁ IX IGUAL FALAR SÓ FALTAR ACEITAR IX-eu FEMINISTA*” expressa uma construção discursiva marcada por reforços afirmativos. O primeiro sinal “*JÁ*” indica que a pessoa já tem conhecimento sobre a existência da subjetividade relacionada ao ser feminista. O segundo “*JÁ*” reforça essa noção, funcionando como uma inferência afirmativa mais enfática. O sinal “*IGUAL*”, acompanhado da articulação-boca “*omooo*”, expressa uma reflexão de equivalência como se dissesse: “*é igual a mim*”, ou “*penso e ajo da mesma forma*”. A frase “*só falta aceitar*” evidencia que a pessoa, apesar de já compartilhar pensamentos e comportamentos alinhados ao feminismo, ainda não se reconhece subjetivamente como feminista. Assim, a sinalização constrói um argumento sobre a aceitação de si mesma como parte de uma identidade feminista já vivenciada, mesmo que ainda não assumida verbalmente.

Figura 38: Língua de Sinais Sobreposta – ocorrência Live 1 – Andreia (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	JÁ SABE JÁ IX-isso IGUAL FALA SÓ FALTAR ACEITAR IX-eu FEMINISTA COMO

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização de “já” é realizada com movimento do tronco para frente, indicando afirmação e certeza. Esse gesto corporal reforça que a pessoa já tem consciência da temática em questão. O sinal “IGUAL” é duplicado e sobreposto com a articulação-boca “omooo”, que intensifica o sentido de identificação e reconhecimento. Essa combinação expressiva sugere que o sujeito enxerga no outro ou em si mesmo, um alinhamento com as ideias e comportamentos feministas. A implicatura visual é clara: a pessoa já age, pensa e se posiciona como feminista, faltando apenas a aceitação explícita dessa identidade.

A expressão “*só falta aceitar*”, acompanhada da referência *IX-eu*, indica que o passo seguinte é o reconhecimento subjetivo, a incorporação plena da identidade feminista. Assim, a sinalização revela uma tensão entre prática e autodeclaração, mostrando que a construção da identidade passa também por processos de aceitação interna e tomada de consciência.

5.1.4 Discussão e considerações finais sobre a Língua de Sinais Sobreposta

As ocorrências visuais analisadas no *corpus* revelam que a Língua de Sinais sobreposta se manifesta como uma estratégia discursiva altamente sofisticada, visualmente articulada e fundamentada em princípios pragmáticos. A sobreposição não se limita à simultaneidade entre sinais manuais, não manuais e articulação-boca, mas constitui uma forma complexa de composição enunciativa, na qual camadas de significado são construídas de maneira dinâmica, espacial e expressiva.

Quadro 14: Discussões sobre a Língua de Sinais Sobreposta

Fig.	Gênero Textual	Fenômeno observado	Implicatura Visual
27	Relato de experiência/vida	Sobreposta: Temporal passado/presente e uso espacial para contraste histórico	Corpo marca linha do tempo e constrói memória história visual
28	Palestra digital	Sobreposta: Sintática contraste entre socioleto e idioleto com base simultaneidade e articulação-boca	Estabilidade x mudança no léxico por influência individual dentro do grupo
29	Relato de experiência/vida	Sobreposta: Sinal escola e intérprete que juntamente representa articulação-boca/referência espacial e negativa	Negação sucção labial como marcação exclusão linguística pós-escola
39	Live	Sobreposta: Relação chimarrão e circulação sanguínea com mapeamento corporal	Movimento circular sobreposto ao coração indica benefício do chimarrão
31	Relato de experiência/vida	Sobreposta: Modelo-sujeito como identidade futuro da criança surda	Projeção da criança no adulto surdo como modelo positivo identitário
32	Live	Sobreposta: Sinalizante segurando bolsa; naturalidade e incômodo sinalizado simultaneamente junto articulação-boca	Incerteza e frustração com limitação física durante sinalização
33	Live	Sobreposta: Múltiplas perspectivas sobre vício e sua relação com equilíbrio emocional	Pluralidade de visões de vício; desequilíbrio como núcleo semântico
34	Relato de experiência/vida	Sobreposta: Isolamento em casa – linguístico durante a quarentena	Sinalização da solidão absoluta; ausência de feedback visual no confinamento

35	Live	Sobreposta: Explorar+conhecer interesse em conhecer o mundo ouvinte após interação com grupo surdo	Abertura ao outro (ouvinte) como investigativo visual
36	Live	Sobreposta: Uso de desenho e sinalização simultânea para narrativa de atentado histórico	Integração entre imagem e sinais intensifica compreensão narrativa visual
37	Live	Sobreposta: Autonomia feminista na decisão perdoar com ênfase na força e escolha	Força do sujeito feminista expressar por olhar e articulação-boca
38	Live	Sobreposta: Sinal igual+como – processo de autoaceitação	Sobreposição sinal ‘igual’ com vissinalização de identidade latente

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Na Figura 27, observa-se que a sinalização sobre o tempo histórico da legislação da Libras é construída por meio da sobreposição entre passado e futuro, com uso contrastivo do espaço sinalizado, expressões faciais e articulação-boca que marcam distintas temporalidades. Essa construção visual não apenas transmite a cronologia dos eventos, mas organiza a memória histórica do povo surdo, transformando o corpo sinalizante em eixo narrativo que articula crítica, pertencimento e projeção política.

A Figura 28 evidência como a sobreposição entre os conceitos de socioleto e idioleto funciona como uma metáfora visual da convivência entre tradição coletiva e expressão individual. O corpo em sinalização representa a tensão entre estabilidade e variação na Libras, demonstrando que a língua é moldada tanto pelo uso compartilhado quanto pela criatividade dos sujeitos.

Em outros contextos, como nos relatos das Figuras 29, 34 e 36, a sobreposição sinaliza situações de exclusão e falta de acessibilidade. A ausência de intérprete após a experiência com a escola oralista (Fig. 29), o isolamento informacional durante a quarentena (Fig. 34) e a necessidade de recursos visuais para comunicação (Fig. 36) revelam como a sobreposição é mobilizada na Libras para articular, de forma simultânea, crítica social e vivência pessoal. Nesses casos, o corpo, o espaço e os sinais não apenas informam, mas também denunciam e reivindicam.

Nas figuras 31, 32 e 35, a sobreposição é utilizada para expressar pertencimento e identidade: o modelo-sujeito como projeção visual da criança surda no futuro adulto (Fig. 31); a naturalidade da sinalização mesmo diante de limitações físicas (Fig. 32); e a curiosidade crítica voltada à compreensão do mundo ouvinte (Fig. 35). Essas ocorrências evidenciam que a Libras sobreposta sustenta significados identitários e culturais, dispensando a explicação verbal linear.

Destacam-se ainda construções discursivas sobre temas como vício (Fig. 33), feminismo (Figs. 37 e 38), saúde (Fig. 30) e acessibilidade comunicacional (Fig. 36). Nesses

casos, as sinalizações envolvem não apenas a simultaneidade de sinais, mas o entrelaçamento de significados corporais, espaciais, visuais e sociais. As implicaturas visuais emergem como núcleo interpretativo da Libras, organizando as pistas pragmáticas que orientam a compreensão especialmente quando o discurso se constrói a partir da sobreposição de sentidos e intenções.

Dessa forma, a análise demonstra que a Língua de Sinais sobreposta constitui um recurso expressivo multifuncional, que amplia a visualidade da Libras e sua capacidade de produção de sentidos. Longe de representar uma sobrecarga comunicativa, a simultaneidade entre elementos manuais e não manuais, articulada em diferentes planos corporais e espaciais, configura-se como um modo próprio da Libras de expressar complexidade, subjetividade e crítica. Nesse sentido, a sobreposição se afirma como um dispositivo linguístico e discursivo central na construção de sentidos profundos em contextos de enunciação do povo surdo.

5.1.5 Língua de Sinais: Pressuposição

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Rodrigo):

Na Figura 39, a glosa da tradução é apresenta de forma explicativa a experiência de estudo no doutorado, destacando que é um processo intenso, focado e que não deixa tempo para a participação nos movimentos do povo surdo, embora exista um sentimento de saudade pela atuação participativa.

Figura 39: Língua de Sinais Pressuposição – ocorrência relatos de experiência/vida 1 - Rodrigo (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	

	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	 ESTUDAR DOUTORADO PARECE  TRABALHAR  SENTIR SAUDADE.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: O sinal  indica a expressão 'livro está me sugando', refletindo a dedicação exclusiva aos estudos, com a ideia de que o doutorado é extremamente exigente, deixando pouco ou nenhum tempo para outras atividades, como a participação nos movimentos

surdos. Já o sinal , indica sinalização “mas” acompanhado de expressão facial e articulação-boca, carrega uma pressuposição de intensidade emocional, indicando uma duplicidade de significados: a saudade de participar dos movimentos surdos e as lembranças da época em que isso era possível. Nessa sinalização, o locutor contou com o conhecimento presumido do interlocutor sobre a quantidade e tipos de tarefas que desempenhava outrora como militante junto à comunidade surda, as quais foram postas de lado devido à carga de tempo consumida pelo doutorado e o trabalho. Essa sinalização contextualiza a relação entre a falta de tempo, o foco nos estudos e o desejo de retomada de uma participação ativa no movimento surdo, conforme a situação e o tema abordado.

Além disso, há trechos em que a pressuposição não é verbalizada, mas **construída visualmente**. Por exemplo, ao usar o ponto espacial previamente estabelecido (espaço-direita) para retomar o tema “movimento surdo”, o enunciador ativa o conhecimento já sinalizado anteriormente, mesmo sem repetir o sinal. Essas estratégias são essenciais para compreender

como a Libras constrói sentidos inferenciais e como os sujeitos surdos utilizam a pressuposição como recurso discursivo de coesão e continuidade temática.

Ocorrência Palestra (modalidade digital) 1 (Vanessa):

Na Figura 40 é apresentada a glosa referente ao Brasil em que destaca-se que o livro sobre estudos linguísticos é amplamente conhecido. O sinal “LIVRO-Libras” carrega uma pressuposição significativa para o povo surdo e a comunidade surda, indicando que a obra



mencionada é amplamente reconhecida como referência. Caso a sinalizadora não estivesse contando com esse saber compartilhado por parte do público, teria se referido à obra de forma mais formal e acadêmica, por exemplo: “Em Quadros e Karnopp (2004),...” ou “Na obra *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*, ...”. A pressuposição, portanto, reflete o reconhecimento contextual daquele conteúdo no momento da enunciação. No entanto, a forma sinalizada foi informal, pois condensou e simplificou a referência em um único sinal, reduzindo a complexidade da menção por meio de uma expressão direta e acessível.

Figura 40: Língua de Sinais Pressuposição – ocorrência Palestra (modalidade digital) 1 – Vanessa (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	BRASIL É LIVRO-Libras FORTE TUDO SABER

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A implicatura visual apresenta a sinalização de “Brasil” seguida da projeção do “livro” à frente do corpo, como se fosse exposto ao público, incorporando visualmente a ideia de que se trata de uma referência consolidada nos estudos linguísticos sobre Libras no Brasil. O sinal “forte”, realizado com intensidade, indica a importância da obra como marco teórico utilizado amplamente. A expressão facial, combinada com o movimento afirmativo da cabeça no sinal “saber”, reforça a implicatura de que se trata de um conhecimento amplamente difundido: ou seja, "todo mundo conhece esse livro". A articulação visual, portanto, revela não apenas a referência ao livro, mas sua centralidade dentro do campo dos estudos linguísticos em Libras, especialmente entre sinalizantes da comunidade surda.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Vanessa):

Na Figura 41, apresenta a frase sinalizada “*PLAM IX ATÉ PARTICULAR MAIS % PARTICULAR POUCO---*” apresenta uma forte pressuposição na Língua de Sinais, indicando que a sinalizante frequentou diversas escolas ao longo de sua trajetória. A inferência extraída é de que a maioria dessas instituições era da rede particular. O uso do sinal “%” (porcentagem) sugere que a proporção de escolas particulares foi significativamente maior em comparação às escolas públicas.

Figura 41: Língua de Sinais Pressuposição – ocorrência relatos de experiência/vida 1- Vanessa (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	

	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	PLAM IX ATÉ PARTICULAR MAIS % PARTICULAR POUCO---

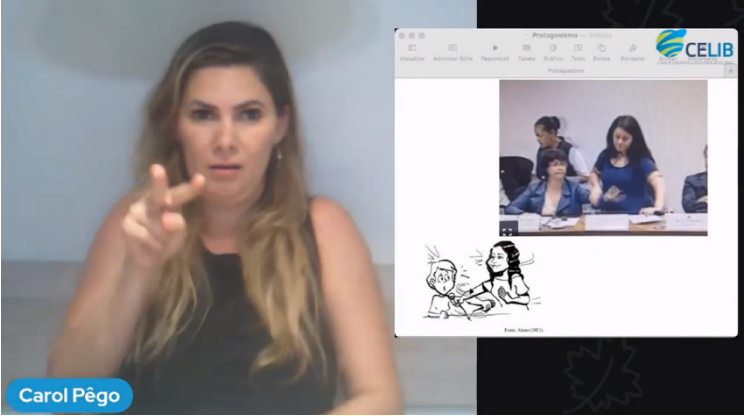
Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização de “PLAM”, seguida da apontação (IX) em direção às instituições escolares, reforça que a maior parte das escolas frequentadas era particular. O uso do sinal “%” destaca visualmente essa predominância, indicando que a porcentagem de escolas particulares foi mais alta, enquanto a experiência com escolas públicas foi reduzida. A expressão facial, com sobrancelhas franzidas e fechadas, combinada à articulação-boca com o formato do fonema “u”, acrescenta intensidade à enunciação e reforça o valor da estimativa percentual. Essa construção visual transmite introspecção e ênfase na avaliação da trajetória escolar, apontando para um percurso marcado, majoritariamente, pela educação particular.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Carol):

Na Figura 42, apresenta a frase sinalizada “IX MOMENTO IMPORTANTE SURDO PALMAS EMOCIONAR PORQUE VER NORMAL SEMPRE OUVINTE SURDO ESPERAR TER-NÃO FS-voz SURDO SINALIZAR OPRESSÃO SINALIZAR OPRESSÃO” contextualiza, por meio da Língua de Sinais, um momento marcante e significativo. Infere-se que foi uma cena emocionante para os surdos, pois uma pessoa de referência se posicionou de forma clara contra a opressão. A pressuposição implícita é que, em geral, os ouvintes dificultam a manifestação dos surdos, impedindo-os de ocupar seus próprios espaços de sinaliza, mais precisamente, de sinalização. Assim, o ato de sinalizar torna-se politicamente relevante, pois rompe com a estrutura opressiva que, historicamente, silencia os corpos surdos em contextos públicos.

Figura 42: Língua de Sinais Pressuposição – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Carol (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	IX MOMENTO IMPORTANTE SURDO PALMAS EMOCIONAR PORQUE VER NORMAL SEMPRE OUVINTE SURDO ESPERAR TER-NÃO FS-voz SURDO SINALIZAR OPRESSÃO SINALIZAR OPRESSÃO

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

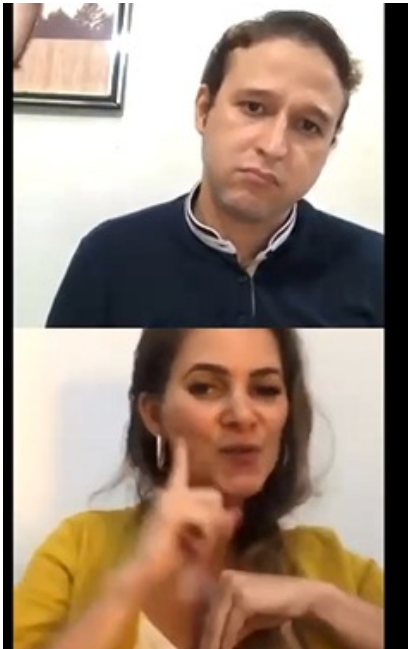
Implicatura Visual: A apontação (IX) sinaliza que aquele foi um momento importante para o povo surdo. A pressuposição gerada está relacionada ao impacto da cena: o público surdo aplaudiu com emoção a atitude de uma pessoa que, ao se posicionar, tornou-se modelo e representante do movimento surdo. A implicatura visual reforça que essa representação é significativa porque reflete experiências de opressão vividas por muitos surdos, experiências marcadas pela constante tentativa de controle por parte de ouvintes, que frequentemente ocupam ou interrompem o “lugar de sinalizante”. No episódio sinalizado, o representante surdo conseguiu afirmar sua posição e impedir a interferência de ouvintes naquele espaço discursivo, promovendo um momento de resistência e afirmação identitária coletiva.

Ocorrência Live 1 (Carol):

Na Figura 43, apresenta a frase sinalizada “MESMO IX-você SABER PORTUGUÊS PLAM OPINIÃO SABER TANTO-FAZ IX-eu SOU SURDO IX-eu TEM DENTRO SURDO IX-ele TER-NÃO ACABAR PONTO ACABAR TER-NÃO DISCUTIR ACABAR” contextualiza, em língua de sinais, uma perspectiva que evidencia a centralidade do sujeito surdo no “lugar de sinalizante”. Infere-se que, mesmo que a pessoa ouvinte saiba falar ou

escrever em língua portuguesa, sua opinião parte da perspectiva da sua própria língua, o que não lhe confere autoridade para falar em nome das pessoas surdas. A sinalização afirma que ser surdo é uma experiência subjetiva e identitária, que não pode ser assumida por quem não a vivencia. O enunciado estabelece com firmeza: eu sou surdo, ele (ouvinte) não é, e nunca será. Ponto final. Não há espaço para discussão sobre esse lugar de fala. A reflexão é voltada à política linguística, afirmando a centralidade da Libras como língua de enunciação legítima da pessoa surda, em contraposição ao domínio da língua portuguesa.

Figura 43: Língua de Sinais Pressuposição – ocorrência Live 1 – Carol (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	MESMO IX-você SABER PORTUGUES PLAM OPINIAO SABER TANTO-FAZ IX-eu SOU SURDO IX-eu TEM DENTRO SURDO IX-ele TER-NAO ACABAR PONTO ACABAR TER-NAO DISCUTIR ACABAR

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A implicatura visual revela que, mesmo que a pessoa (IX-você) referindo-se ao ouvinte saiba falar ou escrever em português, a sinalização “PLAM OPINIÃO SABER” acompanhada de expressões faciais e articulação-boca indica hesitação e insegurança. Isso evidencia uma posição de submissão argumentativa frente à legitimidade do sujeito surdo. A sinalização deixa claro que, independentemente do domínio da língua portuguesa por parte do surdo, é a experiência de ser surdo que define o “lugar de sinalizante”. O sinal “dentro” enfatiza

a subjetividade surda algo que o ouvinte não possui , reforçando que não lhe cabe ocupar esse espaço discursivo. A conclusão é categórica: ponto final, não há debate. O “lugar de sinalizante” pertence ao sujeito surdo, e essa demarcação é inegociável.

Ocorrência Live 1 (Rimar):

Na Figura 44, apresenta a frase sinalizada “VÍCIO FS-vício TAMBÉM BOIA-1 OU(EXP) 2 SABER FS-vício TAMBÉM ESCOLHER IX(boia) FS-vício QUALQUER PODER BEBER PODER FUMAR PODER PLAM COMER PODER DENTRO SEXO PODER SIMPLES FILME PODER PODER QUALQUER FS-vício O-QUE SIGNIFICAR O-QUE” contextualiza, na língua de sinais, que o termo *vício* pode assumir múltiplos significados, dependendo da relação que a pessoa estabelece com o objeto ou ação. Pressupõe-se que o vício não se limita ao uso de substâncias como álcool e cigarro, mas pode envolver comportamentos compulsivos como comer excessivamente, praticar sexo de forma descontrolada ou mesmo assistir filmes de maneira repetitiva e intensa. A sinalização enfatiza que qualquer comportamento pode se transformar em vício, dependendo do grau de dependência e da perda de controle.

Figura 44: Língua de Sinais Pressuposição – ocorrência Live 1 – Rimar (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	VICIO FS-vício TAMBÉM BOIA-1 OU(EXP) 2 SABER FS-vício TAMBÉM ESCOLHER IX(boia) FS-vício QUALQUER PODER BEBER PODER FUMAR PODER

	PLAM COMER PODER DENTRO SEXO PODER SIMPLES FILME PODER PODER QUALQUER FS-vicio O-QUE SIGNIFCAR O-QUE
--	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização destaca o termo “*vício*” como eixo central da enunciação, recorrendo à datilologia para reforçar seu significado. O uso da expressão “*PLAM*” introduz uma exemplificação enfática e detalhada. A sequência visual mapeia corporalmente diferentes tipos de vício “bebida, fumo, comida, sexo, entretenimento” demonstrando que o vício não está restrito a substâncias, mas pode envolver hábitos cotidianos. A expressão facial intensifica o valor de compulsividade, enquanto o uso reiterado de “*poder*” reforça a ideia de acessibilidade e possibilidade generalizada. Além disso, a elevação das sobrancelhas combinada com a articulação-boca no formato “uuuu” indica um alerta visual para que o interlocutor “fique atento” quanto aos sinais do vício.

Isso pressupõe uma perspectiva ambígua: o vício pode estar relacionado tanto a comportamentos compulsivos quanto ao prazer ou hábito constante que, com o tempo, se torna parte da rotina da pessoa. A ambiguidade reside justamente na tênue linha entre aquilo que é praticado por gosto e aquilo que se torna excessivo a ponto de comprometer o equilíbrio da vida cotidiana.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Gabriel):

Na Figura 45 é apresenta a frase sinalizada “*ENCHER SURDO VERDADE IDENTIDADE TEM-NÃO SÓ FINGIR PORQUE TODO SÓ DIVULGAR*” expressa uma crítica contundente à representação indevida da identidade surda. Infere-se que há sujeitos surdos que vivem e expressam de forma autêntica sua identidade, enquanto, por outro lado, ouvintes tentam se apropriar desse lugar de fala, fingindo ocupar o espaço dos surdos apenas para fins de divulgação ou autopromoção. A construção sugere que essa apropriação é superficial e deslegitimada, pois não parte da vivência real da surdez, mas sim de uma representação artificial que se coloca no lugar do outro.

Figura 45: Língua de Sinais Pressuposição – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Gabriel (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
-----------	---------------------

	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	ENCHER SURDO VERDADE IDENTIDADE TEM- NÃO SÓ FINGIR PORQUE TODO SÓ DIVULGAR

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A implicatura visual reforça a ideia de que existem surdos que expressam de forma legítima sua identidade, enquanto ouvintes se apropriam indevidamente desse lugar, simulando ser a “voz dos surdos”. O sinal “*fingir*”, articulado com a boca em forma de fricção e acompanhado de olhar direcionado ao espaço referencial do ouvinte, evidencia a crítica à falsa representação. Essa simulação é comparável ao que se denomina “*cripface*” uma forma de apropriação estética ou discursiva da deficiência por quem não a vivência. A combinação de expressão facial séria, articulação-boca marcante e construção espacial denuncia a gravidade do fingimento, afirmando que tal postura não é aceitável no contexto de lutas por visibilidade e representatividade surda.

Ocorrência Live 1 (Roberto):

Na Figura 46 é apresenta a sinalização do termo “positivo” indica aceitação e início de uma nova perspectiva. O uso repetido de “ver++” enfatiza a ação de assistir a muitos vídeos na plataforma YouTube. A expressão facial de empolgação, com a articulação-boca aberta e a língua levemente projetada, expressa surpresa e entusiasmo. Esses elementos visuais sugerem um encantamento crescente, à medida que se acompanha o processo criativo dos youtubers. Ao final da sinalização, evidencia-se o esclarecimento: agora, a pessoa compreende como funciona o trabalho de um youtuber, reconhecendo-o como uma profissão legítima e interessante.

Figura 46: Língua de Sinais Pressuposição – ocorrência Live 1 – Roberto (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
------------------	----------------------------

	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	POSITIVO VER++ INTERESSANTE LEGAL++ AGORA ENTENDER COMO É TRABALHAR PROFISSÃO YOUTUBER

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

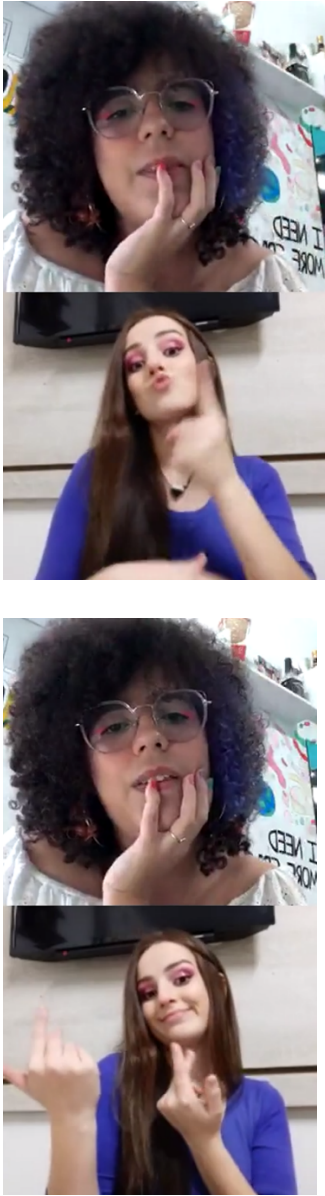
Implicatura Visual: A sinalização que expressa positividade pode significar “certo”, “ok” ou indicar o início da sinalização VER+++, no sentido de "assistir com intensidade". Ao observar diversos vídeos postados no YouTube, nota-se o uso frequente de expressões faciais empolgadas e da articulação-boca com a boca aberta e a língua para fora, o que implica surpresa, admiração e interesse. Essa combinação visual sugere uma reação do tipo “nossa, impressionante!”, despertando o interesse em continuar assistindo. A partir dessa análise, compreendi com mais clareza como funciona o exercício da função de youtuber e a atuação nesse espaço digital.

Ocorrência Live 1 (Tainá):

Na Figura 47, apresenta a frase sinalizada “FS-CL tem FS-dia IX-ele CERTO REDES-SOCIAIS PLAM CERTO SURDO IGUAL” evidencia o uso da Língua de Sinais como recurso expressivo para destacar a clareza do pensamento. A enunciação sugere que houve um momento específico em que o sujeito (IX-ele) concordou com uma reflexão sobre o impacto das redes sociais. A inferência é que, por sermos surdos, conseguimos interagir e compreender melhor essas questões, inclusive no contexto de explicações destinadas a outro surdo, no caso, seu irmão. A sinalização reforça o valor da acessibilidade comunicacional por meio da Libras no compartilhamento de ideias e reflexões dentro do povo surdo.

Figura 47: Língua de Sinais Pressuposição – ocorrência Live 1 – Tainá (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
-----------	---------------------

	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	FS-CL tem FS-dia IX-ele CERTO (sentido resposta verdade) REDES-SOCIAIS PLAM CERTO (sentido resposta isso mesmo) SURDO IGUAL

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

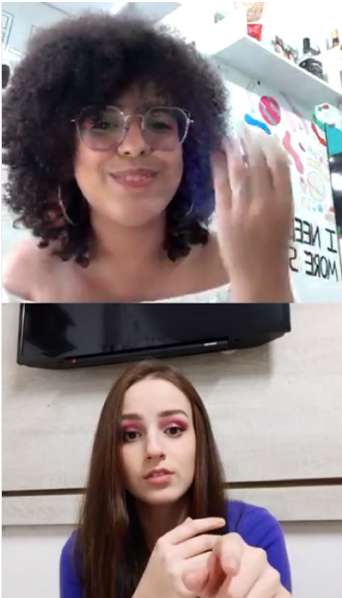
Implicatura Visual: A implicatura visual destaca o uso do sinal “CL” (claro) como indicativo de certeza e convicção, marcando o momento em que o sujeito consegue assimilar informações relacionadas ao feminismo. A repetição do sinal “*certo*” cumpre função discursiva importante: no primeiro uso, confirma a veracidade da influência das redes sociais; no segundo, reforça a aceitação dessa realidade de forma positiva. A articulação-boca com sorriso leve e o olhar direcionado ao sinal “*igual*” indicam que o irmão também surdo, é o interlocutor, e que há uma compreensão mútua graças ao uso da língua de sinais como primeira língua. Essa construção

revela a importância da Libras na mediação de conteúdos complexos no ambiente digital, permitindo maior envolvimento e compreensão no contexto das redes sociais.

Ocorrência Live 1 (Andreia):

Na Figura 48, apresenta a frase sinalizada “*SIM JÁ FS-claro APARECER JÁ COMEÇAR JÁ APARECER*” ocorre em um contexto no qual a interlocutora confirma que já surgiram várias perguntas no chat desde o início da live. A sinalização expressa a percepção de que, assim que a transmissão começou, os questionamentos começaram a aparecer. O início da frase *SIM JÁ FS-claro* reforça, de forma afirmativa, a validação do que está sendo dito pelo interlocutor. Pode-se inferir que o termo *já*, embora repetido, carrega diferentes sentidos: o primeiro *já* reforça a afirmação imediata; o segundo indica que as perguntas já estavam presentes no chat; e o terceiro revela o entusiasmo e a prontidão da sinalizante para interagir com o público. A repetição, portanto, não é apenas redundante, mas também intensificadora do engajamento discursivo com o tema abordado.

Figura 48: Língua de Sinais Pressuposição – ocorrência Live 1 – Andreia (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	SIM JÁ FS-claro APARECER JÁ COMEÇAR JÁ APARECER

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização do termo *já*, acompanhada de expressão facial e articulação-boca afirmativas, combinada com o aceno da cabeça, revela um enunciado retórico que confirma de forma entusiasmada a presença de perguntas no chat. Em seguida, a datilologia de *claro* reforça a confirmação, enquanto o sinal *aparecer* é articulado com uma das mãos, representando a visualização das mensagens no chat da live do Instagram. A articulação-boca realiza um movimento dos lábios semelhante ao som "pi-pi-pi", o que implica que muitas perguntas surgiram de forma sucessiva e rápida. O uso de *já começar* indica que, desde o início da live, os questionamentos estavam presentes. A repetição do termo *já* ganha valor discursivo positivo, funcionando como marcador de engajamento e disponibilidade para dialogar com o público, reforçando a intenção da sinalizante em interagir diretamente com as perguntas relacionadas ao tema.

5.1.6 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A LINGUA DE SINAIS PRESSUPOSIÇÃO

As análises desenvolvidas evidenciam que a pressuposição na Libras atua como um mecanismo fundamental na coesão discursiva, na ativação de conhecimentos compartilhados e na construção de sentidos implícitos. Por seu caráter visual e espacial, a Libras mobiliza a pressuposição de forma performática, utilizando marcadores visuais, pontos referenciais, expressões faciais e articulação-boca para sustentar significados não explicitados verbalmente, mas assumidos como compreendidos pelo interlocutor.

Quadro 15 - Discussões sobre a Língua de Sinais Pressuposição

Fig.	Gênero Textual	Fenômeno observado	Implicatura Visual
39	Relato de experiência/vida	Pressuposição: Falta de tempo para militância; saudade implícita construída visualmente	Uso do espaço, ponto referência, e omissão reforçam conhecimento prévio
40	Palestra digital	Pressuposição: Referência a livro conhecida; condensação informal de citação acadêmica	Expressão facial e sinal 'saber' implicam reconhecimento coletivo da obra
41	Relato de experiência/vida	Pressuposição: Frequência escolar em instituições particular expressa com porcentagem	Sinal '%' com expressão facial reforça avaliação da trajetória escolar
42	Relato de experiência/vida	Pressuposição: Representatividade surda marcada por rompimento com opressão ouvinte	Aplausos e emoção visual manifestam contexto histórico de opressão
43	Live	Pressuposição: Lugar de sinalizante surdo contraposto para comportamentos cotidianos	Expressões reforçam exclusividade do 'dentro surdo' como legitimidade
44	Live	Pressuposição: Vício como categoria expandida para comportamentos cotidianos	Mapeamento corporal e repetição mostram ambiguidades sobre vício
45	Relato de experiência/vida	Pressuposição: Crítica à falsa identidade surda e uso do fingimento	Expressão visual crítica contra apropriação não legítima da identidade
46	Live	Pressuposição: Interesse crescente em youtubers com profissão legítima	Empolgação facial e 'ver+++' implicam encantamento e compreensão

47	Live	Pressuposição: Compreensão compartilhada entre irmãos surdos nas redes sociais	Confirmação mútua com sorriso e olhar implicam empatia e clareza
48	Live	Pressuposição: Confirmação de perguntas no chat e prontidão para interação	Repetição de ‘já’ e articulação-boca enfatizam engajamento imediato

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Na Figura 39 observa-se uma sinalização que evoca a ausência de tempo para a militância surda durante o doutorado, sem que essa informação seja enunciada de forma direta. A saudade da atuação anterior é construída visualmente por meio da ativação espacial do tema “movimento surdo”, pressupondo que o interlocutor conhece a trajetória do enunciador. Essa economia discursiva revela como a pressuposição funciona como estratégia de retomada e continuidade.

A Figura 40, por sua vez, mostra que a menção ao “livro forte” (Quadros & Karnopp, 2004) se apoia em um saber compartilhado. A obra é apresentada de forma condensada, sem citação formal, pressupondo o reconhecimento imediato por parte do público. A articulação visual e o uso do sinal “saber” demonstram que a Libras aciona o conhecimento de mundo do interlocutor surdo, sem necessidade de explicação sinalizada.

Na Figura 41, o uso da porcentagem como marcador visual da trajetória escolar pressupõe que o público compreende o contraste entre redes públicas e privadas. A expressão facial reforça a ideia de julgamento retrospectivo. Já a Figura 42 destaca, por meio da emoção visual dos aplausos, que a cena descrita rompeu o silenciamento histórico dos surdos. A pressuposição aqui se manifesta implicitamente: parte-se do entendimento de que, geralmente, os ouvintes ocupam ou interrompem os espaços de sinalização dos surdos.

As Figuras 43 e 45 aprofundam a relação entre identidade e o lugar do sinalizante. A Figura 43 marca com veemência que o sujeito surdo é o único legítimo para enunciar sobre a experiência surda, enquanto a Figura 45 denuncia o fingimento e a apropriação de identidade por parte de ouvintes. Em ambos os casos, a pressuposição está ancorada em experiências sociais partilhadas pelo povo surdo, que reconhece essas situações sem necessidade de detalhamento.

A Figura 43 amplia a noção de vício, pressupondo que o interlocutor entende que nem todo vício é químico: o enunciador visual propõe uma lista de práticas cotidianas que podem assumir caráter compulsivo. Esse tipo de pressuposição visual demonstra o potencial da Libras para organizar temas complexos de forma concreta e associativa.

As Figuras 46, 47 e 48 apontam para o cotidiano digital dos sujeitos surdos e revelam como a Libras é utilizada para construir pressupostos relacionados à empolgação, à

compreensão partilhada e à dinâmica interativa em lives. A repetição de sinais como “ver++”, “certo” e “já” assume papel pragmático de reforço e intensificação visual, pressupondo também a familiaridade do interlocutor com o ambiente digital narrado.

Dessa forma, a análise demonstra que a pressuposição em Libras opera tanto nos níveis lexical e referencial, quanto no plano corporal e visual. A ativação de conteúdos implícitos é viabilizada por elementos como apontações (IX), retomadas espaciais, expressões faciais intensificadoras e articulação-boca estratégica, que juntos constroem sentidos acessíveis a quem compartilha o universo experiencial do povo surdo.

Em síntese, as ocorrências analisadas revelam que a Língua de Sinais Pressuposta é altamente eficaz na produção de inferências e expressão de informações implícitas. A pressuposição, longe de ser um simples recurso de omissão, configura-se como parte constitutiva da visualidade discursiva surda, expressando afetos, posicionamentos e saberes coletivos de maneira performática, crítica e identitária.

5.1.7 Língua de Sinais Anáfora

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Rodrigo):

Na Figura 49, apresenta a glosa apresenta a complexidade anafórica da Língua de Sinais: o tema dos jovens surdos está relacionado ao destaque do conceito de *deafhood*. Este sinal foi escolhido porque a teoria é relevante e está relacionado com o tema da tese.



O sinal *DEAFHOOD* foi repetido como o sinal  como representa dêitico-anafórico, com o objetivo de evitar redundância. A intenção foi destacar a relação do tema com a teoria, enfatizando sua importância e ajudando as pessoas a recordarem o impacto significativo e o peso conceitual do *Deafhood*.

Figura 49: Língua de Sinais Anáfora – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Rodrigo (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
-----------	---------------------

	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	  TEMA  JOVEM SURDO  POUCO →  IMPORTANTE O-  QUE DEAFHOOD  FS-deafhood IX-eu QUER usar  <u>IMPORTANTE</u>    <u>PORQUE</u> IX-eu QUER USAR <u>PORQUE</u> VER FRENTE POSITIVO.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização analisa a relação com o tema ao utilizar o olhar direcionado para cima, acompanhado de duplicação de sinais, como forma de marcar foco e destaque. Ao abordar o impacto do conceito, o sinalizador utiliza o sinal de “atenção” com uma variação expressiva específica, distinta de outros contextos, seguido da datilologia de “*Deafhood*”, como forma de introduzir o conceito e chamar o interlocutor à compreensão.

Essa construção é acompanhada de expressão facial intensa, que não indica negação, mas sim afirmação enfática da importância do termo. O movimento labial fechado e o olhar semicerrado reforçam visualmente a seriedade e centralidade temática do termo “*Deafhood*”, sinalizando sua relevância no discurso. Trata-se de uma forma de implicatura visual afirmativa, que posiciona o conceito como núcleo argumentativo da enunciação.

O sinalizador continua a apresentação utilizando apontamentos sucessivos, que funcionam como estratégia de anáfora visual, remetendo ao conceito introduzido anteriormente. O uso do sinal “gancho” (em Libras, símbolo de ligação entre ideias) estabelece a continuidade temática, indicando que o conceito será retomado e aprofundado.

Esse apontamento reiterado atua como marcador discursivo que guia o interlocutor na progressão temática. O retorno constante ao ponto espacial onde “Deafhood” foi sinalizado permite que o discurso mantenha coesão referencial, e ao mesmo tempo enfatiza a relevância do conceito na abordagem do tema central.

Para garantir esse efeito comunicativo, o sinalizador fixa a expressão facial de confirmação, com articulação labial firme, e mantém o olhar concentrado estratégias que, combinadas, reforçam o destaque pragmático do termo e da sua função no argumento. Assim, a implicatura visual, nesse contexto, para além de transmitir conteúdo, posiciona ideologicamente o sujeito surdo diante da temática da identidade e da luta sociopolítica surda.

Ocorrência Palestra (modalidade digital) 1 (Vanessa):

Na Figura 50, apresenta a glosa apresenta a complexidade anafórica da Língua de Sinais. A pesquisa aborda o tema da Fonologia, com foco na Fonologia da forma vocal. O objetivo é destacar o sinal *QUEROLOGIA*, resgatando-o para o estudo e desenvolvimento do seu status dentro da fonologia, pois não se quer perder esse sinal. Busco evidenciar a importância da Língua de Sinais, especialmente no que se refere ao tema em questão.



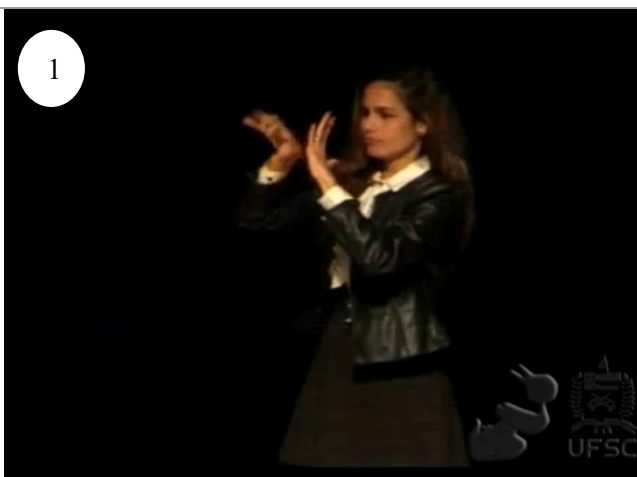
O sinal *QUEROLOGIA* foi repetido, funcionando como um sinal  deíctico-anafórico, e também foi utilizado outro sinal **PEGAR**, que representa uma forma de classe gramatical verbo, demonstrando o sentido dentro do contexto. A intenção foi evitar a redundância do uso do mesmo sinal e destacar a relação entre o tema e a teoria, enfatizando sua relevância e permitindo que as pessoas recordem o impacto significativo e o peso conceitual do sinal *QUEROLOGIA*.

Figura 50: Língua de Sinais Anáfora – ocorrência Palestra (modalidade digital) 1 – Vanessa (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
-----------	---------------------



1



2



3



	4  5 
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	É FONOLOGIA IX FONOLOGIA FOCAR ORAL FOCAR QUEROLOGIA IX-eu PEGAR CERTO IX-eu QUER  STOKOE PROPOSTA PEGAR VOLTAR PARECE DESENVOLVER FONOLOGIA &-FORTE++ DESENVOLVER++ ACABAR FONOLOGIA QUEROLOGIA FS-querologia PLAM NADA-ZERO IX-eu PEGAR VOLTAR MOSTRAR IX-eu QUER LINGUA-DE-SINAIS  CONFIAR IX É VALOR LINGUA-DE-SINAIS

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização analisada trata da área da fonologia como campo de estudo linguístico, com foco na expressão facial e na articulação-boca realizada com a boca fechada e o olhar direcionado para frente. A sinalização *IX-eu*, acompanhada de expressão facial

afirmativa e aceno sutil com a cabeça, indica a intenção da pessoa surda de “pegar” ou “apropriar-se” de um conceito no caso, a *querologia*. Essa intenção é expressa por meio de um movimento do tronco levemente inclinado para o lado, o que sugere uma escolha direcionada: tratar a querologia como objeto de pesquisa.

A implicatura visual presente nessa construção indica que o termo *querologia* é proposto como equivalente ao conceito de *fonologia*, porém com um recorte específico voltado à língua de sinais. O uso da expressão *forte+++* (com intensidade) sugere que a fonologia é um campo consolidado e amplamente conhecido na linguística, especialmente no que se refere às línguas orais. A sinalização reforça que o termo "fonologia" tem grande visibilidade, cresceu e conquistou engajamento ao longo do tempo na comunidade acadêmica.

Contudo, ao final da sequência, a sinalização de *acabar* combinada com uma expressão facial levemente negativa transmite a ideia de que, embora a fonologia continue existindo, ela não contempla adequadamente as especificidades da língua de sinais. A articulação-boca sugere uma crítica sutil, como se dissesse que a fonologia, nesse contexto, "não dá mais conta" ou se tornasse insuficiente.

Nesse sentido, a datilologia do termo *querologia*, acompanhada de uma sinalização com a palma da mão aberta e voltada para frente (indicando “é isso”) e seguida do sinal *nada/zero* indica a recusa da ideia de que a querologia “não exista”. Pelo contrário: há a intenção explícita de afirmar a existência e a importância da *querologia* como campo legítimo de pesquisa linguística. A escolha do termo e sua forma de apresentação revelam um gesto de valorização da língua de sinais e da necessidade de desenvolver uma terminologia própria, alinhada com a experiência visual e espacial dos sujeitos surdos.

Assim, a implicatura visual constrói não apenas uma crítica à limitação da fonologia tradicional, mas também um posicionamento político-epistemológico em defesa da criação e fortalecimento de uma base teórica específica a querologia voltada à análise fonológica da língua de sinais sob uma perspectiva surda.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Vanessa):

Na Figura 51, apresenta a frase sinalizada “*IX MULHER INTERPRETE NÃO É SABER FALAR NÃO É CERTO CURSO DE LIBRAS NÃO DISCUTIR IX-eu TRISTE JÁ ERA ESTAVA*” contextualiza uma situação de conflito envolvendo uma mulher que atuava como intérprete de Libras. Infere-se que ela não dominava adequadamente a língua de sinais, tendo apenas um

certificado de conclusão de curso. O sinalizante relata que tentou explicar a gravidade da situação e iniciou uma discussão com ela, a qual, no entanto, não demonstrou respeito ou escuta. Como consequência, o sujeito se sentiu prejudicado e profundamente entristecido naquele momento, considerando a situação como injusta e desrespeitosa.

Figura 51: Língua de Sinais Anáfora – ocorrência relatos de experiência/vida 1- Vanessa (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	IX MULHER INTERPRETE NÃO É SABER FALAR NÃO É CERTO CURSO DE LIBRAS NÃO DISCUTIR IX-eu TRISTE JÁ ERA ESTAVA

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização é reforçada pela apontação (IX) direcionada à mulher, identificada como intérprete de Libras. Ela afirma ter feito apenas um curso, o que é expresso no sinal “falar”, aqui usado com valor de crítica — como uma incorporação de discurso indireto referindo-se à fala da intérprete, configurando uma anáfora visual da “intérprete amadora”. O movimento do tronco levemente inclinado para o lado, combinado com a negação “*não é*”, expressa corporalmente a discordância em relação à legitimidade da atuação dela. A sequência de sinais explica que não é correto atuar profissionalmente com base apenas em um certificado básico. A expressão facial de tristeza e indignação, somada ao tom corporal do discurso, evidencia que o sinalizante vivenciou aquele momento como algo extremamente ofensivo e injusto, reforçando a crítica à falta de qualificação adequada e ao desrespeito à identidade e às necessidades linguísticas da pessoa surda.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Carol):

Na Figura 52, apresenta a frase sinalizada “SINAL-ANA PAULA FS-ana Paula (de novo) FS-ana Paula É GAÚCHA TAMBÉM SINAL-GISELE FS-gisele GAÚCHA DOIS TESE SINAL-GISELE MESTRADO SINAL-ANA PAULA FS-ana Paula DOIS PESQUISA TEMA PROTAGONISTA SURDA SINAL-GISELE MAIS HEROI SIM MAS LIGADO PROTAGONISTA IX-eu ESCOLHER DOIS SUJEITO” utiliza a anáfora visual para retomar duas pessoas de referência: Ana Paula e Gisele. Ambas são mencionadas como pesquisadoras que abordam, em seus respectivos trabalhos acadêmicos (dissertação e tese), o protagonismo da mulher surda. A enunciação detalha a formação de cada uma, destacando que Gisele desenvolveu pesquisa no mestrado e Ana Paula no doutorado, ambas com foco em sujeitos surdos protagonistas. Por isso, o sinalizante as escolhe como referências em sua própria análise.

Figura 52: Língua de Sinais Anáfora – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Carol (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	SINAL-ANA PAULA FS-ana Paula (de novo) FS- ana Paula É GAUCHA TAMBÉM SINAL-GISELE FS-gisele GAUCHA DOIS TESE SINAL-GISELE MESTRADO SINAL-ANA PAULA FS-ana Paula DOIS PESQUISA TEMA PROTAGONISTA SURDA SINAL-GISELE MAIS HEROI SIM MAS LIGADO PROTAGONISTA IX-eu ESCOLHER DOIS SUJEITO.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A implicatura visual é construída por meio da atribuição espacial dos sujeitos: um à esquerda (Gisele) e outro à direita (Ana Paula), permitindo uma organização clara das informações. A sinalização enfatiza o percurso acadêmico de cada uma e os temas das respectivas pesquisas. A apontação e a incorporação lateral dos sujeitos são acompanhadas de expressões faciais que demonstram admiração, reforçando a importância das duas mulheres como figuras de referência. A redundância proposital na repetição dos sinais dos nomes e das

formações de cada uma serve para fixar o conteúdo e garantir destaque aos sujeitos mencionados. Assim, a sinalização constrói um contexto em que ambas são reconhecidas como modelos acadêmicos e discursivos no campo do protagonismo surdo.

Ocorrência relatos de live (Carol):

Na Figura 53, apresenta a frase sinalizada “MAS RESPEITAR PLAM IX-eu ENSINAR LIBRAS ENSINAR INTÉRPRETE IX-eu ENSINAR TANTO-FAZ MAS SURDO DV-sujeito-junto IX-esse SURDO IX-esse TRABALHAR COM IX-esse TRABALHAR RESPEITAR IX-ele IX-eu TRABALHAR IX-esse COMUNIDADE SURDA IX-isso OUVINTE IX-nós DENTRO ACADÊMICO PRECISA APRENDER IX QUEM IX OUVINTE ESPAÇO INTÉRPRETE PRECISA APRENDER IX-isso” apresenta uma narrativa que enfatiza a necessidade de respeito e valorização do sujeito surdo nos espaços de ensino e atuação profissional. Infere-se que, mesmo quando uma pessoa ouvinte está envolvida no ensino de Libras ou na formação de intérpretes — seja qual for sua função na área da língua de sinais —, é imprescindível reconhecer e incluir o surdo como presença ativa e protagonista nesse processo. O sujeito surdo deve estar ao lado, como parceiro, pois o ouvinte está a serviço da comunidade surda. Dentro do contexto acadêmico, sobretudo no campo da interpretação, os ouvintes precisam aprender a respeitar e reconhecer o papel central dos surdos, colaborando com eles em igualdade de condições.

Figura 53: Língua de Sinais Anáfora – ocorrência de live – Carol (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	

GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	MAS RESPEITAR PLAM IX-eu ENSINAR LIBRAS ENSINAR INTERPRETE IX-eu ENSINAR TANTO-FAZ MAS SURDO DV-sujeito-junto IX-esse SURDO IX-esse TRABALHAR COM IX-esse TRABALHAR RESPEITAR IX-ele IX-eu TRABALHAR IX-esse COMUNIDADE SURDA IX-isso OUVINTE IX-nós DENTRO ACADEMICO PRECISA APRENDER IX QUEM IX OUVINTE ESPAÇO INTERPRETE PRECISA APRENDER IX-isso

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização do marcador “PLAM” assume o sentido de “veja bem” ou “atenção”, preparando o interlocutor para uma explicação importante. Utiliza-se anáfora para destacar os sujeitos: “IX-eu” refere-se à pessoa ouvinte; “IX-esse” ao sujeito surdo. A construção incorpora a perspectiva do ouvinte que ensina Libras ou atua na formação de intérpretes, mas enfatiza que isso deve ser feito com a presença ativa do surdo (DV-sujeito-junto), como parceiro legítimo. A atuação do ouvinte deve ser voltada à comunidade surda, respeitando seu protagonismo. A sinalização reforça que, especialmente dentro do espaço acadêmico, os ouvintes e principalmente os intérpretes em formação ou atuação precisam aprender a respeitar os surdos, reconhecendo seu papel essencial e assumindo uma postura de retaguarda, construindo com eles um trabalho ético e colaborativo.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Gabriel):

Na Figura 54, apresenta a frase sinalizada “*POSS-meu MÃE PORQUE MÃE SUJEITO É SURDO IX SURDO IX MODELO VER COMO ENSINAR-ME COMO LEVANTAR COMO RECONHECER IDENTIDADE SURDA COMO DESENVOLVER ENCHER SURDO*” refere-se à mãe do sinalizante como figura central em sua formação identitária. Infere-se que a mãe, também surda, é um modelo inspirador: foi ela quem o ensinou, o fortaleceu emocionalmente, e contribuiu para o reconhecimento e desenvolvimento de sua identidade surda. A enunciação destaca o papel materno como exemplo de referência e de motivação, revelando profunda admiração por sua trajetória e atuação como sujeito surdo.

Figura 54: Língua de Sinais Anáfora – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Gabriel (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	

	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	POSS-meu MÃE PORQUE MÃE SUJEITO É SURDO IX SURDO IX MODELO VER COMO ENSINAR-ME COMO LEVANTAR COMO RECONHECER IDENTIDADE SURDA COMO DESENVOLVER ENCHER SURDO

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização evidencia a mãe como referência, utilizando o movimento do tronco e o olhar direcionado lateralmente, um recurso anafórico visual que indica admiração e vínculo afetivo. A articulação-boca levemente aberta reforça o sentimento de reconhecimento e respeito, expressando orgulho pelo esforço, garra e dedicação da mãe. A incorporação visual transmite a ideia de que ela não apenas ensinou, mas também motivou o sinalizante a reconhecer e fortalecer sua própria identidade surda. O fato de a mãe também ser surda intensifica esse vínculo, servindo como espelho e fonte de resistência, exemplo e valorização dentro do movimento surdo.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Tainá):

Na Figura 55, apresenta a frase sinalizada “*COMEÇAR IX-eu PAI PARECE ENTENDER PLAM SABER EXEMPLO NÃO FS-vu RECLAMAR IX-eu FEMINISTA NÃO SÓ IX PESSOA DIFÍCIL POSS-dele CRIAR MACHISTA PLAM*” expressa a percepção da sinalizante de que seu pai está começando a compreender o universo feminista. Infere-se que ele tem adquirido informações sobre o tema e, por isso, não mais reclama do fato de ela se posicionar como feminista. A construção indica que a relação é complexa, pois trata-se de uma pessoa com comportamento difícil, marcada por uma formação machista desde a infância. Assim, o pai precisa de tempo e estratégia para desconstruir padrões internalizados, enquanto a filha busca afirmar sua identidade e ser respeitada como mulher feminista.

Ocorrência Live 1 (Tainá):

Figura 55: Língua de Sinais Anáfora – ocorrência Live 1 – Tainá (2024)

VIDEO - QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	COMEÇAR IX-eu PAI PARECE ENTENDER PLAM SABER EXEMPLO NÃO FS-vu RECLAMAR IX-eu FEMINISTA NÃO SÓ IX PESSOA DIFICIL POSS-dele CRIAR MACHISTA PLAM

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização utiliza a apontação (IX) para indicar o sujeito “eu”, seguido por uma referência espacial anafórica à figura do pai, à direita. O gesto corporal, com o olhar direcionado e o movimento do tronco, constrói visualmente essa relação. A expressão facial transmite uma mistura de ironia e resistência, sinalizando que a filha percebe o incômodo do pai ao lidar com seu posicionamento feminista, mas também reconhece que ele está tentando compreender. A sinalização sugere que o pai, apesar de sua formação conservadora e machista, precisa ser deixado à vontade para conhecer melhor sua filha e, com isso, desconstruir suas ideias de forma gradual. A implicatura visual revela, portanto, a tensão entre controle e autonomia, e a necessidade de respeito ao processo de transformação e reconhecimento mútuo.

Ocorrência Live 1 (Andreia):

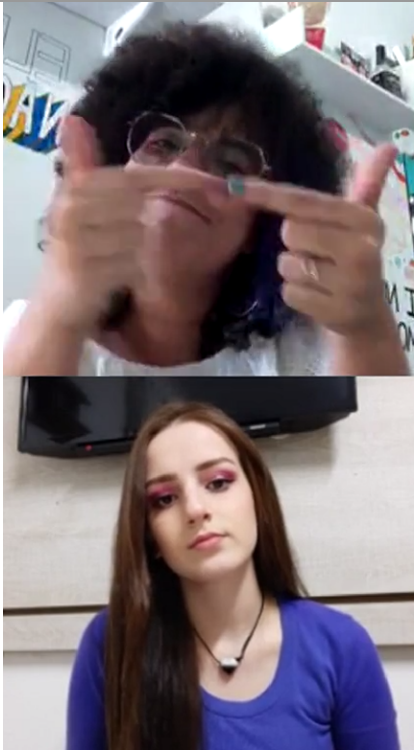
Na Figura 56, é apresentada a frase sinalizada “*CRIANÇA COMBINAR PLAM JOVEM COMBINAR PLAM ADULTO COMBINAR PORQUE SI EXEMPLO CRIANÇA PARTICIPAR ADULTO COMBINAR-NÃO PORQUE TEMA CRIANÇA NÃO É CERTA HORA APRENDER*”

IX-ela TCHAU SEPARAR” apresenta uma sequência marcada por repetições do termo *combinar*, cuja inferência revela a necessidade de adequação temática conforme a faixa etária. A repetição do verbo *combinar* não é redundante, mas funciona como reforço argumentativo para diferenciar o que é apropriado ou não em relação ao tema do feminismo em cada fase da vida.

Inicialmente, o sinal *PLAM* indica que determinados conteúdos feministas são pertinentes e podem ser trabalhados com crianças, especialmente meninas, como no caso do direito de brincar ou de conhecer seus próprios direitos. Em seguida, o segundo *PLAM* aponta para uma nova fase: a adolescência. Nesse estágio, a inferência visual sinaliza que as adolescentes devem ter assegurado o direito de ser meninas, com igualdade em relação aos adolescentes meninos, sobretudo no que diz respeito à formação identitária. Por fim, o terceiro *PLAM* marca a fase adulta, indicando que, nesse momento, os conteúdos feministas se ampliam, incluindo temas como direitos, deveres e equidade entre mulheres e homens. A sinalização mostra que, se uma criança “participa” diretamente de discussões próprias do universo adulto, isso se torna inadequado, pois não corresponde ao seu momento de desenvolvimento. O gesto *tchau*, nesse contexto, não significa despedida, mas funciona como marcador discursivo visual que expressa a negação: “não é o momento”. Assim, defende-se a separação temática conforme a faixa etária, de modo que as abordagens feministas sejam desenvolvidas de forma gradual e apropriada ao nível de compreensão de crianças, adolescentes e adultos.

Figura 56: Língua de Sinais Anáfora – ocorrência Live 1 – Andreia (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	

	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	CRIANÇA COMBINAR PLAM JOVEM COMBINAR PLAM ADULTO COMBINAR PORQUE SI EXEMPLO CRIANÇA PARTICIPAR ADULTO COMBINAR-NÃO PORQUE TEMA CRIANÇA NÃO É CERTA HORA APRENDER IX-ela TCHAU SEPARAR

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização inicia com o termo *criança combinar*, acompanhada de foco visual e expressão facial neutra, indicando a reflexão sobre a adequação de temas feministas à infância. O primeiro *PLAM* sugere que, sim, determinados conteúdos relacionados aos direitos das meninas podem e devem ser introduzidos no universo infantil, desde que de maneira apropriada. O segundo *PLAM* marca a transição para a adolescência, indicando que esse é outro momento em que os conteúdos feministas se tornam ainda mais relevantes, principalmente no que se refere à igualdade de direitos entre meninas e meninos.

O terceiro *PALM-UP*, com expressão afirmativa, aponta que na fase adulta os temas podem ser aprofundados, contemplando discussões sobre direitos e deveres das mulheres em relação à equidade de gênero. A construção visual prossegue com a sinalização de uma criança tentando “participar” diretamente de um espaço adulto. Esse movimento é representado pela mudança de localização no espaço: a criança é posicionada mais abaixo e tenta alcançar a zona superior, associada às pessoas adultas. A expressão facial e a articulação-boca da sinalizante, com traços negativos, indicam que a criança ainda não está pronta para assimilar conteúdos que

demandam maturidade. O gesto *tchau*, neste contexto, não significa despedida, mas representa a ideia de “ainda não é o momento” ou “isso não é apropriado agora”.

A implicatura visual, portanto, constrói uma argumentação sobre a importância de respeitar os estágios de desenvolvimento e compreender que a abordagem de temas feministas precisa ser adaptada conforme a faixa etária. Isso implica reconhecer que infância, adolescência e vida adulta exigem estratégias distintas de comunicação, linguagem e conteúdo, respeitando os tempos de amadurecimento e compreensão de cada fase.

5.1.8 Discussão e considerações finais sobre a Língua De Sinais Anáfora

A análise envolvendo o uso da anáfora na Libras revela a potência desse recurso na construção da coesão discursiva, na organização temática e na ativação de vínculos identitários e afetivos no discurso visual. Em contextos discursivos marcados por narrativas pessoais, palestras digitais e lives, a anáfora visual emerge como elemento estratégico que articula retomadas referenciais espaciais, ênfases conceituais e posicionamentos ideológicos em contextos anafóricos.

Quadro 16 - Discussões sobre a Língua de Sinais Anáfora

Fig.	Gênero Textual	Fenômeno observado	Implicatura Visual
49	Relato de experiência/vida	Anáfora: Anafórico e apontamento do conceito <i>Deafhood</i> como marcador identitário	Expressão facial intensa, repetição do termo fixação do olhar como ênfase
50	Palestra digital	Anáfora: Anafórico estratégica do termo Querologia e crítica à fonologia tradicional	Inclinação corporal, expressa afirmativa e sinal nada/zero como crítica e afirmação epistemológica
51	Relato de experiência/vida	Anáfora: Crítica à intérprete não qualificada com uso do discurso anafórico	Movimento do troco e expressão negativa indicar inadequação e indignação
52	Relato de experiência/vida	Anáfora: Retomada anafórica de duas pesquisas surdas como referências acadêmicas	Atribuição espacial e anafórico de sinais para fixar modelos e referência
53	Live	Anáfora: Relação referente aliado com sujeito surdo no ensino da Libras e formação de intérpretes	Uso do PALM-UP como marcação de atenção, apontamentos contrastivos entre surdo e ouvinte “aliado”
54	Relato de experiência/vida	Anáfora: Mãe surda como modelo identitário e anáfora afetiva	Movimento lateral do olhar e tronco reforçando admiração materna
55	Live	Anáfora: Pai em processo de desconstrução do machismo, com referência anafórica crítica	Expressão facial ambígua entre ironia e resistência sobre o pai
56	Live	Anáfora: Adequação temática conforme faixa etária com anafórico de “combinar” e PALM-UP	Expressão negativa e gesto ‘tchau’ indicam inadequação por faixa etária.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Na Figura 49, a anáfora do termo “*Deafhood*” e a sinalização com olhar fixo, acompanhada de expressão facial firme, demonstram que a anáfora visual não apenas retoma uma referência previamente introduzida, mas também reposiciona o conceito como núcleo

argumentativo da enunciação. O uso reiterado de apontamentos e o retorno ao ponto espacial anterior funcionam como âncoras referenciais, assegurando coesão temática e evidenciando o valor identitário da noção de um “ser surdo” positivo.

A Figura 50 apresenta construção semelhante ao tratar do conceito “Querologia”. A anáfora visual opera na retomada do termo com marcação corporal e facial enfática, assumindo um papel de resistência e reposicionamento epistemológico: a repetição do sinal não é mera redundância, mas um gesto anafórico de afirmação política da existência e legitimidade de um campo de estudo próprio para a fonologia da Língua de Sinais. Nesse caso, a anáfora assume função crítica, sinalizando a insuficiência da fonologia oralista frente às especificidades visuais da Libras.

As Figuras 51 e 52 ilustram o uso da anáfora em relações pessoais e acadêmicas. Na primeira, a crítica à atuação de um intérprete sem formação adequada recorre a apontamentos e gestos de negação como forma de anáfora visual, retomando e contestando o comportamento da referida pessoa. Na segunda, o recurso destaca duas pesquisadoras surdas — Ana Paula e Gisele — com atribuições distintas e repetição proposital dos sinais que identificam seus nomes e trajetórias. Trata-se de uma anáfora que constrói modelos discursivos e referenciais no campo dos Estudos Surdos.

A Figura 53 amplia esse aspecto ao destacar o papel do sujeito surdo nos processos de ensino e formação em Libras. A anáfora é empregada para diferenciar os papéis de ouvintes e surdos na construção da linguagem e da prática educativa, estabelecendo contrastes visuais entre os sujeitos envolvidos e reforçando o protagonismo do povo surdo.

As Figuras 54, 55 e 56 enfatizam o caráter afetivo e político da anáfora. Em 54, a mãe é apresentada como figura modelar na construção da identidade surda do filho, sendo o apontamento anafórico responsável por reforçar o vínculo e a admiração. Já na Figura 55, a anáfora assume tom crítico e irônico ao abordar a relação entre uma filha feminista e seu pai machista em processo de desconstrução. Por fim, a Figura 56 utiliza a anáfora do verbo “combinar” e o marcador PALM-UP para organizar, de forma visualmente graduada, a adequação de conteúdos feministas a diferentes faixas etárias — infância, adolescência e vida adulta.

Em todas as ocorrências, observa-se que a anáfora em Libras não se limita à retomada lexical ou ao uso contextual. Ela mobiliza o espaço visual, o corpo, o olhar e a expressão facial como dispositivos coesivos que constroem continuidade argumentativa, reforçam vínculos referenciais e posicionam o sujeito enunciador diante de temas identitários, políticos e afetivos.

A anáfora visual é, portanto, um recurso essencial na arquitetura discursiva da Língua de Sinais, revelando-se ao mesmo tempo mecanismo pragmático e instrumento de afirmação cultural.

5.1.9 LINGUA DE SINAIS: ESPAÇO VISUAL COMO VISSINALIZAÇÃO E PROEMINÊNCIA

A pragmática na prosódia, em termos de vissinalização e proeminência espaço visual, assume um papel importante quando associada ao uso na sinalização e ao discurso, expressando-se de forma espacial em um contexto que integra sinais manuais juntamente com a articulação da boca referencial (Pêgo, 2021, p. 216). Podemos verificar que o uso em contexto contribui para densificar diversos significados na expressão, seguindo uma perspectiva pragmática que se manifesta conforme o espaço, o contexto e a articulação-boca.

Na Figura 57, apresenta a glosa referente ao *Brasil* destaca que todos conhecem o livro voltado aos estudos linguísticos. O sinal *LIVRO-Libras*, conforme ilustrado na Figura 56,



funciona como um marcador referencial e indica uma pressuposição na Língua de Sinais. Essa referência permite inferir que o modelo de livro mencionado é amplamente reconhecido tanto pelo povo surdo quanto pela comunidade surda em geral. Esse momento da sinalização evidencia a enunciação e a forma de representatividade de pesquisadores surdos, valorizando o protagonismo do povo surdo no campo acadêmico. Além disso, destaca-se a centralidade do evento analisado e sua relação direta com o tema em discussão.

Figura 57: Vissinalização e Proeminência Espaço Visual – ocorrência Palestra (modalidade digital) 1 – Vanessa (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	BRASIL É LIVRO-Libras FORTE TUDO SABER

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização que menciona o *Brasil* é utilizada como referência, especialmente associada ao livro que contém pressupostos teóricos amplamente conhecidos. Infere-se, por meio da construção sinalizada, que as características do livro remetem à obra de Ronice Quadros e Lodenir Karnopp, publicada em 2004. Trata-se de um material amplamente difundido no meio acadêmico, sendo utilizado por pesquisadores, tradutores e intérpretes. A expressão facial intensa, acompanhada de articulação-boca com os cantos arqueados e tensionados, indica um alto grau de envolvimento e engajamento, reforçando a importância e a influência que esse livro exerce no povo surdo e na comunidade surda acadêmica.

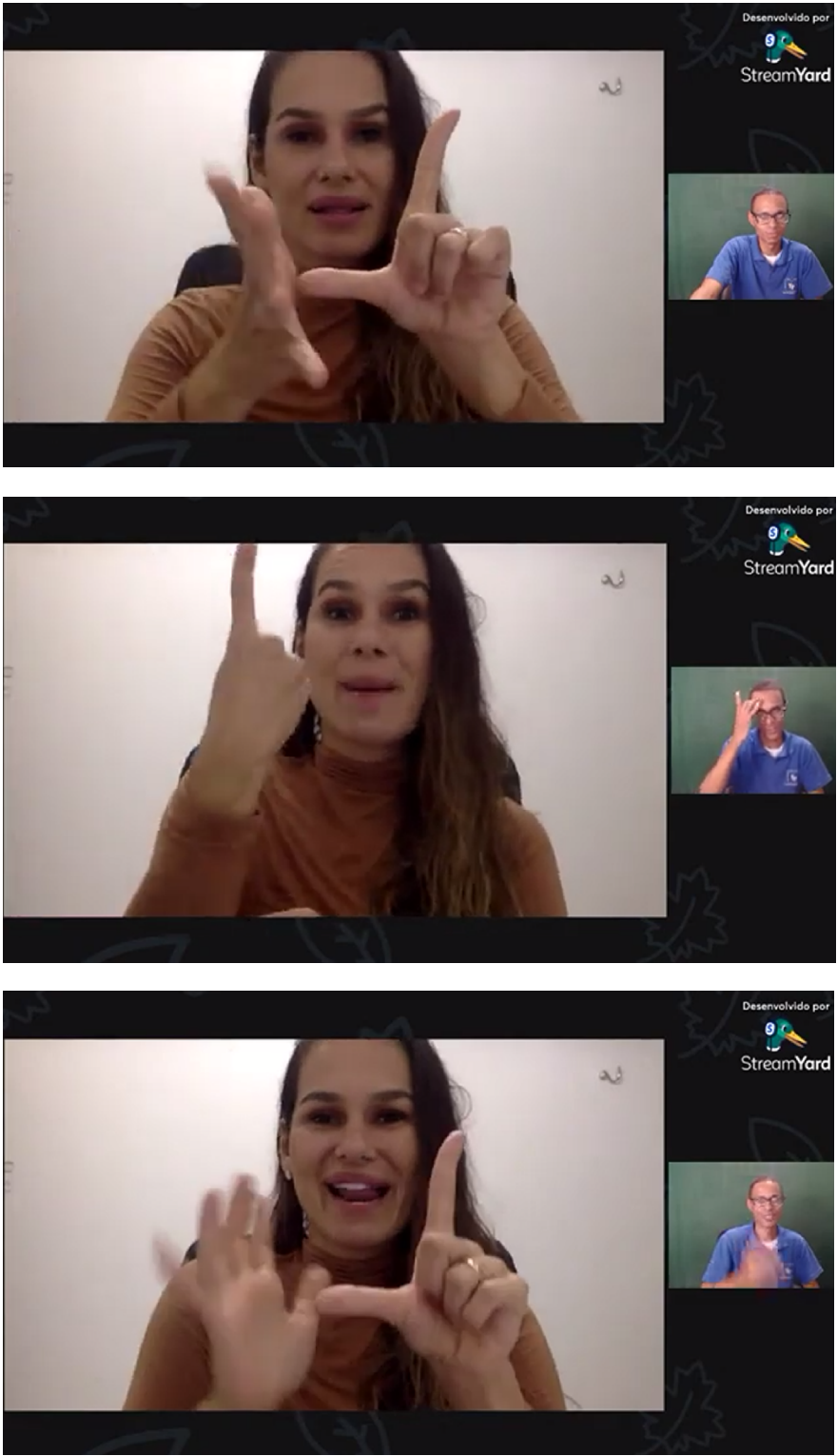
A localização do sinal referente ao livro é realizada na parte superior do espaço sinalizado, o que atribui valor elevado à obra, funcionando como uma referência consagrada. A implicatura visual, portanto, revela que a menção ao livro carrega uma pressuposição de relevância: não é necessário explicitar sua importância, pois se presume que ele é amplamente reconhecido tanto no Brasil quanto internacionalmente, sobretudo entre os pesquisadores da área linguística. Assim, a sinalização reafirma o status dessa obra como referência fundamental nas pesquisas sobre a Libras e na consolidação do conhecimento linguístico no contexto brasileiro.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Vanessa):

Na Figura 58, apresenta-se a frase sinalizada: “LETRAS/LIBRAS ESTUDAR MONITOR [pausa] TUTOR FS-tutori É VIRTUAL DISTÂNCIA ESTUDAR IX-eu PRIMEIRO LETRAS/LIBRAS”. Essa enunciação, no contexto da Língua de Sinais, revela que o sujeito estudou Letras/Libras na graduação, atuou como monitor e teve uma tutora em um formato de ensino a distância. Infere-se, a partir da expressão “PRIMEIRO LETRAS/LIBRAS”, que o enunciador pertenceu à primeira turma do curso de Letras/Libras, o que pressupõe o ingresso em 2006 ano em que o curso foi iniciado em âmbito nacional. Assim, deduz-se que se trata da primeira turma de graduação em Letras/Libras oferecida no polo em que o sujeito estudou.

Figura 58: Vissinalização e Proeminência Espaço Visual – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Vanessa (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
-----------	---------------------

	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	LETRAS/LIBRAS ESTUDAR MONITOR pausa TUTOR FS-tutori É VIRTUAL DISTÂNCIA ESTUDAR IX-eu PRIMEIRO LETRAS/LIBRAS Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: sinalizou letras/libras como destaque informação como experiencia momento universitário, teve pausa no olhar para cima buscando no cognitivo para enunciar

sobre a experiência e chamou atenção a datilologia “tutor” e também no final do sinalizante “primeira” quer dizer primeira turma de letras/Libras estudo a distância em 2006 referente nova graduação em Letras/LIBRAS.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Rodrigo):

Na Figura 59, apresenta-se a glosa apresenta a complexidade anafórica da Língua de Sinais, conforme ilustrado na Figura 59, que aborda a anáfora na Língua de Sinais e destaca o conceito de *Deafhood*. Desejo utilizar este sinal e realizar a datilologia D-E-A-F-H-O-O-D para aqueles que não conhecem o termo, a fim de destacar o sinal utilizado como referência na sinalização. O objetivo é enfatizar a relação mais introspectiva desse conceito com os estudos sobre a comunidade surda, promovendo o empoderamento e destacando o impacto do uso referencial para ressaltar o sinal.

Figura 59: Vissinalização e Proeminência Espaço Visual – ocorrência relatos de experiência/vida 1 - Rodrigo (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	 ONTEM, HOJE E AMANHÃ: OS JOVENS SURDOS DE CADA GERAÇÃO. 01/10/2020 IEEL
	 ONTEM, HOJE E AMANHÃ: OS JOVENS SURDOS DE CADA GERAÇÃO. 01/10/2020 IEEL

	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	POUQUO →  ← IMPORTANTE O-QUE DEAFHOOD FS-deafhood IX-eu QUER

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização ocorre no espaço neutro infere-se com o sinal →  ←, acompanhado de expressão facial afirmativa e aceno positivo, indicando a importância de as pessoas compreenderem o significado da relação que será abordada. Em seguida, é apresentado o termo *Deafhood*, inicialmente por meio da datilologia e, logo após, com expressão facial neutra, enquanto o olhar se direciona ao slide do PowerPoint, indicando reflexão e conexão com o conteúdo apresentado.

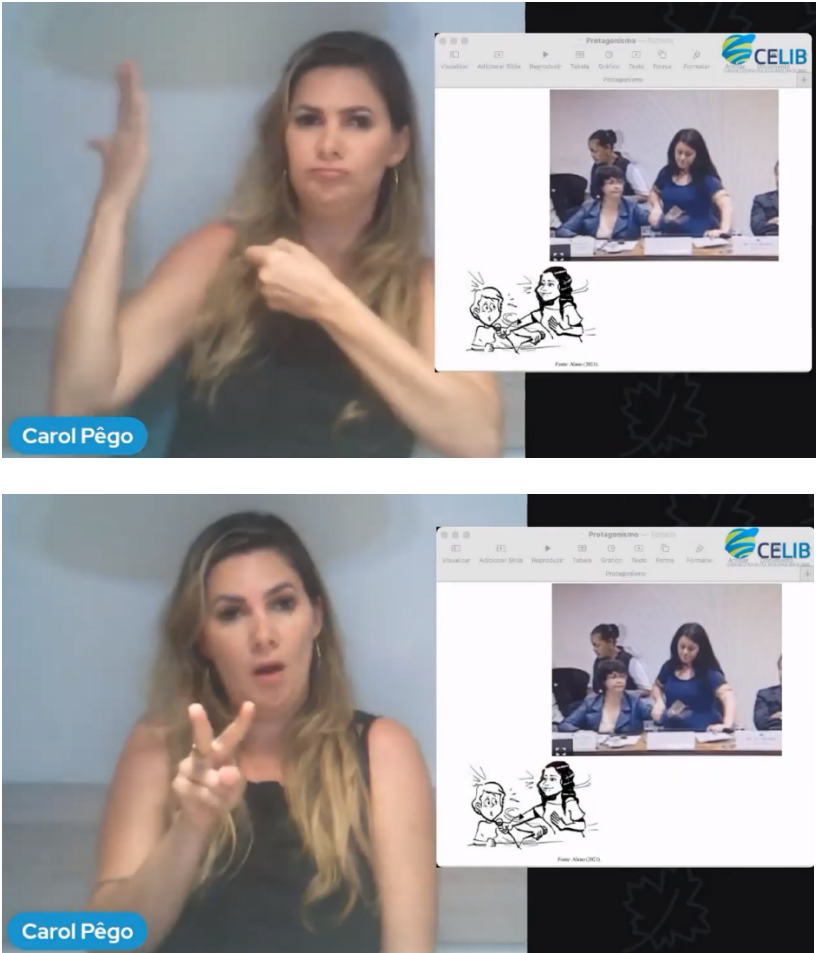
Essa construção sinalizada estabelece →  ← temática com a apresentação intitulada “*Jovens surdos: passado, presente e futuro*”, sugerindo que o conceito de *Deafhood* será desenvolvido em articulação com o tema da identidade surda ao longo do tempo. A sinalização evidencia, assim, a intenção do sinalizador em destacar o termo como central para a compreensão do que significa "ser surdo", propondo uma abordagem reflexiva sobre pertencimento, trajetória e construção identitária na experiência surda.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Carol):

Na Figura 60, apresenta-se a frase sinalizada “IX SURDO SEMPRE OPRESSÃO IX(opressão) IX MOMENTO MOSTRA DESOPRESSÃO IX(desopressão) DV-pegar-microfone PLAM SIMBÓLICO POSS-meu SUJEITO SURDO VER IX EXEMPLO IMPORTANTE IX” evidencia que o sujeito surdo frequentemente vivencia situações de opressão. Infere-se que, ao testemunhar uma pessoa surda de referência se manifestando publicamente, o sinalizante

sentiu-se profundamente impactado. Esse momento de "desopressão", simbolizado pelo gesto de pegar o microfone, representou não apenas uma quebra da opressão, mas também um ato de resistência e inspiração para o povo surdo. A mulher em questão é vista como exemplo de força e representatividade no contexto da educação de surdos, e sua atitude é compreendida como modelo a ser seguido. Assim, o sinalizante reforça que os surdos precisam aprender a se libertar das imposições dos ouvintes e a ocupar seus próprios espaços de fala e identidade.

Figura 60: Vissinalização e Proeminência Espaço Visual – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Carol (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	IX SURDO SEMPRE OPRESSÃO IX(opressão) IX MOMENTO MOSTRA DESOPRESSÃO IX(desopressão) DV-pegar-microfone PLAM SIMBOLICO POSS-meu SUJEITO SURDO VER IX EXEMPLO IMPORTANTE IX

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização apresenta o uso de marcas anafóricas visuais para reforçar o conceito central de *opressão* vivida pelos surdos. O destaque está no uso repetido e enfatizado do sinal *opressão*, seguido pela marca de contraste com *desopressão*, articulado com expressão facial intensa: sobrancelhas erguidas e articulação-boca aberta, expressando surpresa, admiração e impacto emocional. O momento de "ver" é carregado de valor simbólico, pois indica a percepção visual de uma figura surda que demonstrou coragem, garra e resistência ao se posicionar publicamente. O gesto de pegar o microfone é interpretado como um ato simbólico de ruptura com a dominação ouvinte. A implicatura visual revela que essa pessoa tornou-se um marco no movimento surdo, especialmente na área da educação, ao protagonizar uma ação que simboliza a *desopressão*. A mensagem é clara: os surdos não devem aceitar que os ouvintes continuem controlando seus espaços discursivos e identitários.

Ocorrência Live 1 (Gabriel):

Na Figura 61, apresenta-se a frase sinalizada “*POSS-dele PORTUGUÊS LÍNGUA L1 PORTUGUÊS OUVINTE PESSOA L1+++ POSS-meu LÍNGUA L2 PLAM SINALIZAR L1 L2+++ INTERAGIR*” destaca, por meio da organização espacial e visual da Língua de Sinais, a dinâmica da aquisição linguística dos sujeitos envolvidos. Infere-se que os ouvintes, em sua maioria, adquirem o português como primeira língua (L1), enquanto o sinalizante, sendo surdo, tem a Libras como sua língua principal, e o português como segunda língua (L2). Nesse contexto, quando um ouvinte aprende Libras, essa passa a ser sua L2, enquanto, para o sujeito surdo, a Libras é sua L1 e o português, sua L2. A sinalização, portanto, revela a assimetria linguística entre surdos e ouvintes no processo de aquisição e uso da linguagem.

Figura 61: Vissinalização e Proeminência Espaço Visual – ocorrência Live 1 – Gabriel (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	

	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	POSS-dele PORTUGUÊS LÍNGUA L1 PORTUGUÊS OUVINTE PESSOA L1+++ POSS-meu LÍNGUA L2 PLAM SINALIZAR L1 L2+++ INTERAGIR

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização utiliza a datilologia “L1” para marcar explicitamente a aquisição da primeira língua, com foco nos ouvintes, para os quais o português é, geralmente, a L1. A expressão facial, com o olhar fixo e direcionado, reforça essa atribuição identitária, indicando que o sujeito está pressupondo a experiência linguística de interlocutores ouvintes. Para os ouvintes, o português é adquirido naturalmente como primeira língua. Já para o surdo, o português é aprendido como segunda língua (L2), sendo a Libras sua L1, adquirida por meio da experiência visual e corporal. A datilologia “L2”, por sua vez, é utilizada para marcar que, no caso de ouvintes aprendendo Libras, esta será a segunda língua. Mesmo que o sinal “ouvinte” não tenha sido explicitado na sequência da sinalização, o contexto permite inferir que a L2 referida é Libras, quando ensinada ou aprendida por ouvintes. Assim, a construção visual reforça as diferenças nos percursos de aquisição linguística entre sujeitos surdos e ouvintes, revelando as posições linguísticas assimétricas e os modos distintos de acesso à linguagem.

Ocorrência Live 1 (Tainá):

Na Figura 62, apresenta-se a frase sinalizada “*POSITIVO ATÉ HOJE POSS-meu IRMÃO É FS-pro FEMINISTA APOIAR MUITO MOVIMENTO PLAM PARECE IX-ele INTERESSAR PARTICIPAR IX-eu TORCER FINALMENTE*” carrega uma pressuposição afirmativa em relação ao comportamento do irmão da sinalizante. Infere-se que, até o momento presente, ele tem demonstrado apoio ao movimento feminista, o que revela um posicionamento favorável à causa das mulheres. A sinalizante percebe sinais de interesse por parte dele em participar mais ativamente do movimento, e expressa esperança e torcida para que ele se envolva e contribua efetivamente com a causa.

Figura 62: Vissinalização e Proeminência Espaço Visual – ocorrência Live 1 – Tainá (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	

	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	POSITIVO (exf negativo e reconhecer) ATÉ HOJE POSS-meu IRMÃO É FS-pro FEMINISTA APOIAR MUITO MOVIMENTO PLAM PARECE IX-ele INTERESSAR PARTICIPAR IX-eu TORCER FINALMENTE

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

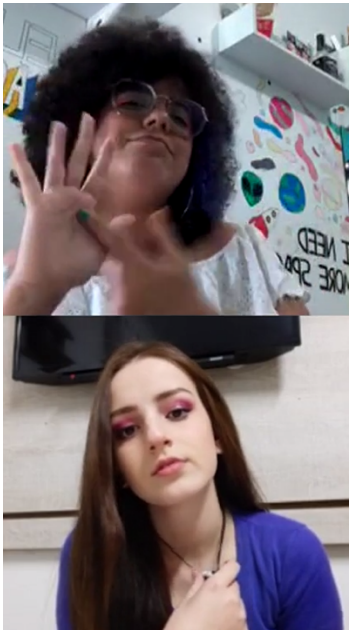
Implicatura Visual: A sinalização inclui o sinal *positivo*, mas é acompanhada por uma expressão facial que transmite leve insegurança, sugerindo cautela ou expectativa contida. Essa combinação expressiva indica que, embora haja reconhecimento do apoio do irmão à causa feminista, ainda existe certa dúvida quanto ao seu real engajamento. A convivência até então aponta para um posicionamento simpático à causa, e agora, com o interesse mais explícito em participar, a sinalizante demonstra entusiasmo. A expressão facial no final da sinalização marcada por empolgação e brilho no olhar, expressa esperança e desejo de que ele se envolva de fato, aprenda mais sobre o universo feminista e se sensibilize com as pautas do movimento. O gesto de *torcer*, visualmente enfatizado, evidencia o desejo de que esse envolvimento se concretize plenamente.

Ocorrência Live 1 (Andreia):

Na Figura 63, apresenta-se a frase sinalizada destaca uma série de enunciações sobre a ideia de que a mulher já nasce inserida na subjetividade de ser feminista e reconhece, ao longo da vida, seus próprios direitos desde a infância, passando pela adolescência, até a fase adulta. A inferência construída nessa sinalização apresenta diversas abordagens sobre os direitos e deveres que as mulheres podem exercer, representadas por uma enumeração visual de *1 a 5*,

utilizando o sinal de *boia* (listagem por pontos no espaço). A saber: (1) a mulher se reconhecer como tal e afirmar sua identidade; (2) o direito ao trabalho; (3) o direito ao voto; (4) o direito de obter a carteira de motorista; e (5) o direito de acesso a múltiplos outros direitos e deveres em igualdade com os homens.

Figura 63: Vissinalização e Proeminência Espaço Visual – ocorrência Live 1 – Andreia (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	FALAR UMA COISA SEMPRE FALAR COM TODO-MUNDO O-QUE NASCER MULHER JÁ É FEMINISTA JÁ SABER PORQUE NASCER CRESCER TEM DIREITO PRÓPRIO PRIMEIRO SEGUNDO PODE TRABALHAR TERCEIRO VOTAR QUARTO CARTEIRA IX-MÃO VARIOS

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização inicia com o gesto de *falar uma coisa*, acompanhado de movimento do tronco lateralizado, indicando que o conteúdo será apresentado em partes. A abordagem enfatiza que qualquer pessoa que nasce mulher seja criança, adolescente ou adulta, carrega o potencial de ser sujeito de direitos e deveres, assim como os homens. A sinalização *boia-1* marca o primeiro ponto da lista: o reconhecimento da própria identidade como mulher, com expressão facial e articulação-boca afirmativas, reforçando o direito de ser e de existir enquanto tal.

Em seguida, a *boia-2* introduz o segundo ponto: o direito da mulher ao trabalho. A expressão facial firme e o movimento do tronco para frente conferem destaque e reforçam a possibilidade concreta desse direito. Ainda na *boia-2*, a sinalização segue com expressão semelhante, indicando o terceiro ponto: o direito ao voto, sinalizado de maneira mais discreta, porém com clareza e convicção. A *boia-3* introduz o quarto ponto, com pausa respiratória e expressão facial compatível com a seriedade do tema, marcando o direito à carteira de motorista, ou seja, o direito de dirigir.

Por fim, uma *boia aberta* com a palma da mão voltada para baixo, associada ao apontamento *IX* e ao sinal *várias*, indica que existem múltiplas outras possibilidades. Essa sinalização reforça que as mulheres possuem uma ampla gama de direitos e deveres, cuja lista é extensa e em constante expansão, reafirmando a igualdade de gênero como princípio fundamental.

5.1.10 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A VISSINALIZAÇÃO E PROEMINÊNCIA ESPAÇO VISUAL

A análise das figuras que compõem esta seção demonstra que a vissinalização e proeminência no espaço visual são recursos essenciais para a organização discursiva e ênfase pragmática da Língua de Sinais. Esses elementos são performados de modo simultâneo entre os sinais manuais, articulação-boca e os movimentos corporais e faciais, que confere à Língua de Sinais de uma expressividade única, sensível à espacialidade e à intensidade emocional.

Quadro 17: Discussões sobre a Língua de Sinais espaço visual

Fig.	Gênero Textual	Fenômeno observado	Implicatura Visual
57	Palestra digital	Espaço Visual: Referência a obra consagrada com vissinalização elevada e ênfase espacial	Localização no alto do espaço e expressão facial intensa indica prestígio da obra
58	Relato de experiência/vida	Espaço Visual: Narrativa de experiência universitária com destaque à primeira turma	Pausa e olhar para cima indicam lembrança pessoal e relevância institucional
59	Relato de experiência/vida	Espaço Visual: Uso conceito de Deafhood com destaque visual e didático	Datilologia seguida de olhar reflexivo e slide indicam ênfase conceitual
60	Relato de experiência/vida	Espaço Visual: Momento simbólico de desopressão com impacto emocional	Expressões intensas e gesto simbólico indicam ruptura com opressão
61	Live	Espaço Visual: Assimetria na aquisição L1/L2 entre surdos e ouvintes	Datilologia L1/L2 expressões reforçam distinção identitária e linguística
62	Live	Espaço Visual: Torcida por engajamento real do irmão no movimento feminista	Expressão de dúvida inicial seguida entusiasmo expressa esperança no engajamento
63	Live	Espaço Visual: Enumeração de direitos femininos com expressão visual de empoderamento	Boias numeradas com expressão afirmativa marcam progressão de direitos da mulher

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A Figura 57 evidencia como o espaço elevado da sinalização é utilizado para posicionar um livro como entidade de prestígio e referência teórica. A obra em questão, presumivelmente Quadros e Karnopp (2004), não é nomeada, mas evocada com força visual por meio da vissinalização elevada, da articulação-boca tensa e do olhar direcionado ao ponto alto do espaço. A implicatura visual aponta para um conhecimento partilhado, no qual a vissinalização reforça o status simbólico da obra.

A Figura 58 apresenta uma narrativa de experiência universitária organizada por meio de pausas, olhares direcionados ao alto (em gesto de rememoração) e destaque na datilologia “tutor”. A vissinalização enfatiza a importância institucional e histórica do fato de o enunciador integrar a primeira turma de Letras Libras no ensino à distância. A pausa e o olhar introspectivo funcionam como marcadores de ênfase subjetiva.

Na Figura 59, observa-se o uso da datilologia “*deafhood*” como ponto de partida de uma explicação visual. A vissinalização alterna entre expressões afirmativas e neutras, com deslocamento do olhar em direção ao slide, o que contribui para uma ancoragem conceitual visual. A proeminência recai na introdução do sinal-chave da identidade surda em conexão com o eixo temporal “passado, presente e futuro”, evidenciando o corpo como ponte entre conceitos e temporalidades.

A Figura 60 é marcada por forte carga emocional: a sequência de “opressão → desopressão → microfone” mobiliza a vissinalização corporal e facial como expressão de ruptura e superação. O gesto de pegar o microfone intensifica a vissinalização, simbolizando o direito à sinalização e à visibilidade. A expressão facial com sobrancelhas erguidas e boca aberta sinaliza o impacto emocional do momento, destacando o valor simbólico da representatividade surda.

A Figura 61 apresenta uma construção espacial comparativa entre L1 e L2 para ouvintes e surdos, com uso de datilologia estratégica e expressões de clareza. A vissinalização, nesse caso, assume caráter didático, performada com seriedade e apontamentos repetidos. O espaço é utilizado como mapeamento visual das relações linguísticas, com ênfase nas assimetrias entre o processo de aquisição da Libras e do português por diferentes sujeitos.

As Figuras 62 e 63 articulam vissinalização afetiva e política. A figura 62 mostra o desejo da sinalizante de ver o irmão envolvido no movimento feminista: a vissinalização parte de uma postura cautelosa e evolui para um brilho no olhar, indicando esperança e expectativa. Já a figura 63 utiliza boias numeradas para enumerar direitos das mulheres. A vissinalização é organizada visualmente em gradação crescente, reforçada por movimentos do tronco e

expressão facial convicta. A proeminência recai sobre o ato de listar, tornando visível e performando os direitos como conquistas históricas e identitárias.

Essas análises demonstram que, na Língua de Sinais, a vissinalização e a proeminência no espaço visual são constituintes da gramática discursiva. Esses elementos demarcam ênfases, constroem hierarquias informacionais, expressam afetos, organizam a progressão temática e comunicam sentidos politicamente situados. A pragmática da Libras, portanto, se manifesta intensamente no uso do corpo e do espaço como enunciadores visuais de sentidos e posicionamentos.

5.1.11 LÍNGUA DE SINAIS: VISSINALIZAÇÃO PERFORMÁTICA E PROEMINÊNCIA VISUAL

Ocorrência Palestra (modalidade digital) 1 (Vanessa):

Na Figura 64, apresenta-se a glosa da tradução evidencia diferentes aspectos da Língua de Sinais em quatro situações distintas:

1. **Língua de Sinais – 1:** A pessoa apresenta-se muito tensa, com dificuldade para se expressar devido ao nervosismo, o que se torna perceptível para a audiência.
2. **Língua de Sinais – 2:** A pessoa sinaliza lentamente, com expressões que revelam certo nervosismo, e em alguns momentos parece ignorar o público. Ainda assim, mantém uma sinalização calma.
3. **Língua de Sinais – 3:** A pessoa demonstra experiência, tendo participado de diversas palestras (modalidade digital) e eventos, o que permite uma sinalização mais fluida, natural e com traços de informalidade e relaxamento.
4. **Língua de Sinais – 4:** Tradutores e intérpretes, ao realizarem gravações, sinalizam de maneira séria e focada, com uma performance voltada à formalidade.

Essas variações na forma de sinalizar revelam como a Língua de Sinais incorpora elementos do cotidiano e se adapta a diferentes contextos comunicativos, oscilando entre performances mais tensas, lentas ou fluidas, dependendo do nível de formalidade e da experiência do sinalizante. Essas nuances são adquiridas por meio da observação e da vivência visual em contextos variados de uso da língua.

Figura 64: Vissinalização e Proeminência Performática ou Incorporação— ocorrência Palestra (modalidade digital) 1 - Vanessa (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
	
	

	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	LINGUA-DE-SINAIS -1 FS-tenso LINGUA-DE-SINAIS-1 PORQUE PSICOLOGIA VER++ (10:47) LINGUA-DE-SINAIS - 2 PLAM UAU LINGUA-DE-SINAIS--2 AS-VEZES IX IGNORAR (10:52 – 10:55) LINGUA-DE-SINAIS- 3 ACOSTUMAR PARTICIPAR+++ PALESTRA (MODALIDADE DIGITAL) LINGUA-DE-SINAIS+++3 IX-eu RELAXAR(10:55- 10:59) LINGUA-DE-SINAIS-4 PROFISSIONAL GRAVAR INTERPRETAR TRADUTOR GRAVAR LINGUA-DE-SINAIS-4 (11:09-11:13)

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização do termo *Língua de Sinais* é performada de diferentes formas, com variações de sentido e intensidade, conforme o contexto.

Na Língua de Sinais – 1, observa-se expressão facial e articulação-boca com os cantos cerrados, transmitindo tensão emocional. A datilologia de *tenso* reforça esse estado, já previamente sugerido pela expressão facial. Trata-se de um momento em que o público está presente, o que afeta psicologicamente o palestrante e interfere na fluidez da sinalização. A performance é marcada por uma prosódia visual carregada de rigidez, refletindo o impacto emocional sobre o sinalizante.

Na Língua de Sinais – 2, a expressão facial e a articulação-boca indicam um estado misto de timidez e tensão. Há hesitação, mas também esforço em prosseguir. O gesto *PALM-UP* aparece como marcador discursivo de transição. Com o tempo, o sinalizante começa a se soltar, revelando um “*uau*”, expressão que representa a superação do desafio inicial. Apesar disso, ainda há momentos em que ele se desconecta da performance, oscilando entre presença e dispersão durante a apresentação.

Na Língua de Sinais – 3, a expressão facial e a articulação-boca transmitem tranquilidade e naturalidade. O sinalizante demonstra estar acostumado com aquele tipo de situação, sinalizando com espontaneidade, fluência e domínio, como se estivesse utilizando sua

primeira língua. A sinalização adquire ritmo mais leve, característico de um uso natural da língua.

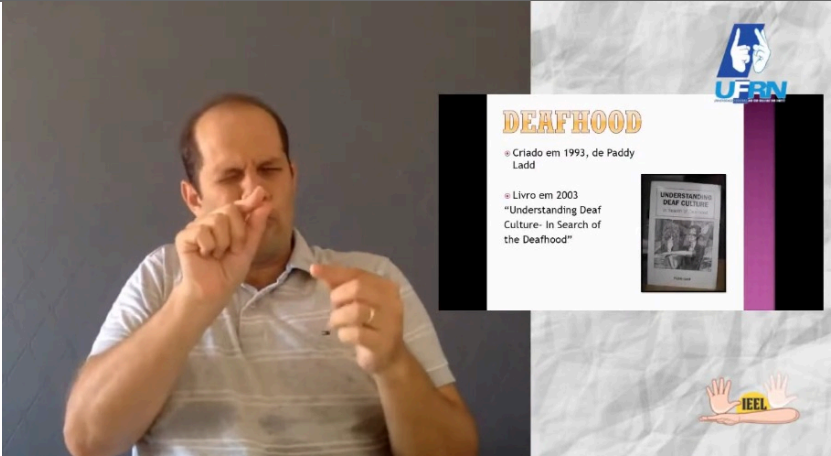
Por fim, na Língua de Sinais – 4, observa-se uma performance formal. A expressão facial é séria, a boca permanece fechada e o olhar é fixo e concentrado, típico de gravações técnicas realizadas por profissionais da tradução e interpretação de Libras. Trata-se de uma tecno-sinalização cuidadosamente elaborada, evidenciando a responsabilidade e o rigor exigidos em contextos formais, como vídeos institucionais e materiais educacionais.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Rodrigo):

Na Figura 65, apresenta-se a glosa da tradução das Figuras 67 e 68 que ilustra aspectos distintos da sociedade e sua influência sobre a Língua de Sinais. A Figura 67 apresenta uma explicação introdutória, com a frase “*Então vou explicar um pouquinho*”, retomando a relação com o tema abordado. Já a Figura 68 representa uma crítica à sociedade, que demonstra uma atitude de “carinho” no sentido de piedade, ou seja, a visão de “*coitado*”. Esse momento sinaliza um contexto histórico em que pessoas surdas eram obrigadas a oralizar, sendo proibidas de usar a Língua de Sinais, o que evidencia práticas de opressão linguística.

As Figuras 65 e 66 exemplificam a incorporação da vivência social na sinalização. Na Figura 65, o sinal “*pouquinho*” é realizado com articulação-boca de valor diminutivo, acompanhado de um gesto pequeno com a mão, o que expressa claramente a intenção de introduzir um comentário breve. Já na Figura 66, a sociedade é representada com uma atitude de falsa compaixão: o rosto da sinalizante exibe articulação-boca em forma de bico, sobrancelhas erguidas e olhar franzido, compondo a expressão de “*coitado*”. Ambas as imagens demonstram como essas marcas visuais se inserem na construção pragmática do discurso, revelando a influência das experiências sociais no uso da Língua de Sinais.

Figura 65: Vissinalização e Proeminência Performática ou Incorporação– ocorrência relatos de experiência/vida
1 - Rodrigo (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	PLAM IX-eu FALAR POUCO --- CORTAR ESPERAR POUCO QUER FALAR LIGADO

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: Na primeira implicatura visual, a sinalização *PLAM* significa “isso”, indicando a retomada de um ponto anterior. Em seguida, a sinalização de “*pouco*” é realizada com expressão facial e articulação-boca de valor diminutivo, revelando que se trata de uma fala breve. Inferimos que esse trecho introduz uma reflexão sobre o conceito de *Deafhood*. A pausa marcada por “*esperar*” funciona como um recurso prosódico para retomar a fala após a recordação. A sinalização indica que o sujeito está prestes a compartilhar uma memória introspectiva relacionada à vivência de ser surdo, articulada ao movimento dos *jovens surdos* no tempo (passado, presente e futuro).

Ocorrência relatos de experiência/vida 2 (Rodrigo):

Figura 66: Vissinalização e Proeminência Performática ou Incorporação– ocorrência relatos de experiência/vida
2 – Rodrigo (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
-----------	---------------------

	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	MOSTRAR PARECE VER SURDO CARINHO COITADO DIFICIL TEM MOMENTO OBRIGAR ORALIZAR PROIBIR LINGUA-DE-SINAIS (05:53-06:01)

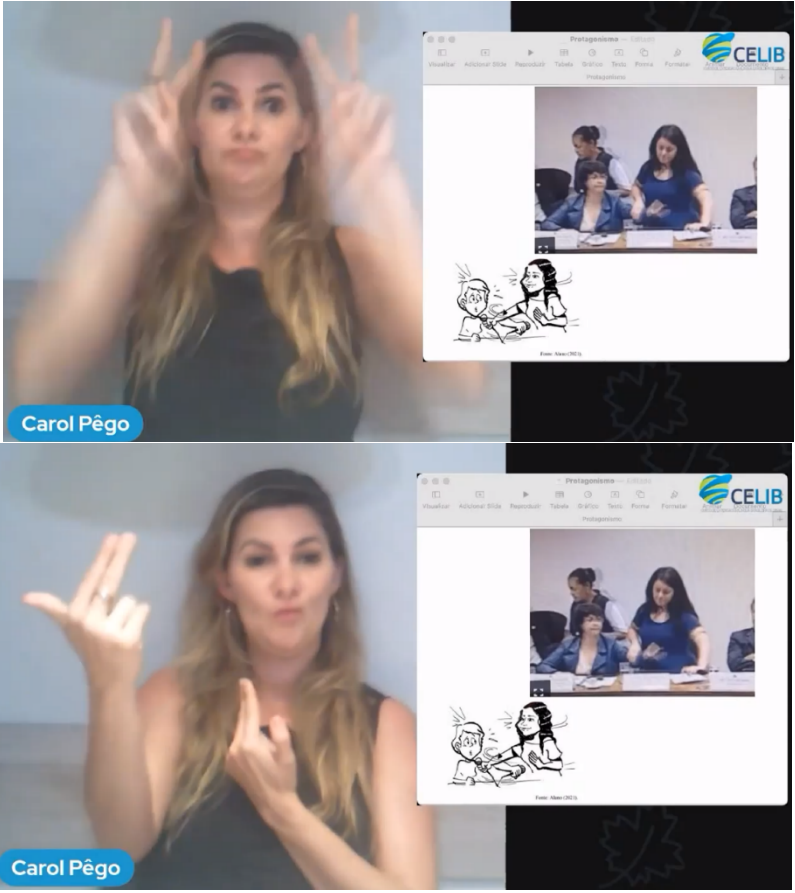
Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: Na segunda implicatura visual, a sinalização retrata como os ouvintes observam o sujeito surdo com um olhar de caridade, expressando piedade por meio de postura corporal, expressão facial e articulação-boca na forma de “ouuu”, o que reforça a ideia de capacitismo. A construção visual denuncia a visão do surdo como incapaz, reforçada por atitudes dominadoras da sociedade ouvinte. Essa perspectiva histórica é simbolizada pela obrigatoriedade da oralização e pela proibição do uso da Língua de Sinais, o que revela um contexto de apagamento e negação da identidade surda.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Carol):

Na Figura 66, apresenta-se a frase sinalizada “*CRIANÇA SURDA VER ADULTO SURDO VER IX-eu PODER FUTURO IGUAL*” apresenta uma construção em Língua de Sinais que contextualiza a relação entre criança e adulto surdo. Infere-se que, ao observar um adulto surdo, a criança o reconhece como um modelo, uma referência a ser seguida. Essa identificação inspira o desejo de, no futuro, tornar-se semelhante a essa pessoa adulta, tanto em identidade quanto em trajetória.

Figura 67: Vissinalização e Proeminência Performática ou Incorporação – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Carol (2024)

VIDEO - QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	CRIANÇA SURDA VER ADULTO SURDO VER IX-eu PODER FUTURO IGUAL

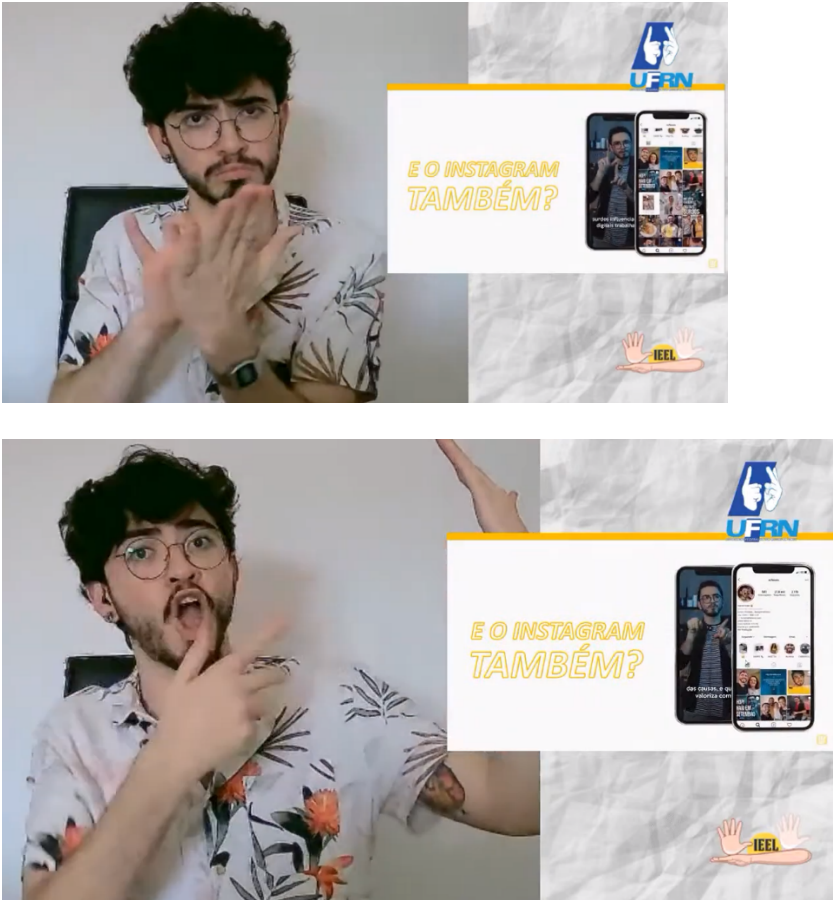
Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A implicatura visual reforça a relação de inspiração e pertencimento. A sinalização expressa que a criança surda observa o adulto surdo com expressão facial de admiração, olhar voltado para cima e direção corporal orientada ao modelo visual. O verbo “*ver*” é utilizado de forma incorporada, marcando a perspectiva da criança surda que olha para cima, atribuindo ao adulto surdo o papel de modelo. Em seguida, a criança sinaliza “*igual*” com as duas mãos, indicando o desejo de tornar-se como aquela pessoa adulta, reconhecendo nela um exemplo a ser seguido. A construção visual sugere uma identificação profunda entre os dois sujeitos “criança e adulto” que compartilham a mesma identidade surda, cultura surda e a Língua de Sinais como primeira língua. O adulto, assim, é representado como fonte de inspiração, reafirmando o desejo da criança de também ocupar esse lugar no futuro.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Gabriel):

Na Figura 68, apresenta-se a frase sinalizada “NÓS DENTRO TECNOLOGIA CELULAR FS-ok MAS CELULAR MAS DV-olhar-para-cima” contextualiza o momento atual em que vivemos, marcado pelo uso intenso das tecnologias, especialmente do celular. Infere-se que as pessoas utilizam esses dispositivos para acessar, digitalizar e interagir com conteúdos nas redes sociais. No momento da gravação, o sujeito segura o celular com uma das mãos, o que se relaciona com o aspecto visual da sinalização — ou seja, sinaliza enquanto segura o aparelho —, com o objetivo de explicar e registrar a situação para posterior publicação nas redes.

Figura 68: Vissinalização e Proeminência Performática ou Incorporação – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Gabriel (2024)

VIDEO - QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	NÓS DENTRO TECNOLOGIA CELULAR FS-ok MAS CELULAR MAS DV-olhar-para-cima

	MOSTRAR EXEMPLO IX SINALIZAR G-olhar ACONTECER-1 ACONTECER-2
--	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A implicatura visual reforça a incorporação do comportamento comum de usuários que manipulam o celular durante a gravação de vídeos. A descrição visual mostra a pessoa segurando o celular para cima, com o olhar direcionado ao aparelho, simulando a ação de sinalizar informalmente enquanto grava. Essa configuração representa o modo como os sujeitos interagem nas redes sociais, explicando o que está acontecendo em tempo real. O olhar para cima, voltado ao celular, contribui para a ampliação do espaço sinalizado, adaptando a sinalização às exigências do enquadramento visual. A prática evidencia uma forma de *tecno-sinalização*, na qual os recursos visuais e espaciais são organizados conforme o uso das tecnologias, incorporando a gravação como parte da construção enunciativa.

Ocorrência Live 1 (Gabriel):

Na Figura 69, apresenta-se a frase sinalizada “*FALAR-OUVINDO PARAR SURDO+++ PARAR PLAM-UP PARAR*” contextualiza uma situação recorrente em que pessoas ouvintes continuam falando com surdos de forma oral, mesmo após pedidos para que parem. Infere-se que os surdos, ao não escutarem, solicitam repetidamente que os ouvintes interrompam a fala, mas estes não compreendem ou ignoram a solicitação, insistindo na comunicação oral. Isso gera desconforto entre os surdos, que precisam pedir várias vezes para que parem, sem obter resposta adequada.

Figura 69: Vissinalização e Proeminência Performativa ou Incorporação – ocorrência Live 1 – Gabriel (2024)

VIDEO - QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	FALAR-OUVINDO PARAR SURDO+++ PARAR PLAM PARAR

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

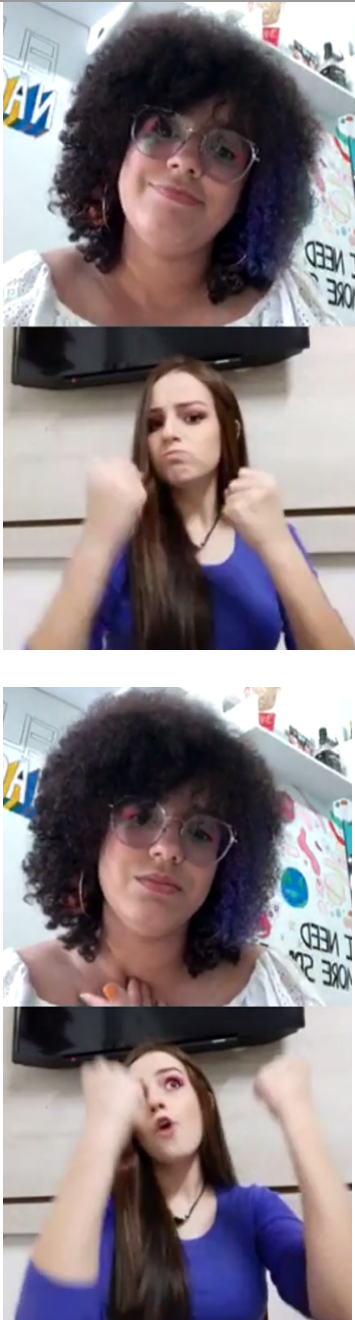
Implicatura Visual: A implicatura visual evidencia a incorporação do comportamento típico de ouvintes que insistem em falar diretamente ao ouvido dos surdos, desconsiderando sua condição linguística. A **descrição visual** simula esse ato, representando o modo como os ouvintes interagem oralmente com surdos, mesmo quando isso é inadequado. A repetição do sinal “*parar*” e o uso de “*PLAM*” acompanhado de expressão facial de exaustão, articulação-boca voltada para baixo e traço de incômodo revelam o desconforto do sujeito surdo diante da insistência. A sinalização expressa claramente o limite do sujeito, que não sabe mais como agir diante da repetida desconsideração. O uso intensivo da linguagem visual reforça a frustração vivida por surdos que, mesmo se posicionando, continuam sendo expostos à oralidade compulsória por parte de ouvintes.

Ocorrência Live 1 (Tainá):

Na Figura 70, apresenta-se a frase sinalizada “*FEMINISTA FORTE APOIAR TEM MEDO HOMEM SABER HOMEM FORTE SUPERIOR*” apresenta um contexto em que o movimento feminista é reconhecido como resistente e firme, mesmo diante do medo que muitas mulheres sentem. A sinalização infere que há consciência de que alguns homens dominam estratégias para manter-se em posição de superioridade em relação às mulheres. Assim, mesmo diante desse cenário, a mulher feminista permanece firme, resistindo e apoiando a causa em defesa dos direitos das mulheres.

Figura 70: Vissinalização e Proeminência Performativa ou Incorporação – ocorrência Live 1 – Tainá (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	

	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	FEMINISTA FORTE APOIAR TEM MEDO HOMEM SABER HOMEM FORTE SUPERIOR

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização evidencia a força do movimento feminista por meio da incorporação repetida do sinal “*forte*”. Na primeira ocorrência, o sinal é realizado com expressão facial séria, sobrancelhas abaixadas e articulação-boca fechada, indicando resistência e firmeza. Isso demonstra que, apesar do medo, a mulher feminista continua lutando e não permite que o movimento seja enfraquecido. A segunda incorporação do sinal “*forte*” aparece com expressão facial marcada por sobrancelhas erguidas, olhar direcionado para cima e

articulação-boca alongada (*fooooo*), acompanhada de um movimento de tronco ascendente, expressando admiração ou espanto diante da intensidade da força estratégica que muitos homens exercem para manter o poder. A sinalização também revela a consciência de que muitos homens ainda contribuem para a opressão das mulheres, tornando a resistência feminista ainda mais necessária. A combinação dos recursos visuais constrói, assim, uma narrativa de tensão entre resistência e opressão no enfrentamento cotidiano entre feminismo e estruturas patriarcais.

5.1.12 Discussão e considerações finais Sobre a Língua de Sinais: vissinalização performática e proeminência visual

A análise da vissinalização e da proeminência performática ou incorporada revela como o corpo do sujeito ultrapassa a função meramente referencial da língua e assume um papel expressivo, identitário e dramatúrgico. O fenômeno da incorporação, amplamente identificado em diferentes gêneros discursivos (palestras digitais, relatos e lives), envolve a dramatização de ações, emoções e situações sociais que são vivenciadas ou criticadas pelos sujeitos sinalizantes.

Quadro 18: Discussões sobre a Língua de Sinais Performática

Fig.	Gênero Textual	Fenômeno observado	Implicatura Visual
64	Palestra digital	Perfo.: Variação na performance da sinalização conforme contexto e experiência	Tensão, nervosismo ou fluidez performados pelo corpo conforme o contexto
65	Relato de experiência/vida	Perfo.: Expressão diminutiva incorporada para marcar introdução breve	Expressão facial e gesto pequeno reforçam intenção de introduzir fala breve
66	Relato de experiência/vida	Perfo.: Crítica ao capacitismo com expressões de peidade incorporadas	Expressão de piedade performada com bico e sobancelhas erguidas (coitado)
67	Relato de experiência/vida	Perfo.: Representação do adulto surdo como modelo identitário	Olhar para cima indica admiração da criança por adulto surdo como modelo
68	Relato de experiência/vida	Perfo.: Uso do celular durante sinalização como elemento incorporado	Sinalização adaptada à gravação com celular em tempo real
69	Live	Perfo.: Insistência de ouvinte falando com surdo	Expressão facial mostrando o surdo que está exausto diante das insistência ouvinte na fala
70	Live	Perfo.: Resistência feminista frente à opressão masculina	Dupla incorporação de 'forte' expressa tanto resistência quanto crítica

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Na palestra digital (Figura 64), observam-se variações no grau de tensão, fluidez e formalidade da sinalização, de acordo com a experiência e o contexto de quem sinaliza. A performance tensa e hesitante de uma palestrante iniciante contrasta com a fluência prosódica e a naturalidade de um sujeito habituado a eventos públicos, ou ainda com a seriedade técnica de um tradutor-intérprete de Libras. Cada uma dessas performances expressa não apenas o conteúdo linguístico, mas também o estado emocional, o grau de familiaridade com o gênero

textual e a adequação às normas de formalidade. A implicatura visual é composta por microexpressões faciais, articulação-boca, ritmo dos sinais, gestualidade e postura corporal.

Nos relatos de experiência/vida (figuras 65, 66, 67 e 68), a incorporação manifesta-se tanto em expressões diminutivas que marcam introduções modestas (“vou falar um pouquinho”) quanto em críticas contundentes à sociedade capacitista, evidenciadas pelo uso expressivo de gestos e expressões faciais que denunciam o olhar estigmatizante lançado sobre a pessoa surda. A inspiração de uma criança ao ver um adulto surdo como modelo (Figura 67), ou a adaptação da sinalização ao uso do celular como mediação tecnológica (Figura 68), exemplificam como o corpo sinalizante não apenas comunica, mas revive e representa situações concretas, conectando-se à realidade social e política do sujeito surdo.

Nas lives (Figuras 69 e 70), a força performática assume um tom de manifestação e resistência. A repetição expressiva do sinal “parar” (Figura 69) explicita a frustração diante da insistência de ouvintes em se comunicarem oralmente com surdos, revelando o esgotamento emocional provocado por interações forçadas com a oralidade. Já no relato feminista (Figura 70), a incorporação do sinal “forte”, com intensidades variadas, dramatiza tanto a resistência das mulheres quanto o reconhecimento da opressão masculina, compondo uma cena de tensão ideológica entre opressão e enfrentamento.

Essas ocorrências evidenciam que a Língua de Sinais performática visual é uma prática discursiva central da Libras, especialmente em contextos digitais. Ela articula linguagem, afeto, política e identidade de forma visual, dinâmica e carregada de significados. A performatividade na Libras não é um recurso acessório, mas constitutivo da enunciação: o sujeito surdo encarna os discursos que produz, utilizando o próprio corpo como palco para o uso da língua. Isso reforça a visualidade como matriz pragmática da Libras e confirma a centralidade do corpo como espaço de produção de sentidos, resistência e pertencimento no mundo surdo.

5.1.13 Língua de sinais: PALM-UP como vissinalização e proeminência visual

Ocorrência Palestra (modalidade digital) 1 (Vanessa):

Na figura 71, apresenta-se a glosa da Língua de Sinais introduz o tema com base em uma explicação já apresentada anteriormente, indicando que o foco agora será outra questão. O sinal *PALM-UP*, representado pela palma da mão aberta, é utilizado de forma clara e repetitiva para marcar que determinada parte do conteúdo já foi explicada. O segundo uso do *PALM-UP* reforça essa conclusão, funcionando como um marcador discursivo que retoma o que foi discutido anteriormente na sinalização.

A frase “*língua de sinais combina na explicação abordagem PALM-UP*” expressa que o conteúdo se articula coerentemente no discurso. O apontamento *IX-eu*, relacionado ao PowerPoint, sugere por inferência que o sinalizante está indicando: “*essa parte já foi explicada; agora, vou abordar outra questão*”.

Figura 71: Vissinalização e Proeminência PALM-UP – ocorrência Palestra (modalidade digital) 1 – Vanessa (2024)

VIDEO - QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	LINGUA-DE-SINAIS COMBINA PALM-UP IX IX-eu PALM-UP PARTE FS-ok PARTE (04:08-04:12)

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

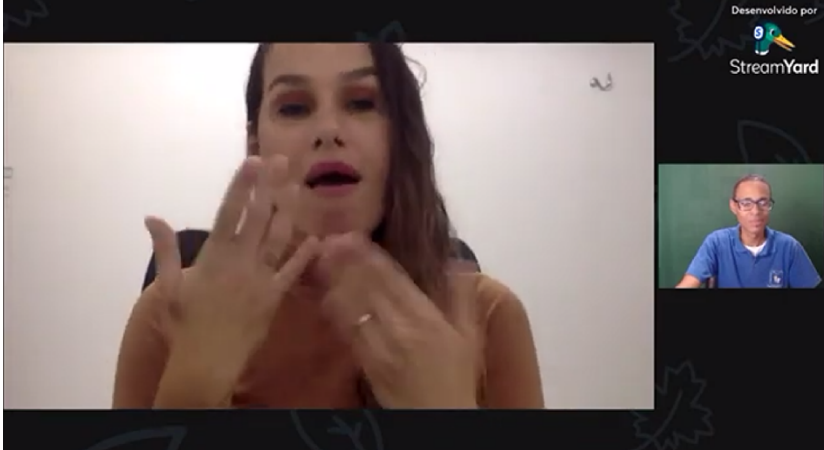
Implicatura Visual: A sinalização que expressa *língua de sinais* é realizada com movimento do tronco para frente, o que transmite a ideia de envolvimento e coerência com a explicação em andamento. O uso do *PALM-UP* atua como marcador conclusivo, indicando que aquela parte do conteúdo foi finalizada. Em seguida, o gesto *IX*, direcionado ao slide do PowerPoint, é acompanhado por uma breve pausa e uma expressão facial de reflexão, marcando o momento de transição no discurso.

Esse recurso visual indica que o sinalizante está pensando sobre a próxima parte da apresentação. A implicatura visual construída sugere que a parte anterior já foi devidamente explicada e que, a partir dali o conteúdo será direcionado a um novo tópico. O segundo *PALM-UP* exige uma pausa antes de ser sinalizado, a fim de manter o ritmo discursivo e indicar a continuidade da exposição, agora com foco em outra seção do tema apresentado.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Vanessa):

Na Figura 72, apresenta-se a frase sinalizada “*PALM-UP IX ATÉ PARTICULAR MAIS %*” indica que a trajetória escolar da sinalizante foi majoritariamente em instituições privadas. A sinalização confirma, de forma enfática, que ao longo da sua vida ela estudou mais em escolas particulares do que em escolas públicas. O uso de *PALM-UP* funciona como uma afirmação categórica: “é isso mesmo”.

Figura 72: Vissinalização e Proeminência *PALM-UP* – ocorrência relatos de experiência/vida 1 – Vanessa (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	<i>PALM-UP IX ATÉ PARTICULAR MAIS %</i>

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A implicatura visual reforça o uso de *PALM-UP*, associado à expressão facial de leve suspiro, sugerindo que a sinalizante está compartilhando uma memória pessoal sobre sua trajetória escolar. A apontação (IX) direciona à referência espacial da escola, e o sinal “%” indica que a maior parte de sua formação se deu em instituições particulares. A construção visual expressa de forma clara que a experiência educacional da sinalizante foi

predominantemente no ensino privado, sendo menor a proporção de sua vivência em escolas públicas.

Ocorrência Live 1 (Vanessa):

Na Figura 73, apresenta-se a frase sinalizada “*PALM-UP IX CHIMARRÃO ACOSTUMAR JÁ DEPOIS IX VIAJAR JUNTO IX POSS-MEU MARIDO RODRIGO COMPRAR IX GRAMADO FAMOSO VER VENDER COMPRAR OBRIGAR NOME POSS-MEU*” remete a uma lembrança pessoal relacionada ao hábito de tomar chimarrão. A sinalizante compartilha que se acostumou a consumir chimarrão e, em uma viagem a Gramado, acompanhada de seu marido Rodrigo, visitaram uma loja famosa pela venda desse produto. Durante a visita, aproveitaram para comprar o chimarrão e, como parte do costume local, foi imprescindível personalizá-lo com seu nome, tornando a experiência ainda mais significativa.

Figura 73: Vissinalização e Proeminência *PALM-UP* – ocorrência Live 1 - Vanessa (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	<i>PALM-UP</i> IX CHIMARRÃO ACOSTUMAR JÁ DEPOIS IX VIAJAR JUNTO IX POSS-MEU MARIDO RODRIGO COMPRAR IX GRAMADO FAMOSO VER VENDER COMPRAR OBRIGAR NOME POSS-MEU

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: O uso do sinal “*PALM-UP*” indica o sentido de “acabei de lembrar” ou “lembrei de algo importante”. A construção sinalizada relata o processo de adaptação ao consumo de chimarrão, enfatizando o hábito adquirido. A viagem com o marido Rodrigo é localizada espacialmente no lado inferior esquerdo da configuração visual, indicando a região sul do Brasil, especificamente Gramado. A descrição visual inclui o destaque para uma loja tradicional, conhecida por vender chimarrão, onde a sinalizante não poderia deixar de adquirir o produto. A implicatura se reforça com a ideia de que era “obrigatório” personalizar o chimarrão com seu nome, gesto simbólico que marca a identidade e o pertencimento cultural ao hábito do chimarrão.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Rodrigo):

Na Figura 74, apresenta-se a frase sinalizada “*JOVEM SURDO GERAÇÃO PASSADO HOJE FUTURO PALM-UP ENTENDER COMO-1 REALIDADE VIDA PARECE*” apresenta uma construção que evidencia a relação dos jovens surdos com diferentes gerações, estabelecendo uma continuidade temporal que afeta diretamente sua vivência atual. O uso do marcador discursivo *PALM-UP* indica uma pausa reflexiva, sugerindo que se trata de um ponto importante para se interpretar a forma como esse movimento histórico influencia a realidade dos jovens surdos hoje, especialmente no que se refere à luta por direitos e deveres.

A glosa da tradução da Figura 74 reforça essa leitura ao explicar que a geração atual de jovens surdos é significativamente diferente das gerações anteriores. A sinalização convida à compreensão de como esses jovens vivenciam sua realidade nos dias atuais, considerando as transformações históricas e sociais que marcaram sua trajetória.

Figura 74: Vissinalização e Proeminência *PALM-UP* – ocorrência relatos de experiência/vida 1 - Rodrigo (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
-----------	---------------------

	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	JOVEM SURDO GERAÇÃO PASSADO HOJE FUTURO <i>PALM-UP</i> ENTENDER COMO-1 REALIDADE VIDA PARECE

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização referente à frase estabelece uma estrutura visual que apresenta a trajetória geracional dos jovens surdos. O movimento do tronco para trás representa o passado; o posicionamento central indica o presente, com expressividade mais intensa, e o movimento do tronco para frente remete ao futuro. Essa construção corporal evidencia uma perspectiva temporal integrada, reforçada por expressões faciais e articulação-boca que acompanham os deslocamentos visuais do olhar ora para trás, ora para frente sinalizando a reflexão sobre o tempo vivido e o tempo por vir.

O marcador *PALM-UP* é utilizado para introduzir uma nova etapa discursiva. A expressão facial associada à articulação-boca, com os cantos voltados para baixo e sobrancelhas levemente franzidas, sugere uma atitude de preocupação ou seriedade. Esse conjunto expressivo funciona como uma forma de topicalização, dando ênfase ao conteúdo que será abordado a seguir. O destaque no sinal é sutil, mas eficaz, e propõe a seguinte pergunta implícita: “*Como será a realidade de vida dos jovens surdos daqui para frente?*”.

Ocorrência relatos de experiência/vida 2 (Rodrigo):

A Figura 75 indica que, a partir deste momento, a discussão será direcionada especificamente aos jovens surdos. Em relação ao uso do sinal *PALM-UP*, é importante destacar que ele pode assumir diferentes significados, dependendo da nuance expressiva e do contexto comunicativo. Seu valor semântico varia conforme a situação discursiva, podendo representar sentidos como “*então*”, “*ah*”, ou funcionar como marcador de transição, continuidade ou foco. No entanto, é necessário atenção ao seu uso, pois sua interpretação está relacionada a fatores

como o grau de formalidade, as pausas na sinalização, o ritmo discursivo e o tipo de interação, seja em eventos formais, apresentações acadêmicas ou conversas espontâneas.

Figura 75: Vissinalização e Proeminência *PALM-UP* – ocorrência relatos de experiência/vida 2 - Rodrigo (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	PALM-UP AGORA IX-eu FOCAR PRINCIPAL PESSOA-2 SURDO JOVEM

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

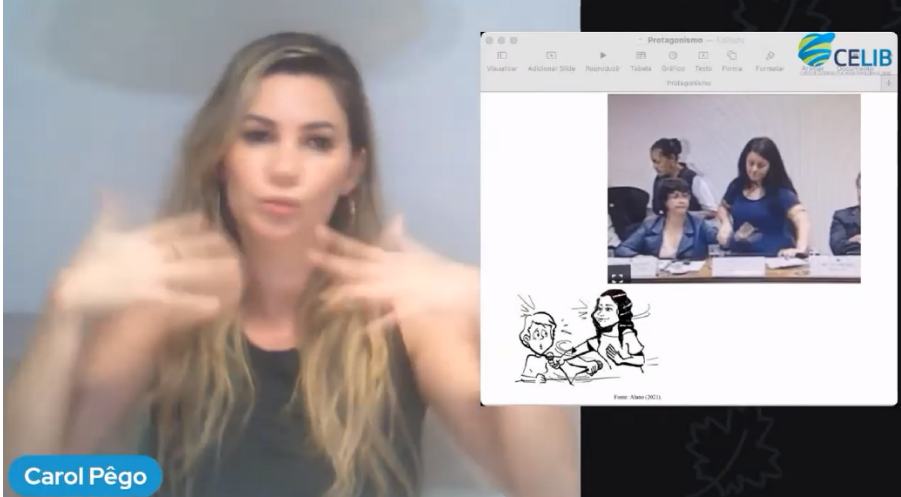
Implicatura Visual: A sinalização se inicia com o uso de *PALM-UP*, acompanhado de expressão facial positiva e articulação-boca do tipo “aaaa”, indicando preparação mental e engajamento no discurso. O ritmo da sinalização desacelera levemente após o *PALM-UP*, revelando uma breve pausa reflexiva. Esse momento marca a transição para o foco principal: o grupo *PESSOA-2*, ou seja, os jovens surdos. A implicatura visual revela que o sinal *PALM-UP* atua aqui como um marcador de reorientação discursiva, sinalizando que o foco passará a ser a explicação da realidade e das experiências desse grupo específico em relação ao tema central da apresentação.

Ocorrência relatos de experiência/vida 1 (Carol):

Na Figura 76, apresenta-se a frase sinalizada “*PALM-UP IMPACTO PALM-UP TODO TAMBÉM GRUPO OUVINTE TODO PORQUE PROTAGONISTA É VER-ME FS-visibili EXISTE SURDO*” contextualiza um momento de forte impacto emocional. A expressão “*PALM-UP*” é utilizada para marcar a intensidade da situação. Infere-se que o episódio foi admirável e surpreendente para os sujeitos surdos, que se sentiram profundamente tocados. O conteúdo sinalizado destaca a importância de mostrar à sociedade ouvinte que as pessoas surdas têm lugar de fala (ou de sinalização), e que são protagonistas de suas próprias histórias. A

datilologia “visibili” (mesmo não completada) aponta para a ideia de visibilidade: a necessidade de tornar os surdos visíveis, reconhecidos e valorizados socialmente.

Figura 76: Vissinalização e Proeminência PLAM – ocorrência relatos de experiência/vida 1- Carol (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	<i>PALM-UP</i> IMPACTO <i>PALM-UP</i> TODO TAMBÉM GRUPO OUVINTE TODO PORQUE PROTAGONISTA É VER-ME FS- visibili EXISTE SURDO

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

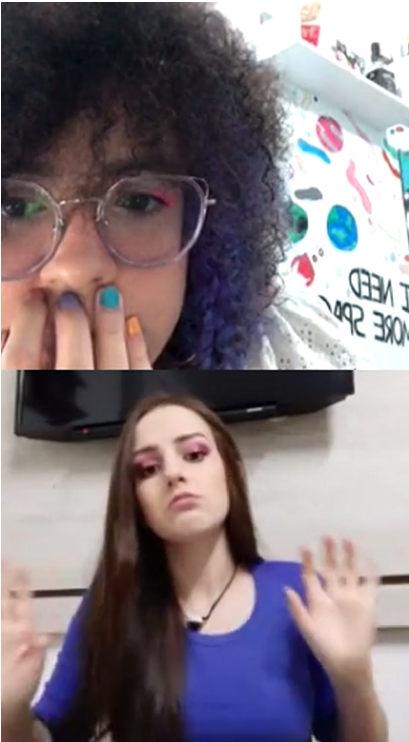
Implicatura Visual: A implicatura visual se constrói por meio da repetição do sinal “*PALM-UP*”, cada um com significados distintos conforme o contexto. O primeiro *PLAM* é acompanhado de expressão facial com olhos arregalados, sobrancelhas erguidas e articulação-boca alongada (“uuuuu”), transmitindo surpresa e entusiasmo algo como “nossa!”. Essa reação expressa o impacto positivo causado por uma pessoa surda que assumiu uma posição de destaque. O segundo *PALM-UP* é sinalizado com expressão facial de admiração e leve inclinação da cabeça, indicando honra, respeito e concordância com a atitude daquela pessoa. A implicatura revela que aquele momento foi indescritível e profundamente marcante para a sinalizante.

Além disso, a datilologia “visibili”, mesmo incompleta, é compreendida pelo contexto como *visibilidade*, reforçando a ideia de que os surdos existem, resistem e merecem reconhecimento social. O trecho final da sinalização afirma a urgência de a sociedade ouvinte enxergar os surdos como protagonistas legítimos, com direito a ocupar o espaço discursivo e visual que lhes pertence.

Ocorrência Live 1 (Tainá):

Na figura 77, apresenta-se a frase sinalizada “IX MULHER SABER O-QUE ESTÁ FS-
passando PALM-UP SÓ MULHER G-não HOMEM SÓ APOIAR SIM” contextualiza, em
Língua de Sinais, a ideia de que as mulheres sabem exatamente o que estão vivendo e
enfrentando em suas experiências. A construção expressa que o lugar de fala pertence a elas,
não cabendo aos homens ocupar esse espaço. Infere-se, portanto, que o papel dos homens, nesse
contexto, é apoiar a causa das mulheres, reconhecendo os limites da sua atuação e respeitando
a centralidade da experiência feminina.

Figura 77: Vissinalização e Proeminência PALM-UP – ocorrência Live 1 - Tainá (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	IX MULHER SABER O-QUE ESTÁ FS-passando <i>PALM-UP</i> SÓ MULHER G-não HOMEM SÓ APOIAR SIM

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

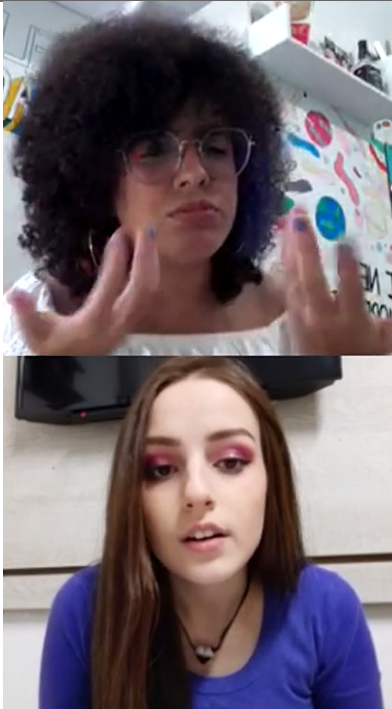
Implicatura Visual: A implicatura visual reforça essa perspectiva por meio da apontação (IX) que direciona o foco às mulheres, evidenciando que são elas que vivenciam e compreendem o que está acontecendo. A datilologia “FS-passando” é utilizada para enfatizar o termo *passando*, destacando a experiência sensível e corporal das mulheres diante das desigualdades de gênero. O sinal “PALM-UP”, neste contexto, funciona como marcador de ênfase, no sentido de “veja

bem” ou “quero deixar claro”. Esse *PALM-UP* é acompanhado de uma expressão facial séria, que demonstra posicionamento firme em defesa da voz das mulheres. O uso de “*G-não*”, com o movimento semelhante ao gesto de “tchau” com negação, expressa visualmente que os homens não devem ocupar o espaço de fala das mulheres, nem opinar sobre suas vivências. A construção conclui que o papel do homem, nesse cenário, é exclusivamente de apoio ao movimento das mulheres e à luta por equidade.

Ocorrência Live 1 (Andreia):

Na Figura 78, apresenta-se a frase “*MAS TEM MEDO SHORT ÔNIBUS PALM-UP COMO*” traz uma construção que envolve uma inferência crítica sobre a realidade enfrentada por mulheres. O termo *short* aparece associado ao medo de andar de ônibus, e o marcador *PALM-UP* introduz a pergunta implícita: “*Como assim?*”. A expressão “*como*”, nesse contexto, não é apenas uma dúvida, mas carrega uma carga de indignação e perplexidade diante da situação relatada. A estrutura da frase sugere a existência de um conflito entre liberdade de vestir-se e a segurança ao utilizar o transporte público.

Figura 78: Vissinalização e Proeminência *PALM-UP* – ocorrência Live 1 – Andreia (2024)

VIDEO - QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	MAS TEM MEDO SHORT ONIBUS <i>PALM-UP</i> COMO

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Implicatura Visual: A sinalização inicia com *mas*, expressando intenção de compreender uma situação específica: o medo que muitas mulheres sentem ao utilizar short em espaços públicos, especialmente no ônibus. O sinal é realizado de forma sutil, acompanhado de expressão facial séria e articulação-boca discreta, o que evidencia que o assunto é delicado. A implicatura visual aponta que há um pressuposto implícito: mulheres que usam short correm o risco de serem provocadas ou assediadas por homens, o que pode gerar medo, desconforto e até ameaça. O uso do *PALM-UP*, nesse caso, é marcado por uma expressão facial negativa, com os cantos da boca arqueados para baixo e as sobrancelhas franzidas, expressando insatisfação e dúvida genuína.

O olhar atento e a vissinalização demonstram que o sujeito quer entender essa realidade: *“É possível que uma mulher realmente sinta medo de andar de ônibus por causa da roupa que veste?”*. O uso do sinal *como* funciona aqui como marcador de questionamento e reflexão crítica. A implicatura final sugere que esse tipo de julgamento social, que associa a roupa ao comportamento contribui para reduzir a mulher, fragilizar sua liberdade e enfraquecer os ideais feministas. Trata-se, portanto, de uma crítica à cultura do assédio e à lógica opressiva que ainda condiciona o corpo feminino ao controle moral e social.

5.1.14 Discussão e considerações finais sobre a língua de sinais: PALM-UP, vissinalização performática e proeminência visual

A análise das ocorrências envolvendo o uso do sinal *PALM-UP* em diferentes gêneros discursivos revela a riqueza funcional desse marcador na estruturação da Língua de Sinais. Representado pelo gesto da palma da mão aberta, o *PALM-UP* não se limita a um sinal lexical: adquire status de marcador discursivo, operando na coesão textual, na transição temática, na ênfase afetiva e na crítica social visual. Sua vissinalização e proeminência manifestam-se por meio da coordenação entre expressões faciais, pausas, articulação-boca e movimentos do tronco.

Quadro 19: Discussões sobre a Língua de Sinais PALM-UP

Fig.	Gênero Textual	Fenômeno observado	Implicatura Visual
71	Palestra digital	PALM-UP: Retomada temática com mudança conclusivo e mudança de tópico	Movimento do tronco à frente, pausa, olhar reflexivo e expressão facial indicam transição
72	Relato de experiência/vida	PALM-UP: Afirmção categóricas sobre trajetória escolar privada	Suspiro leve, apontamento e expressão afirmativa indicam lembrança pessoal
73	Live	PALM-UP: Memória afetiva ligada ao hábito cultural do chimarrão	Vissinalização leve, localização espacial e expressão facial reforçam simbolismo cultural
74	Relato de experiência/vida	PALM-UP: Reflexão geracional sobre jovem surdo e sua realidade	Tronco e olhar estrutura temporal; expressão facial indica preocupação reflexiva
75	Relato de experiência/vida	PALM-UP: Reorientação discursiva com foco no jovem surdo	Expressão positiva e articulação-boca “aaaaa” reforçam surpresa e admiração
76	Relato de experiência/vida	PALM-UP: Impacto emocional e visibilidade da pessoa surda como protagonista	Olhos arregalados e articulação-boca “uuuuu” reforçam surpresa e admiração
77	Live	PALM-UP: Lugar de sinalizante das mulheres e papel apoio dos homens	Expressão séria e gesto de negação visual reforçam exclusivamente do lugar de sinalizante
78	Live	PALM-UP: Crítica ao assédio e ao medo mulher no transporte público	Expressão de dúvida com PALM-UP marca indignação e crítica à opressão sobre o corpo feminino

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Na Figura 71, observa-se o uso do PALM-UP como marcador de retomada e transição temática. A sinalizante conclui um tópico e, ao utilizar o PALM-UP, indica visualmente que iniciará uma nova seção discursiva. O movimento do tronco para frente, aliado ao gesto IX-eu em direção ao slide, constrói uma implicatura visual que evidencia planejamento e organização textual.

Na Figura 72, o PALM-UP reforça a afirmação da trajetória escolar da sinalizante em instituições particulares. A expressão facial, combinada com um leve suspiro e o uso do sinal “%”, sugere uma memória pessoal marcada por convicção. Aqui, o marcador atua como reforço de certeza e validação da informação compartilhada.

A Figura 73 amplia o valor expressivo do PALM-UP ao situá-lo em uma narrativa afetiva sobre o hábito de tomar chimarrão. O sinal funciona como marcador de evocação, similar a um “ah, lembrei”, ao introduzir a lembrança de uma viagem a Gramado. A espacialização da referência ao Sul do Brasil e o gesto de personalização do chimarrão indicam pertencimento cultural, com vissinalização nostálgica e envolvente.

As Figuras 74 e 75 ilustram o PALM-UP como recurso de topicalização e foco reflexivo. Em 74, o corpo organiza uma linha temporal que vai do passado ao futuro, com o PALM-UP marcando uma pausa crítica. O olhar reflexivo e a expressão facial indicam preocupação com os rumos da juventude surda. Em 75, o marcador inaugura uma nova etapa argumentativa, agora

focada em jovens surdos. A expressão facial positiva e a articulação-boca prolongada indicam envolvimento e expectativa quanto ao tema.

Na Figura 76, o PALM-UP é usado duplamente com significados distintos, expressando surpresa, impacto e honra. As expressões faciais e as repetições do sinal constroem uma narrativa emocional marcada pela visibilidade e protagonismo da pessoa surda. A datilologia “visibil...”, ainda que incompleta, reforça a implicatura visual de reconhecimento e resistência.

As Figuras 77 e 78 situam o PALM-UP em contextos de crítica e posicionamento político. Em 77, o marcador é usado na defesa do lugar de fala das mulheres surdas, com o PALM-UP operando como alerta enfático: “veja bem, só a mulher pode falar disso”. O gesto “G-não” surge na descrição do medo vivido por mulheres ao usarem short em ônibus. A expressão facial negativa e a articulação-boca para baixo constroem a implicatura de indignação e denúncia. Nesse contexto, o PALM-UP introduz uma pergunta implícita: “Como isso ainda é possível?”, questionando a opressão moral sobre os corpos femininos.

Dessa forma, o uso do PALM-UP revela-se multifuncional: atua como marcador de transição, ênfase, evocação, surpresa, foco temático e crítica sociocultural. Sua visibilidade e proeminência no espaço visual não se restringem ao sinal isolado, mas resultam de um conjunto contextual integrado de expressões faciais, pausas e movimentos corporais que transformam o corpo do sinalizante em um dispositivo pragmático complexo e potente. A análise desse marcador na Libras contribui para compreender como a Língua de Sinais articula forma, ação, função e emoção em sua gramática visual-discursiva.

5.1.15 A relação dos tecno-surdos: comparação dos gêneros do discurso

Nesta categoria, o critério adotado para a análise pragmática é a relação entre o discurso em Libras e as diferentes formas de enunciação utilizadas pelos sujeitos tecno-surdos, considerando três contextos específicos: acadêmico, natural e argumentativo. Observa-se o estilo de linguagem do sujeito surdo em cada situação temática, com ênfase na naturalidade da sinalização, no uso de expressões não manuais, na articulação-boca, na datilologia e no ritmo da prosódia visual durante o enunciado. Destaca-se, portanto, a expressão linguística articulada à dinâmica contextual da Língua de Sinais.

Para tal, foram definidas quatro categorias, organizadas de acordo com o grau de correspondência pragmática identificado. A análise será realizada individualmente, com base nos seguintes aspectos: gênero textual, uso de expressões não manuais e articulação-boca, presença e variações da datilologia, além do ritmo da sinalização ao longo da enunciação.

Ocorrência relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso (Vanessa):

Primeiro vídeo:

No vídeo da palestra intitulada “*Variação Linguística da Libras: Idioleto e Socioleto, Mudanças na Sinalização*”, Vanessa Vidal apresentou-se em um evento virtual com caráter consultivo, uma vez que parte do público ainda não conhecia sua pesquisa. Sua sinalização evidenciou conforto e afinidade com o tema, além de espontaneidade e boa articulação visual com os slides do PowerPoint. Isso favoreceu a compreensão do conteúdo. A familiaridade do público com a palestrante, principalmente por sua prosódia característica em Libras, reforçou sua credibilidade no assunto.

Contexto: A palestra integrou a programação do 6º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, realizado presencialmente na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis/SC, com transmissão em Libras.

Relação com os dados apresentados: A palestrante abordou a variação linguística na Libras, focando nas noções de socioleto e idioleto. Sua apresentação evidenciou o uso diversificado do léxico e a ênfase na variação linguística por meio de sinais específicos.

Segundo vídeo:

Nesse vídeo, a mesma palestrante apresenta um relato intitulado “*Dialog(ando) sem tradução direta (somente a Língua de Sinais) (Vanessa Vidal) #biografia #deaf*”. O vídeo tem formato de entrevista, conduzida por uma pessoa ouvinte, e possui caráter intimista e introspectivo. O foco foi a trajetória pessoal da palestrante, desde sua vivência escolar até a graduação, bem como suas experiências com acessibilidade na universidade e sua participação no concurso de Miss. Como muitos já a conheciam por esse título, houve menções recorrentes a esse aspecto como elemento de identidade e reconhecimento. A sinalização foi espontânea e direcionada a quem compreende Libras.

Contexto: A gravação ocorreu de forma remota e foi publicada no YouTube.

Relação com os dados apresentados: A narrativa não contou com slides ou apoio visual, sendo conduzida inteiramente em Libras, sem tradução para o português. O foco foi a construção da identidade surda e a experiência de vida da entrevistada.

Terceiro vídeo:

Neste vídeo, a conversação abordou o tema “*Chimarrão – história, cultura e benefícios*” em

formato de live. A interação ocorreu de forma descontraída, com naturalidade e fluidez entre os interlocutores. A sinalização demonstrou espontaneidade e afinidade com a temática, com foco em aspectos culturais e de saúde relacionados ao consumo do chimarrão.

Contexto: A gravação foi realizada por meio de live no Instagram, com público majoritariamente composto por pessoas surdas da comunidade.

Relação com os dados apresentados: A transmissão foi feita integralmente em Libras, sem preocupação com formalismos na sinalização. A interação seguiu o fluxo natural da conversa, utilizando a língua de sinais de maneira informal e acessível ao público surdo.

Conforme o quadro comparativo apresentado abaixo, são analisados três vídeos com base nos seguintes critérios: título, evento, formato de transmissão, público-alvo, gênero textual, recursos visuais na sinalização, uso da expressão facial e da articulação-boca, bem como a relação com o tema abordado. O quadro permite uma visão geral e sistematizada das especificidades de cada produção em Libras.

Quadro 20: Comparativo dos três vídeos – Vanessa Vidal

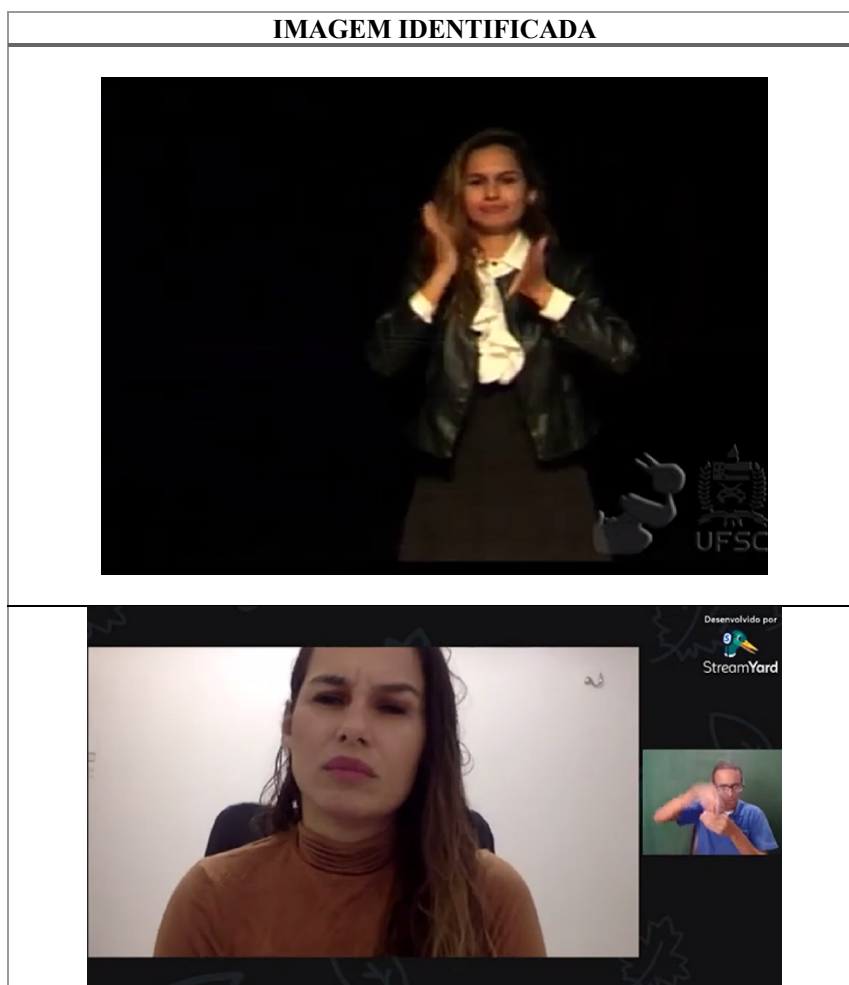
Aspecto	Primeiro vídeo	Segundo vídeo	Terceiro vídeo
Título do vídeo	Variação linguística da Libras idioleto e socioleto, mudança na sinalização	Dialog(ando) sem tradução direta (Vanessa Vidal) #biografia # deaf	Chimarrão – história, cultura e benefícios
Tipo de evento	Palestra acadêmico (consultiva)	Entrevista e relato pessoal	Live em formato de conversação
Formato	Evento presencial com transmissão em Libras	Vídeo remoto gravado publicado no Youtube	Transmissão ao vivo via Instagram
Público-alvo	Pesquisadores, tradutores/intérpretes, professores de Libras	Surdos e ouvintes que compreendem em Libras	Pessoas surdas na comunidade
Gênero textual	Expositivo, acadêmico	Narrativo, autobiográfico	Narrativo e argumentativo (híbrido)
Recursos visuais	Slide em PowerPoint	Sem slides, apenas Libras	Sem slides, sinalização direta
Sinalização	Espontânea, fluente, articulada	Espontânea, voltada a norma surda	Natural, fluente, informal
Uso de expressão facial e articulação-boca	Espontânea, marcante, adequada ao tema	Emotiva. Com marcas de introspecção	Espontânea, com expressividade informal
Relação com o tema	Exploração teórica de idioleto e socioleto com exemplo de Libras	Construção identitária e trajetória pessoal da palestrante	Discussão cultural de saúde com experiências pessoais.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A comparação entre os vídeos evidencia a diversidade de gêneros discursivos e as estratégias linguísticas no uso pragmático da língua de sinais por sujeitos surdos em diferentes

contextos de enunciação, ressaltando a proeminência da Libras como língua de produção subjetiva. No primeiro vídeo, a palestra de caráter acadêmico apresenta uma sinalização mais estruturada, com forte presença de terminologia técnica e apoio visual, voltada a um público especializado, evidenciando a fluência na língua de sinais e a autoridade da palestrante no tema, com foco nos aspectos sociolinguísticos da variação linguística. Já no segundo vídeo, o relato autobiográfico assume um tom intimista e introspectivo, com sinalização espontânea e clara, voltada à construção identitária e ao compartilhamento de experiências de vida, revelando outro registro discursivo da mesma sinalizante. Por fim, o terceiro vídeo apresenta uma conversação em live, marcada pela informalidade, naturalidade e diálogo horizontal com os pares surdos, em que o foco recai sobre aspectos culturais e cotidianos, com uso flexível e acessível da Libras. Juntas, essas produções ilustram a competência pragmática e multimodal dos sujeitos surdos, que adequam suas escolhas linguísticas conforme o propósito comunicativo, a situação de enunciação e o público interlocutor, reafirmando a centralidade da língua de sinais na construção do discurso surdo.

Figura 79: Relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso – Vanessa (2024)





Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Primeiro vídeo:

A sinalização apresentou-se com elevada fluência e ritmo acelerado, possivelmente em função do tempo limitado da apresentação. A palestrante solicitou diversas vezes a mudança de slides, o que reduziu as pausas cognitivas para elaboração mais reflexiva sobre o tema. O gênero textual predominante foi o acadêmico, embora tenha havido breves inserções narrativas, como na exemplificação do idioleto de uma pessoa de seu estado. A apresentação incluiu terminologia específica da área acadêmica, com uso expressivo de expressões faciais e articulação-boca. Observou-se também uma forte presença de sinais sobrepostos e menor uso de configurações de mão reduzidas. A sinalização fez uso intenso do espaço visual, em conformidade com a complexidade do conteúdo apresentado.

Segundo vídeo:

Neste vídeo, a sinalização ocorreu de forma mais pausada e natural, acompanhando o ritmo da entrevista. O entrevistador, sendo ouvinte, demandava esclarecimentos, o que levou a palestrante a empregar datilologia com maior frequência para explicitar os termos discutidos. O discurso assumiu um caráter autobiográfico e introspectivo, centrando-se em experiências pessoais, como trajetória escolar, universitária e vivência enquanto figura pública. O gênero predominante foi narrativo, com forte carga emocional e reflexiva sobre sua identidade e vivência surda.

Terceiro vídeo:

A sinalização foi marcada pela espontaneidade e naturalidade, típica de uma conversa entre pares surdos. Demonstrou fluência e informalidade, com maior uso de reduções linguísticas e menor exploração do espaço visual, o que não comprometeu a clareza comunicativa. A datilologia foi empregada principalmente para tratar termos específicos da área da saúde

relacionados ao chimarrão. O gênero textual combinou elementos narrativos e argumentativos, configurando-se como um híbrido. A conversa abordou tanto aspectos culturais quanto benefícios do chimarrão, com base em vivências pessoais e conhecimento popular.

Discussão sobre os três vídeos:

A análise dos três vídeos revela diferentes níveis de formalidade e estratégias de adequação ao público-alvo. No primeiro vídeo, observou-se uma sinalização extremamente fluente, com ritmo acelerado e maior densidade terminológica, demonstrando domínio da linguagem acadêmica e forte afinidade com o conteúdo apresentado, o que favoreceu a aproximação com o público especializado.

No segundo vídeo, a sinalização foi adaptada a um público mais amplo, que, em parte, não conhecia a palestrante. Houve uma adequação à norma surda e ao contexto da entrevista, com atenção à necessidade do entrevistador ouvinte, o que exigiu maior uso de datilologia e clareza nos sinais.

Já no terceiro vídeo, a sinalização refletiu a autenticidade do uso cotidiano da Libras entre surdos. A interação ocorreu com fluidez e espontaneidade, evidenciando a informalidade característica das conversas comunitárias, com marcas de hibridismo entre narrativa e argumentação.

De forma geral, a comparação evidencia como os gêneros discursivos (acadêmico, autobiográfico e conversacional) influenciam diretamente a forma da sinalização, o uso do espaço visual e os recursos expressivos. A adequação ao interlocutor e ao contexto comunicativo é um aspecto central na escolha das estratégias discursivas e linguísticas em Libras.

Ocorrência relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso (Carol):

Primeiro vídeo:

No vídeo da palestra intitulada “*Língua Brasileira de Sinais: Aspectos Linguísticos*”, Carol participou de um evento virtual com caráter consultivo, voltado para um público ouvinte leigo, sem familiaridade com os estudos linguísticos em Libras ou com a área dos Estudos Surdos. Sua sinalização foi clara, com ritmo moderado e boa articulação visual, utilizando datilologia como recurso de apoio para facilitar a compreensão de termos por parte de quem não domina a Libras. A apresentação contou com o suporte de slides em PowerPoint e com intérprete de Libras para a Língua Portuguesa, o que exigiu pausas frequentes na sinalização. A exposição

foi explicativa e argumentativa, com consciência da necessidade de adaptação ao perfil do público, que não apresentava afinidade com o tema.

Contexto: A palestra integrou a programação do Instituto Federal Baiano – campus Teixeira de Freitas, com transmissão virtual pelo YouTube, em Libras e com tradução oral simultânea.

Relação com os dados apresentados: A palestrante abordou conceitos da linguística aplicada à Libras, com ênfase em Estudos Surdos, sociolinguística, Letras/Libras e no inventário da Libras.

Segundo vídeo:

Neste vídeo, a mesma palestrante apresentou o relato “*Protagonismo Surdo: uma história e lutas*”, com formato de palestra informal seguida de entrevista. A produção teve caráter intimista e introspectivo, conduzida por uma pessoa ouvinte para um público formado tanto por ouvintes quanto por surdos. A fala abordou sua trajetória pessoal e acadêmica no movimento de protagonismo surdo, com destaque para conquistas, manifestações e referências inspiradoras dentro da cultura surda. A sinalização foi espontânea, fluida e voltada a um público já familiarizado com Libras.

Contexto: A gravação foi realizada remotamente e publicada no YouTube, com organização da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Relação com os dados apresentados: A narrativa foi inteiramente conduzida em Libras, sem tradução para o português. O foco esteve nas vivências da palestrante e na construção identitária por meio do movimento surdo e da pesquisa sobre protagonismo.

Terceiro vídeo:

O terceiro vídeo, em formato de live no Instagram, teve como tema “*Estudos Surdos na Live – Dra Carol Pêgo*”. A conversa ocorreu de forma descontraída, fluida e natural entre interlocutores. A sinalização foi marcada por espontaneidade e por forte afinidade com a temática da pesquisa de doutorado, que abordava “*Articulação-boca na Libras: disputa de poder ou línguas em contato?*”. Além disso, o debate se estendeu à formação de professores surdos e às relações de poder na universidade. A sinalização foi extremamente fluente, com uso de datilologia para dar destaque visual a certos conceitos, e combinou elementos narrativos e argumentativos, evidenciando um discurso híbrido e flexível, sem rigidez formal.

Contexto: A gravação ocorreu por meio de live no Instagram, voltada ao público surdo, ouvintes sinalizantes, pesquisadores e interessados na área.

Relação com os dados apresentados: A transmissão foi realizada inteiramente em Libras, com

linguagem acessível e informal, mantendo o fluxo natural da conversação e promovendo o compartilhamento de ideias de forma aberta e envolvente.

Conforme o Quadro comparativo apresentado abaixo, são analisados três vídeos com base nos seguintes critérios: título, evento, formato de transmissão, público-alvo, gênero textual, recursos visuais na sinalização, uso da expressão facial e da articulação-boca, bem como a relação com o tema abordado. O quadro permite uma visão geral e sistematizada das especificidades de cada produção em Libras.

Quadro 21: Comparativo dos três vídeos – Carol

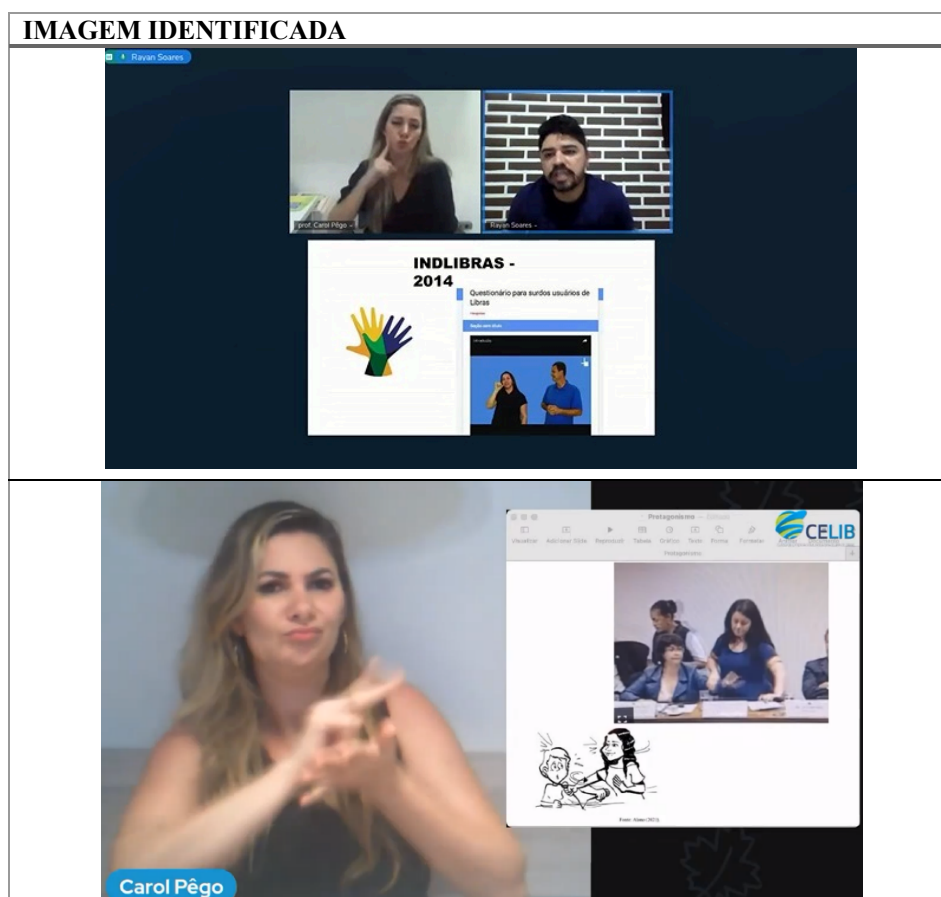
Aspecto	Primeiro vídeo	Segundo vídeo	Terceiro vídeo
Título do vídeo	Língua Brasileira de Sinais: Aspectos Linguísticos	Protagonismo Surdo: uma história de lutas	Estudos Surdos na Live – Dra. Carol Pêgo
Tipo de evento	Palestra acadêmica(consultiva)	Relato de experiência + entrevista	Live descontraída
Formato	Virtual com slides + intérprete de Libras	Vídeo gravado com entrevista	Transmissão ao vivo pelo Instagram
Público-alvo	Ouvintes leigos	Surdos e ouvintes sinalizantes	Surdos, ouvintes e pesquisadores
Gênero textual	Expositivo, acadêmico	Narrativo, autobiográfico	Narrativo-argumentativo (híbrido)
Recursos visuais	PowerPoint + intérprete de Libras	PowerPoint + sinalização direta	Nenhum slide, mas uso expressivo do corpo e datilologia
Sinalização	Pausada, clara, com datilologia	Fluente, voltada à norma surda	Espontânea, natural, expressiva e com fluidez
Uso de expressão facial e articulação-boca	Moderado, com foco em clareza	Marcante, emocional	Intenso e natural, com destaque para articulação expressiva
Relação com o tema	Introdução à linguística da Libras	Protagonismo e identidade surda	Pesquisa de doutorado e formação docente

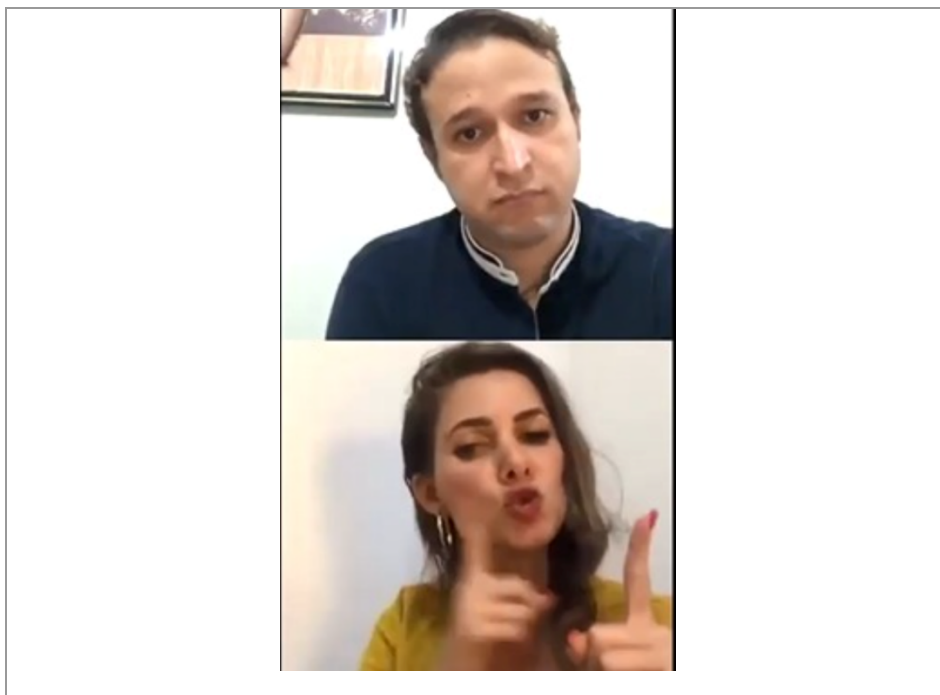
Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Ao comparar os três vídeos, observa-se que a adequação discursiva da palestrante variou conforme o gênero do evento, o público-alvo e o uso de recursos visuais, mantendo uma sinalização acessível e direta em Libras. No primeiro vídeo, a abordagem foi mais didática e formal, com ritmo moderado e apoio visual estruturado, visando tornar os conceitos mais claros e acessíveis a um público leigo. Já no segundo vídeo, a construção discursiva assumiu um tom mais introspectivo e autobiográfico, com enfoque narrativo, destacando elementos identitários surdos e experiências pessoais que reforçam o protagonismo surdo, valorizando a vivência e o movimento do povo surdo. Por fim, no terceiro vídeo, em formato de live, observou-se uma sinalização fluente e com naturalidade, resultado do conforto na interação com seus pares

surdos, trazendo experiências práticas de forma acessível e envolvente. Essa variação evidencia a competência pragmática da palestrante ao adaptar a sinalização conforme a norma surda e os diferentes contextos comunicativos em Libras, especialmente na articulação entre sinalização, subjetividade e as nuances dos aspectos visuais-acústicos próprios da experiência surda, como expressões não manuais, articulação-boca, datilologia e uso estratégico do espaço visual.

Figura 80: Relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso – Carol (2024)





Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Primeiro vídeo:

A sinalização apresentou elevada fluência, com ritmo moderado e explicações conceituais claras e bem estruturadas. A palestrante adotou uma abordagem reflexiva, utilizando exemplos que evidenciavam a subjetividade surda em relação aos estudos linguísticos da Libras. Houve pausas cognitivas que favoreceram a elaboração de uma sinalização mais analítica. O gênero textual predominante foi o acadêmico, embora tenham sido incluídas breves inserções narrativas para ilustrar temas como metáforas, identidade surda e aspectos da sociolinguística da Libras. A apresentação contou com terminologia específica e o uso expressivo de recursos não manuais, como expressões faciais e articulação-boca, facilitando a interpretação para o público ouvinte leigo. Notou-se o uso intensivo de sinais sobrepostos e menor variação nas configurações de mão, além de ampla exploração do espaço visual, condizente com a complexidade do conteúdo abordado.

Segundo vídeo:

Neste vídeo, a sinalização foi mais pausada e natural, ajustando-se ao tom narrativo sobre a trajetória da palestrante enquanto modelo de protagonismo surdo. A construção discursiva foi coerente e voltada à apresentação de experiências pessoais, especialmente relacionadas à pesquisa sobre o papel de heróis e modelos surdos na formação identitária. O gênero predominante foi narrativo, com forte carga emocional e introspectiva. Ao final, houve uma

breve entrevista conduzida por um docente surdo, o que ampliou o diálogo com os pares e reforçou a perspectiva coletiva do protagonismo na comunidade surda.

Terceiro vídeo:

A sinalização caracterizou-se pela espontaneidade e naturalidade, típicas de uma conversa informal entre pares surdos. Demonstrou fluência e engajamento na abordagem da pesquisa de doutorado da palestrante, que trata da articulação-boca na Libras e sua relação com a língua portuguesa, bem como dos impactos dessa questão na política linguística universitária. A sinalização combinou elementos narrativos e argumentativos, compondo um gênero híbrido. Houve exemplificação visual por meio da sinalização sobreposta e uso estratégico do espaço, com datilologia utilizada pontualmente para destacar termos técnicos. A fala foi marcada por uma perspectiva crítica e engajada, abordando questões de poder, formação docente e o papel de ouvintes “aliados”.

Discussão sobre os três vídeos:

A análise comparativa evidencia variações de formalidade e estratégias discursivas conforme o gênero textual, o público-alvo e os objetivos comunicativos. No primeiro vídeo, a sinalização acadêmica foi estruturada com base em terminologia específica, pausas estratégicas e apoio visual, adequada a um público leigo, com mediação do intérprete para facilitar a compreensão. No segundo vídeo, a abordagem intimista e autobiográfica privilegiou a construção de identidade e o compartilhamento de experiências sobre o protagonismo surdo, com uma sinalização acessível ao público geral. No terceiro vídeo, o formato de live permitiu uma interação mais fluida e informal, com foco em reflexões críticas sobre a política linguística e experiências práticas da palestrante no contexto acadêmico.

De modo geral, os vídeos demonstram como a escolha do gênero textual (acadêmico, narrativo autobiográfico ou conversacional) influencia diretamente a forma da sinalização, o uso do espaço visual e os recursos expressivos. A competência pragmática da palestrante é evidenciada pela adaptação de sua linguagem de sinais conforme o contexto, o propósito comunicativo e o perfil do interlocutor, explorando elementos multimodais para garantir a efetividade da comunicação em Libras.

Ocorrência relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso (Rodrigo):

Primeiro vídeo:

No vídeo da palestra intitulada “*Línguas em contato*”, Rodrigo apresentou-se em um evento virtual de caráter acadêmico. Parte do público ainda não conhecia sua pesquisa de doutorado, que foi debatida ao final da apresentação. Sua sinalização demonstrou domínio e afinidade com o tema, além de espontaneidade e boa articulação visual com os slides do PowerPoint, sem necessidade de mediação por intérprete de Libras. A palestra abordou a história do contato linguístico e o fenômeno do empréstimo linguístico nas línguas de sinais, o que favoreceu a compreensão do público, devido à clareza e didatismo de sua sinalização. A fluência e a naturalidade com que apresentou o conteúdo reforçaram sua credibilidade como pesquisador na área.

Contexto:

A palestra integrou a programação do evento *Estudos Surdos na Live*, realizado virtualmente durante a pandemia, promovido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com transmissão em Libras.

Relação com os dados apresentados:

O palestrante abordou temas como línguas em contato, empréstimos linguísticos, pidgins e crioulos, inserindo a Libras no campo da sociolinguística. Sua apresentação evidenciou o uso variado do léxico e o aprofundamento conceitual por meio de sinais específicos da área.

Segundo vídeo:

Nesse vídeo, o mesmo palestrante apresenta um relato intitulado “*Ontem, hoje e amanhã: os jovens surdos de cada geração*”. O vídeo tem formato de palestra com mesa-redonda e possui caráter introspectivo e reflexivo. O foco foi a trajetória pessoal do palestrante, abordando suas experiências enquanto jovem surdo em diferentes gerações — passado, presente e futuro —, bem como sua participação nos movimentos sociais da juventude surda. O relato evidenciou sua atualização e engajamento com as novas gerações, sendo construído com sinalização espontânea, fluente e direcionada ao público que compreende Libras.

Contexto:

A gravação foi realizada remotamente e publicada no YouTube.

Relação com os dados apresentados:

A narrativa contou com o uso de slides e apoio visual, sendo conduzida integralmente em

Libras, sem tradução para o português. O conteúdo destacou a evolução histórica da participação dos jovens surdos em movimentos sociais e a importância da continuidade dessas lutas.

Terceiro vídeo:

Neste vídeo, foi apresentada uma live com o tema “*Live 2: Sentar que lá vem a história! (Surdos)*”. A interação ocorreu de forma leve e descontraída, com relatos bem-humorados e histórias marcantes da vida dos participantes surdos. A presença de um intérprete de Libras garantiu o acesso dos ouvintes ao conteúdo, traduzindo a voz dos sujeitos surdos. A sinalização foi marcada por naturalidade, espontaneidade e forte afinidade entre os interlocutores e o intérprete, com ênfase em histórias pessoais e situações cômicas que marcaram momentos importantes na vida dos participantes.

Contexto:

A gravação foi realizada em formato de live no Instagram, direcionada ao público surdo e também acessível a ouvintes por meio da interpretação simultânea em Libras para o português.

Relação com os dados apresentados:

A transmissão foi conduzida inteiramente em Libras, com foco na informalidade e no envolvimento direto com o público. O uso da língua de sinais ocorreu de forma acessível, fluida e sem preocupações com normas formais, privilegiando a autenticidade dos relatos e a interação espontânea entre os participantes.

Conforme o quadro comparativo apresentado abaixo, são analisados três vídeos com base nos seguintes critérios: título, evento, formato de transmissão, público-alvo, gênero textual, recursos visuais na sinalização, uso da expressão facial e da articulação-boca, bem como a relação com o tema abordado. O quadro permite uma visão geral e sistematizada das especificidades de cada produção em Libras.

Quadro 22: Comparativo dos três vídeos – Rodrigo

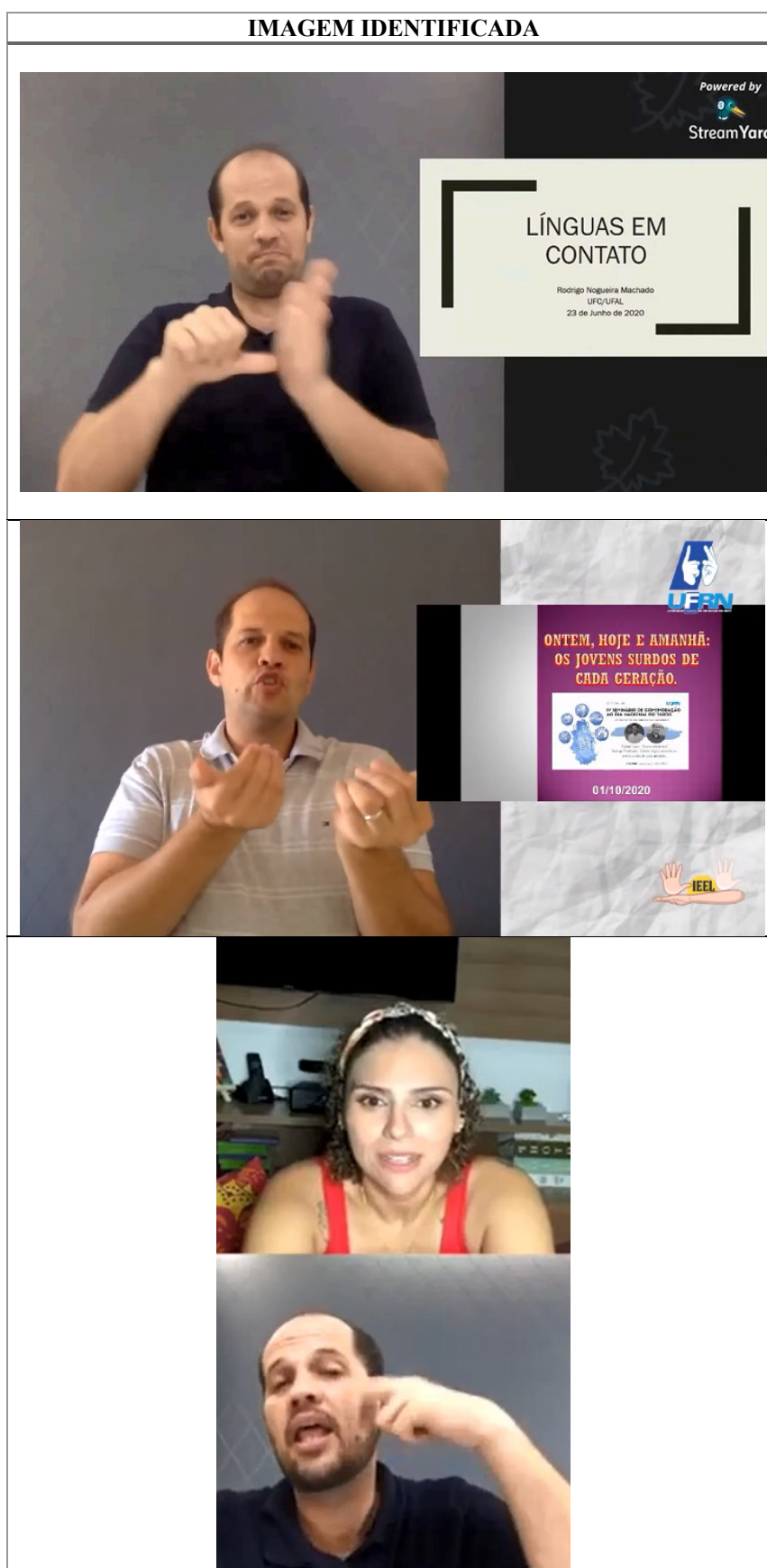
Aspecto	Primeiro vídeo	Segundo vídeo	Terceiro vídeo
Título do vídeo	Língua em contato	Ontem, hoje e amanhã: os jovens surdos cada geração	Live: Sentar que lá vem a história! (Surdos)
Tipo de evento	Evento da UFRN- Estudos Surdos na Live	Publicada no Youtube	Transmissão ao vivo com intérprete de Libras/português
Formato	Palestra acadêmica (virtual)	Mesa-redonda (virtual)	Live (Instagram)

Público-alvo	Público especializado e geral interesse em linguística e sociolinguística	Público surdo e interessados em movimentos sociais	Público surdo e ouvinte interessado
Gênero textual	Acadêmico	Narrativo e autobiográfico	Narrativo e humorístico
Recursos visuais	Slides de PowerPoint, sem intérprete de Libras	Slides e apoio visual, sem tradução em português	Sem slides, com interpretação em português
Sinalização	Espontânea, fluente, clara e conceitual	Sinalização introspectiva, reflexiva e fluente	Espontânea, natural e interativa
Uso de expressão facial e articulação-boca	Clareza e expressiva	Marcante	Intenso e natural, com destaque para articulação expressiva
Relação com o tema	Contato linguístico, empréstimo linguístico, pidgins e crioulos	Geração de surdos, juventude e movimento social	Histórias pessoais, situações cômicas e afetivas

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

A comparação entre os três vídeos evidencia a versatilidade discursiva em língua de sinais e a competência pragmática do mesmo sujeito surdo, que se adapta a diferentes contextos comunicativos. No primeiro vídeo, observa-se uma sinalização acadêmica estruturada, com domínio conceitual e fluência em Libras, voltada à explicação de fenômenos sociolinguísticos e à discussão da língua de sinais em contextos formais, demonstrando sua autoridade no campo da pesquisa de doutorado. Já no segundo vídeo, a construção narrativa assume um tom intimista e retrospectivo, com foco na experiência geracional dos jovens surdos, revelando uma sinalização reflexiva que articula vivências pessoais, engajamento político e a memória coletiva do povo surdo. Por fim, o terceiro vídeo, em formato de live, destaca uma interação mais informal e acessível, na qual a sinalização é espontânea e descontraída, permitindo que o público surdo e ouvinte vivencie histórias marcantes de maneira leve e envolvente. Em conjunto, os três registros demonstram como o sujeito surdo mobiliza estratégias linguísticas e recursos expressivos diversos — adequados à norma surda — como a articulação-boca, expressões faciais e o uso do espaço visual, para ajustar sua sinalização aos objetivos comunicativos, ao público-alvo e ao gênero textual. Reafirma-se, assim, a riqueza multimodal da Libras e sua potência como língua de enunciação, prosódia visual, memória e identidade.

Figura 81: Relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso – Rodrigo (2024)



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Primeiro vídeo:

A sinalização apresentou elevada fluência e ritmo acelerado, possivelmente devido ao tempo limitado da apresentação. A palestrante articulou uma exposição explicativa e conceitualmente densa, favorecendo uma abordagem reflexiva sobre o tema. O gênero textual predominante foi o acadêmico, com exemplificações relacionadas a empréstimos linguísticos e ao contato entre línguas. A apresentação incluiu terminologia específica da área, com uso expressivo de expressões faciais e articulação-boca. Observou-se o uso de sinais sobrepostos e uma menor frequência de configurações de mão reduzidas. A sinalização também explorou intensamente o espaço visual, condizente com a complexidade do conteúdo abordado sobre a língua de sinais.

Segundo vídeo:

Neste vídeo, a sinalização ocorreu em uma palestra informal, no formato de mesa-redonda, com ritmo mais pausado e voltado à reflexão sobre a história dos movimentos sociais dos jovens surdos. A palestrante utilizou datilologia com pouca frequência, reservando-a para esclarecer termos pontuais. A sinalização destacou uma linha do tempo retrospectiva “passado, presente e projeções futuras” em relação ao protagonismo juvenil surdo e seu impacto nas políticas públicas e na legislação. O discurso assumiu um caráter autobiográfico, introspectivo e reflexivo, ancorado em experiências pessoais e coletivas do movimento surdo.

Terceiro vídeo:

A sinalização foi marcada pela espontaneidade e naturalidade, evidenciando afinidade na interação com o intérprete de Libras. Em alguns momentos, observou-se quebra da fluidez na sinalização devido à alternância com a interpretação para a língua portuguesa. Ainda assim, predominou a espontaneidade na narração de histórias pessoais, humorísticas e de impacto histórico para a comunidade surda, especialmente no contexto cearense. A sinalização foi fluente e informal, com menor exploração do espaço visual. A datilologia foi empregada pontualmente, principalmente para nomes próprios e de países. A conversa apresentou forte viés cultural e memorial.

Discussão sobre os três vídeos:

A análise dos três vídeos revela distintos níveis de formalidade e estratégias linguísticas, que se adaptam ao público-alvo e aos gêneros discursivos específicos. No primeiro vídeo, a sinalização foi altamente fluente e tecnicamente elaborada, com ritmo acelerado e uso denso de terminologia acadêmica, revelando domínio conceitual sobre temas da linguística e da

sociolinguística. Essa abordagem favoreceu a aproximação com um público especializado e engajado em pesquisas na área.

No segundo vídeo, a sinalização foi ajustada para um público mais amplo, com foco na transmissão de uma memória coletiva sobre o passado, presente e futuro dos movimentos sociais dos jovens surdos.

Já no terceiro vídeo, a sinalização refletiu o uso autêntico da Libras no cotidiano da comunidade surda, por meio de relatos pessoais, humor e narrativas históricas. A interação, mesmo com a mediação do intérprete, manteve-se fluida e afetiva, reforçando a informalidade e a acessibilidade do discurso.

De modo geral, a comparação evidencia como os diferentes gêneros discursivos, acadêmico, autobiográfico e conversacional que influenciam diretamente a estrutura da sinalização, a exploração do espaço visual e os recursos expressivos utilizados. A competência pragmática do sujeito surdo é revelada na sua capacidade de ajustar a Libras conforme o propósito comunicativo, o público interlocutor e o contexto de enunciação.

Ocorrência relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso (Rimar):

Primeiro vídeo:

No vídeo da palestra intitulada “*Fórum 2019 – 8ª Edição: I Seminário Nacional 02 – Reflexões Sociolinguísticas sobre a Libras*”, Rimar apresentou-se em um evento com caráter acadêmico, voltado à área da sociolinguística da Libras, cuja temática era ainda pouco conhecida por parte do público presente. Sua sinalização demonstrou domínio e afinidade com o tema, além de espontaneidade, pausas estratégicas para reflexão e boa articulação visual com os slides do PowerPoint, o que favoreceu a compreensão do conteúdo. A familiaridade do público com a palestrante e sua prosódia visual reforçaram sua credibilidade no assunto.

Contexto: A palestra integrou a programação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), realizada presencialmente no Rio de Janeiro, com transmissão em Libras.

Relação com os dados apresentados: A palestrante abordou pesquisas da área de sociolinguística na Libras, evidenciando conceitos e exemplos relacionados às variações e usos linguísticos da língua de sinais.

Segundo vídeo:

Neste vídeo, a mesma palestrante apresenta o relato intitulado “*O que o surdo pode fazer?*”.

Em formato de palestra informal, conduzida por uma pessoa ouvinte leiga, o vídeo tem caráter explicativo e autobiográfico. O foco recai sobre sua trajetória familiar como pessoa surda, destacando vivências em uma família surda e a maneira como se comunicavam, utilizando recursos de personificação e incorporação. Um exemplo marcante é a história de quando, ainda criança, assistiu a uma apresentação circense e não compreendeu o que o palhaço dizia. A voz da palestrante foi interpretada por sua irmã, que também é surda.

Contexto: A gravação foi realizada presencialmente e posteriormente publicada no YouTube.

Relação com os dados apresentados: A narrativa foi conduzida inteiramente em Libras, sem uso de slides ou recursos visuais, com interpretação para o português feita pela irmã da palestrante. A sinalização foi detalhada e esclarecedora, utilizando estratégias visuais para facilitar a compreensão do público ouvinte. O foco foi a experiência familiar e a construção identitária da pessoa surda.

Terceiro vídeo:

Neste vídeo, a conversação abordou o tema “*Live – Pensamento e Sucesso*” em formato de live. A interação ocorreu de forma descontraída, com participação de vários surdos, fluidez na sinalização e espontaneidade nas trocas. O foco da discussão esteve nos temas de sucesso pessoal, pensamento positivo e influência das energias (negativas e positivas) sobre a evolução pessoal.

Contexto: A gravação foi realizada por meio de live no Instagram, voltada ao público surdo e a ouvintes fluentes em Libras.

Relação com os dados apresentados: A transmissão foi feita integralmente em Libras, com uma linguagem informal e acessível, sem preocupação com formalismos. A interação seguiu um ritmo natural, valorizando a expressão subjetiva, o compartilhamento de experiências e reflexões sobre bem-estar e autoconhecimento.

Introdução ao quadro comparativo:

Conforme o quadro comparativo apresentado abaixo, analisam-se três vídeos com base em critérios como título, evento, formato de transmissão, público-alvo, gênero textual, recursos visuais na sinalização, uso da expressão facial e da articulação-boca, além da relação com o

tema abordado. O quadro permite uma visão geral e sistematizada das especificidades discursivas e pragmáticas de cada produção em Libras.

Quadro 23: Comparativo dos três vídeos – Rimar

Aspecto	Primeiro vídeo	Segundo vídeo	Terceiro vídeo
Título do vídeo	Fórum 2019 – 8ª Edição I Seminário Nacional 02: Reflexões Sociolinguísticas na Libras	O que o surdo pode fazer? Rimar Ramalho Segala	Live – Pensamento e Sucesso
Tipo de evento	Eventos acadêmico promovido pelo INES	Relato presencial publicado no youtube	Live interativa no Instagram
Formato	Presencial com transmissão em Libras	Presencial, com tradução para o português (irmã surda)	Transmissão ao vivo em Libras
Público-alvo	Público acadêmicos e profissionais da área	Público ouvinte leigo	Público surdos e ouvintes fluentes em Libras
Gênero textual	Acadêmico	Narrativo e autobiográfico	Conversacional
Recursos visuais	Slides do PowerPoint, uso do espaço visual	Sem slides; uso de incorporação e personificação	Sem apoio visual formal; conversa fluida com múltiplos interlocutores
Sinalização	Espontânea, fluente, clara e conceitual	Sinalização introspectiva, reflexiva e fluente	Espontânea, natural e interativa
Uso de expressão facial e articulação-boca	Expressiva, com pausas cognitivas e clareza na articulação	Natural, espontânea e voltada a compreensão do ouvinte	Espontânea, natural e interativa
Relação com o tema	Pesquisa na área de sociolinguísticas em Libras	História de vida e comunicação em família surda	Reflexões sobre sucesso, energia e evolução pessoal

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A análise comparativa dos três vídeos evidencia a versatilidade discursiva em Língua de Sinais e a competência pragmática do sujeito surdo ao adequar a sinalização a diferentes contextos comunicativos e gêneros discursivos. No primeiro vídeo, observa-se uma construção acadêmica, com o uso de terminologia técnica da área de sociolinguística em Libras. No segundo vídeo, a sinalização assume um caráter mais pessoal e explicativo, com forte carga autobiográfica, utilizando recursos expressivos como a incorporação e a personificação para construir sentidos, fluindo de forma espontânea e transmitindo informações de maneira clara para ouvintes leigos sobre a vivência no contexto familiar. Já no terceiro vídeo, a sinalização ocorre em interações entre surdos em uma live, abordando reflexões sobre pensamento, sucesso e energia no cotidiano do povo surdo, além das relações da comunidade surda na sociedade, dependendo dos espaços de convivência. Houve uso eficaz do espaço visual, da articulação-boca e de expressões não manuais, adequados ao interlocutor, para construir significados

culturalmente situados. Isso demonstra não apenas a riqueza e a potência da Libras como língua de enunciação visual, mas também o protagonismo epistêmico dos sujeitos surdos enquanto sinalizantes e produtores de conhecimento.

Figura 82: Relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso – Rimar (2024)



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Primeiro vídeo:

A sinalização apresentou-se com elevada fluência e ritmo acelerado, possivelmente em função do tempo limitado da apresentação. A palestrante solicitou diversas vezes a mudança de slides, o que reduziu as pausas cognitivas para elaboração mais reflexiva sobre o tema. O gênero textual predominante foi o acadêmico, embora tenha havido breves inserções narrativas, como na exemplificação do idioleto de uma pessoa de seu estado. A apresentação incluiu terminologia específica da área acadêmica, com uso expressivo de expressões faciais e articulação-boca. Observou-se também uma forte presença de sinais sobrepostos e menor uso de configurações de mão reduzidas. A sinalização fez uso intenso do espaço visual, em conformidade com a complexidade do conteúdo apresentado.

Segundo vídeo:

Neste vídeo, a sinalização ocorreu de forma mais pausada e natural, acompanhando o ritmo da entrevista. O entrevistador, sendo ouvinte, demandava esclarecimentos, o que levou a palestrante a empregar datilologia com maior frequência para explicitar os termos discutidos. O discurso assumiu um caráter autobiográfico e introspectivo, centrando-se em experiências pessoais, como trajetória escolar, universitária e vivência enquanto figura pública. O gênero predominante foi narrativo, com forte carga emocional e reflexiva sobre sua identidade e vivência surda.

Terceiro vídeo:

A sinalização foi marcada pela espontaneidade e naturalidade, típica de uma conversa entre pares surdos. Demonstrou fluência e informalidade, com maior uso de reduções linguísticas e menor exploração do espaço visual, o que não comprometeu a clareza comunicativa. A datilologia foi empregada principalmente para tratar termos específicos da área da saúde relacionados ao chimarrão. O gênero textual combinou elementos narrativos e argumentativos, configurando-se como um híbrido. A conversa abordou tanto aspectos culturais quanto benefícios do chimarrão, com base em vivências pessoais e conhecimento popular.

Discussão sobre os três vídeos:

A análise dos três vídeos revela diferentes níveis de formalidade e estratégias de adequação ao público-alvo. No primeiro vídeo, observou-se uma sinalização extremamente fluente, com ritmo acelerado e maior densidade terminológica, demonstrando domínio da linguagem

acadêmica e forte afinidade com o conteúdo apresentado, o que favoreceu a aproximação com o público especializado.

No segundo vídeo, a sinalização foi adaptada a um público mais amplo, que, em parte, não conhecia a palestrante. Houve uma adequação à norma surda e ao contexto da entrevista, com atenção à necessidade do entrevistador ouvinte, o que exigiu maior uso de datilologia e clareza nos sinais.

Já no terceiro vídeo, a sinalização refletiu a autenticidade do uso cotidiano da Libras entre surdos. A interação ocorreu com fluidez e espontaneidade, evidenciando a informalidade característica das conversas comunitárias, com marcas de hibridismo entre narrativa e argumentação.

De forma geral, a comparação evidencia como os gêneros discursivos (acadêmico, autobiográfico e conversacional) influenciam diretamente a forma da sinalização, o uso do espaço visual e os recursos expressivos. A adequação ao interlocutor e ao contexto comunicativo é um aspecto central na escolha das estratégias discursivas e linguísticas em Libras.

Ocorrência relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso (Gabriel):

Primeiro vídeo:

No vídeo da palestra intitulada “Sejam referências!”, Gabriel apresentou-se em um evento virtual com foco na exposição de sua trajetória pessoal. Sua sinalização demonstrou conforto, fluência e afinidade com o tema, além de espontaneidade e boa articulação visual com os slides do PowerPoint, que reforçaram o conteúdo abordado sobre a importância de referências surdas como figuras inspiradoras. A apresentação evidenciou um discurso acessível, destacando exemplos de pessoas surdas marcantes, como sujeitos LGBT, negros surdos, mulheres surdas, entre outros, contribuindo para o fortalecimento identitário da comunidade surda.

Contexto:

A palestra, de caráter informal, foi gravada remotamente e publicada no YouTube.

Relação com os dados apresentados:

O palestrante abordou a importância das referências surdas em diversos contextos sociais, com destaque para os movimentos sociais e a representatividade de sujeitos surdos diversos.

Segundo vídeo:

Nesse vídeo, o mesmo palestrante participa de um episódio intitulado “Gabriel e Karolina – Grita mais Alto 01”, em formato de entrevista descontraída com uma interlocutora surda. O conteúdo é direcionado a um público amplo e conta com a presença de um intérprete de Libras, cuja tradução em voz aparece de fundo, sem destaque visual. O vídeo tem caráter intimista e espontâneo, com narrativa marcada por leveza e humor, abordando temas variados como cruzeiros, a experiência como influenciador digital, brincadeiras com leitura labial e informações sobre podcasts em Libras.

Contexto:

A gravação foi realizada remotamente e publicada no YouTube.

Relação com os dados apresentados:

A conversa foi conduzida inteiramente em Libras, sem o uso de slides ou recursos visuais adicionais, e contou com tradução para o português. O foco foi a interação fluida e informal com a entrevistadora, tratando de múltiplos assuntos de forma acessível ao público geral.

Quadro 24: Comparativo dos dois vídeos – Gabriel

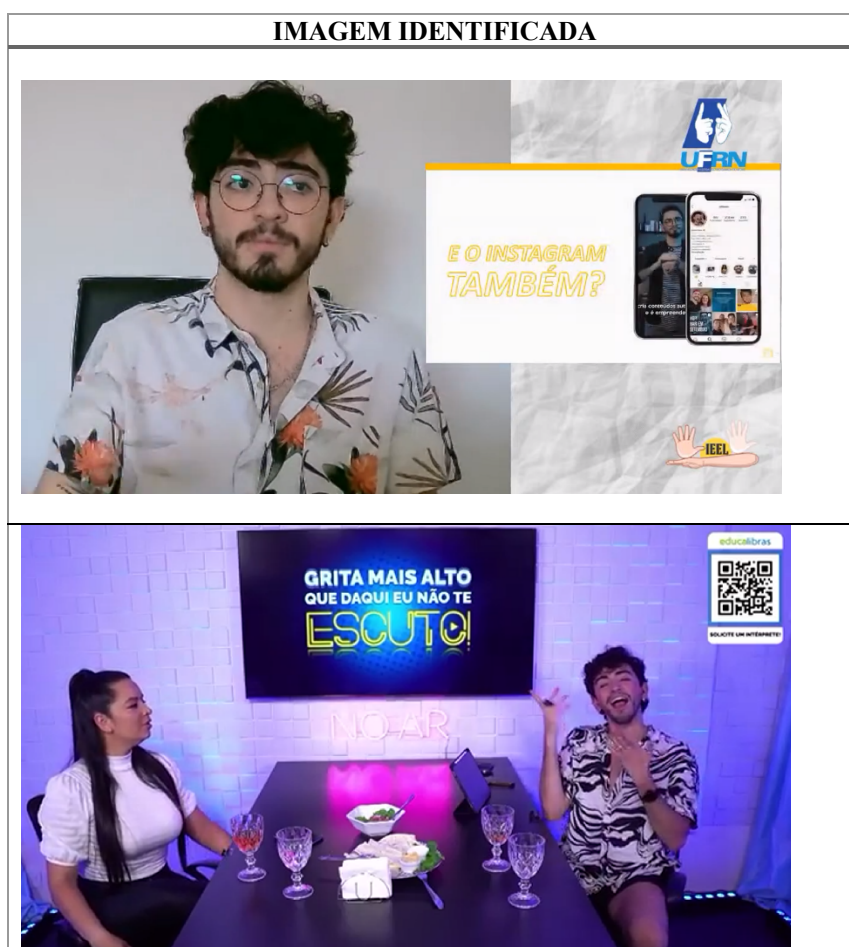
Aspecto	Primeiro vídeo	Segundo vídeo
Título do vídeo	Sejam referências!	Gabriel e Karolina – Grita mais alto 01
Tipo de evento	Palestra informal	Entrevista em vídeo
Formato	Remota, publicado no Youtube	Remota, publicado no Youtube
Público-alvo	Povo surdo, comunidade surda e interessados em representatividade	Surdos e ouvinte fluentes de Libras
Gênero textual	Expositivo, formativo e identitário	Conversacional, espontâneo e descontraído
Recursos visuais	Slides visualmente acessíveis	Sem slides
Sinalização	Prosódia visual fluente, articulação clara e espontânea	Sinalização leve e espontânea, voltada a interação
Uso de expressão facial e articulação-boca	Natural, espontânea e voltada a compreensão do ouvinte	Espontânea, natural e interativa
Relação com o tema	Referências surdas e valorização de identidades (LGBT, raça, gênero)	Vida pessoal, cruzeiro, leitura labial, influenciadores digitais

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A comparação entre os dois vídeos evidencia a versatilidade discursiva em língua de sinais do sujeito surdo ao adequar a sinalização a diferentes contextos comunicativos e finalidades. No primeiro vídeo, a apresentação assume um tom mais voltado ao conhecimento epistemológico surdo, com foco na valorização das referências surdas e no fortalecimento da representatividade dentro do povo surdo. Essa intenção é reforçada pelo uso de recursos visuais direcionados a um público interessado em compreender a importância dessas referências. Já no

segundo vídeo, o tom é mais leve e descontraído, com uma interação espontânea que percorre múltiplos temas. Em ambos os casos, observa-se a competência pragmática do sinalizante ao mobilizar estratégias linguísticas e expressivas em Libras, adequando-se ao gênero textual, ao contexto comunicativo e ao público-alvo, evidenciando a Libras como uma língua situada, de alta relevância para a interação e produção de sentidos no contexto do surdo.

Figura 83: Relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso – Gabriel (2024)



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Primeiro vídeo:

A sinalização apresentou-se com elevada fluência e ritmo constante. O gênero textual predominante foi narrativo-argumentativo, com exemplificações relacionadas às referências surdas e à representatividade no contexto da pessoa surda. A apresentação não utilizou terminologia específica da área acadêmica, mas destacou o uso expressivo da língua de sinais em relação ao tema abordado. Houve forte presença de expressões faciais, articulação-boca

marcante e sinais sobrepostos, com menor uso de configurações de mão reduzidas. A sinalização explorou de forma intensa o espaço visual, reforçando a construção do significado.

Segundo vídeo:

Neste vídeo, a sinalização ocorreu em um formato de entrevista, com interação espontânea e natural entre o entrevistador e sua interlocutora, ambos surdos. A comunicação fluiu de forma leve, com uso de sinais mais reduzidos e focados na norma surda entre pares. O discurso assumiu um caráter introspectivo e descontraído, com ênfase em experiências pessoais como o passeio de cruzeiro, vivências como digital influencer e momentos de humor. O gênero predominante foi narrativo, com elementos emocionais e reflexivos sobre o cotidiano.

Discussão sobre os dois vídeos:

A análise dos dois vídeos revela diferenças marcantes nos níveis de formalidade e nas estratégias de adequação ao público-alvo. No primeiro vídeo, observa-se uma sinalização fluente e argumentativa, voltada à construção de um discurso de empoderamento e valorização da identidade surda, com forte apelo visual e retórico no espaço digital. Já no segundo vídeo, a sinalização é caracterizada por uma interação mais leve, espontânea e íntima entre surdos, adaptada ao formato conversacional da entrevista.

De modo geral, a comparação evidencia como os gêneros discursivos — narrativo-argumentativo e conversacional — influenciam diretamente a forma da sinalização, o uso do espaço visual e os recursos expressivos. A competência pragmática do sinalizante se destaca na escolha adequada das estratégias linguísticas em Libras, ajustadas ao contexto, à finalidade comunicativa e ao interlocutor, reforçando o papel da Libras como língua visual, expressiva e situada socialmente.

Ocorrência relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso (Roberto):

Primeiro vídeo:

No vídeo da palestra intitulada “*HandVoices convida Cristiane Oliveira #02*”, Roberto participou de um evento presencial que posteriormente foi compartilhado no YouTube. A gravação tem como foco uma entrevista conduzida por uma entrevistadora surda, que expôs sua trajetória pessoal e atuação como gerente. A sinalização de Roberto demonstrou fluência, conforto e afinidade com a interlocutora. Sua participação foi marcada por intervenções pontuais, com questionamentos claros e boa articulação visual, sem o uso de slides em PowerPoint. O vídeo conta com legendas, o que favoreceu a acessibilidade do conteúdo. O foco

da conversa recaiu sobre a importância da atuação de uma gerente surda e a acessibilidade no ambiente de trabalho na área de gestão. A apresentação seguiu um discurso acessível, com exemplos que destacaram a relevância da empregabilidade da pessoa surda.

Contexto:

A entrevista, de caráter informal, foi gravada remotamente e publicada no YouTube.

Relação com os dados apresentados:

O participante contribuiu com reflexões sobre o papel de uma gerente surda, com foco na acessibilidade e na experiência pessoal da entrevistada no mercado de trabalho.

Segundo vídeo:

Nesse vídeo, o mesmo participante aparece em um episódio intitulado “*#Os vídeos na minha vida – Roberto Castejon*”, em formato de entrevista descontraída conduzida por um interlocutor surdo. O conteúdo foi direcionado a um público amplo, composto majoritariamente por pessoas surdas. O vídeo tem caráter intimista e espontâneo, com narrativa leve e introspectiva, abordando temas como sua atuação como youtuber e digital influencer, experiências com gravação de vídeos e o uso de recursos visuais.

Contexto:

A gravação foi realizada remotamente e publicada no YouTube.

Relação com os dados apresentados:

A conversa foi conduzida integralmente em Libras, sem o uso de slides ou recursos visuais adicionais, e não contou com tradução para o português. O foco foi a interação fluida com o entrevistador, tratando de diferentes temas de forma acessível ao público surdo.

Quadro 25: Comparativo dos dois vídeos – Roberto Castejon

Aspecto	Primeiro vídeo	Segundo vídeo
Título do vídeo	HandVoices convida Cristiane Oliveira #02	#Os vídeos na minha vida – Roberto Castejon
Tipo de evento	Entrevista em vídeo	Entrevista em vídeo
Formato	Evento presencial, gravado e publicado no Youtube	Gravacao remota e publicada no Youtube
Público-alvo	Pessoas surdas e interessadas em acessibilidade no trabalho	Público surdo geral e interessados em cultura digital
Gênero textual	Narrativa e explicando (entrevista formal)	Narrativa e conversacional (entrevista informal)
Recursos visuais	Legendagem em português; sem slides; foco na entrevistada	Sem slides; sem legendas; foco na interação e naturalidade

Sinalização	Sinalização clara nos questionamentos; pouca sinalização pessoal; fluente e objetiva	Sinalização espontânea, com humor e introspecção; interação fluida com o entrevistador
Uso de expressão facial e articulação-boca	Natural, espontânea e clareza	Espontânea, natural e interativa
Relação com o tema	Valorização da representatividade surda em cargos de gestão	Exploração da experiência pessoal com o universo digital e audiovisual

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A comparação entre os dois vídeos evidencia o uso discursivo da Língua de Sinais e a competência pragmática do sujeito surdo ao adequar a sinalização conforme a semelhança do contexto comunicativo. No primeiro vídeo, a participação de Roberto assumiu um tom mais institucional e informativo, com foco em temas relacionados à acessibilidade e à representatividade da pessoa surda em cargos de gestão, destacando-se pela clareza nos questionamentos e pela objetividade visual na interação com a entrevistadora. Já no segundo vídeo, a sinalização foi marcada por um tom pessoal e descontraído, explorando vivências como youtuber e influenciador digital, com ênfase na espontaneidade e na leveza da troca com o entrevistador surdo. Em ambos os casos, observa-se a habilidade do sinalizante em mobilizar estratégias linguísticas adequadas em Língua de Sinais, utilizando recursos expressivos, visuais e funcionais conforme o gênero textual e o público-alvo, especialmente no campo das interações digitais e das narrativas surdas.

Figura 84: Relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso - Roberto (2024)





Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Primeiro vídeo:

A sinalização apresentou-se com elevada fluência e ritmo constante. O gênero textual predominante foi narrativo-argumentativo, com exemplificações relacionadas à gestão surda. A apresentação não utilizou terminologia técnica da área acadêmica, mas destacou-se pelo uso expressivo da Língua de Sinais em consonância com o tema abordado. Houve forte presença de expressões faciais, articulação-boca e uso intenso do espaço visual, reforçando a construção de sentido. O palestrante limitou-se a conduzir o questionário, enquanto a interlocutora desenvolveu explicações detalhadas, com menor uso de configurações de mão reduzidas.

Segundo vídeo:

Neste vídeo, a sinalização ocorreu em formato de entrevista, com interação espontânea e natural entre entrevistador e interlocutor, ambos surdos. A comunicação fluíu de forma leve, com sinais mais compactos e ajustados à norma surda entre pares. O discurso assumiu um caráter introspectivo e descontraído, com foco em experiências pessoais na atuação como youtuber e na utilização de recursos visuais em ambientes digitais. O gênero predominante foi narrativo, com elementos emocionais e reflexivos sobre o cotidiano.

Discussão sobre os dois vídeos:

A análise dos dois vídeos revela diferenças sutis quanto ao grau de formalidade e às estratégias de adequação ao público-alvo. No primeiro vídeo, observa-se uma sinalização fluente e voltada à construção de um discurso mais institucional, destacando a gestão surda e a representatividade

no espaço digital. Já no segundo vídeo, a sinalização é caracterizada por uma interação mais leve, espontânea e íntima entre surdos, adaptada ao formato conversacional da entrevista.

De modo geral, a comparação evidencia como os gêneros discursivos narrativo e conversacional influenciam diretamente a forma da sinalização, o uso do espaço visual e os recursos expressivos. A competência pragmática do sinalizante manifesta-se na escolha adequada das estratégias linguísticas em Libras, ajustadas ao contexto, à finalidade comunicativa e ao interlocutor, reforçando o papel da Libras como uma língua visual, expressiva e socialmente situada.

Ocorrência relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso (Tainá):

Primeiro vídeo:

No vídeo da palestra intitulada “Tema: Gerais da Comunidade Surda”, Tainá apresentou-se em um evento virtual com foco na exposição de sua trajetória pessoal, destacando a relação entre a pessoa surda e a interação familiar mediada pela língua de sinais, além de aspectos ligados à subjetividade surda. Sua sinalização demonstrou fluência, conforto e afinidade com o tema, além de espontaneidade e boa articulação visual, com apoio de slides e vídeos que ilustravam momentos de introspecção. Esses recursos reforçaram o conteúdo abordado, enfatizando a importância da comunicação para pessoas surdas e o papel da língua de sinais nesse processo. A apresentação contou com a participação de seu irmão surdo, o que contribuiu para tornar o discurso ainda mais acessível, com exemplos que valorizam a convivência entre pessoas surdas, o uso cotidiano da Libras e a cultura surda.

Contexto:

A palestra, de caráter informal, foi gravada remotamente e publicada no YouTube.

Relação com os dados apresentados:

A palestrante abordou a relevância da comunicação entre pessoas surdas e suas famílias, articulando conceitos da cultura surda e da epistemologia surda a partir de experiências pessoais.

Segundo vídeo:

Nesse vídeo, a mesma palestrante participa de um episódio intitulado “Feminismo Surdo”, em formato de entrevista descontraída com uma interlocutora surda. O conteúdo é direcionado a

um público amplo e não contou com a presença de intérprete de Libras. O vídeo apresenta um caráter intimista e espontâneo, com uma narrativa marcada por leveza e posicionamento político das mulheres surdas. Foram abordados temas como dificuldades enfrentadas por mulheres surdas, preconceito, machismo e a luta por reconhecimento e igualdade.

Contexto:

A gravação foi realizada remotamente e publicada no Instagram.

Relação com os dados apresentados:

A conversa foi conduzida inteiramente em Libras, sem o uso de slides ou recursos visuais adicionais, e sem tradução para o português. O foco recaiu sobre a interação fluida e informal entre as interlocutoras surdas, tratando de diversos temas de maneira acessível ao público geral.

Quadro 26: Comparativo dos dois vídeos – Taina

Aspecto	Primeiro vídeo	Segundo vídeo
Título do vídeo	Tema: Gerais da comunidade surda	Feminismo Surdo
Tipo de evento	Palestra informal com slides e vídeos	Entrevista descontraída
Formato	Evento virtual publicado no YouTube	Live no Instagram, sem intérprete
Público-alvo	Pessoas surdas e ouvintes fluentes em Libras	Público geral, especialmente mulheres surdas
Gênero textual	Narrativo e argumentativo	Narrativo e conversacional
Recursos visuais	Slides em PowerPoint e vídeos pessoais com irmão surdo	Sem slides, apenas sinalização em Libras
Sinalização	Sinalização; sinalização pessoal; fluente e objetiva	Sinalização espontânea, introspecção; interação fluida com a interlocutora surda
Uso de expressão facial e articulação-boca	Expressiva, com foco na clareza e envolvimento afetivo	Natural, espontânea e política
Relação com o tema	Trajetória pessoal, identidade surda, subjetividade e cultura surda	Discussão sobre machismo, desigualdades e resistência das mulheres surdas

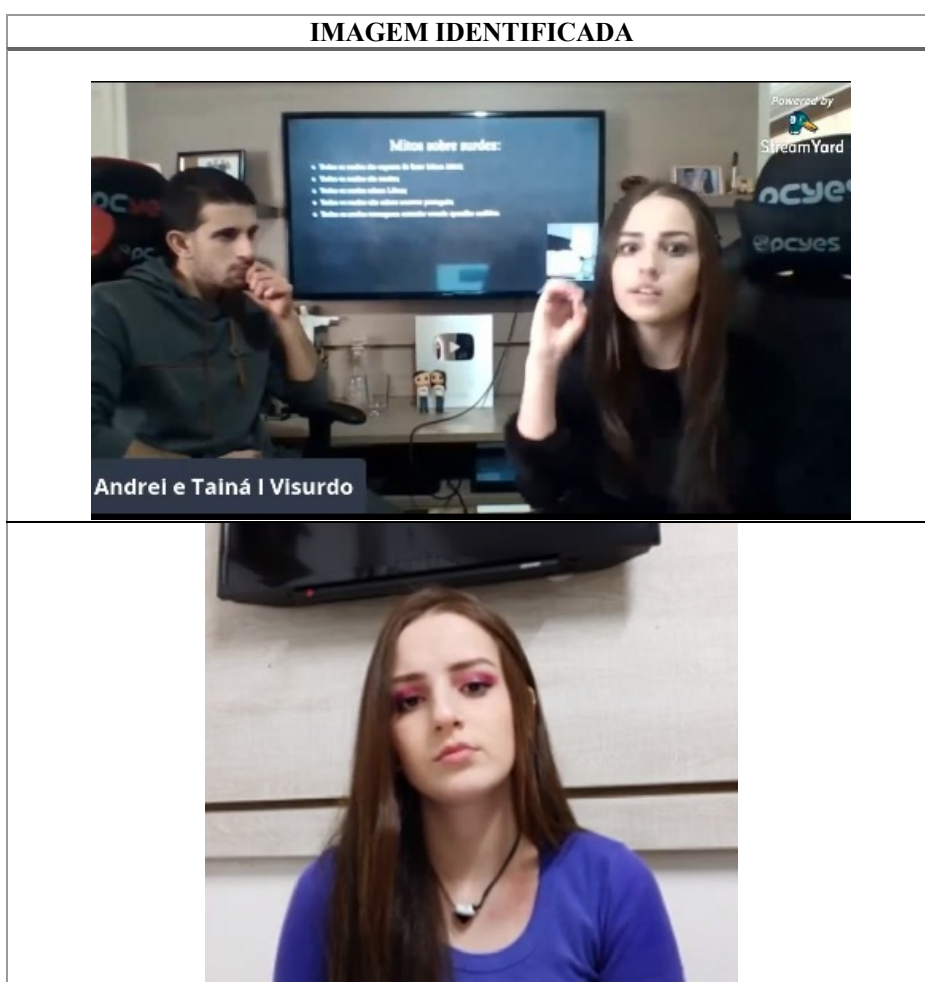
Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A análise dos dois vídeos evidencia a competência discursiva em língua de sinais e a competência pragmática da mesma sinalizante ao adequar a sinalização aos diferentes contextos comunicativos e propósitos interacionais. No primeiro vídeo, observa-se uma abordagem mais estruturada e reflexiva, com foco na valorização da experiência de ser surda em contextos familiares ouvintes e sociais, mediada por recursos visuais como slides e vídeos pessoais. A sinalização é marcada por clareza, sensibilidade e envolvimento afetivo, mobilizando recursos linguísticos para transmitir aspectos ligados à cultura e à identidade surda.

Já no segundo vídeo, em formato de entrevista no Instagram, a sinalização adota um tom mais espontâneo e político, abordando questões como preconceito e invisibilizações das mulheres surdas. A ausência de recursos visuais e a interação entre surdas contribuem para um diálogo horizontal e acessível.

Em ambos os casos, destaca-se a capacidade da sinalizante de transitar por registros discursivos distintos mais pessoal e introspectivo centrados nas experiências do povo surdo e da comunidade surda. A Libras, nesses vídeos, afirma-se como uma língua visual potente para expressar posicionamentos sociais, tendo papel central na construção de subjetividades e na afirmação política do povo surdo.

Figura 85: Relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso - (2024)



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Primeiro vídeo:

A sinalização apresentou-se com elevada fluência e ritmo constante. O gênero textual predominante foi narrativo-argumentativo, com exemplificações relacionadas à epistemologia surda, à interação familiar com a língua de sinais e à própria estrutura da Libras. A apresentação

não utilizou terminologia acadêmica especializada, mas destacou o uso expressivo da língua de sinais em relação ao tema abordado. Houve forte presença de expressões faciais e articulação-boca marcante, com menor uso de configurações de mão reduzidas. A sinalização explorou intensamente o espaço visual, reforçando a construção de sentidos.

Segundo vídeo:

Neste vídeo, a sinalização ocorreu em formato de entrevista, com interação espontânea e natural entre a palestrante e sua interlocutora, ambas surdas. A comunicação fluiu de forma leve, com uso de sinais mais concisos e adequados à norma surda entre pares. O discurso assumiu um caráter introspectivo e descontraído, com ênfase nas experiências vividas por mulheres surdas, abordando temas como invisibilidade, machismo e resistência. O gênero predominante foi narrativo, com elementos emocionais e reflexivos sobre o cotidiano.

Discussão sobre os dois vídeos:

A análise dos dois vídeos revela diferenças significativas nos níveis de formalidade e nas estratégias de adequação ao público-alvo. No primeiro vídeo, observa-se uma sinalização fluente e articulada, voltada à construção de um discurso sobre a epistemologia surda e a valorização da Libras, com forte apelo visual e retórico no espaço digital. Já no segundo vídeo, a sinalização caracteriza-se por uma interação mais leve, espontânea e íntima entre surdas, adaptada ao formato conversacional entre pares.

De modo geral, a comparação evidencia como os gêneros discursivos narrativo-argumentativo e conversacional influenciam diretamente a forma da sinalização, o uso do espaço visual e os recursos expressivos. A competência pragmática da sinalizante se destaca pela escolha adequada das estratégias linguísticas em Libras, ajustadas ao contexto comunicativo, ao público interlocutor e à fluidez do conforto linguístico surdo.

Ocorrência relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso (Andreia):

Primeiro vídeo:

No vídeo da palestra intitulada “*A independência está à frente: mulheres surdas em luta*”, Andreia apresentou-se em um evento virtual, com foco na exposição de sua trajetória pessoal e na reflexão sobre a realidade das mulheres surdas. A sinalização abordou as lutas das mulheres surdas, em diálogo com uma entrevistadora também surda, além de aspectos ligados à subjetividade surda. A palestrante demonstrou fluência, conforto e afinidade com o tema, além

de espontaneidade e boa articulação visual. Apesar de não contar com slides ou vídeos ilustrativos, sua sinalização incluiu momentos de introspecção que reforçaram o conteúdo abordado, enfatizando a importância dos direitos e deveres das mulheres surdas. A presença da entrevistadora surda contribuiu para tornar o discurso mais acessível, com exemplos que valorizam a comunicação entre mulheres surdas e suas lutas, bem como o uso cotidiano da Libras e da cultura surda.

Contexto:

A palestra, de caráter informal, foi gravada remotamente e publicada no YouTube.

Relação com os dados apresentados:

A palestrante abordou a relevância da comunicação entre mulheres surdas e os desafios enfrentados por elas na busca por reconhecimento e autonomia.

Segundo vídeo:

Nesse vídeo, a mesma palestrante participa de um episódio intitulado “*Feminismo Surdo*”, também em formato de entrevista descontraída com uma interlocutora surda. O conteúdo é direcionado a um público amplo e não contou com a presença de intérprete de Libras. O vídeo apresenta um caráter intimista e espontâneo, com uma narrativa marcada por leveza e posicionamento político das mulheres surdas. Foram discutidos temas como as dificuldades enfrentadas por mulheres surdas, o preconceito, o machismo e a luta por igualdade e visibilidade.

Contexto:

A gravação foi realizada remotamente e publicada no Instagram.

Relação com os dados apresentados:

A conversa foi conduzida inteiramente em Libras, sem o uso de slides ou recursos visuais adicionais, e sem tradução para o português. O foco recaiu sobre a interação fluida e informal entre as interlocutoras surdas, abordando diversos temas de maneira acessível e crítica.

Quadro 27: Comparativo dos dois vídeos – Andreia

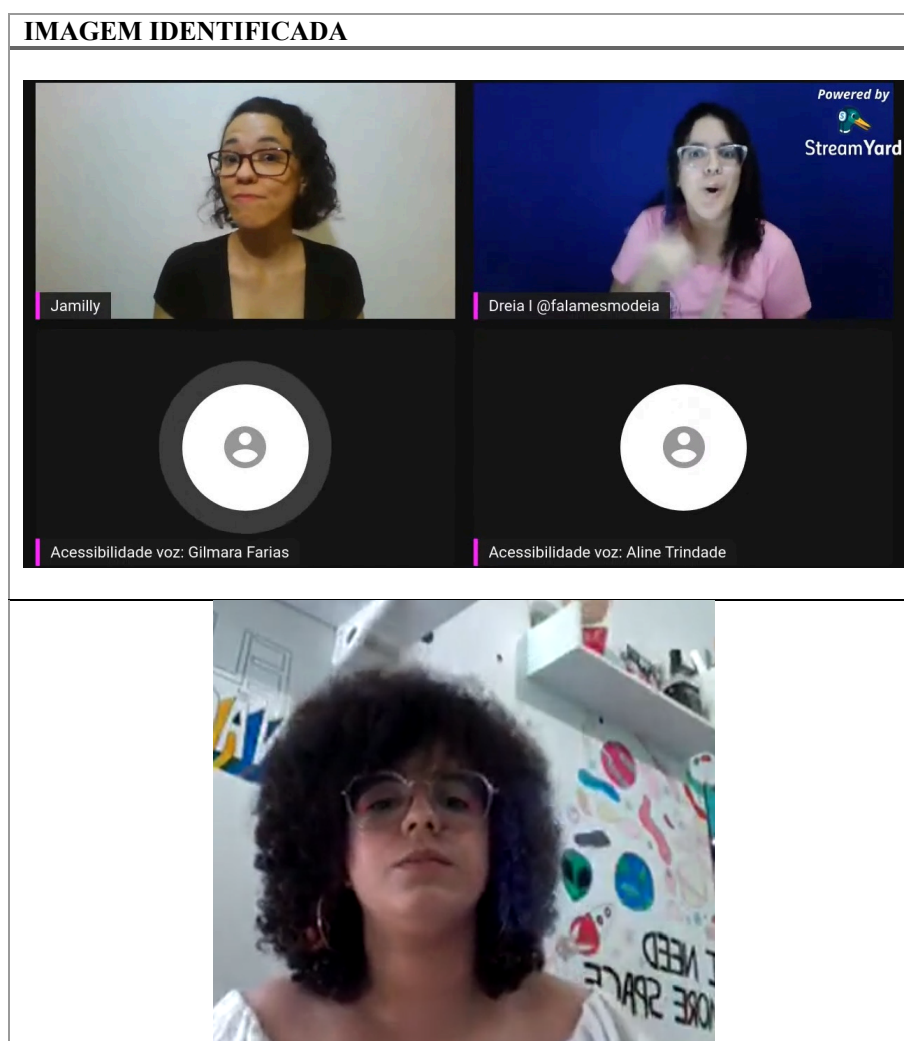
Aspecto	Primeiro vídeo	Segundo vídeo
Título do vídeo	A independência está frente: mulheres surdas em luta	Feminismo Surdo
Tipo de evento	Palestra informal em evento virtual	Entrevista descontraída

Formato	Gravado remotamente e publicado no YouTube	Live no Instagram, sem intérprete
Público-alvo	Pessoas surdas, especialmente mulheres surdas e ativistas	Público geral, especialmente mulheres surdas
Gênero textual	Narrativo-argumentativo com viés político	Narrativo e conversacional
Recursos visuais	Uso expressivo da língua de sinais, sem slides; vídeos pessoais com momentos introspectivos	Sem slides, apenas sinalização em Libras
Sinalização	Participação com entrevistadora surda, diálogo fluido e acessível	Sinalização espontânea, introspecção; interação fluida com a interlocutora surda
Uso de expressão facial e articulação-boca	Intensa expressividade facial e articulação-boca marcante	Natural, espontânea e política
Relação com o tema	Trajetória de vida, identidade surda, comunicação familiar, luta das mulheres surdas	Discussão sobre machismo, desigualdades e resistência das mulheres surdas

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A análise dos dois vídeos evidencia a discursividade em língua de sinais e a competência pragmática da mesma sinalizante ao adequar a sinalização às semelhanças dos contextos comunicativos e aos propósitos discursivos. No primeiro vídeo, observa-se uma abordagem mais reflexiva, centrada na valorização da experiência de ser mulher surda em contextos sociais e políticos. A presença da entrevistadora surda contribuiu para um diálogo acessível e engajado, mobilizando recursos expressivos e o uso do espaço visual com sensibilidade e clareza na língua de sinais. No segundo vídeo, o tom é mais espontâneo e político, desenvolvido em interação com outra interlocutora surda, abordando questões de gênero, machismo e invisibilidade das mulheres surdas. A ausência de recursos visuais e a interação entre surdas favorecem um diálogo horizontal, pautado na escuta da voz surda e na construção coletiva de saberes femininos. Em ambos os casos, evidencia-se a articulação entre aspectos subjetivos, culturais e políticos que atravessam as experiências do povo surdo.

Figura 86: Relação dos tecno-surdos comparação dos gêneros do discurso – Andreia (2024)



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Primeiro vídeo:

A sinalização apresentou elevada fluência e ritmo constante. O gênero textual predominante foi narrativo-argumentativo, com exemplificações relacionadas às mulheres surdas e suas lutas por direitos e deveres. A apresentação não utilizou terminologia acadêmica específica, mas destacou o uso expressivo da língua de sinais em consonância com o tema abordado. Houve forte presença de expressões faciais, articulação-boca marcante e sinais sobrepostos, com menor uso de configurações de mão reduzidas. A sinalização explorou intensamente o espaço visual, reforçando a construção dos significados.

Segundo vídeo:

Neste vídeo, a sinalização ocorreu em formato de entrevista, com interação espontânea e natural entre a palestrante e sua interlocutora, ambas surdas. A comunicação fluiu de forma leve, com sinais mais concisos, adequados à norma surda entre pares. O discurso assumiu um caráter

introspectivo e descontraído, com ênfase nas experiências de mulheres surdas, abordando temas como invisibilidade, machismo e resistência. O gênero predominante foi narrativo, com forte carga emocional e reflexiva sobre o cotidiano.

Discussão sobre os dois vídeos:

A análise dos dois vídeos revela diferenças significativas quanto ao grau de formalidade e às estratégias de adequação ao público-alvo. No primeiro vídeo, observa-se uma sinalização fluente e argumentativa, voltada à construção de um discurso de empoderamento e valorização das mulheres surdas em suas lutas por direitos. Já no segundo vídeo, a sinalização caracteriza-se por uma interação mais leve, espontânea e íntima entre surdas, adaptada ao formato conversacional da entrevista.

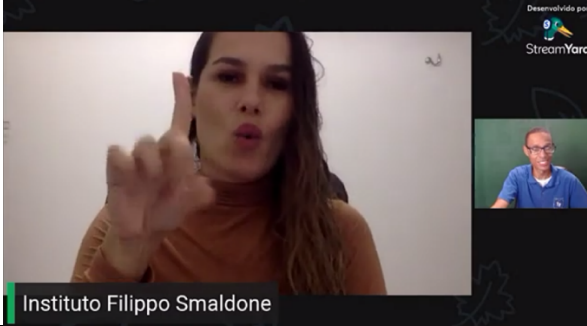
De modo geral, a comparação evidencia como os gêneros discursivos — narrativo-argumentativo e conversacional — influenciam diretamente a forma da sinalização, o uso do espaço visual e os recursos expressivos. A competência pragmática da sinalizante destaca-se na escolha adequada das estratégias linguísticas em Libras, ajustadas ao contexto comunicativo, ao propósito da interação e ao perfil do interlocutor, reafirmando o papel da Libras como uma língua visual, expressiva e socialmente situada.

5.3.16 A relação dos tecno-surdos comparação datilologia

Nesta categoria, o critério adotado para a análise pragmática é a relação entre o discurso em Libras e as diferentes formas de enunciação utilizadas pelos sujeitos tecno-surdos, com foco específico na datilologia. Observa-se a ocorrência de soletrações completas, apagamentos ou omissões, dependendo da situação temática e do contexto discursivo. A análise enfatiza a naturalidade da sinalização, a influência da contextualização em relação ao tema e o ritmo prosódico da datilologia durante o enunciado. Destaca-se, assim, a articulação entre expressão linguística e dinâmica contextual na Língua de Sinais.

Ocorrência relação dos tecno-surdos comparação datilologia (Vanessa):

Figura 87: Relação dos tecno-surdos comparação datilologia– Vanessa (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	PASSAR-PROXIMO SOCIOLETO FS-socileto O-QUE É EXEMPLO
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	FACULDADE FS-faculdade IX-lá CONSEGUIR PRIMEIRA FELIZ G-aliviado MARAVILHOSO APRENDER CONHECIMENTO CONTABILIDADE
	

		
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	AGORA FALAR COMEÇAR CHIMARRÃO IX FS-erva &-Textura CHIMARRÃO NADA-A-VER É FS-erva O-QUE AJUDAR <i>PALM-UP</i> FS-benefício QUAL IX-BOIA QUAL EXPLICAR-ME	

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A Figura 87 apresenta a análise da datilologia nos três vídeos:

Primeiro vídeo:

A sinalização apresentou a datilologia “FS-socioleto”, com omissão da letra “o”, influenciada pela familiaridade do sinalizante com o tema do congresso. A modificação visou facilitar a contextualização e dar fluidez à sinalização, especialmente ao repetir a palavra. Observa-se uma transição direta da letra “i” para a letra “l”, evidenciando a estratégia pragmática de adaptação ao ritmo da palestra. Embora exista um sinal correspondente para “socioleto”, optou-se pela datilologia como recurso de destaque e ênfase temática no momento da apresentação.

Segundo vídeo:

Neste vídeo, a datilologia “FS-faculdade” foi realizada de forma completa, com todas as letras soletradas. A escolha pode estar relacionada à preocupação com a compreensão do intérprete de Libras para o português, caso este não reconhecesse o sinal convencional. Assim, a soletração funcionou como estratégia de esclarecimento, garantindo a efetividade da comunicação.

Terceiro vídeo:

A sinalização, marcada pela espontaneidade e naturalidade de uma conversa entre surdos, incluiu as datilologias “FS-erva” e “FS-benefício”. Ambas foram soletradas de forma completa,

funcionando como elementos de destaque na exposição. O uso dessas datilologias evidenciou a importância dos termos dentro da temática do vídeo — o chimarrão — relacionando as ervas utilizadas e seus benefícios para a saúde, alinhando-se ao conteúdo informativo e à construção do sentido.

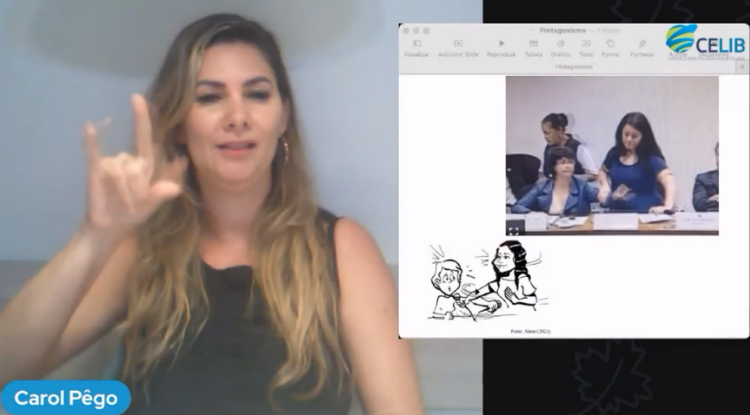
Discussão comparativa:

A análise dos três vídeos demonstra que o uso da datilologia varia conforme o gênero textual, a situação comunicativa e os objetivos do sinalizante. No primeiro vídeo, a datilologia foi adaptada para maior fluidez e ênfase temática; no segundo, funcionou como recurso de apoio à interpretação; e no terceiro, destacou termos relevantes à temática tratada. Em todos os casos, observa-se a competência pragmática dos sujeitos surdos em mobilizar estratégias linguísticas adequadas à Libras, valorizando a expressividade visual e a clareza comunicativa em contextos distintos.

Ocorrência relação dos tecno-surdos comparação datilologia (Carol):

Figura 88: Relação dos tecno-surdos comparação datilologia – Carol (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	TEMA O-QUE SIGNIFICAR SURDO FS-surdo SIGNIFCAR O QUE

	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	PROTAGONISTA É VER-ME FS-visibili VISIBILIDADE EXISTE SURDO
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	IX-nós TEM FS-privileg IGUAL SORTE CONSEGUIR TEM DOIS LINGUA MARAVILHOSO BRINCAR X-nós TEM OLHOS CARO

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A Figura 88 apresenta a análise do uso da datilologia nos três vídeos:

Primeiro vídeo:

A sinalização apresentou a datilologia “FS-SURDO”, sendo soletrada de forma completa. Essa escolha indica uma intenção pedagógica, presumivelmente voltada a um público leigo, com o objetivo de destacar e esclarecer o conceito de “surdo”. A soletração funcionou como recurso de ênfase, reforçando a importância do termo no contexto temático abordado.

Segundo vídeo:

Neste vídeo, observou-se o uso da datilologia “FS-VISIBILI”, com omissão do sufixo “-dade”. A escolha está relacionada ao contexto discursivo, no qual o sinal anterior “VER-ME” já introduzia o campo semântico da visibilidade. A datilologia parcial foi suficiente para que o

interlocutor inferisse o significado completo do termo “visibilidade”, evidenciando uma estratégia de economia linguística associada à pragmática do discurso.

Terceiro vídeo:

A sinalização foi marcada por espontaneidade e naturalidade, características típicas de uma conversa entre pares surdos. A datilologia “FS-PRIVILEG” foi realizada com omissão do final “-io”, também inserida num contexto em que o sentido era inferido pela expressão anterior “IX-NÓS TEM”. A expressão facial intensa e a articulação-boca reforçaram a construção do significado pretendido, permitindo ao interlocutor compreender o termo “privilégio” de forma eficaz.

Discussão comparativa:

A análise dos três vídeos revela diferentes usos da datilologia conforme o gênero textual, o público-alvo e o contexto temático. No primeiro vídeo, a soletração completa visou esclarecer um conceito fundamental; no segundo, a omissão parcial foi compensada pela inferência contextual; no terceiro, a datilologia reduzida foi apoiada por recursos não manuais e estruturais da Libras. Em todos os casos, destaca-se a competência pragmática dos sujeitos surdos na seleção estratégica da datilologia seja completa ou reduzida articulada à expressividade visual, à articulação-boca e à coerência temática. Tais usos reforçam a riqueza multimodal da Libras e sua capacidade de adaptação em diferentes situações comunicativas.

Ocorrência relação dos tecno-surdos comparação datilologia (Rodrigo):

Figura 89: Relação dos tecno-surdos comparação datilologia – Rodrigo (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	COLONIZAÇÃO FS-colonização COLONIZAÇÃO PORTUGUÊS SABER BRASIL PORTUGUÊS COLONIZAÇÃO SÓ IX-aqui TAMBÉM MUNDO

	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	TEMA IX-tema JOVEM SURDO IX-eu POUCO LIGADO IMPORTANTE O-QUE DEAFHOOD FS-deafhood IX-eu QUER USAR IX IMPORTANTE IX LIGADO
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	AFRICA FICAR PASSEAR QUATRO-DIAS CONHECER FS-safaria ANIMAL LEÃO ELEFANTE GIRAFAS PASSEAR

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A Figura 89 apresenta a análise do uso da datilologia nos três vídeos:

Primeiro vídeo:

A sinalização apresentou a datilologia “FS-COLONIZAÇÃO”, acompanhada do sinal “PEGAR”, realizando a soletração completa do termo. Essa escolha visou informar com clareza o conceito de “colonização”, contextualizado ao tema da palestra virtual. A opção por datilologia completa reforça a intenção explicativa, favorecendo a compreensão do público-alvo sobre o termo técnico.

Segundo vídeo:

Neste vídeo, foi utilizada a datilologia “FS-DEAFHOOD”, soletrada em inglês, em razão de seu reconhecimento como termo do campo epistemológico surdo. Apesar de não haver

aprofundamento na explicação do conceito, o uso do termo sugere que o sinalizante pressuponha, pragmaticamente, que o público consiga inferir seu sentido com base na discussão sobre juventude surda e identidade. A menção a “deafhood” contribui para evocar debates identitários mesmo de forma implícita.

Terceiro vídeo:

A sinalização caracterizou-se por espontaneidade e naturalidade, típica de interações entre pares surdos. Foi utilizada a datilologia “FS-SAFARIA”, em vez do termo correto “safari”. A inserção da vogal “a” no final parece ter ocorrido por influência da articulação visual da Libras no momento da enunciação. Em seguida, o sinalizante utilizou o sinal “ANIMAL”, o que permitiu ao interlocutor inferir corretamente o sentido da palavra. O uso da mão fechada, nesse contexto, influenciou a forma e assimilação da datilologia, sem comprometer o entendimento geral.

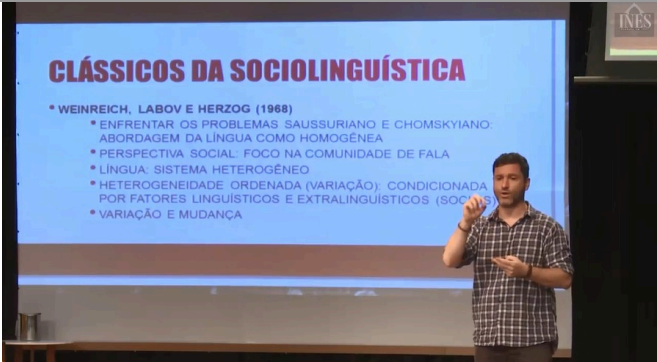
Discussão comparativa:

A análise dos três vídeos evidencia diferentes estratégias pragmáticas no uso da datilologia em Libras, variando conforme o contexto discursivo, o grau de formalidade e o público-alvo. No primeiro vídeo, a soletração completa teve função explicativa, vinculada a um conteúdo técnico e acadêmico. No segundo, a datilologia em inglês remete a um conceito reconhecido no campo surdo, com ênfase na inferência pragmática. Já no terceiro vídeo, observa-se um uso mais informal e adaptado ao contexto visual da língua de sinais, onde a forma da datilologia foi moldada pela fluidez do discurso e pela construção coletiva de sentido. Em todos os casos, destaca-se a habilidade do sinalizante em mobilizar estratégias linguísticas eficazes, revelando a riqueza expressiva e adaptativa da Libras nos mais variados gêneros discursivos.

Ocorrência relação dos tecno-surdos comparação datilologia (Rimar):

Figura 90: Relação dos tecno-surdos comparação datilologia – Rimar (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	

		
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	FS-weinreich FS-labov IX FS-hero social FS-social TRES CONTRAR ACABAR QUEBRAR TRES ACREDITA O-QUE LÍNGUA O-QUE LÍNGUA LÍNGUA DIFERENTE FS-heterogenia DIFERENTE	
		
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	TODOS IX-eu IX-eles PENSAR IX-eu FS-sou FS-rimar SÓ	
		
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	PRECISA FAZER COISA FS-bem FS-bem CONSEGUIR VIDA IX-----	

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A Figura 90 apresenta a análise da datilologia nos três vídeos:

Primeiro vídeo:

A sinalização apresentou a datilologia dos termos “FS-Weinreich”, “FS-Labov”, “FS-Hero”, “FS-Social” e “FS-Heterogenia”, utilizados em sequência durante a palestra. Inicialmente, o palestrante mencionou os três autores centrais da sociolinguística. No entanto, no último nome,

“Herzog”, houve omissão das consoantes “z” e “g”, resultando na forma “Hero”. Essa omissão pode ter ocorrido pela proximidade do encerramento da sequência ou por cansaço articulatório. Em seguida, a datilologia “FS-Social” foi empregada em vez do sinal convencional, provavelmente por haver múltiplos sinais possíveis para "social", sendo a soletração uma estratégia de precisão semântica. Por fim, a datilologia “FS-Heterogenia” foi utilizada por se tratar de um termo técnico da área de sociolinguística, que descreve a variação entre formas linguísticas em diferentes situações de uso.

Segundo vídeo:

Neste vídeo, a sinalização incluiu as datilologias “FS-sou” e “FS-Rimar”. Embora fosse possível empregar o sinal de primeira pessoa ou o sinal próprio “Rimar”, o palestrante optou por soletrar ambos os termos. Essa escolha evidencia uma estratégia de destaque visual na prosódia, com o objetivo de enfatizar a autoidentificação (“sou”) e o nome próprio (“Rimar”) no início da exposição.

Terceiro vídeo:

Neste vídeo, observou-se o uso repetido da datilologia “FS-bem”. A primeira ocorrência foi empregada em um contexto explicativo, ressaltando que as pessoas devem fazer o bem. A segunda aparição do termo teve como função o reforço expressivo do conceito, utilizando-se da repetição para marcar, visual e discursivamente, a importância do “bem” como valor moral em oposição ao “mal”. A escolha pela datilologia, em vez do sinal convencional, serviu para ampliar o impacto pragmático e enfatizar a mensagem transmitida.

Discussão geral sobre os três vídeos:

A análise das datilologias nos três vídeos evidencia a competência pragmática dos sujeitos tecno-surdos em adaptar suas estratégias discursivas às finalidades comunicativas e ao público-alvo. Nos três casos, a datilologia não aparece apenas como substituição lexical, mas como recurso expressivo, contextual e intencional, ora para assegurar precisão terminológica (como “heterogenia” ou nomes próprios), ora para reforçar sentidos pragmáticos e enfatizar valores (como no uso de “bem”). A escolha por soletrar, omitir ou adaptar termos reflete a sensibilidade dos sinalizantes às condições enunciativas e ao uso visual da língua. Desse modo, a datilologia assume papel fundamental na construção do discurso em Libras, revelando nuances de intenção, ênfase e acomodação linguística situadas socialmente.

Ocorrência relação dos tecno-surdos comparação datilologia (Gabriel):

Figura 91: Relação dos tecno-surdos comparação datilologia – Gabriel (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	FS-midia MAS FS-midia INFLUÊNCIA MUDAR SOCIEDADE VISÃO-NÃO IX-nós SURDOS PRECISA PROTAGONISTA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	SABER CONHECE FS-valesca CONHECER GÍRIA OUVIR MAIS++ LATER

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A Figura 91 apresenta a análise da datilologia em dois vídeos:

Primeiro vídeo:

A sinalização apresentou a datilologia “FS-mídia” repetida duas vezes, o que evidencia uma ênfase intencional. A primeira ocorrência foi utilizada com função explicativa, enquanto a repetição serviu para destacar a relevância do termo “mídia” no contexto da palestra, que abordava as redes sociais. O uso reiterado reforçou visualmente a importância do tema tratado.

Segundo vídeo:

Neste vídeo, a datilologia “FS-Valesca” foi utilizada para soletrar o nome da cantora Valesca Popozuda. A referência foi feita no contexto do podcast *Grite Mais Alto*, relacionando a figura

da cantora à expressão “ouvir mais, gritar mais”, usada como recurso visual e simbólico. A menção teve como objetivo enfatizar o empoderamento e a visibilidade das vozes femininas.

Discussão sobre os dois vídeos:

A análise revela o uso estratégico da datilologia como recurso de ênfase e construção de sentido na sinalização. No primeiro vídeo, a repetição do termo “mídia” reforça o conteúdo informativo e sua importância no debate sobre redes sociais. Já no segundo vídeo, a nomeação de uma figura pública por meio da datilologia evidencia um posicionamento discursivo vinculado à representatividade e ao empoderamento. Em ambos os casos, observa-se a competência pragmática do sinalizante ao mobilizar a datilologia de forma expressiva, funcional e coerente com os objetivos comunicativos e os gêneros discursivos envolvidos.

Ocorrência relação dos tecno-surdos comparação datilologia (Roberto):

Figura 92: Relação dos tecno-surdos comparação datilologia - Roberto (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	ANTES FESTIVAL SINAL-despertacular FS-despertacular IX-la ONDE BRASILIA
	

GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	PRINCIPAL É CURIOSO FS-curiosidade DENTRO DIFERENTE
-------------------------	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A Figura 92 apresenta a análise da datilologia em dois vídeos:

Primeiro vídeo:

A sinalização apresentou a datilologia “FS-despertacular”, utilizada para esclarecer ao público o nome do festival para surdos realizado em Brasília, denominado *Despertacular*. A soletração foi empregada porque o sinal específico do evento poderia ser desconhecido ou esquecido por parte do público leigo. Assim, a datilologia serviu como recurso explicativo e de acessibilidade à informação.

Segundo vídeo:

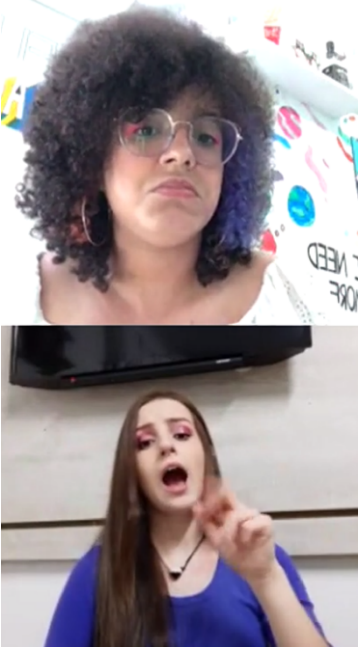
Neste vídeo, a sinalização incluiu a datilologia “FS-curiosidade”, utilizada para enfatizar a característica do sujeito surdo retratado como alguém curioso e explorador, especialmente no contexto de atuação como youtuber. A soletração reforçou o conceito de “curiosidade”, funcionando como estratégia para destacar a identidade e os interesses do interlocutor no ambiente digital.

Discussão sobre os dois vídeos:

A análise dos vídeos evidencia o uso da datilologia como estratégia pragmática para tornar conceitos específicos mais acessíveis e compreensíveis. No primeiro vídeo, a soletração do nome de um evento serve para introduzir e explicar um sinal possivelmente desconhecido ao público. No segundo, a datilologia enfatiza uma característica pessoal relevante para o contexto apresentado. Em ambos os casos, observa-se a competência pragmática do sinalizante ao adaptar sua sinalização ao público-alvo e ao contexto comunicativo, contribuindo para a construção de sentidos e para a clareza discursiva na Libras.

Ocorrência relação dos tecno-surdos comparação datilologia (Tainá):

Figura 93: Ocorrência relação dos tecno-surdos datilologia - Tainá (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	OUVINTE SABER-NÃO QUAL CERTO CHAMAR PORQUE TEM MEDO CHAMAR FS-surdo
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	FEMINISTA SUJEITO FS-caráter SUBJETIVA QUER VONTADE PERDOAR FS-ou NÃO

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A Figura 93 apresenta a análise da datilologia em dois vídeos:

Primeiro vídeo:

A sinalização apresentou o uso da datilologia “FS-surdo”, utilizada para destacar e esclarecer o termo “surdo” ao público ouvinte, que, por vezes, interpreta erroneamente esse termo como ofensivo. O palestrante, no entanto, evidencia que “surdo” não é um termo pejorativo, mas sim uma expressão de empoderamento, identidade e pertencimento à cultura surda.

Segundo vídeo:

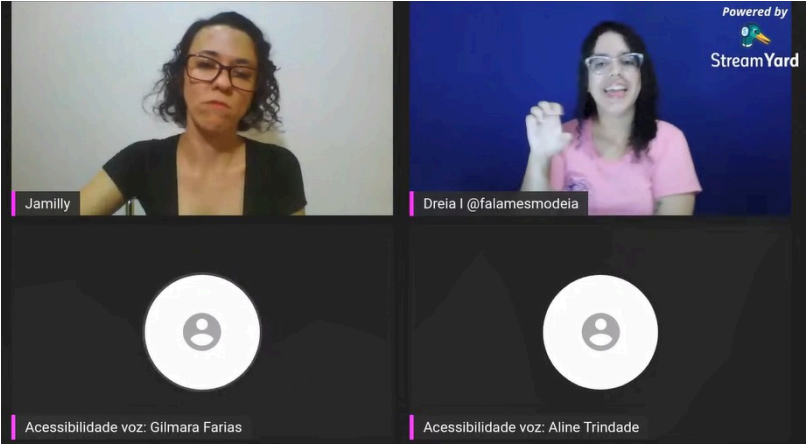
Neste vídeo, a datilologia “FS-caráter” foi utilizada pelo fato de não haver um sinal consolidado para o termo. A soletração teve como objetivo explicar e enfatizar a importância da noção de caráter no contexto do feminismo das mulheres surdas. A ideia central é que homens devem ter caráter ao se relacionar e conviver com mulheres, demonstrando respeito e atitude ética.

Discussão:

A comparação entre os dois vídeos evidencia o uso estratégico da datilologia como recurso discursivo em Libras para promover clareza, reforçar conceitos e educar diferentes públicos. No primeiro vídeo, a datilologia cumpre o papel de desconstruir preconceitos linguísticos e fortalecer a identidade surda. Já no segundo, contribui para a explicitação de um conceito abstrato e relevante no debate de gênero, ampliando a compreensão do público sobre o tema. Em ambos os casos, observa-se a competência pragmática dos sujeitos surdos em adaptar sua sinalização às necessidades comunicativas e ao contexto temático.

Ocorrência relação dos tecno-surdos comparação datilologia (Andreia):

Figura 94: Relação dos tecno-surdos comparação datilologia – Andreia (2024)

VIDEO -QR	IMAGEM IDENTIFICADA
	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	NOME MOVIMENTO GRUPO FS-feminismo BOIA-2 FS-feminista SIGNIFICAR O-QUE DV-eu-sujeito DV-eu-sujeito FEMINISTA É POSS FS-eu PALM-UP

	
GLOSA DE TRANSCRIÇÃO	VÁRIAS-VEZES JÁ FS-afffff

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A Figura 94 apresenta a análise da datilologia em dois vídeos:

Primeiro vídeo:

A sinalização apresentou as datilologias “FS-feminismo”, “FS-feminista” e “FS-eu”, utilizadas estrategicamente para destacar conceitos-chave no discurso. A datilologia “feminismo” foi empregada para se referir ao movimento coletivo, enquanto “feminista” apesar de possuir sinal próprio foi soletrada para enfatizar o sujeito do discurso, ou seja, as mulheres envolvidas nesses movimentos. Essa escolha ressalta a importância dos dois termos no contexto do ativismo feminino. Já a datilologia “eu” foi utilizada em vez do apontamento tradicional, como recurso de ênfase visual e identitária, reforçando a autorreferência da palestrante como mulher e participante ativa na causa.

Segundo vídeo:

Neste vídeo, a sinalização incluiu a datilologia “FS-affffff”, utilizada de forma informal durante uma live. Trata-se de um empréstimo linguístico adaptado da língua falada para a Libras, utilizado como gíria amplamente reconhecida no meio digital. A escolha de soletrar “aff” visa destacar a expressividade emocional e tornar a sinalização mais dinâmica, explorando aspectos da prosódia visual e do estilo informal característico das interações em tempo real.

Discussão:

A comparação entre os dois vídeos evidencia diferentes usos da datilologia como recurso pragmático na construção do discurso em Libras. No primeiro vídeo, a datilologia assume um papel mais formal e conceitual, enfatizando termos vinculados ao discurso feminista e à identidade da sinalizante. Já no segundo vídeo, ela é utilizada de maneira informal e expressiva, refletindo o estilo descontraído das interações em lives. Em ambos os casos, observa-se a capacidade do sujeito surdo de manipular a datilologia para atender às exigências comunicativas do contexto, reforçando a função visual, afetiva e estratégica da Libras em diferentes gêneros discursivos.

5.1.17 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A COMPARAÇÃO DATILOLOGIA

A análise das figuras referentes ao uso da datilologia nos três gêneros discursivos analisados (palestra digital, relato de experiências/vida e lives) revela que esse recurso visual desempenha um papel multifuncional na construção do discurso em Libras. Longe de se restringir à soletração letra por letra de palavras do português, a datilologia é empregada com intencionalidade pragmática visual, ativando estratégias de economia linguística, ênfase, explicação, pertencimento e resistência. Seu uso revela aspectos identitários, estilísticos e epistemológicos da experiência surda em contextos cotidianos e acadêmicos.

Na figura 87, observa-se, no contexto da palestra digital, a omissão da letra “o” no termo “socioleto”, indicando que a fluidez rítmica da sinalização pode motivar adaptações na soletração. O sujeito sinalizante avalia visualmente o contexto e assume que seu interlocutor compartilha o repertório temático, o que permite essa elipse sem prejuízo de compreensão. A datilologia, nesse caso, se adapta à familiaridade discursiva, funcionando como parte do ritmo visual do enunciado. No contexto de relato de experiência/vida, a datilologia de “faculdade” é realizada lentamente para que o intérprete e o público leigo compreendam a introspecção do enunciador. Já na live, termos como “benefício” e “erva” são datilografiados com ênfase, indicando destaque temático e facilitando o entendimento da audiência surda sobre os tópicos debatidos.

Na figura 88, em uma palestra digital de caráter acadêmico, observa-se a datilologia de “surdo” como forma de tornar acessível o conteúdo a ouvintes leigos, explicitando o sujeito surdo como tema dos estudos linguísticos. Nos relatos e na live, palavras como “visibilidade” e “privilégio” são reduzidas, mas seus significados são inferidos pelo contexto e pela familiaridade

epistemológica do público surdo, evidenciando o uso intencional da língua de sinais como instrumento de afirmação política e cultural.

Na figura 90, em contexto acadêmico, a datilologia do termo “colonialização” introduz uma discussão sobre apropriação e poder. Já nos outros dois gêneros, destaca-se a datilologia do termo “*deafhood*”, em inglês, operando como marcador técnico e identitário que expressa o trânsito epistemológico do sujeito surdo. Em outro exemplo, a datilologia espontânea de “safari” durante um relato de viagem é adaptada com um “a” adicional, causado pelo movimento do sinal anterior revelando como o corpo interfere nas formações lexicais em Libras.

A Figura 91 mostra a combinação entre nomes próprios e termos técnicos. A omissão parcial de “Herzog” pode ser atribuída ao cansaço físico ou à economia do sinal de datilologia, enquanto a ênfase em palavras como “Rimar” e “BEM” serve para destacar qualidades discursivas de outras sinalizações. Aqui, a datilologia funciona como recurso de avaliação metalinguística.

Na figura 92, a datilologia articula-se com elementos culturais e midiáticos: a repetição de “MÍDIA” e a menção à cantora “Valesca Popozuda” evocam práticas sociais reconhecíveis. A articulação-boca e as expressões faciais agregam valor expressivo e humorístico, contribuindo para a construção do *ethos* da sinalizante.

A Figura 93 evidencia o uso da datilologia como instrumento de explicação e atribuição de status linguístico. O termo soletrado “Despertacular” introduz uma palavra nova de forma visual e criativa, enquanto “curiosidade” é enfatizado como valor associado à experiência surda. Aqui, a datilologia atua na construção da diferença linguística e na valorização da criatividade visual.

Na Figura 94, os termos “surdo” e “caráter” são datilografados com ênfase. O primeiro reforça o sujeito epistêmico da enunciação, e o segundo evidencia a importância da consciência crítica e da responsabilidade ética no uso da língua de sinais.

Por fim, a Figura 94 apresenta uma datilologia ativista e informal. Termos como “feminismo” e “aff” são soletrados para enfatizar posicionamentos políticos e afetivos em contextos descontraídos. A vissinalização, a expressividade facial e a articulação-boca intensa reforçam o engajamento discursivo. Nesses casos, a datilologia adquire força performativa, demarcando o discurso como pertencente à resistência e à identidade surda.

Em síntese, a datilologia em Libras é muito mais do que uma transcrição gráfica do português: trata-se de um recurso pragmático-visual flexível, operado seletivamente conforme o gênero

textual, o domínio temático e as intenções comunicativas do enunciador. Suas funções abrangem desde o esclarecimento lexical e o reforço argumentativo até a crítica sociocultural, consolidando-se como elemento constitutivo da linguística discursiva surda.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve como objetivo central analisar os efeitos pragmáticos da sinalização em Libras nas interações digitais de sujeitos surdos, com atenção especial à prosódia visual, às implicaturas visuais e aos recursos expressivos mobilizados em diferentes gêneros discursivos. Ao longo da pesquisa, foi possível descrever aspectos da *pragmática visual* e identificar os principais gêneros utilizados pelos sujeitos tecno-surdos em ambientes digitais, tais como palestras virtuais, relatos de experiência/vida e lives. Esses contextos foram compreendidos como territórios de enunciação visual, cultural e política do povo surdo.

A análise da pragmática da Libras em três gêneros digitais espontâneos (palestras, relatos de vida e lives) evidenciou o papel central dos recursos visualizantes e prosódicos utilizados por sujeitos surdos tecno-sinalizantes. Os contextos de produção dos vídeos mostraram que a construção de sentidos na pragmática visual envolve camadas articuladas entre expressão manual, articulação-boca, expressões não manuais e uso organizado do espaço visual. Esses elementos demonstram a complexidade dos mecanismos de significação visual empregados pelos sujeitos surdos em interações digitais.

A pesquisa também enfatizou a análise da pragmática da Libras em contextos digitais espontâneos, com foco na produção discursiva de sujeitos tecno-surdos em plataformas como YouTube e Instagram. A investigação centrou-se nos elementos prosódicos visuais, nas implicaturas visuais, nas inferências pragmáticas e nos recursos expressivos tridimensionais que caracterizam a construção de sentido no cotidiano comunicativo dos surdos, evidenciando sua complexidade linguística e discursivo-pragmática.

A pesquisa permitiu identificar diversas ocorrências de implicaturas visualmente construídas, resultantes da combinação entre expressões faciais, articulação-boca, movimentos corporais, uso referencial do espaço e pausas estratégicas. Foram descritas categorias específicas de implicatura visual relacionadas, por exemplo, à marcação cultural de determinados sinais, às nuances expressivas no uso da articulação-boca e à variação do grau de iconicidade visual. Tais fenômenos evidenciam que o interlocutor desempenha papel fundamental na inferência de sentidos, mobilizando conhecimentos linguísticos, culturais e situacionais para interpretar o que não está explicitado lexicalmente.

A análise prosódica demonstrou que a prosódia visual constitui elemento essencial na organização do discurso em Libras, variando conforme o gênero textual. Nas **palestras**, observou-se maior regularidade e planejamento prosódico, com vissinalização mais estável e pausas controladas. Nos **relatos de vida**, predominou a modulação afetiva, com proeminência visual associada às experiências pessoais narradas. Já nas **lives**, foram observadas prosódias híbridas, com alternância entre espontaneidade, interação imediata com a audiência e ênfases contextuais situadas. Esses padrões contribuíram para a marcação de turnos, a construção de relevância temática e a introdução de implicaturas visuais específicas.

Com base na análise dos dados, foi proposto um modelo de categorização das funções prosódico-vissinalizadas na Libras, organizado em três eixos: (i) Funções discursivo-informacionais, relacionadas à marcação de tópico, foco e encerramento de turnos; (ii) Funções expressivo-emocionais, ligadas à intensificação afetiva, ironia visual e ênfase argumentativa; (iii) Funções interacionais-pragmáticas, envolvendo reforço de implicaturas, alinhamento interlocutivo e construção inferencial de sentidos.

Esse modelo contribui para uma compreensão da entoação visual como fenômeno multifuncional, essencial aos processos inferenciais e à organização pragmática da Libras em contextos digitais espontâneos.

A hipótese inicial foi confirmada, na medida em que se observou que a linearidade da enunciação e da prosódia visual varia significativamente conforme o gênero textual, influenciando diretamente a organização e a interpretação das mensagens em Libras. Essa variação está relacionada aos modos de uso da língua em situações comunicativas específicas, em que a construção de sentidos depende do equilíbrio entre expressão manual, expressões não manuais e uso do espaço visual.

Entretanto, constatou-se também que essa variação não se explica apenas pelo tipo de gênero textual. Ela é afetada por fatores como o estilo individual do sujeito sinalizante, a finalidade comunicativa e o público-alvo do vídeo. Tais elementos demonstram que a pragmática visual da Libras é sensível ao contexto e interfere diretamente tanto na organização dos elementos prosódicos quanto na produção e interpretação das **implicaturas visuais**.

A análise dos dados revelou que a prosódia visual desempenha um papel fundamental na organização discursiva da Libras em ambientes digitais, funcionando como marcador estrutural da textualidade sinalizada, como expressão emocional e como reforço pragmático. As implicaturas visuais, por sua vez, mostraram-se centrais para a

compreensão da subjetividade e dos sentidos inferidos nas sinalizações, confirmando a importância da pragmática visual como um campo autônomo e urgente de investigação nas línguas de sinais, em diálogo com a epistemologia surda.

Os efeitos do uso da datilologia, da articulação-boca, das expressões faciais e da organização do espaço visual do discurso foram compreendidos como estratégias linguísticas situadas que, além de construir significados, revelam elementos visuais implícitos e explícitos dos sujeitos surdos na contemporaneidade. As sinalizações analisadas evidenciam um alto grau de criatividade, domínio linguístico e adequação contextual, demonstrando a competência pragmática dos tecno-surdos e a proeminência da prosódia visual na construção discursiva em Libras.

A partir de uma abordagem funcionalista e pragmática, ancorada na epistemologia surda como fundamento ético do pesquisador, buscou-se compreender a linguagem enquanto prática social, afetiva e identitária dos sujeitos surdos sinalizantes, para além de sua estrutura formal. A análise dos gêneros digitais selecionados permitiu mapear fenômenos relevantes no campo da pragmática, tais como:

- Uso reduzido da Língua de Sinais;
- Sobreposição, performance e incorporação;
- Pressuposição e anáfora visual;
- Exploração do espaço visual;
- Criação da categoria analítica “PLAM-UP”;
- Comparações discursivas, datilologia, expressões não manuais e articulação-boca.

Os dados indicam que os sujeitos surdos mobilizam a Libras com liberdade, criatividade e sofisticação, ajustando a sinalização e os recursos visuais aos objetivos comunicativos, ao público-alvo e ao gênero textual. Nesse processo, o corpo surdo emerge como instrumento de linguagem, cultura e resistência, o que evidencia a necessidade de uma linguística que reconheça a gramática visual e performática da Libras, sem dependência da estrutura oral.

A pesquisa também aponta para a urgência de se incorporar a pragmática da Libras nos currículos de formação docente, superando perspectivas estruturalistas ainda predominantes no ensino da língua. A pragmática visual deve ser reconhecida como campo legítimo de estudo, com impacto direto na acessibilidade, no ensino bilíngue e na valorização da cultura, da identidade e da autoria surda. A partir dos dados, identificam-se três categorias analíticas principais:

1. Pragmática visual;
2. Enunciação e proeminência da Libras;
3. Comparação discursiva entre três gêneros digitais distintos.

Embora se reconheça o potencial de expansão da pesquisa, ainda se faz necessário aprofundar as relações entre retórica e hiponímia, considerando que a investigação pragmática está em constante evolução. Observou-se, por exemplo, que a modalidade “palestra digital” apresentou sinalizações mais informais, possivelmente em decorrência da ausência de instruções formais sobre oratória e polidez. Já no segundo vídeo, de caráter introspectivo, a informalidade decorreu do conforto do sinalizador ao abordar sua trajetória pessoal e reflexões internas.

Essas observações contribuem diretamente para a formação de estudantes dos cursos de Letras/Libras (Licenciatura e Bacharelado), especialmente no ensino da Libras como L1 e L2, promovendo uma abordagem mais adequada ao uso da língua em diferentes contextos situacionais. Assim, torna-se possível apresentar exemplos de uso pragmático, com ênfase na formação e na compreensão da prosódia visual.

No que se refere à prosódia visual em contextos específicos, esta pesquisa contribui para o entendimento de como variáveis como o espaço, a espontaneidade da interação e o papel do comunicador influenciam a vissinalização na Libras, sobretudo no que diz respeito à intensidade dos sinais não manuais. Além disso, pretende-se fomentar o avanço dos estudos na área da Sociolinguística da Libras, explorando a proeminência da marcação e do espaço visual de forma pragmática, com foco nas variáveis que emergem no uso real da língua.

Por fim, nesta tese, nosso objetivo foi trazer evidências que podem vir a contribuir para a compreensão dos usos situados da Libras em ambientes digitais, oferecendo subsídios teóricos e analíticos para pesquisas futuras em línguas de sinais enquanto formas legítimas de construção de conhecimento, resistência e afirmação identitária. Reforça-se, assim, a importância de considerar a pragmática visual não apenas como campo descritivo, mas como perspectiva crítica enraizada nas experiências e vivências do povo surdo em seus contextos de enunciação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANATER, Gisele Iandra Pessini. **As marcações linguísticas não-manuais na aquisição da língua de sinais brasileira (LSB):** um estudo de caso longitudinal. 2009. 160 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

BAUMAN, H-D. L. (ed.). **OPEN Your Eyes:** Deaf Studies Talking. Minneapolis, MN: The University of Minnesota Press, 2008.

BREGGEMANN, Brenda Jo. Think-Between: A Deaf Studies Commonplace Book. *In:* BAUMAN, H-D. L. (ed.). **OPEN Your Eyes:** Deaf Studies Talking. Minneapolis, MN: The University of Minnesota Press, 2008. p.177-188.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna:** a Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola, e agora?:** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola editorial, 2005.

Brentari, Diane. **Sign languages.** Cambridge: Cambridge University Press. New York. 2010.

BRENTARI, Diane. **A Prosodic Model of Sign Language Phonology.** Cambridge: MIT Press, 1998.

BUTT, David, FAHEY, Rhondda, FEEZ, Susan, SPINKS, Sue, YALLOP, Colin. **Using functional grammar:** and explore's guide. Sydney: MacQuarie, 2001.

CASTRO, Nelson Pimenta de. **Prosódia em ASL e Libras:** análise comparativa de aspectos visuais. 2019. 255 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. *In:* MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística.** 2. ed. São Paulo. Contexto, 2012. p. 141-156.

CLAÚDIO, Janaina Pereira. **A cultura dos sujeitos comunicantes surdos:** construções da cidadania comunicativa e comunicacional digital no facebook. 2016. 293 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.

EMMOREY, Karen. **Language, Cognition, and the Brain:** Insights from Sign Language Research. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2002.

EMMOREY, Karen. **Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages.** United Kingdom: Psychology Press, 2001.

ERVIN-TRIPP, S. How to Make and Understand a Request. *In:* PARRET, H.; SBISA, M.; VERSCHUEREN, J. (eds.). **Possibilities and limitations of pragmatics.** Amsterdam: John Benjamins, 1981.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FREGE, Gottlob. (1892). **Sobre o Sentido e a Referência**. In: ALCOFORADO, Paulo (org. e trad.). *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1978.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. de. **Transitividade e seus contextos de uso**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GOES, Anne Karine Silva de. **Marcadores prosódicos da Libras: o papel das expressões faciais**. 2019. 67 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2018. 169 p.

GRICE, H. P. Logic and Conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. (eds.). **Syntax and Semantics**. v. 3. New York: Academic Press, 1975.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1985a.

HALLIDAY, M. A. K. Context of situation. In: HALLIDAY, Michael; HASAN, Ruqaiya. **Language, context, and text: aspects of language in a social semiotic-perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1985b. p. 3-14.

JEMERIAS, Daiana do Amaral. **Iconicidade nas sentenças topicalizadas da Libras: uma motivação semântica e pragmática**. 2020. 215 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

KARTTUNEN, Lauri. Presuppositions of compound sentences. **Linguistic Inquiry**, v. 4, n. 2, p. 169-193, 1973.

KARTTUNEN, L. **Presupposition and linguistic context**. *Theoretical Linguistics* 1, 1974. p. 181-194.

KOOIJ, Els van der; CRASBORN, Onno; ROS, Johan. **Manual prosodic cues: Palm-up and pointing signs**. Poster presentation at the 9th Conference on Theoretical Issues in Sign Language Research, Florianopolis, Brazil, December 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2011.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LADD, Paddy. Colonialism and Resistance: A Brief History of Deafhood. *In*: BAUMAN, H-Dirksen L. (org.). **Open Your Eyes** – Deaf Studies Talking. Minnesota: Editora University of Minnesota Press, 2002. p. 42-59.

LADD, Paddy. **In Search of Deafhood**: Towards an understanding of British Deaf Culture. 1998. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Ciências Sociais, Departamento de Estudos Surdos. United Kingdom: Universidade de Bristol, 1998.

LADD, Paddy. **Understanding Deaf culture**: In Search of Deafhood. Bristol, UK: Multilingual Matters Ltd. 2003

LANE, Harlan. **A máscara da benevolência**: a comunidade surda amordaçada. Instituto Piaget. Lisboa, Portugal, 1992.

LEITE, Tarcísio de Arantes. **A segmentação da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**: Um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. São Paulo, 2008. 280 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LEVINSON, S. C. **Pragmatics**. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

LIDDELL, S. K. **American Sign Language syntax**. The Hague: Mouton. 1980.

LUCAS, Ceil. **The Sociolinguistics of Sign Languages**. Cambridge University Press, 2002.

LUCAS, Ceil; BAYLEY, Robert. Variation in American Sign Language. *In*: BRENTARI, Diane. **Sign languages**. New York: Cambridge University Press, 2010. p. 451-475.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. Universidade Federal de Pernambuco. Texto da Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 de maio de 2002. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A.; BEZERRA, M. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In*: MEDEIROS, M. C. M. de (org.). **Gêneros digitais**. São Paulo: Cortez, 2005. p. xx-xx.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. São Paulo: Contexto, 2007.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. Fundamentos para uma semiótica de corpo em ação. *In*: FIORIN, José Luiz (org.). **Novos caminhos da linguística**. Contexto: São Paulo, 2017. p. 171-194.

MINDESS, Anna. **Reading Between the Signs**: Intercultural Communication for Sign Language Interpreters. 2 ed. Yarmouth, MN: Intercultural Press. 2006.

MORRIS, C. **Fundamentos de la teoria de los signos**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1985.

NÓBREGA, V. R. R. Sigmanulogia: Proporcionando uma teoria linguística da língua de sinais. **Leitura**, v. 1, p. 198-218, 2016.

NÓBREGA, V. R. R. da. **Uma proposta descritiva para a língua de sinais**: da fonologia para a sigmanulogia. 2019. 81 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Linguística, Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Maceió, 2019.

NICODEMUS, Brenda. **The use of prosodic markers to indicate utterance boundaries in American Sign Language interpretation**. University of New Mexico, 2007.

NICODEMUS, Brenda; SMITH, Caroline. **Prosody and utterance boundaries in ASL interpretation**. Proceedings of the Thirty-Second Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society. University of New Mexico, 2006.

PÊGO, Carolina Ferreira. **Articulação-boca na Libras**: um estudo tipológico semântico-funcional. 2021. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. **Corpos, tecnologias e discursos**: para uma semiodiscursividade digital. São Paulo: Parábola Editorial, 2022.

PERLIN, Gladis. **Identidades surdas**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PERLIN, Gladis. **O ser e o estar sendo surdos**: alteridade, diferença e identidade. (Tese de Doutorado em Educação da Linha Estudos Culturais), Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PERLIN, Gladis. **O ser e o estar sendo surdos**: alteridade, diferença e identidade. (Tese de Doutorado em Educação da Linha Estudos Culturais), Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PFAU, Roland; QUER, Josep. Nonmanuals: their grammatical and prosodic roles. In: BRENTARI, Diane. **Sign languages**. Cambridge: Cambridge University Press. New York. 2010. p. 381-402.

PRAXEDES FILHO, P. H. Linguística Sistemico-Funcional: Linguística Teórica ou Aplicada?. **Revista Linguagem em Foco**, v. 6, n. 1, p. 11-26, 2019.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. **Arquitetura da conversação**: teoria das implicaturas. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua Brasileira de Sinais**: Estudos Linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. **Linguística para o ensino superior**: Libras. Editores científicos Tommaso Raso, Celso Ferrarezi Jr. São Paulo: Parábola. 2019.

REICHERT, Andre Ribeiro. **Da língua portuguesa escrita à Libras**: Problematizando processos de tradução de provas de vestibular. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio do Sinos, São Leopoldo, 2015.

RODRIGUES, A. SILVA, A. A. Reflexões sociolinguísticas sobre a Libras. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 686-698, 2017.

SANDLER, W. Visual Prosody. PFAU, R.; STEINBACH, M. e WOLL, B. **Sign Language**: an International Handbook. Germany: De Gruyter Mouton, 2012. p. 55-76.

SANDLER, Wendy; LILLO-MARTIN, Diane. **Sign Language and Linguistic Universals**. Cambridge University Press, 2006.

SANDLER, Wendy. Prosody in Two Natural Language Modalities. **Language and Speech**, v. 42, n. 2/3, p. 127-142, 1999.

SANDLER, Wendy. Phonology, Phonetics and the Nondominant Hand. *In*: GOLDSTEIN, L.; WHALEN, D.; BEST, C. (eds.). **Laboratory Phonology 8**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. p. 185-212

SANTOS, Cleyton Costa da. **Análise da redução de parâmetros sinalizados na Língua Brasileira de Sinais**. 2024. 74 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2024.

SCHEMBRI, Adam; JOHNSTON, Trevor. Sociolinguistic variation in the use of fingerspelling in Australian Sign Language (Auslan): A Pilot Study. **Sign Language Studies**, v. 7, p. 319-347, 2007.

SEGALA, Rimar Ramalho **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual**: português brasileiro escrito para língua brasileira de sinais. 2010. 74 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SILVA, Isaack Saymon Alves Feitoza. **Gíria em Língua de Sinais brasileira (LSB)**: processo e interpretação. 2015. 187 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SILVA, Rodrigo Custódio da. **Indicadores de formalidade no gênero monológico em Libras**. 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SIMON, Julie H.; GALLIMORE, Laurene. **Language use in ASL**: Register and language use in English. Registrar presented by Region X Interpreter Educacion Center. National Clearnhouse of Rehabilitation Training Materials, 1997. Disponível em:

<https://ncrtm.ed.gov/library/detail/language-use-aslregister-and-language-use-english-registerpresented-region-x>.

SOARES, Charley Pereira. **Os mecanismos de coesão gramatical e lexical em língua brasileira de sinais (Libras)**. 2020. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2020.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 3º milênio**. São Paulo: Cortez, 2008.

TWILHAR, Jan Nijen. BOGAERDE. **Concise lexicon for Sign Linguistics**. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadehia.2016.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WILBUR, Ronnie. A Prosodic I pragmatic explanation for word order variation in ASL with typological implications. *In: VERSPOOR, Marjolijn H.; LEE, Kee Dong; SWEETSER, Eve. Lexical and Syntactical Constructions and the Construction of Meaning Proceedings of the bi-annual ICLA meeting in Albuquerque*. Amsterdam: Jonh Benjamins, 1995. p. 89- 104.

WILCOX, Sherman; ROSSINI, Paolo; PIZZUTO, Elena Antinoro. Grammaticalization in sign languages. *In: Brentari, Diane. Sign languages*. Cambridge: Cambridge University Press. New York. 2010. p. 332-354.

ZESHAN, Ulrike. Raízes, folhas e ramos: a tipologia de língua de sinais. *In: QUADROS, Ronice M.; VASCONCELLOS, Maria Lúcia B. (orgs.). Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais (TISLR 9)*. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2008. p. 33-54. Traduzido por Maria Lúcia Vasconcellos, Elaine Espíndola, Thiago Blanch Pires e Carolina Vidal Ferreira.

ZIMMER, J. Toward a Description of Register Variation in American Sign Language. *In: LUCAS, C. (org.). The Sociolinguistics of the Deaf Community*. San Diego, CA: Academic Press, 1989. p. 253-272.

GLOSSÁRIO EM LIBRAS

PRAGMÁTICA	
IMPLICATURA VISUAL	
INFERÊNCIA	
PRESSUPOSIÇÃO	
LINGUA DE SINAIS REDUZIDA	
LINGUA DE SINAIS SOBREPOSTA	
LINGUA DE SINAIS ANÁFORA	
LINGUA DE SINAIS ESPAÇO VISUAL	
LINGUA DE SINAIS PERFORMÁTICA	
LINGUA DE SINAIS PALM-UP	
TECNO-SURDO	
TECNO-SINALIZAÇÃO	
VISUALIZANTE	
LUGAR DO SURDO SINALIZANTE	

VISSINALIZAÇÃO	
INTRAVISSINALIZAÇÃO	
INTERVISSINALIZAÇÃO	
AUTOR LEVINSON	
AUTOR PAUL GRICE	